

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

VOLUME 118.º



COIMBRA
1956

INSTITUTO DE COIMBRA

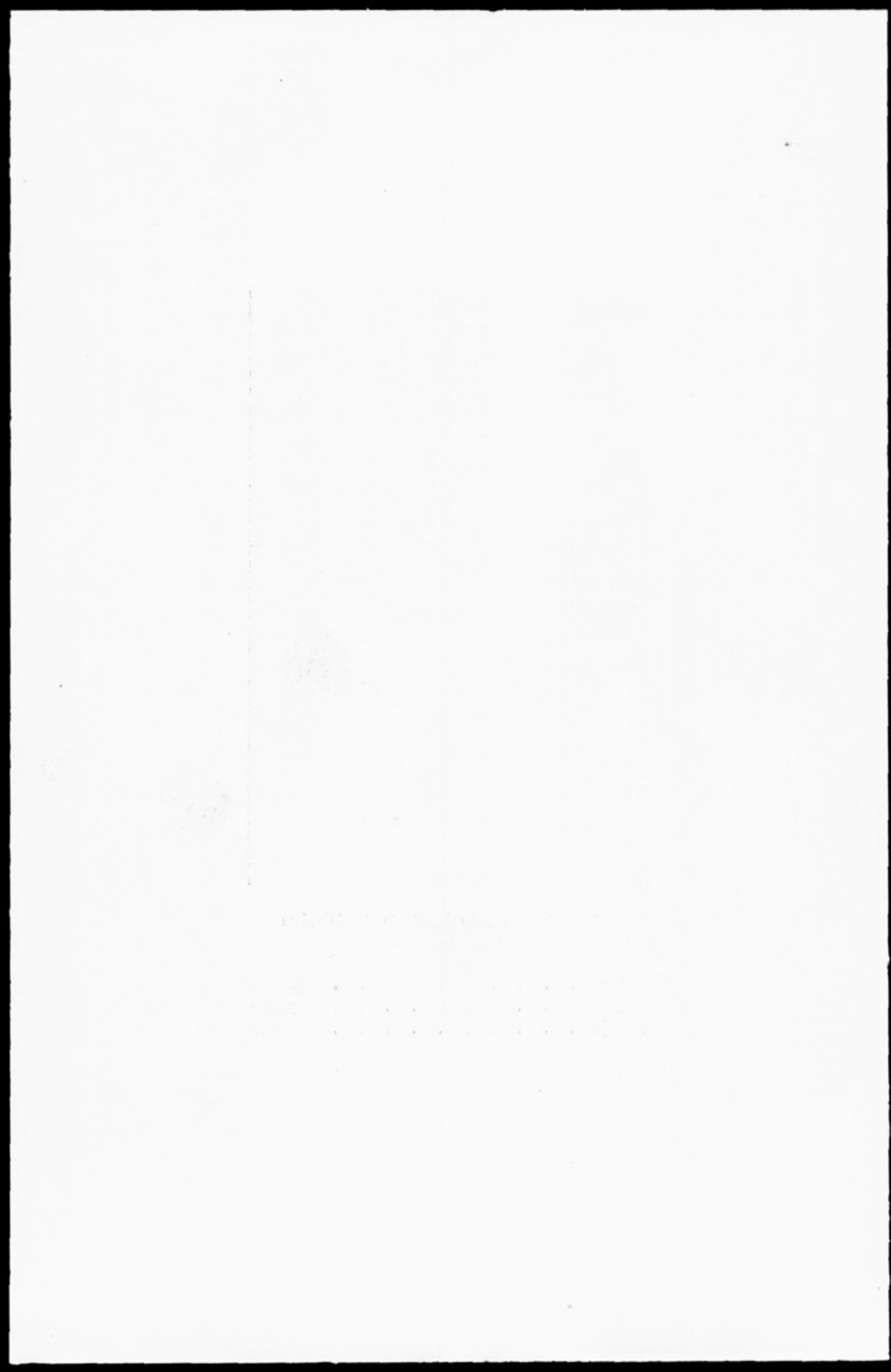
DIRECÇÃO

DIOGO PACHECO DE AMORIM	<i>Presidente</i>
JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS	<i>Vice-Presidente</i>
FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIRÓS	<i>Secretário</i>
JOAQUIM DE CARVALHO	»
ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO	»
ALBERTO MOREIRA DA ROCHA BRITO	»
TORQUATO BROCHADO DE SOUSA SOARES	»
LUÍS REIS SANTOS	»
FRANCISCO DE SOUSA NAZARÉ	»
JOSÉ CAMPOS DE FIGUEIREDO	<i>Tesoureiro</i>
CORONEL BELISÁRIO PIMENTA	<i>Director da Biblio- teca</i>



Colar e insígnia do *Instituto de Coimbra*
(Em tamanho reduzido)

Colar	720\$00
Miniatura	40 500
Estojo	90\$00
	<hr/>
	880\$00



O INSTITUTO

VOLUME 118.º

Composto e impresso nas oficinas da «Coimbra Editora, L.da»

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

VOLUME 118.º



COIMBRA

1956

COMISSÃO DE REDACÇÃO

DIOGO PACHECO DE AMORIM

TORQUATO BROCHADO DE SOUSA SOARES

JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Ilha n.º 1

COIMBRA

REFORMAÇÃO DO REAL MOSTEIRO
DE SANTA CRUS DE COIMBRA, E SEUS
PRIORES TRIENNAES, GERAES QUE
SÃO DA CONGREGAÇÃO COM SEUS
COLLEGAS, E CAPITULOS GERAES QUE
DEPOIS DELLA SE CONGREGARÃO

(Continuado do vol. 106.º)

¶ CAPITULO GERAL RENOVADO ¶

¶ Continuando o Padre Dom Acurcio de Santo Agostinho com o generalado, como asima dissemos, chegaraõ de Roma novas certas com cartas, como o Papa Paulo — 5º — iulgara, por boas as censuras do Bispo Conde contra elle, é lhe tinha annullado o generalado. Tornou a chamar os Priores a capitulo geral, é o renouou neste mesmo real mosteiro de Santa Crus de Coimbra, em os — 15 — de Outubro do mesmo Anno de, 1605 —

Assistiraõ nelle os Padres seguintes.

¶ O Padre Dom Acurcio de Santo Agostinho = como Reitor do Collegio, Prezidente do capitulo, — com hum Procurador —

¶ Dom Nicolao dos Santos = Prior do mosteiro de São Vicente de Lisboa — com hum Procurador —

¶ Dom Martinho de Santa Maria = vigairo do mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador = estava vago o Priorado, por serem acabados os seus tres annos —

¶ Dom Antonio da Conceição = vigairo do mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum procurador = estava vago o Priorado, por serem acabados os seus tres annos —

¶ Dom Antonio do Salvador = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira da Maya — com hum Procurador —

¶ Dom Constantino de Christo = Vigairo do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador = O seu Prior Dom João de Santa Maria, era mandado a Roma =

¶ Dom Theotónio de Santo Agostinho = Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos -- com hum Procurador.

¶ Dom Fulgencio de Santo Antonio = Prior do mosteiro de São Jorge do Mondego = com um Procurador --

¶ O Mestre Dom Andre de São João = Lente Iubilado.

¶ O Mestre Dom João de Santo Agostinho = Lente Iubilado.

¶ Dom Lourenço do Espirito Santo Soares = que já tinha acabado o generalado = é

¶ Dom Paulo da Esperança = ambos Procuradores deste real mosteiro de S^{ta} Cruz = A requerimento dos quais se renouou este capitulo: em 15 — de Outubro como fica dito.

¶ Neste primeiro dia de capitulo, na primeira cessão, propos o Padre Reytor Dom Acurcio, como Presidente do Capitulo, que a elleição de Prior Geral feita em sua pessoa, era nulla, por ser contra o Breve do sexenio do Papa Clemente — 8 — já asseito, é assim que o generalado estava vago, / é com saber muito bem, que quando o Papa Paulo — 5^o — cassava a sua eleição, é a ouvera por nulla, é invalida, rezervara pro hac vice, pera si a nova eleição de Prior geral, / Perguntou, se avia algum religioso que soubesse se era chegado de Roma algum Breve, ou delle tivesse alguma noticia, o dissesse, é o fizesse apresentar pera se dêr á execuçaõ = ou se havia cauza alguma que impedisse fazerse eleição de novo = é como todos se calaraõ, é não sahisse alguém, fes assentar que no dia seguinte 16, de Outubro, se fizesse eleição de novo Prior — é geral —

¶ Neste, 2^o, dia — 16 — de Outubro, se ajuntaraõ a som de campa tangida pera fazerem eleição sendo vogaes nella sómente os Padres congregados do Capitulo geral, por virtude do Breve do Papa Clemente — 8^o — de que asima se fas mençaõ, odiozo a os religiosos Conegos da congregaçãõ — sahio eleito Prior pera este R. mosteiro, é Geral pera a congregaçãõ, é logo foy confirmado —

¶ O Padre Dom Bernardo da Piedade = natural da cidade de Lisboa — conego professo do Mosteiro de São Vicente = Tinha acabado o Priorado de Grijo, é veio a este capitulo por Procurador daquelle mosteiro = Foy eleito Diffinidor, 1º — no capitulo; é depois Prior é Geral, como fica dito.

¶ No dia seguinte, 17 — de Outubro, em capitulo, todos os Priores ali logo renunciaraõ os seus Priorados, por virtude do sobre dito Breve, é o dito Padre Dom Bernardo da Piedade que se intitulava Prior, é Geral, com os Diffinidores do capitulo fizeraõ eleição de Priores pera todos os mosteiros, é pera ter mais datas que prover, ellegeo tambem Priores pera os mosteiros piquenos, que no capitulo geral passado do Anno de, 1602 = se tinhaõ feito Prezidencias é logo com os seus collegas = D. Nicolao dos Santos = é D. Paulo da Esperança, partio a meter de posse pellos mosteiros a os ditos chamados Priores novamente eleitos —

¶ Sendo o Papa Paulo, 5º — informado da nova eleição de Prior, é Geral, a iulgou por nulla, é invalida com o mesmo, 2º capitulo, por seu Breve de mottu proprio, dado em onze, de Ianeiro do Anno de, 1606 = O illustrissimo Senhor collector, Fabricio Carakiolo, iuis apostolico do dito Breve o deu a execução em o — 1.º — dia do mes de Iulho = como abaixo se dira em seu lugar — Pag — seguinte =

¶ Governou o Padre Dom Bernardo o generalado, outo, mezes, é meyo: des o dia da Sua eleição, até ser desposto = viveo depois disto sempre no mosteiro de São Vicente, 29 — Annos, é meyo = a onde faleceo em os, 6, de Ianeiro do Anno, 1636, estando entãõ já despensado com votto gracioso, de Geral, pera poder assistir nos capitulos geraes — Foy Prior de Moreira. Anno — 1615 —

¶ PRIOR GERAL APOSTOLICO ¶

¶ — 24 — O Padre Mestre Dom Antonio das Chagas = natural da villa de Atouguia, na Comarca de Leiria = Filho de Antonio Delgado, é de sua mulher Illena Delgado = conego professo do mosteiro de Saõ Vicente, lente que foy de SS. Theologia: tinha ía sido Prior, é era atualmente vigairo neste real mosteiro de Santa Crus. O Papa Paulo, 5.º, o nomeou Prior geral por seu Breue de motu proprio em onze de Ianeiro, Anno, 1606 =

¶ Este Breue deu a execuçaõ o illustrissimo senhor Fabrício Carakiolo Colleitor Apostolico, a quem vinha cometido: Pera cujo effeito mandou ir deste real mosteiro ao de Saõ Vicente de Lisboa ao sobre dito Padre Mestre Dom Antonio das Chagas; é no capitulo em presença dos religiosos Conegos da quelle conuento a quem fes assistir, o confirmou autoritate apostolica, é o meteo de posse do generalado, em o primeiro dia do mes de Iulho deste prezente Anno, 1606 = declarando como o Sũmo Põtifice annullara a eleiçaõ de Geral que se tinha feito no Padre Dom Bernardo, é assim o auia por desposto do cargo como mandaua Sua Santidade.

¶ O Padre Prior Geral Apostolico partio logo pera Coimbra, entrou neste real mosteiro de Santa Crus em os, 7, do dito mes de Iulho â tarde pella porta da Igreja, aonde os religiosos conegos o estauaõ esperando em comunidade com crus de festa aruorada, é em procissaõ com Té Deum Laudamos cantado o leuaraõ â Capella môr, aonde feita Oraçaõ, é lansada a bençaõ aos religiosos seus subditos, se assentou na sua cadeira, é ahi lhe foraõ todos beijar a maõ é deraõ a deuida obediencia. Escolheo Collegas pera o triennio como lhe concedia sua santidade no mesmo Breue: foraõ elles: os Padres, D. Nicolao dos Santos, é D. Gaspar dos Reys.

¶ Neste Anno, 1606 = Á instancia do Padre Prior geral, elRey Felippe prudente, mandou degradados, ao

Padre Doutor Dom Christouaõ pera o mosteiro de S.^{ta} Maria de Beneuiuere em Carrion dos Condes. E ao Padre Dom Acurcio pera o mosteiro de Santo Izidoro de conegos Regrantés no Reyno de Liaõ. Do Falecimento do Padre Doutor Dom Christouaõ fica dito na Pagina, 55 — O Padre Dom Acurcio depois de cinco pera seis annos de Desterro, veio â falecer a Portugal â villa de Saõ Joaõ da Pesqueira sua patria, em, 27, de Nouembro do Anno de, 1612 — é lá está sepultado.

¶ No fim do mes de Outubro deste mesmo Anno, 1606 chegou ao Padre Geral apostolico hũ Breue do mesmo Papa Paulo, 5^o, passado em, 25, de Setembro, no qual sua Santidade lhe concedia plenario poder pera confirmar, é aprouar, ou infirmar, é annullar todas as eleiçoens feitas no capitulo geral proxime passado, de Priores, é Diffinidores da Congregaçaõ, é pera mandar fazer outras pellos mosteiros: Pera os quais partio logo o Padre geral Apostolico com seus Collegas, a onde os Padres vogaes votando em segredo por AA = é — RR = foraõ reprovados os mais dos Priores: é por votos dos mesmos religiosos por escrutinio, fês de nouo eleiçoens canonicas, de Priores, é conciliarios.

¶ No Anno seguinte, 1607 = chegou ao Padre Prior geral apostolico, 2^o, Breue do mesmo Summo Pontifice, em o qual lhe concedeu poder pera visitar, é refformar authoritate apostolica todos os mosteiros da Congregaçaõ, escolhendo pera esta vizita, é reformaçaõ dous companheiros aos quais o Santo Padre concedia os mesmos poderes = Publicou este Breue em capitulo, é declarou que escolhia pera vizitadores apostolicos aos Padres, mestre Dom Andre de Saõ joaõ Lente iubilado, é a Dom Constantino dos Anjos que iá tinha sido Prior, é outros cargos na Ordẽ. Depois de vizitada a Prouincia fizeraõ de nouo constituiçoens, ás quais chamauaõ, as Apostolicas, pellas quais se gouernou esta nossa congregaçaõ até o Anno de, 1615.

¶ Mandou mais o Summo Pontifice Paulo, 5^o, por seu Breue = Que os Padres que acabaõ o Generalado sejaõ daqui

em diante Prezidentes naquelle prezente capitulo, é possaõ assistir nos mais capitulos com seu votto gracioso.

¶ No Anno do Senhor, 1608 = em os, 9, de Mayo na cidade de Roma, o Papa Paulo, 5º, Canonizou, ê declarou por Santo a o bemaumenturado Cardeal, Arcebispo de Milaõ, Carlos Borromeu, Protector que fora desta nossa Congregaçaõ, ê Prior môr Comendatario do nosso Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos. A este Santo Cardeal temos grandes obrigaçoens, pellos muitos faoures, ê boas obras que em sua vida nos fês. Foy o seu glorioso tranzito na sua Cidade de Millão em os, 4, dias do mes de Nouembro, do Anno, 1584. em cujo dia reza delle a Igreja catholica.

¶ Gouernou o Padre geral Apostolico com seus collegas o seu triennio q̄ constou de, 2, annos = 10, mezes = 9, dias.

¶ O Padre Mestre Dom Antonio das Chagas, viveo depois que acabou o seu Generalado = 7 — annos = 12 — dias. — Faleceo em — 15 — de Mayo, do Anno de, 1616 =

¶ CAPITULO GERAL = 25 = ¶

¶ No Ano de — 1609 = em os — 4 — de Mayo = se celebrou, o, 25 — capitulo Geral, neste real mosteiro — Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Mestre Dom Antonio das Chagas = que acabou o Generalado, Prezidente do Capitulo = Com — 2 — Procuradores. —

¶ Dom Dionyzio da Misericordia = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente de fora de Lisboa = Com hum Procurador.

¶ Dom Gaspar dos Reys = Vicereitor do Collegio de Santo Agostinho, chamado, Sapiencia = com hum Procurador.

¶ Dom Antonio da Conceiçaõ = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com'um Procurador.

¶ Dom Ieronimo da Crus = Prior de Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = Com hum Procurador —

¶ Dom Theotonio de Santo Agostinho = Prezidente do Mosteiro do Salvador de Moreira = Com hum Procurador.

¶ Dom Gabriel de Christo = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = Com hum Procurador.

¶ Dom Antonio de Santo Agostinho = Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Reffoyos = Com um Procurador —

¶ Dom Agostinho de São Domingos = Prior do Mosteiro de São Iorge, de sobre o Mondego. —

¶ Dom Constantino dos Anjos = Prezidente do Mosteiro de Paderne —

¶ Dom Iorge da Assumpção = Prezidente do Mosteiro de Mohia.

¶ Dom Manuel de São Ioaõ = Prezidente de Mosteiro de Caramos.

¶ Dom Ioaõ de S.^{to} Agostinho = Prezidente do Mosteiro de Vilella.

¶ Dom Sebastiaõ da Graca = Prezidente do Mosteiro da Iunqueira.

¶ Dom Mauricio da Esperança = Prezidente do Mosteiro de Oliveira.

¶ Dom Rafael da Conceição = Prezidente do Mosteiro de Villaboa.

¶ Dom Andre de São Ioaõ = Lente Iubilado. Mestre —

¶ Mestre Dom Theotonio da Crus = Procurador do Collegio.

¶ Os sete Prezidentes das cazas piquenas asíma nomeados, foraõ eleitos, é confirmados em Priores destes Mosteiros pello Padre Prior geral apostólico: porem no Diffinitorio do meio do triennio se declarou que não eraõ Priores por ser contra o decreto do capitulo geral do Anno de, 1602 = que ordenou fossẽ Prezidencias — mas pello Direito que a principio tinhão adquirido de Priores, foraõ admitidos a este Capitulo = é nele ficou assentado, que sejaõ Prezidencias — é com elles o seja também o de saõ Iorge do Mondego —

¶ Confirmaraõ neste capitulo, que os Padres que forẽ Geraes, é os Padres Lentos Iubilados, possaõ assistir é ter lugar, é votto gracioso nos capitulos geraes, o que iá estava assentado —

¶ Ellegeraõ Collegas pera o triennio = os Padres = D. Ieronimo da Crus — é D. Constantino dos Anjos = ambos eraõ Priores, assistentes neste capitulo —

¶ E em os — 9 — do dito mes de Mayo = foy eleito, é confirmado Prior deste R. Mosteiro = é Geral da Congregaçaõ =

¶ — 25 — O Padre Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha = natural da cidade Evora, filho natural de Diogo Pessanha Falcaõ bom fidalgo = era conego Professo do Mosteiro de saõ vicente, tinha iá sido Prior de Reffoyos, ido a Roma a negócios da religiaõ, era mestre dos novissos deste real mosteiro, é hũ dos Procuradores delle, é Diffinidor — 1º — neste capitulo — Governou o generalado o seu triennio com os collegas — * P. — 243 v. (1)

¶ No, 2º, anno do seu generalado, 1611 = por Breve do Papa Paulo — 5.º — é authoridade, é Decreto delRey Dom Felipe o Prudente, vizitou o Padre Prior geral D. Miguel de Santo Agostinho os religiosos da Ordem do Patriarca Saõ Bento, é Prezidio no capitulo que se celebrou no mosteiro de Tibaens —

¶ E logo no Anno seguinte por authoridade apostolica do mesmo Summo Pontifice, é Decreto delRey — vizitou á Ordem de Saõ Ioaõ Evangelista dos Padres Loyos — é della foy refformador, é Prezidio no capítulo que ahi se celebrou. —

¶ No mesmo Anno de — 1612 = em os — 26 — de Março, se achou inteiro o corpo da Raynha Santa Izabel de Portugal, a qual auia — 276 — annos, que era felecida. Por ordem delRey Dom Felipe 3º de Castella, 2º de Por-

(1) Pa = 243 = Addiçam. *

tugal, com Breue do Papa Paulo — 5º = O Bispo de Coimbra Dom Affonso de Castello Branco: o de Leiria: é o Doutor Francisco vás Pinto desembargador do Paço: E pera procuradores vieram nomeados, o Padre Doutor Francisco Soares Granatense Lente de Prima de Theologia na Vniuersidade: é o Doutor Ioam de Carualho Lēte de Digesto na mesma Vniuersidade de Coimbra. Tirada sua inquiriçam dos milagres da Santa Raynha, foram abrir o sepulchro com o Inquizidor Ioam Aluares Brandam: o Reytor da Vniuersidade Dom Ioam Coutinho, é seu cunhado Dom Pedro de Mezezes Conde de Cantanhede: O Doutor Balthezar de Azevedo fisico môr: o Doutor Antonio Sebastiam Lente de Prima de Medicina: é outras pessoas grauissimas, que foram chamadas pera testemunhas do que achassem.

Aberto o Sepulchro, acharam o Santo Corpo inteiro, incorrupto, como fica dito. Com os instrumentos publicos que se fizeram, é com a informaçam da junta, mandaram a Roma: é dahi a — 13 — annos, o Papa Urbano — 8.º — cano-nizou esta Santa Raynha no Anno do Iubileu de — 1625 = Chegou a alegre noua ao Reyno, em Coimbra lho fizerã grandiozas festas. Bispo Conde. Dom Ioam Manoel⁽¹⁾.

¶ CAPITULO GERAL = 26 = ¶

¶ No Anno de — 1612 = em os — 7 — de Mayo se celebrou o — 26 — capitulo geral neste R. Mosteiro de S. ✠. Assistiram nelle =

¶ O Padre Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha; que acabou o generalado, Prezidente do Capitulo — com — 2 — Procuradores.

¶ Dom Sínam de Christo Cauaco = Prior do Mosteiro de Sam Vicēte de fora de Lisboa = com hum Procurador.

¶ Dom Nicolao dos Santos = Vice Reytor do nosso Colegio Sapientia: de Coimbra = com hum procurador.

(1) Addiçam — P. 87.

¶ Dom Andre de sam Ioam = Lente jubilado. Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador.

¶ Dom Antonio da Crus = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra de Quebrantoens. Com hum Procurador.

¶ Dom Theotonio de S^{to} Agostinho = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira da Maya = com hum Procurador.

¶ Dom Gaspar dos Reys = Prior do mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Gaspar das Chagas = Prior do mosteiro de S^{ta} Maria de Reffoyos = do Líma = com hum Procurador.

¶ O Mestre Dom Ioam de S^{to} Agostinho = Lente jubilado.

¶ O Doutor Dom Theotonio da Crus Botelho: Lente jubilado. Procurador.

¶ Dom Lourenço do Espirito S^{to} Soares = que foy Geral.

¶ O Mestre Dom Antonio das Chagas = que foy Geral.

¶ Neste Capitulo se vniram in perpetuum por bullas Apostolicas ao Collegio nouo de Coímbra, os mosteiros de sam Pedro de Folques; é o do saluador de Paderne = E ao mosteiro de Moreira em quanto lhe durassem as obras, o mosteiro de sam Síman da junqueira. Os Piores de Moreira nestes — 12 — annos eram iuntamente Prezidentes do mosteiro de Sam Síman: cuja vniam se acabou no Anno de — 1624. Mas logo ficou vnido pera o mosteiro que se auia de fazer ao Padre Santo Theotonio.

¶ Elegeram Colegas pera o triennio = Os Padres. D. Antonio da Crus = é D. Gaspar dos Reys. Ambos eram Piores assistentes neste capitulo.

¶ E em os — 16 — do dito mes de Mayo = Foy eleito, e confirmado Prior deste real mosteiro, Geral pera a Congregaçam.

¶ — 26 — O Padre Dom Diónyzio da Misericordia, natural da Cidade de Lisboa, Filho de Miguel Rodrigues de Andrade é de sua mulher, Caterina de Nouaes. — conego

deste real mosteiro. tinha já sido Prior tres vezes = é era substituto do Padre geral passado, é vizitador da Congregação.

¶ Governou o Padre Dom Dionyzio o generalado o seu triennio, com os colegas asíma nomeados.

¶ Viueo deppois do generalado = 15 — annos = 7 — mezes. Faleceo em os = 3 — de Dezembro, do Anno de — 1630 =

¶ CAPITULO GERAL — 27. ¶

¶ No Anno de, 1615 = em os 4. de Mayo = se Celebrou o, 27, capitulo geral neste real mosteiro de S^{ta} Crus = Assistiraõ

¶ O Padre Dom Dionysio da Mizericordia = que acabou o seu generalado = Prezidente do Capitulo = com — 2 = Procuradores.

¶ Dom Lourenço dos Martyres = Prior do mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa = com hum Procurador =

¶ O Mestre Dom Antonio das Chagas = Vicereitor do nosso Collegio de Coimbra = com hum procurador —

¶ Dom Manoel de Christo Serra — Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum procurador —

¶ Dom Ieronimo da Crus = Prior do mosteiro de S^{to} Agostinho da Serra = com hum procurador.

¶ Dom Antonio de S^{to} Agostinho = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira = com hum procurador.

¶ Dom Antonio do Salvador = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Mauricio da Esperança — Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos — com hum procurador.

¶ O Mestre Dom Andre de Saõ Ioaõ = Lente iubilado.

¶ O Mestre Dom Ioaõ de S^{to} Agostinho = Lente iubilado.

¶ O Mestre Doutor Dom Theotonio Botelho = escusouse =

¶ O Mestre Dom Francisco da Crus soueral = Procurador —

¶ Dom Símaõ de Christo Cauaco — que foy geral =

¶ Dom Lourenço do Espirito Santo Soares = que foy geral =

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha = que foy geral =

¶ Assentouse em Capitulo, que chegando de Roma as Constituissoens confirmadas pello Papa = o Padre Prior geral fassa iunta dos Prelados pera asseitarem o Breue da Confirmação.

¶ Elegeraõ Collegas pera o triennio, os Padres = D. Manoel de Christo = que era Prior assistente neste capitulo = e D. Sebastiaõ da Graça que era hũ dos Procuradores.

¶ E em os = 10 = do dito mes de Mayo = foy eleito, é confirmado Prior do Mosteiro real de S^{ta} Crus, é geral da Congregaçãõ =

¶ 27. O Padre Dom Jeronimo da Crus Siqueira = natural da villa de Linhares na Comarca da Beira = filho de Alvaro de Siqueira, é de sua mulher, Lianor Rodrigues Botelha = conego professo deste real mosteiro, é Prior do de Santo Agostinho da Serra, é visitador primeiro neste capitulo.

¶ Em os = 15 = de Abril deste Anno, 1615 = chegaraõ as Constituiçoens confirmadas em Saõ Pedro de Roma, por mottu proprio do Papa Paulo 5.^o = O Padre Prior geral Dom Ieronimo da Cruz conuocou logo pera a Iunta os Padres Priores, é Diffinidores, lentes é Padres que foraõ geraes.

¶ CAPITULO DE JUNTA ¶

¶ No Presente Anno de, 1615 = 2.^a feira, 26, de Outubro, se celebrou neste real mosteiro de Santa Crus, capitulo geral de iunta, como se assentou no Capitulo geral proxime passado = Assistiraõ —

¶ O Padre Dom Jeronimo da Crus Prior, é geral da Congregação Prezidente deste capitulo.

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho = Prior do Most. de S. Vic.^{te}

¶ Dom Antonio da Crus = Vice Reytor do nosso Collegio.

¶ Dom Jeronimo de S^{to} Agostinho = Prior do Mostr^o de Grijo —

¶ Dom Gabriel de Christo = Prior do Mostr^o da Serra.

¶ Dom Bernardo da Piedade = Prior do Mostr^o de Moreira.

¶ Dom Damiaõ da Crus = Prior do Mosteiro de Nandim —

¶ Dom Gaspar das Chagas = Prior do Mosteiro de Reffoyos —

¶ O Mestre Dom Antonio das Chagas = substituto = Diffinidor — 1.^o —

¶ Dom Manoel de Christo = Collega = Diffinidor — 2.^o —

¶ Dom Sebastiaõ da Graça = Collega = Diffinidor — 3.^o —

¶ Dom Andre da Crus = vizitador = Diffinidor — 4.^o —

¶ Dom Gregorio da Paixaõ, — Vizitador = Diffinidor — 5.^o —

¶ Dom Esteuaõ da Vizitação — Vizitador = Diffinidor — 6.^o —

¶ O Mestre Dom Andre de Saõ Ioaõ — Lente iubilado.

¶ O Mestre Dom Joaõ de S^{to} Agostinho = Lente iubilado —

¶ O Doutor Dom Francisco da Crus Soueral = Lente iubilado.

¶ Dom Lourenço do Espirito Santo Soares = q̄ foy geral —


¶ Dom Dionyzio da Misericordia = que foy geral —

¶ Juntos os Padres á sima nomeados, na caza ordenada pera este capitulo geral da junta, se leraõ as Constituições, é a cada capitulo se hia votando, é dando cada

hum seu parecer = Foraõ asseitas com algumas declaraçoens que se deraõ a alguns lugares dellas, as quais confirmou o senhor colleitor do Reyno, authoritate apostolica que pera isso tinha = Nesta iunta se ordenou que se iurasse a clauzura, no dia da profissaõ, na forma em que oje se guarda não se iurava até entãõ —

¶ Recolhidos os Padres da junta a seus Mosteiros, continuou o Padre Dom Jeronimo da Crus com o seu Priorado, é geral, até o fim do triennio, é fes guardar as Constituiçoens a tras asseitas, é elle era o primeiro na observancia —

¶ CAPITULO GERAL = 28 = ¶

¶ No Anno de — 1618 = em — 30 — de Abril = se celebrou neste real mosteiro de S. . O capitulo geral — 28 — Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom Jeronimo da Crus = que acabou o generalado — Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores deste real mosteiro —

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha — Prior do Mosteiro de São vicente de Lisboa = com hum Procurador —

¶ Dom Antonio da Crus = Vice reitor do nosso Collegio de S.^{to} Agostinho de Coimbra = com hum Procurador.

¶ Dom Jeronimo de Santo Agostinho = Prior do Mosteiro do Salvador do Grijo = Com hum Procurador —

¶ Dom Gabriel de Christo = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra de Villanoua — Com hum Procurador.

¶ Dom Bernardo da Piedade = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = Com hum Procurador —

¶ Dom Damiaõ da Crus = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = Com hum Procurador =

¶ Dom Mauricio da Esperança = Vigairo do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = Com hum Procurador — era falecido o Prior Dom Gaspar das Chagas —

¶ Doutor Dom Francisco da Crus Soueral = Lente iubilado —

¶ Mestre Dom Gaspar de Saõ Joaõ = Lente iubilado —

¶ Mestre Dom Jorge da Anunciaçãõ = Lente iubilado = Procurador.

¶ Dom Lourenço do Espirito Santo Soares = que foy geral —

¶ Dom Dionyzio da Mizericordia = que foy geral —

¶ Neste capitulo se ordenou, que o Padre Prior geral q̄ sair elleito = possa mandar abrir a sepultura do Padre Santo Theotónio, é dela tirar a cabessa para se encastoar em Prata, pera andar de fora neste real mosteiro — é deste reliquias delle pera alguns dos nossos mosteiros, é pera a Ermida do lugar de Ganfey sua Patria pedida pelo povo =

¶ Elegeram collegas pera o triennio — os Padres D. Andre da Conceiçãõ = é. D. Luis dos Santos Silveira —

¶ E em os — 11 — do mes de Mayo = foy eleito, e confirmado Prior do Mosteiro de Santa Crus = e Geral da Congregaçãõ —

¶ — 28 — O Padre Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha, a — 2.^a — ves = Prior que era do mosteiro de Saõ vicente de Lisboa, e Diffinidor — 1.^o — neste capitulo.

¶ Governou o Padre Dom Miguel Pessanha, o Generalado o seu triennio com satisfaçãõ; com os seus collegas —

¶ No Anno de, 1620 = em — 30 — de Agosto com toda a solemnidade de commemoraçãõ, lumes, incenso, é o convento prezente abrio a sepultura do Padre Santo Theotónio, é della tirou a cabeça inteira; é outras reliquias pera outros mosteiros, é pera a sua Ermida de Ganfey, como no capitulo geral passado lhe fora mandado, é já fica isto assentado no Priorado do Padre Santo Theotónio — Pag = 18 = x —

¶ Tambem neste Anno, tirou da Caixa dos santos Martyres de Marrocos huma reliquia grande, que o capitulo geral proxime passado mandou dar ao Padre guardiaõ, é Convento de Saõ Francisco da Cidade de Lisboa, que

elles pediraõ por sua petiçaõ = A qual reliquia levarãõ os Reverendos frades em procissaõ solemne do mosteiro de São vicente, ate o seu de São Francisco

¶ CAPITULO GERAL = 29 ¶

¶ No Anno de — 1621 = em — 26 — de Abril = se celebrou neste real Mosteiro de S. Crus, o — 29 — Capitulo geral — Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom Miguel de Santo Agostinho = que acabou o generalado.

Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores de S^{ta} Crus —

¶ Dom Sebastiaõ da Graça = Prior do Mosteiro de São Vicente de fora de Lisboa = com hum Procurador —

¶ O Mestre D. Andre de São Joaõ = Lente Iubilado = Reytor do Collegio Sapiencia: de Coimbra = Com hum Procurador.

¶ Dom Lourenço da Piedade = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = Com hum Procurador.

¶ Dom Manoel de Christo Serra = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = Com hum Procurador.

¶ Dom Constantino dos Anjos = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = Com hum Procurador.

¶ Dom Manoel de São Lourenço = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = Com hum Procurador.

¶ Dom Mauricio da Esperança, Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Reffoyos = Com hum Procurador —

¶ Doutor Dom Francisco da Crus Soveral = Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom Gaspar de São Joaõ — Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom jorge da Anũciaçaõ = Lente jubilado = Procurad.

¶ Dom Lourenço do Espirito Santo Soares = que foy Geral.

¶ Dom Dionyzio da Misericordia = que foy Geral.

¶ Dom Jeronimo da Crus = que foy Geral —

¶ Elegeraõ em capitulo Collegas pera o triennio os Padres D. Christovaõ de Saõ Ioaõ = é D. Bertolomeu da Vizitaçaõ.

¶ E em os — 7 — de Mayo = foy eleito, é confirmado Prior deste real mosteiro = é Geral pera a Congregaçaõ —

¶ — 29 — O Padre Dom Antonio da Crus = natural da villa de Abrantes = conego professo do Mosteiro de Saõ Vicente = tinha ia sido Prior da Serra; é Reytor do Collegio = é era Vigairo deste real mosteiro de Santa Crus; Procurador, é Diffinidor primeiro neste Capitulo. Governou o generalado o seu triennio, com os seus collegas a cima nomeados —

¶ Neste seu primeiro Anno, — 1621 = lhe chegaraõ cartas de Roma com serteza, como o Papa Gregorio — XV — beatificou ao ben aventurado Padre Luis Esforcia, Conego Regular natural da cidade de Millam, filho que fora de hum Senhorasso dos Duques daquelle estado antigo, era tio do Cardeal Francisco Esforcia, que o fes Beatificar — Era notavel santo em milagres, fes muitos em vida, é os fes depois de morto, é naõ avia mais de sete annos que era falecido.

¶ No Anno seguinte — 1622 — nomeou el Rey Dom Felippe 3.º, ao Padre Mestre Doutor Dom Francisco da Crus Soveral — per Bispo de Santo Thome = é em breve tempo o melhorou pera Angolla.

Era o Padre Mestre Dom Francisco da Crus, natural da villa de Sernancelhe, no Bispado de Lamego = filho do Doutor Pedro do Soveral, Dezembargador da Caza da Suplicação = é de sua mulher Dona Maria de Almeida = Tomou o habito, é fes profiçaõ neste real mosteiro de Santa Crus, a onde se graduou de Doutor, foy lente iubilado no nosso Collegio Sapiencia = é Deputado da Santa Inquicissaõ de Coimbra; tinha ido a Valhedolid a negocios na Corte da religiaõ, foy sagrado em Bispo na Cidade de Lisboa depois que lhe vieram as letras, é foy pera o seu Bispado de Angolla aonde fez muitos servissos a Deos — Faleceo = Pag. 10.

¶ CAPITULO GERAL = 30 = ¶

¶ No Anno de, 1624 = em — 22 — de Abril = se celebrou neste real mosteiro de Santa Crus = o — 30 — capitulo geral = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Antonio da Crus = que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores deste R. Mosteiro.

¶ Dom Jeronimo da Crus = Prior do Mosteiro de Saõ vicente de Lisboa = com hum Procurador.

¶ Mestre Doutor Dom Gaspar de Saõ Joaõ = Reytor do nosso Collegio de Coimbra = Lente jubilado — com hum Procurador —

¶ Dom Ieronimo de Santo Agostinho = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = Com um Procurador.

¶ Dom Pedro de Santo Agostinho Machado = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = Com hum Procurador —

¶ Dom Luis dos Anjos = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira da terra da Maya = com hum Procurador —

¶ Dom Antonio de Santo Agostinho = Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Nandim = Com hum Procurador.

¶ Dom Manoel de Santo Antonio = Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Reffoyos = com hum Procurador.

¶ Doutor Dom Jorge da Anunciaçaõ = Lente jubilado — Procurador.

¶ D. Miguel de Santo Agostinho Passanha = que foy Geral.

¶ D. Dionyzio da Misericordia = que foy Geral

¶ Ordenaraõ os Padres do Capitulo geral, se fundasse mosteiro, ao Padre Santo Theotonio, pera o qual applicaraõ as rendas dos Mosteiros de Saõ Simaõ da junqueira = Santa Maria de Mohia = é de Saõ Martinho de Crasto = naõ teve effeito este triennio.

E que os dous mosteiros, de Sam Martinho de Caramos; é de Santa Maria de Villa boa = sejaõ daqui em diante Priorados.

¶ Ellegeraõ Collegas pera o triennio; os Padres Dom Marcos da Crus, é D. Diogo da Piedade Aranha.

¶ E em os, 2, de Mayo, foy eleito, e confirmado Prior do mosteiro de Santa Crus, e geral da Congregaçaõ =

¶ 30. O Padre Dom Sebastiaõ da Graça = natural do = Porto, Conego deste real mosteiro, do qual era vigairo, é neste capitulo Procurador, 1º, é primeiro Diffnidor.

¶ Governou o Padre Dom Sebastiaõ da Graça, o Generalado o seu triennio, com os colegas a sima nomeados.

¶ Viveo depois d'elle, 22, annos = 7, mezes = 15, dias. Faleceo em os, 5, de Dezembro do Anno de 1649 —

¶ CAPITULO GERAL = 31 = ¶

¶ No Anno de 1627 = em, 19, de Abril = se celebrou nesse real mosteiro o Capitulo geral = 31 = Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom Sebastiaõ da Graça, que acabou o generalado. Prezidente do Capitulo, com, 2, Procuradores deste real mosteiro.

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente da cidade de Lisboa = com hum Procurador.

¶ Dom Constantino dos Anjos = Reytor do Collegio de Santo Agostinho de Coimbra = com hum Procurador.

¶ Dom Lourenço da Piedade = prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = terra da Feira = com hum Procurador.

¶ D. Manoel de Christo — Serra = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = Com hum Procurador.

¶ D. Athanzio do Espirito Santo — Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = Com hum Procurador.

¶ D. Luis dos Santos Silveira = Prior do Mosteiro de S.^{ta} Maria de Nandim = Com hum Procurador

¶ D. Dionyzio de Santo Agostinho = Prior do Mosteiro de S.^{ta} Maria de Reffoyos = Com hum Procurador.

¶ D. Justiniano da Anunciação — Prior do Mosteiro de Caramos.

¶ Dom Antonio dos Martyres = Prior do Mosteiro de Villaboa —

¶ Doutor Dom Gaspar de Saõ Joaõ = Lente jubilado —

¶ Doutor Dom Jorge da Anunciação = Lente jubilado.

¶ Doutor Dom Paulo da Piedade = Lente jubilado — Procurad.

¶ Dom Dionyzio da Mizericordia = que foy Geral

¶ Dom Jeronimo da Crus = que foy Geral —

¶ Dom Antonio da Crus = que foy Geral.

¶ Neste Capitulo se ordenou, que com effeito se fundasse mosteiro ao Padre Santo Theotonio = Tambem se ordenou, que o Mosteiro de Saõ Jorge torne a ser Priorado.

¶ Elegeraõ neste Capitulo Collegas pera o triennio, os Padres D. Francisco das Neves = é D. Simaõ das Chagas —

¶ E em o, 1º, dia de Mayo, foy eleyto, é confirmado Prior deste real Mosteiro, é Geral pera a Congregaçãõ =

¶ 31. O Padre Dom Miguel Pessanha a, 3ª, ves = Prior que era do Mosteiro de Saõ vicente da cidade de Lisboa, e Diffinidor, 1º, neste Capitulo.

¶ No Anno de, 1627 = em o — 1º — de Agosto, veio o cabido da Sée desta cidade em procissaõ, acompanhado de todo o Clero, é conventos com suas cruces de festa, à Igreja deste real Mosteiro, buscar huma reliquia da bem avēturada Santa Comba Virgem, é martyr nossa Portugueza, pera a sua Sée Cathedral, que lha tinha concedido o capitulo geral proxíme passado, é o Padre Dom Miguel Pessanha Prior Geral a tirou do Altar de Santo Antonio, parte da cana de hum brasso, é em sua auzencia o Padre Vigairo D. Pedro de Santo Agostinho a entregou ao Reverendo Deam, que revestido com capa rica a tomou em suas

maõs, é a levou debaixo de hum rico Palio. tendo precedido nesta nossa igreja sermaõ que pregou o Conego Doutor Joaõ Pimenta eleito Bispo de Angra = Acompanharaõ a procissão o juis, é Vreadores em Corpo de Camera, com suas varas, é grande concurso de gente, e repiques dos sinos = —

¶ Neste triennio se compro uo sitio na villa de Viana do Rio Lima; é se aparelharaõ as cousas necessarias pera se fundar o Mosteiro ao glorioso Padre Santo Theotonio.

¶ No fim deste triennio, em os, 7, de Abril, Dominga in Albis, do Anno de, 1630 = O Padre Prior Geral Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha, tresladou da sepultura antiga, pera a Nova dos jaspe os ossos, reliquias do Padre Santo Theotonio, com grandes festas, é aparato como atras fica escrito, aonde se trata do Priorado, é transito do mesmo Padre Santo Theotonio. Pagina = 18 = 19 =

¶ O Padre Dom Miguel Passanha, governou o generalado o seu triennio, com os seus Collegas a síma nomeados.

¶ CAPITULO GERAL = 32 — ¶

¶ No Anno de, 1630 = em, 15, de Abril, se celebrou neste real mosteiro de Santa Crus, o Capitulo geral = 32 = Assistiraõ nelle =

¶ O Padre Dom Miguel de Santo Agostinho = que acabou o generalado, Prezidente do Capitulo = com. 2. Procuradores deste Convento.

¶ Dom Jeronimo da Crus = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente de fora da Cidade de Lisboa = Com hum Procurador.

¶ Doutor Dom Jorge da Annunciaçaõ = lente Iubilado, Reytor do Collegio Sapiencia, desta Cidade; com hum Procurador.

¶ Dom Bertolomeu da Vizitaçaõ = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo, da terra da Feyra, — com hum Procurador.

☩ Dom Lionardo de Santo Agostinho Viegas; Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = Com um Procurador.

☩ Dom Luis dos Anjos = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira da terra da Maya = Com hum Procurador.

☩ Dom Francisco da Encarnação Sottomayor = Prior do mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

☩ Dom Diogo da Piedade Aranha = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos do Lima = Com hum Procurador.

☩ Dom Paulo de S.^{to} Agostinho Barretto = Prior do Mostr.^o de saõ Jorge.

☩ Dom Luis da Natividade Lobo = Prior do Mosteiro de Caramos.

☩ Dom Theotónio dos Anjos = Prior do Mosteiro de Villaboa —

☩ Doutor Dom Gaspar de Saõ Joaõ = Lente Iubilado —

☩ Doutor Dom Paulo da Piedade = Lente Iubilado, é Procurador do C.

☩ Dom Dionyzio da Mizericordia = que foy Geral

☩ Dom Antonio da Crus = que foy Geral —

☩ Dom Sebastião da Graça = que foy Geral =

☩ Elegeraõ em Capitulo Collegas pera o triennio = os Padres D. Jozeph de Christo Bretiandos, é D. Gabriel da Ressurreiçaõ —

☩ E em, 26, do dito mes de Abril, foy eleito, é confirmado Prior deste real mosteiro, Geral pera a Congreçaõ —

☩ 32. O Padre Dom Jeronimo da Crus; a 2.^a, vez = era Prior do mosteiro de Saõ Vicente, Diffinidor, 1.^o, neste capitulo —


☩ Neste mesmo Anno, em, 8, de Agosto, lansou a prim.^a Pedra ao novo mosteiro de Viana do Lima, dedicado ao Padre Santo Theotónio, como abaixo se dirâ em seu lugar, aonde se tratar deste novo mosteiro. Pag = 224 =

¶ No Anno de, 1633 = ultimo do Generalado do Padre Dom Jeronimo da Crus, comessou neste real mosteiro a solemnidade das quarenta horas, nos tres dias antes da Cinsa = Concedeulhos o Papa Urbano, 8º, é se celebraraõ é se celebraõ com grande aparato, muzica, é Pregaçoens todos os tres dias, com grande concurso de gente de diversos estados = na terça feira à tarde ha procissaõ solemne pello claustro com que se enserra o Smo sacramento. Celebraõse neste primeiro Anno, em os, 6, 7, 8 = de Fevereiro.

¶ Governou o Padre Dom Jeronimo da Crus, o seu triennio o generalado, com os seus collegas a síma nomeados —

¶ Viveo o Padre Dom Jeronimo da Crus depois de acabar o seu generalado = 15 — annos = 9 — mezes = 2 — dias. Faleceo em 13 — de janeiro do Anno de, 1649 —

¶ CAPITULO GERAL = 33 = ¶

¶ No Anno de, 1633 = em os = 11 = de Abril = se celebrou neste real mosteiro de S  — o Capitulo geral — 33 = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Jeronimo da Crus = que acabou o generalado — Prezidente do Capitulo — com — 2 — Procuradores deste real mosteiro —

¶ Dom Luis dos Santos Silveira = Prior do Mosteiro de Saõ vicente de fora de Lisboa — com um Procurador —

¶ Doutor Dom Paulo da Piedade = Lente Iubilado = Reytor do Collegio de Santo Agostinho = Com hum Procurador.

¶ Dom Faustino da Cruz Ceabra = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador.

¶ Dom Damiaõ da Crus = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra de Villa nova = Com hum Procurador —

¶ Dom Jeronimo da Ressurreiçaõ Noronha — Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador —

¶ Dom Miguel dos Anjos Perestrello = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = Com hum Procurador.

¶ Dom Bernardo da Crus = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador —

¶ Dom Francisco da Ressurreição = Prior do Mosteiro de São Jorge —

¶ Dom Manoel da Esperança = Prior do Mosteiro de Caramos.

¶ Dom Constantino da Crus = Prior do Mosteiro de Villaboa —

¶ Doutor Dom Jorge da Annunciação = Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom Gaspar de São Joaõ = Lente iubilado.

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho = que foy geral —

¶ Dom Antonio da Crus = que foy geral —

¶ Dom Sebastião da Graça = que foy geral —

¶ Doutor Dom Iorge de Santo Agostinho. Procurador do Colleggio —

¶ E em os — 22 — do dito mes de Abril = foy eleito, é confirmado Prior de Santa Crus = é geral da Congregação =

¶ — 33 — O Padre Dom Luis dos Santos Silveira = natural da Cidade de Lisboa = Filho de Dom Alvaro da Silveira, é de sua mulher, Dona Brittes Mexia = era Dom Alvaro da Silveira, filho, 2º, de Dom Diogo da Silveira, 2º Conde da Sortelha era o Padre Dom Luís Conego professo do real mosteiro de Santa Crus, a onde se criou de minino com o habito = Prior do mosteiro de São Vicente de Lisboa, é Diffinidór — 1º — neste capitulo.

¶ Governou o Generalado o seu triennio — com os collegas — D. Luis da Paixaõ — é D. Miguel da Esperança, collega 2º, eleitos no capitulo geral = este — 2º — faleceo no primeiro Anno, 1633 = em — 19 — de Junho = elegeraõ em seu lugar = a D. Theodozio da Assumpsaõ, que servio até o fim do triennio —

¶ CAPITULO GERAL = 34 = D

¶ No Anno de - 1636 = em - 7 - de Abril = se celebrou neste real mosteiro de S. ✠ o Capitulo geral - 34 = Assistiraõ nelle -

¶ O Padre Dom Luís da Silveira = que acabou o generalado = Prezidente do capitulo = com - 2 - Procuradores deste real Mosteiro -

¶ Dom Francisco da Encarnaçaõ Sotto Mayor = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente, - eleito Bispo de Torga = com hum procurador -

¶ Dom Diogo da Piedade Aranha = Reytor do nosso Collegio de S^{to} Agostinho, chamado, Sapiencia = com hũ Procurador -

¶ Dom Bertolomeu da Vizitaçaõ = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo - terra da feira = com hum Procurador -

¶ Dom Faustino da Crus, Ceabra = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador.

¶ Dom Paulo de Santo Agostinho Barretto = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador -

¶ Dom Jozeph de Christo Bretiande = Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Nandim = com hum Procurador -

¶ Dom Theotonio dos Anjos = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador.

¶ Dom Simaõ das Chagas = Prior do Mosteiro de Saõ Jorge -

¶ Dom Paulo de Christo = Prior do Mosteiro de Villaboa -

¶ Dom Bernardo da Ascençaõ = Prior do Mosteiro de Caramos -

¶ Doutor Dom Jorge da Annunciaçaõ = Lente jubilado.

¶ Doutor Dom Paulo da Piedade - Lente jubilado.

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha: q̄ foy geral —

¶ Dom jeronimo da Crus Siqueira = que foy geral —

¶ Dom Antonio da Crus = que foy geral —

¶ Dom Sebastião da Graça = que foy geral —

¶ Doutor Dom joão das chagas — lente = Procurador do Collegio.

¶ Elegeraõ neste capitulo collegas pera o triennio — os Padres = D. Damiaõ da Crus = é D. Christovaõ da Crus

¶ E em os — 18 = do dito mes de Abril foy eleito, é confirmado Prior deste R. Mosteiro = é geral da Congregaçaõ —

¶ .34. O Padre Dom Paulo de Santo Agostinho Barreto = natural da villa da Ponte da Barca = filho de Jeronimo Barreto de Menezes ê de sua mulher Dona Lianor da Silua netta do primeiro Conde de Portalegre = era o Padre Dom Paulo Conego professo deste real mosteiro; Prior do de Moreira, ê vizitador — 1.º — neste capitulo — restitúhio os barretes — neste Anno —

¶ Governou o generalado o seu triennio com os seus collegas a sima eleitos, e nomeados —

¶ Avendo algumas contendas no capitulo geral — futuro em que Prezidio, como logo se dira = foy â corte de Madrid sobre estes negocios, é naõ fes nada = é veio a falecer no Mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa, em os — 10 — de Iulho do Anno de, 1641 = 2 — annos = 2 — mezes — depois que acabou o seu generalado —

¶ CAPITULO GERAL = 35 = D

¶ No Anno de, 1639 = em — 9 — de Mayo = se celebrou neste R. Mosteiro de .S. Crus = o Capitulo geral = 35 = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Paulo Barretto = que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores deste R. Mostr.º —

¶ Dom Jeronimo da Ressurreição, Noronha = Prior do Mosteiro de São Vicente de Lisboa = com hum Procurador —

¶ Doutor Dom Lionardo de Santo Agostinho Viegas = Reytor do Collegio de Coimbra = Sapiencia — com hum Procurador.

¶ Dom Agostinho da Trindade Carneiro = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijó = com hum Procurador —

¶ Dom Antonio da Crus = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador —

¶ Dom Pedro de Santo Agostinho Machado = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador

¶ Dom Joaõ da Crus Toscano = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim — Com hum Procurador —

¶ Dom Sebastião da Graça = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador —

¶ Dom Theodozio do Espirito Santo = Vigairo do Mosteiro de São jorge = era o Prior Doutor Dom jorge de S^{to} Ag.^o — em Roma =

¶ Dom Luis da Ressurreição = Prior do Mosteiro de Caramos —

¶ Dom Bazilio da Conceição Figueiredo = Prior do M. de Villaboa —

¶ Doutor Dom jorge da Annunciação = Lente jubilado —

¶ Doutor Dom Paulo da Piedade = Lente Jubilado —

¶ Doutor — Dom joaõ das Chagas = Lente iubilado = Procurador —

¶ Dom Miguel de S^{to} Agostinho Pessanha = que foy geral —

¶ Dom jeronimo da Crus Siqueira — que foy geral =

¶ Neste Capitulo comessaraõ duvidas, é inquietaçoens que nelle se fizeraõ, que duraraõ cerca de sinco annos = Ouve embargos a todas as eleiçoens que nelle se fizeraõ, é appellaçoens pera sua santidade = é sem embargo de tudo isto, em os — 14 — do dito mes de Mayo, foy eleito, é con-

firmado Prior pera este real mosteiro = é geral pera a Congregação = tinhaõ prezos = 13 = religiosos.

O Padre Dom Antonio da Crus, a — 2^a — ves = Prior que era do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = é vizador — 1^o — neste Capitulo = nelle foraõ eleitos collegas = D. Antonio dos Anjos Barretto = ê D. Lourenço dos Martyres.

¶ Como neste Capitulo ouve tantas duvidas, embarcos, appellaçoens, ê censuras do Senhor Collector Apostolico Alexandre Castralans, ê nada aproueitava, foy a causa remetida a Roma ao Papa Urbano — 8 — o qual por seu Breve de motu proprio iulgou este Capitulo com tudo o nelle feito, obrado, é processado, por nullo, é invalido, é as censuras assim do Collector, como as do Bispo Conde joanne Mendes de Tavora, seu delegado, por boas, é valiozas = Nomeou Vizitador Informador, pera vizitar, é repor ao estado antecedente todo o governo da Congregação = Nomeou tambem Vigario geral apostolico ao Padre Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha, como abaixo diremos, pera que governasse a Congregação em quanto se vizitava, é se naõ dessidia de todo a cauza —

¶ Por virtude do sobre dito Breve de Motu proprio de Sua Santidade O Reverendo Padre frey Martinho Muniz, religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, juis apostolico, ê visitador informador, despôs do generalado, ao Padre Dom Antonio da Crus, ê a seus collegas, em capitulo que nesse real mosteiro fes a som de campa tangida em — 18 — de Mayo do Anno de, 1640.

ê assim o Padre Dom Antonio da Crus tornou pera o seu Priorado do Mosteiro da Serra, aonde o repôs o Padre vizador apostolico depois de ter governado o real mosteiro de Santa Crus, tantum, hum Anno, ê tres Dias.

¶ VIGAIRO GERAL APOSTOLICO. ¶

¶ O Padre Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha que tinha já sido tres vezes Prior geral, é muitas Prior de outros mosteiros; ê era ao prezente Prezidente do Mosteiro novo do Padre Santo Theotónio da villa de Viana do Lima, aonde estava. O Papa Urbano — 8 — o nomeou Vigairo geral desta Congregação, como asima dissemos, o Padre Vizitador apostolico o meteu de posse neste real Mosteiro de Santa Crus no capitulo dos religiosos conegos, em — 18 — de Mayo = Anno a sima dito — 1640 — No qual dia despôs do generalado ao Padre Dom Antonio da Crus, ê seus collegas, ê absolveo a os Padres censurados, ê principiou a sua vizita geral, comessando por este real mosteiro; o que tudo se continha no sobre dito Breve de motu proprio. E visitados todos os mosteiros da Congregação, remetteo a informação do que nella achou a Roma a sua santidade.

¶ Governou o Padre Dom Miguel Pessanha vigairo geral apostolico a Congregação, com os collegas do triennio passado = D. Damiaõ da Crus = ê D. Christovaõ da Crus = mas não fes eleição alguma, por quanto pello dito Breve de Motu proprio, ficaraõ rezervadas pera o futuro Prior geral ê assim os Priores governaraõ suas cazas alem do seu triennio — cinco annos mais = Foi vigairo geral — 4 — annos = 1 — mes = ê — 2 — dias = ainda que neste meio tempo o intorrompeo cerca de — 10 mezes, quando Dom Antonio da Crus se introduzio no generalado, 2^a, ves, como a baixo diremos = mas tornou a ter o cargo hum mes, até que em — 20 — de junho do Anno, 1644 se celebrou Capitulo geral, como o mandou sua santidade por seu, 2^o, Breve, como diremos a baixo em seu lugar.

¶ No Anno do Senhor de — 1640 = sabdo pella menham dous de Dezembro na Cidade de Lisboa, os fidalgos Portuguezes, nobreza, e gente do povo, sacudindo de sí o pezado iugo de Castella, com que andavamos oprímidos avia — 60 annos, restauraraõ este nosso reino de Portugal,

na pessoa de seu legítimo senhor o sereníssimo Duque de Bragança Dom João, acclamando o Rey de Portugal, 4.º, do nome, entre os Monarcas desta Coroa = E logo em breves dias chegou a felix nova por cartas a todo o Reyno, que a festejaraõ em toda a parte com novas acclamaçoens, ceremonias, ê vivas como era rezaõ = A esta cidade de Coimbra chegou na terça feira seguinte — 5 — do dito mes, quando neste real mosteiro se estavaõ celebrando as exequias Anniversais do — 1.º Rey de Portugal Dom Affonso Henriques — Partio logo a Lisboa o Padre Vigairo geral apostolico acompanhado de dous religiozos velhos, ê autorizados, a beijar a maõ a sua Magestade, em nome da religiaõ.

¶ No Anno de — 1642 = em os — 4 — de janeiro na cidade de Oloanda, no reino de Angolla, faleceo com opiniaõ de Santo o Padre Dom Francisco da Crus Soveral, Conego professo deste real mosteiro, Doutor em Sagrada Theologia, lente iubilado no nosso Collegio = Deputado da Santa jnquicissaõ de Coimbra = Bispo da quelle reyno, aonde fes muitos servissos a Deos Nosso Senhor — quando foy sagrado, vide — Pag = 65 = v —

¶ Neste mesmo Anno, 1642 = no mes de Agosto, o Padre Dom Miguel Pessanha Vigairo geral apostolico, levou deste real Mosteiro, pera o novo da villa de Viana, huma fermoza, é notavel reliquia do Padre Santo Theotonio, como se dira quando a baixo tratarmos da quelle seu novo Mosteiro. Pagina = 225 =

¶ Viveo a Padre Dom Miguel Pessanha depois das couzas da relígiaõ serem postas em sua ordem = 6 — annos = 4 — mezes = 3 — dias.

¶ Neste tempo, no Anno de 1647 = celebrandosse Capitulo geral no Mosteiro de Tibaens da Ordem do Patriarca Saõ Bento = com alguma inquietaçaõ = foy lâ o Padre Dom Miguel Pessanha Prezidir lhe o dito capitulo por Breve do Papa Innocencio — Xº — é decreto delRey Dom João. iiij = é pôs tudo em socegada paz, é quietaçãõ.

¶ Faleceo finalmente em, 29 — de Outubro = Anno — 1650 =

¶ O PADRE DOM ANTONIO DA CRUS ¶
= 2ª = VES INTRUZO

¶ Estando as couzas da religião no estado a sima escrito, é a cauza affecta a sua Santidade = O Padre Dom Antonio da Crus, que por virtude do primeiro Breve de motu proprio estava expulso do generalado, é por ordem do Padre Vizitador informador, repostado no seu Priorado da Serra, a onde iâ estava avia tres annos = 2 — mezes = 20 — dias = no fim delles se tornou a introduzir no generalado, por hum rescripto que lhe veio de Roma de algum tribunal inferior à Congregação dos Regulares a quẽ a cauza estava remetida = saíndosse do dito seu Mosteiro, entrou de noute às escondidas neste real Mosteiro de Santa Crus de Coímbra = em — 8 — de Agosto, do Anno — 1643 = é sendo falecido Dom Lourenço dos Martyres seu collega, elegeo em seu lugar pello convento a Dom Fernando de Saõ Miguel, Mello = é deixando no governo ao seu chamado vigairo Dom Lourenço da Piedade, partio logo com elles pera Lisboa, é entrou no Mosteiro de Saõ vicente, a onde os Padres seus Parciaes por sua ordem tinhaõ recolhido o Prior delle Dom jeronimo da Ressurreição Noronha, é estavaõ apoderados do dito Mosteiro = Fes logo eleição de Prior; em Dom Luis dos Anjos, que do Mosteiro da Serra trazia com sigo = é elegeo consiliarios = mas naõ sahio mais do Mosteiro de Saõ Vicente, porque o Collector o atalhou, é da hi a huns — 10 — mezes por — 2º — Breve do Papa Urbano — 8 — em que dessidia a cauza, se convocou Capitulo geral, como abaixo diremos, pera o qual o Padre Dom Antonio da Crus, com o Padre Dom Luís dos Anjos asserto Prior de Saõ Vicente, tornaraõ ao seu Mosteiro da Serra a elegerem Procurador pera o capitulo —

¶ Viveo o Padre Dom Antonio da Crus depois de todas estas contendas serem acabadas, é a religião posta em socego = 6 — annos = I — mes é — 10 — dias = Faleceo em — 30 de julho — do Anno de 1650 =

¶ CAPITULO GERAL = 35 = RENOVADO ¶
 POR ORDEM DE SUA SANTIDADE =

Pella informação que o reverendo Padre Frey Martinho Muniz, vizitador informador apostolico deu ao Papa Urbano — 8 = do que achou na nossa Congregação, mandou Sua Santidade por seu Breve de mottu proprio se renovasse é celebrasse outra ves o capitulo geral passado = 35 = em numero, o qual elle tinha annullado = o qual se principiou em — 20 — de junho, do Anno de 1644 = pera o qual se elegeram de novo Procuradores nos Mosteiros da Congregação; e por decreto dellRey Dom Joaõ iiij = de Portugal, se celebrou no nosso Mosteiro de Saõ Vicente de Lx^a

Assistiraõ nelle:

¶ O Senhor Bispo de Targa Dom Francisco de Sottomayor, Conego professo do real mosteiro de Santa Crus = Prezidente deste Capitulo por virtude do sobredito Breve de sua Santidade —

¶ Dom Jeronimo da Ressurreiçaõ Noronha = Prior do Mosteiro de Saõ vicente de Lisboa = com hum Procurador.

¶ Doutor Dom Lionardo de Santo Agostinho Viegas = Reytor do nosso Collegio de Coímbra = Com hum Procurador.

¶ D. Agostinho da Trindade Carneiro = Prior do Mosteiro do Salvador do Grijo = com hum Procurador.

¶ Dom Antonio da Crus = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra de villa nova = com hum Procurador —

¶ Dom Pedro de Santo Agostinho Machado = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com um Procurador —

¶ Dom joaõ da Crus Toscano = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Sebastiaõ da Graça = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador —

¶ Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho = Prior do Mosteiro de São Jorge do Mondego = foy excluido, não entrou em capitulo —

¶ Dom Luis da Ressurreição = Prior do Mosteiro de Caramos.

¶ Dom Bazilio da Conceição Figueiredo: Prior de Villaboa —

¶ Doutor Dom Joaõ das chagas = Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom Antonio das chagas = Lente Iubilado = Procurador.

¶ Dom Miguel Pessanha = que foy Geral = sahiose do capitulo —

¶ Dom Jeronimo da Crus Siqueira = que foy geral —

¶ Dom Luis da Silueira — dos Santos = que foy geral —

Seis Procuradores eleitos do real mostr^o de Santa Crus —

¶ Neste Capitulo se ordenou = que os Mosteiros de São Pedro de Folques = é o do Salvador de Paderne = sejaõ da qui por diante Priorados = pera o que se possa suplemento do Papa.

¶ Elegeram em Collegas pera o triennio = os Padres = D. Innocencio das chagas = é D. Nicollao de S^{ta} Maria Coello = ambos eraõ dos seis procuradores do real mosteiro de S^{ta} Crus.

¶ E no dito mosteiro de São Vicente, em, 25, do dito mes de junho, votando só mente nesta eleição os Padres Congregados no dito capitulo geral, foy eleito com todos os votos nemine discrepante, é confirmado Prior do real Mostr^o de S^{ta} Crus, é geral pera a Congregação.

.35. O Padre Doutor Dom Lionardo de S^{to} Agost^o Viagas, natural da villa de Aueiro = Filho do Licenciado Baltezar de Pinho, é de sua mulher Dona Brittes de Nouaes = Conego professo do Real Mosteiro de S^{ta} Crus = Calificador do S^{to} officio = Reytor do nosso Collegio = é Vizitador, 1.^o do dito Capitulo = Partio de Lisboa a tomar posse

do generalado = entrou no real Most^o de S.^{ta} Crus de Coimbra em, os 6, de julho, à tarde pella porta da Igreja, aonde os religiosos conegos o estauam esperando em Comunidade, com crus aruorada, é em procissão com Te Deum Laudamos cantado, o leuaraõ à Capella Mór onde feita oraçaõ, é lancada a bençaõ, se assentou na Sua Cadeira, e ahi lhe foraõ todos os religiosos beijar a maõ, é deraõ a deuida obediencia.

¶ Gouernou o generalado o seu triennio com os seus Collegas, dos quais, D. Innocencio das chagas faleceo em, 25, de julho, do Anno de, 1646 = naõ elegeraõ outro.

¶ No Anno de, 1646 = O serenissimo Rey de Portugal Dom Joaõ — 4 = com piadoso zello tomou por Padroeira do Reyno a virgem Maria nossa Senhora da Conceiçaõ = é fes ley, é mandou que nenhua pessoa fosse admitida a fazer auto algum de Letras nas vniuersidades, e escollas de seus reinos, e senhorios, sem que primeiro jurasse de deffender, ler, ensinar, e pregar a sua purissima, e immaculada Conceiçaõ sem peccado original. Pera o que, depois de ter feito este iuramento sollemne com toda a sua Corte de Lisboa, escreueo huma Carta ao Reitor da Vniuersidade de Coimbra o illustrissimo Senhor Manoel de Saldanha, eleito Bispo de Vizeu, mandando-lhe ordem fizesse nesta sua Vniuersidade com os presentes Doutores, e Mestres o dito iuramento = é o fizesse da hi em diante iurar aos que de nouo fizessem seus autos.

¶ Este iuramento se fes na Capella real da Vniuersidade Sabdo pella menham = 28 = de Julho, do sobre dito Anno — 1646 = com grande solemnidade, pompa, e apparato = A igreja toda estaua armada, e toldada às mil maravilhas = Precedeo à noute muito fogo, e repiques de sinos por toda a Cidade = A missa q̄ foy beneficiada de Canto de Orgaõ, a vozes e estromentos muzicos, cantou em Pontifical o Reverendissimo Padre Doutor Dom Lionardo Viegas Prior geral ê Cancelario com seus Ministros, ê assistentes religiosos Conegos do Real Mostr^o de Santa Crus, ê Mestre das cerimonias Dom Thimotheo dos Martyres = Pre-

gon com Barrete, ê Orla, o Muito reuerendo Padre Frey Liaõ de Santo Thomâs religiozo da Ordem do Patriarca Saõ Bento, Doutor em Sagrada Theologia, Lente de prima na mesma Vniuersidade = No fim da Missa nas mãos o Padre Cancellario que a celebrou, fizeraõ iuramento solemne de guardarem o piadozo mandado de Sua Magestade, pondo suas mãos sobre hum Missal, o illustrissimo senhor Reytor, com todos os Doutores, ê Mestres das faculdades da quella insigne Vniuersidade, que neste celebre acto assistiraõ com seus capellos, ê orlas nos barretes, insignias de suas letras.

¶ CAPITULO GERAL = 36 = ¶

¶ No Anno de, 1647 = em os — 6 — de Mayo — se celebrou neste real Mosteiro de S^{ta} Crus = O Capitulo geral — 36 = Assistiraõ nelle =

¶ O Doutor Dom Lionardo de S^{to} Agost^o, q̃ acabou o generalado = Prezidente do Capitulo, = Com — 2 — Procuradores de S^{ta} Crus —

¶ Dom Luis dos Santos Silueira = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa — com hum Procurador =

¶ O Doutor Dom Antonio das Chagas = Lente iubilado = Reytor do nosso Collegio de Coimbra = com hum Procurador.

¶ Dom Joseph da Annunciaçã Sarinho = Vigairo Prezidente do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador — era falecido o Prior Dom Bento da Assumpsaõ.

¶ Dom Matteos de Santo Agostinho Pimentel = Prior Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador.

¶ Dom Christovaõ da Crus = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador.

= Dom justiniano da Annunciaçã = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Luis dos Anjos = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos do Lima = com hum Procurador.

¶ Dom Bento de Santa Maria = Prior do Moste. de São Jorge.

¶ Dom Luis da Paixão = Prior do Mosteiro de Caramos.

¶ Dom Andre das Neves = Prior do Mosteiro de Folques —

¶ Dom Simão da Paixão = Prior do Mosteiro de Paderne.

¶ Dom Balthezar dos Reys = Prior do Mosteiro de Villaboa.

¶ Dom Paulo da Piedade = Lente iubilado. Doutor

¶ Doutor Dom João das Chagas = Lente iubilado —

¶ Doutor Dom Antonio da Graça = Lente iubilado —

Procur.

¶ Dom Jeronimo da Cruz Siqueira = que foy geral —

¶ Dom Antonio da Cruz = que foy geral

¶ Dom Sebastião da Graça = que foy geral

¶ Foraõ eleitos no Capitulo Collegas pera o trienio = D. Luis da Ressurreiçãõ = é D = Agostinho do Rozario —

¶ E em os — 9 — do dito mes de Mayo, foy eleito, é confirmado Prior deste R. Mosteiro — Geral da Congregaçãõ

¶ — 36 — O Padre Dom Luis da Silveira, a — 2^a — ves Prior que era do Mosteiro de Sam Vicente de Lisboa, é vizitador — 1^o — neste capitulo — Governou o generalado o seu triennio com os seus collegas.

¶ CAPITULO GERAL = 37 ¶

¶ No Anno de, 1650 = em os — 2 — de Mayo = se celebrou neste real Mosteiro, o capitulo geral = 37 = Assis-tiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Luis da Silveira = que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores deste R. Mosteiro —

¶ Dom Jeronimo da Ressurreiçãõ, Noronha = Prior do Mosteiro de São vicente de Lisboa = com hum Procurador —

¶ Dom Miguel dos Anjos Perestrello = Reytor do Collegio de Santo Agostinho, sapiencia = com hum Procurador.

¶ Dom Manoel da Annunciaçãõ, Tavora = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador —

¶ Dom Nicolao de Santa Maria Coelho = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador =

¶ Dom Henrique do Desterro Magalhaens = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador —

¶ Dom jozeph de Santa Maria — Cezar = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador —

¶ Dom Pedro de Santo Agostinho Machado = Prior Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador.

¶ Dom Sebastieõ da Esperança = Prior do Mostrº de saõ Jorge = Mõdego

¶ Dom Lionardo da Purificaçãõ = Prior do Mosteiro de Caramos —

¶ Dom Ambrozio de Santo Antonio = Prior do Mosteiro de Paderne.

¶ Doutor Dom Antonio dos Santos = Prior do Mosteiro de Folques —

¶ Dom Gabriel dos Anjos = Prior do Mosteiro de S.^{ta} M.^a de villaboa —

¶ Doutor Dom jcaõ das chagas = Lente iubilado —

¶ Doutor Dom Antonio das chagas = Lente iubilado —

¶ Doutor Dom Antonio da Graça = Lente iubilado = Procurador —

¶ Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha = que foy geral —

¶ Dom Antonio da Crus = que foy geral =

¶ Doutor Dom Lionardo viegas, = que foy geral —

¶ Doutor Dom jorge de S^{to} Agostinho = entrou por Breve particular —

¶ Elegeraõ Collegas pera o Triennio, os Padres = Dom Símão da Paixaõ = é D. jozeph da Annunciaçã. Sorinho —

¶ E em os — 9 — do dito mes de Mayo = foy eleito, é confirmado Prior deste Real Mosteiro = é geral pera a Congregaçã =

¶ — 37 — O Padre Dom Jeronimo da Ressurreiçã Noronha = natural da notavel villa de Santarem = filho natural de Dom Affonso de Noronha, que era filho do Conde de Tarouca = era Conego professo deste real mosteiro; ê Prior do de Saõ Vicente, ê vizitador primeiro neste Capitulo.

¶ Governou o generalado o seu triennio com seus Collegas = ê viveo depois delle = 3 — mezes = 19 — dias — Faleceo em os — 17 — de Agosto do Anno de — 1653 —

¶ CAPITULO GERAL = 38 = ¶

¶ Na Anno de — 1653 = em — 28 — de Abril = se celebrou neste R. Mosteiro de S^{ta} Crus = o Capitulo geral — 38 = Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom jeronimo de Noronha = que acabou o generalado, Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores de S^{ta} Crus.

¶ Doutor Dom Lionardo Viegas, nomeado Bispo do Cabo verde = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente = com hum Procurador.

¶ Dom joão da Crus Toscano = Reytor do Collegio de S^{to} Agostinho de Coimbra = Com hũ Procurador —

¶ Dom Manoel da Conceiçã = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador —

¶ Dom Matteos de Santo Agostinho Pimentel = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador —

¶ Dom Agostinho do Rozario = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira, terra da Maya = com hum Procurador.

¶ Dom Joaõ do Espirito Santo — Mendoça = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador —

¶ Dom Manoel dos Martyres — Gama = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador —

¶ Doutor Dom Antonio da Graça = Lente Iubilado = Prior de-S.-Iorge.

¶ Dom Constantino da Crus = Prior do Mosteiro de Paderne.

¶ Dom Agostinho da Encarnaçaõ = Prior do Moste. de Caramos.

¶ Dom Fernando Mello Cotrím = Prior do Mosteiro de Folques.

¶ Dom Bernardo da Crus = Prior do Mosteiro de Villaboa —

¶ Doutor Dom Antonio das Chagas = Lente iubilado —

¶ Doutor Dom Duarte de S^{to} Agostinho = Lente iubilado = Procurador —

¶ Dom Luís dos Santos Silveira = que foy geral =

¶ Doutor Dom jorge de S^{to} Agostinho = entrou pello seu Breve —

¶ Foram eleitos collegas pera o triennio = os Padres = Doutor D. Antonio dos Santos = é D. Matteos da Crus =

¶ E em os — 2 — de Mayo = foy eleito, e confirmado Prior deste R. mosteiro de. S^{ta} Crus = é geral pera a Congregaçaõ

¶ — 38 — O Padre Doutor Dom Lionardo de Santo Agostinho Viegas = a — 2.^a ves = Prior que era do Mosteiro de Saõ vicente de Lisboa = Calificador do Santo officio = nomeado Bispo pera o cabo verde = e Vizitador = 1.^o — neste Capitulo

✠ ¶ Governou o generalado o seu triennio com os seus collegas a sima nomeados —

¶ No Anno de, 1654 = Sabbdo pella minham; 14 — de Março, na gandara de Fontequente = o Padre Doutor Prior

geral, revestido em Pontifical, benzeo, ê lansou a — 1.^a pedra no fundamento da Igreja nova pera nossa Senhora da Tocha — Fesse este acto com grande solemnidade, ê ouve logo missa no mesmo lugar bento; ê sermaõ que Pregou o Reverendo Padre Frey Thomas Muniz = religioso da ordem do Patriarca Saõ Domingos, ê natural da Cidade de Leyria = é D. Timotheo dos Martyres, Assistio Mestre das Cereimonias.

¶ Viveo o Padre Doutor Dom Lionardo depois do generalado = I — Anno = 12 — dias = Faleceo sem confirmação do bispado, em os — 13 — de Mayo do Anno de, 1657 =

¶ CAPITULO GERAL = 39 = ¶

¶ No Anno de — 1656 — em os — 2 — de Mayo = se celebrou neste R. Mosteiro de Santa Crus = o Capitulo geral — 39 = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Doutor Dom Lionardo Viegas = que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores —

¶ Dom Luís da Silveira = Prior do mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa = com hum Procurador —

¶ Dom Miguel dos Anjos Perestrello = Reytor do nosso Collegio de Coimbra = com hum Procurador —

¶ Dom Bernardo de Santa Maria = Prior do mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador —

¶ Dom Andre das Neves = Prior do mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador —

¶ Dom jozeph da Annunciassaõ Sorinho — Prior do Mosteiro de Salvador de Moreira = com hum Procurador.

¶ Dom Lionardo da Purificação = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Jgnacio da Crus, Azevedo = Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador.

¶ Dom Manoel da Crus Barretto = Prior do Most. de S. Iorge.

¶ Dom Jozeph da Apresentação = Prior do mosteiro de Paderne —

¶ Dom Joaõ dos Anjos Correa = Prior do mosteiro de Caramos —

¶ Dom Joaõ da Assumpsaõ Pitta = Prior do Most. de Folques —

¶ Dom Bazilio de S^{ta} Maria Silua = Prior do M. de Villaboa.

¶ Doutor Dom Antonio das Chagas Delgado — Lente inbilado.

¶ Doutor Dom Antonio da Graça Botto, Saã — Lente inbilado.

¶ Doutor Dom Duarte de Lemos Pego = Lente Iubilado — Procurad.

¶ Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho = pello seu Breve —

¶ E em os — 7 — do dito mes de Mayo — foy eleito, é confirmado — Prior do M. de S^{ta} Crus = e geral da Congregação =

¶ — 39 — O Padre Dom Luis da Silveira, a — 3^a — ves = Prior que era do Mosteiro de Saõ Vicente = Diffinidor — 1^o — neste capitulo —

¶ Governou o generalado, o seu triennio com seus collegas = D. Agostinho da Encarnaçaõ = D. Andre da Conceiçaõ —

¶ CAPITULO GERAL = 40 = ¶

¶ No Anno de — 1659 = em — 28 — de Abril = se celebrou neste real mosteiro de S^{ta} = o Capitulo geral — 40 = Assistiraõ nelle.

¶ O illustrissimo Senhor Manoel de Saldanha, Reytor da Vniversidade, Bispo nomeado pera esta cidade de

Coimbra = Assistente neste capitulo por decreto del Rey Dom Joaõ — iiij =

¶ O Padre Dom Luis da Silveira = que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores de Santa Crus —

¶ Dom Henrique do Desterro Magalhaes, Prior do Mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa = com hum Procurador —

¶ Doutor Dom Duarte de Lemos = Lente jubilado = Reytor do nosso Collegio de Coimbra = com hum Procurador —

¶ Dom Fernando Cotrim de Mello = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador

¶ Doutor Dom Antonio dos Santos = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador —

¶ Dom Estevaõ dos Santos Carneiro = Prior do Mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador.

¶ Dom Diogo de S. Jozeph Silveira = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador —

¶ Dom Matteos da Crus Moraes = Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador

¶ Dom Manoel dos Martyres = Prior do mosteiro de Saõ Jorge —

¶ Dom Nicolao dos Santos = Prior do mosteiro do Saluador de Paderne.

¶ Dom Fulgencio dos Martyres = Prior do mosteiro de Caramos —

¶ Dom Paulo da Assumpsaõ = Prior do mosteiro de Folques —

¶ Dom Mauricio de Christo = Prior do mosteiro de Villaboa.

¶ Doutor Dom Antonio das Chagas Delgado = Lente Jubilado —

¶ Doutor Dom Antonio da Graça Botto = Lente jubilado. Proc.

¶ Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho = pello seu Breve —

¶ Elegeraõ collegas pera o triennio — os Padres — D. Sebastiaõ do Rozario = é D. Manoel da Ascensaõ —

¶ E em os — 8 — de Mayo = foy eleito, é confirmado Prior deste R. Mosteiro de S. Crus = Geral da Congregaçaõ.

¶ — 40 — O Padre Dom Miguel dos Anjos Perestrello, cidadão desta cidade de Coimbra, filho de Francisco Perestrello é de sua mulher, Maria de Aguiar = conego professo do mosteiro de Grijó = Tinha iá sido Prior de Nandim, é Reytor do Collegio duas vezes = era morador neste de Santa Crus, aonde foy eleito pera Procurador deste capitulo = é nelle, Deffinidor — 1º —.

¶ Governou o Padre Dom Miguel Perestrello o generalado = hum Anno = 15 — dias —

¶ No Anno de — 1660 = em — 26 — de Janeiro, faleceo o Collega D. Manoel da Ascençaõ = elegeosse em seo lugar a D. Matteus da Crus, que iá o tinha sido — que servio até o fim do triennio —

¶ No mesmo Anno — 1660 = em — 23 — de Mayo = Falaceo o Padre Prior Geral Dom Miguel dos Anjos Perestrello = tendo de generalado = 1 — anno = 15 — dias como dissemos = enterraraõ no com Alua, Amito, Cordão, Vestimenta, é Mitra = Vagou o generalado — 17 — dias.

¶ CAPITULO DE ELEIÇÃO ¶

¶ No Anno de, 1660 = em os — 7 — de Junho = se celebrou neste R. Mosteiro de Santa Crus Capitulo de eleiçaõ por morte do Padre Prior geral Dom Miguel dos Anjos Perestrello, como ordenaõ as nossas constituições = Assis-tiraõ nelle os Priores sem Procuradores — a saber —

¶ O Padre Dom Prospero dos Martyres = Prior do mosteiro de Saõ Vicente de fora de Lisboa = Prezidente do Capitulo.

¶ Doutor Dom Antonio das chagas — Lente iubilado = Reytor do Collegio

¶ Dom João da Assumpção Pitta = Prior do Mosteiro de Grijó —

¶ Dom Gabriel de Christo = Prior do mosteiro da Serra Porto =

¶ Dom João da Cruz Toscano = Prior do mosteiro de Moreira =

¶ Dom Antonio da Paixão Correa Lacerda = Prior do Moste. de Nandim.

¶ Dom Bazilio de S^{ta} Maria Silua = Prior do mosteiro de Reffoyos =

¶ Dom Bertolomeu de São Marcos = Prior do Mostei. de São Jorge.

¶ Dom Francisco de Santo Agostinho = Prior do Most. de Paderne.

¶ Dom Miguel dos Santos Salgado = Prior do mosteiro de Caramos —

¶ Dom Vicente de Christo Perestrello = Prior do Most. de Folques —

¶ Dom Jorge de Santo Antonio Cabral = Prior do most. de Villaboa.

¶ Doutor Dom Antonio da Graça Botto — Lente Iubilado —

¶ Doutor Dom Duarte de Santo Agostinho Lemos = Lente Iubilado —

¶ Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho = pello seu Breve —

¶ E em os = 9 — do dito mes de junho = foy eleito, é confirmado Prior deste R. mosteiro = Vigairo geral da congregação —

¶ O Padre Dom Jozeph de Christo Pereira, natural da villa de Ponte de Lima = filho de Francisco Pereira Pinto dos Senhores de Regalados, é Bretiande = é de sua mulher = Maria Fagundes = Conego professo deste real mosteiro de Santa Crus, do qual era Vigairo = tinha já sido Collega, é Prior de Nandim —

¶ Governou o Generalado = 1 anno = 10 mezes = 15 — dias = com os mesmos Collegas D. Sebastião é D. Mattheos —

¶ Viveo depois que acabou de ser Prior Vigairo geral — 9 — mezes = 10 = dias = Faleceo em os — 11 — de Fevereiro do Anno de, 1663 = neste real mosteiro —

¶ CAPITULO GERAL = 41 = D

¶ No anno de, 1662 = em — 24 — de Abril = se celebrou neste real mosteiro de S ✠ o capitulo geral = 41 = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Jozeph de Christo Pereira = que acabou de ser Prior Vigairo Geral. Prezidente do Capitulo = com — 2 — Procuradores eleitos do real mosteiro de Santa Crus.

¶ Dom Lionardo de Saõ Jozeph Saraiva = enviado pelo Prior de Saõ Vicente Dom Prospero = que tinha occupaçaõ = cõ hũ Proc.

¶ Dom Bento de Christo = Reytor do nosso collegio de Santo Agostinho = com hum Procurador —

¶ Dom João da Assumpçaõ Pitta = Prior do mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador —

¶ Dom Gabriel de Christo = Prior do mosteiro de Santo Agostinho da Serra = com hum Procurador.

¶ Dom João da Crus Toscano = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira = com hum Procurador —

¶ Dom Bertolomeu da Ressurreiçaõ = Prior do mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Bazilio de Santa Maria Silua = Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador —

¶ Dom Bertolomeu de Saõ Marcos = Prior do M. de São Jorge =

¶ Dom Manoel de Saõ Lionardo = Prior do Most. de Paderne.

¶ Dom Miguel Salgado = Prior do mosteiro de Cramos =

¶ Dom Vicente Perestrello = Prior do Mostr — de Folques —

¶ Dom Jorge Cabral = Prior do mosteiro de Villa-boa —

¶ Doutor Dom Antonio das Chagas Delgado = Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom Antonio da Graça Botto = Lente Iubilado. Procurad.

¶ Doutor Dom Duarte de Lemos = Lente Iubilado.

¶ Dom Luis dos Santos Silveira = que foy Geral.

¶ Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho pello seu Breve — era Vigairo.

¶ Continuou o sobredito Capitulo Geral os oito dias seguintes com muita paz, concordia, é quietação = ellegerão secretario = Diffinidores, é Vizitadores = é tendo cada hum dos dous tribunais exercitado seu dever, é obrigação, é tratandosse iá de lhe darem fim com a eleição de Prior Geral, antes de se elegerem Substituto, Collegas, é Vizitadores pera o meio do trienio = sahio o Padre Dom Luis da Silveira com hum Breve de motu proprio do Papa Alexandre. 7.º — em que o nomeava Prior Geral com Collegas, é successores = o qual cauzou tal perturbação nos Padres Congregados do Capitulo, que se desfes em o primeiro dia do mes de Mayo do sobre dito Anno = 1662 = com intento de se dár conta a Sua Magestade, pera com sua autoridade se atalhar a algumas inquietações que as novidades costumão cauzar = pera o que se partio logo a Lisboa o Padre Dom Jozeph de Christo Prezidente do dito capitulo, é não fes nada = é os Piores com seus Procuradores se foraõ todos pera os seus mosteiros = Daqui procedeu estar a Congregaõ sem geral, que a governasse, é o real mosteiro de Santa Crus sem Prior que o regesse, Dês. mezes, é meyo. Neste entretanto os Religiozos conegos moradores deste real mosteiro com o seu Vigairo o Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho, com alguns Piores da Provincia, puzeraõ suspeiçoens por seus procuradores ao Senhor Bispo de Targa, eleito de Lamego Dom Francisco de Sottomayor, Luis do ditto mottu proprio; é iuntamente appellaraõ delle ad santam sedem apostolicã, é vieraõ com embargos a se

dar a execuçaõ o dito Breue — Naõ quis o senhor Bispo de Targa darse de suspeito, tratou de o fazer executar, como de feito fes. Os conegos de Santa Crus com o seu Vigairo, é Piores da sua facçaõ, se deffendiaõ com outro Breve do mesmo Papa Alexandre — 7.º — contra qualquer religiozo que sem licença do capitulo geral impetrasse algum Indulto da seê apostolica concernente ao governo da religiaõ. Era Juis deste Breve Fernam Loppes Villasboas, conego prebendado da Seê de Coimbra, que chegou a dar sentença no cazo contra o dito Padre Dom Luis da Silveira, é seus parciaes, o qual se foy pera Lisboa pera o mosteiro de Saõ Vicente, a onde esteve cerca de dês, mezes a onde o senhor bispo de Targa o confirmou no generalado

¶ Estando as cousas nestes termos, é os religiozos do mosteiro de Santa Crus deffendendosse, como asima disse-mos, ouve o Padre Dom Luis da Silveira segundo Breve de Sua Santidade em seu favor = Pera o darem a execuçaõ, é meterem de posse ao dito Padre Dom Luis, mandou sua magestade braço secular, ao Dezembargador Pedro Alvares Seco de Macedo com Alsada, é com elle a Manoel Freire de Andrade General da Cavalaria da Comarca da Beira; os quais tratando com os Conegos moradores deste real mosteiro, que iá estavaõ sem Vigairo, quizessem asseitar ao dito Padre Dom Luis por seu Geral, é Prior pello dito Breve, naõ quizerãõ consentir nisso: antes na menham de Sabbdo — 10 — de Março do Anno de, 1663 — arvorando Crus se sairaõ conventualmente em procissaõ pella porta da Igreja cerca de síncoenta religiozos, largandolhe o mosteiro se foraõ retirando pera os de entre o Douro, é Minho, por naõ obedecerem, ficando neste real mosteiro de S^{ta} Crus alguns Padres Velhos, é outros da Escolla que se naõ meteraõ em couza alguma. E neste mesmo dia, 10, de Março entraraõ a tomar posse do dito mosteiro dezemparrado, o dito General da Cavalaria Manoel Freyre de Andrade, o Dezembargador Pedro Alvares Seco de Macedo, é alguns religiozos da Parcialidade do Padre Dom Luis da Silveira a quem logo avizaraõ a Lisboa por hum proprio.

¶ PRIOR GERAL, NOMEADO ¶
POR SUA SANTIDADE.

¶ .41. O Padre Dom Luis da Silveira, a quem no mosteiro de São Vicente de Lisboa o Senhor Bispo de Targa tinha metido de posse do generalado por virtude do seu Breve de motu proprio, tendo avizo do que passava em Coimbra, partio logo bem acompanhado de alguns religiosos, é na — 2^a — feira da Semana Santa — 19 — de Março do sobre dito Anno, 1663 = pella menham, entrou neste real mosteiro de Santa Crus, pella porta da Igreja, a onde o estavaõ esperando os religiosos com crus Arvorada, é em procissaõ cantando Te Deum Laudamos, o levarãõ á Capella môr, a onde tomou posse geral, do Generalado, é Priorado do real mosteiro de Santa Crus, com os seus Collegas nomeados no primeiro Breve, a saber = D. Agostinho da Encarnaçaõ = é D. Paulo de São Domingos: é logo convocou capitulo geral pera o Domingo de Pastor bonus por suas Pastoraes que mandou pellos mosteiros da Congregaçaõ, donde procedeo celebraremse dous capitulos geraes em diversos mosteiros hum contra o outro, repartidos, é divizos os Priores da Ordem, é congregaçãõ em duas opinioeãs, é vontades = com abaixo se dirá —

¶ CAPITULO GERAL = NO REAL ¶
MOSTEIRO DE SANTA CRUS.

¶ No Anno de, 1663 = em — 9 — de Abril = se celebrou neste real mosteiro de Santa Crus capitulo Geral, chamados os Priores, é seus Procuradores por ordem do Padre Dom Luis da Silveira, Prior geral Apostollico = Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom Luis da Silveira = Prior geral Apostollico = Prezidente deste Capitulo = com — 2 — Procuradores deste real mosteiro.

¶ Dom Prospero dos Martyres = Prior do mosteiro de São Vicente de Lisboa = com hum Procurador.

¶ Doutor Dom Gabriel de Santo Agostinho = Regente, é Prezidente do nosso Collegio = era falecido o Reytor Dom Bento de Christo —

¶ Dom Joaõ da Assumpção Pitta = Prior do mosteiro do Salvador de Grijo = com hum Procurador.

¶ Dom Bertolomeu de São Marcos = Prior do mosteiro de São Jorge.

¶ Dom Miguel Salgado = Prior do mosteiro de Caramos.

¶ Dom Vicente Perestrello = Prior do mosteiro de Folques —

¶ Dom Jorge Cabral = Prior do mosteiro de Villa boa —

¶ Doutor Dom Antonio das Chagas Delgado. Lente iubilado.

¶ Dom Ambrozio de Santo Antonio = Prezidente do mosteiro de São Simaõ da Junqueira = Procurador do mosteiro de Moreira —

¶ E outros Padres que entraraõ eleitos em lugar dos que faltavaõ.

¶ Neste Capitulo se fizeraõ as eleiçoens necessarias a elle, com as mais que no capitulo geral ordinario se costumaõ faser. O Collega D. Agostinho da Encarnação renunciou neste capitulo o collegado = elegeu o capitulo em seu lugar, a D. Fulgencio dos Martyres = Ouve Vizita = é Diffiniçoens = e fazendo os Padres Congregados seu dever, se foraõ em paz pera os seus mosteiros.

¶ CAPITULO GERAL = NO MOSTEIRO ¶
DE SANTO AGOSTINHO DA SERRA.

¶ No mesmo Anno = 1663 = em — 22 — de Abril = se celebrou no Mosteiro de Santo Agostinho da Serra, outro capitulo chamamado geral convocado por ordem do Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho, vigairo é religiosos mora-

dores, é vogaes do real mosteiro de Santa Crus de Coimbra, que delle se tinhaõ saído, é o largaraõ pella couza asima dita, é estavaõ neste de Santo Agostinho do Porto = Assistiraõ nelle :

¶ O Doutor Joaõ Soares de Britto, Protonotario apostolico, Abbade da Igreja de Santjago Dantas, no Arcebispado de Braga = com hum notario Apostolico, chamados pera assistirem neste capitulo, é serem nelle testemunhas —

¶ O Padre Dom Gabriel de Christo = Prior deste mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Porto = Com hum Procurador = Foy Prezidente neste capitulo.

¶ Dom Felipe de Christo = Vigairo do mesmo mosteiro da Serra = Fazendo as vezes de Prior delle = escuzadamente ambiçam —

¶ Dom Joaõ da Crus Toscano = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira da Maya = com hum Procurador —

¶ Dom Bertolomeu da Ressurreiçãõ = Prior do Mosteiro de Santa Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Bazilio de Santa Maria = Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos = com hum Procurador =

¶ Dom Manoel de Saõ Lionardo = Prior do Mosteiro de Paderne —

¶ Doutor Dom Iorge de Santo Agostinho = com o seu Breve —

¶ Dous Procuradores do real mosteiro de Santa Crus de Coimbra = eleitos neste mosteiro da Serra por votos dos religiosos conegos daquelle real mosteiro, que aqui se achavaõ —

¶ E outros Padres que entraraõ eleitos em lugar dos que faltavaõ.

¶ Neste Capitulo ouve as eleiçoens ordinarias com que comessa o capitulo geral, é nelle se tratou sómente das couzas mais necessarias pertencentes á cauza das duvidas da Ordem, pera sua conservaçãõ = é tendo eleitos viziadores pera o triennio, substituto, é os dous collegas = D. Gregorio da Annunciaçãõ, é D. Joseph da Madre de Deos = ambos dos moradores de Santa Crus =

¶ Em os — 24 = do dito mes de Abril = quarenta é sinco religiosos conegos vogaes moradores do real mosteiro de Santa Crus, q̄ se acharaõ presentes neste mosteiro de Santo Agostinho da Serra, com os Padres capitulares a sima nomeados, elegeraõ em Prior geral pera a congregaçã =

¶ O Padre Dom Gabriel de Christo = Conego professo do real mosteiro de Santa Crus = Prior que era deste mosteiro de Santo Agostinho da Serra = Prezidente deste capitulo.

¶ Mandaraõ logo a Roma fazerem saber á Santidade do Papa Alexandre 7º a cauza que tiveraõ pera celebrarem o tal capitulo, é elegerem nelle Prior Geral com seus Collegas = pera que Sua Santidade dispuzesse na cauza como parecesse iustiça, é rezaõ. E o dito Padre Dom Gabriel de Christo, chamado Prior geral, com os seus chamados collegas, partiraõ a Lisboa dar conta do mesmo a Sua Magestade.

¶ DECLARAÇÃO DO PRECEDIDO ¶

¶ Estando as couzas da Congregaçã, assim divididas, é embarassadas, chegou de Roma no mes de julho do sobre-dito Anno, 1663 = ao Padre Dom Luis da Silveira, huma declaraçã dos Cardeaes da congregaçã dos Regulares, na qual Ordenavaõ, é mandavaõ o rconhecessem por Prior do real mosteiro de Santa Crus, é Geral da Congregaçã: é que se os religiosos lite contrahentes tinhaõ que alegar de seu direito, em Roma = livremente o fizessem é seriaõ ouvidos.

¶ Com esta declaraçã se acabou tudo, é o Padre Prior Geral Dom Luis da Silveira tomou posse de toda a congregaçã, por que mandou Sua Magestade elRey Dom Affonso — 6 — por seu decreto, que visto a tal declaraçã, todos lhe obedecessem: E o Padre Dom Gabriel de Christo Prior do Mosteiro da Serra, que se chamava Prior geral com os seus já nomeados Collegas, sederaõ logo, é largaraõ a pertençaõ, é direito que podiaõ ter como lho mandou Sua Magestade = dando lugar pera o Padre Geral apostolico

Dom Luis da Silveira proceder ás eleições de Piores, é conciliarios dos mosteiros da Congregaçãõ =

¶ Avia sínco mezes = é — 12 — dias que o Padre Dom Luis da Silveira Prior geral apostolico, tinha entrado no real mosteiro de Santa Crus, é tomado posse do governo, é andando com os seus Collegas vizitando, é elegendo Piores pellos mosteiros, adoeceo gravemente, e faleceo no mosteiro de Santo Agostinho da Serra de villa nova do Porto em o — 1º dia do mes de Setembro, do mesmo Anno de, 1663 = Foy sepultado em huma das Capelinhas da Claustra, com Amito, Alva, Cordaõ, manipulo, estolla, é vestimenta = Vagou o generalado = 19 — dias =

¶ CAPITULO DE ELEIÇÃO ¶

¶ No Anno de, 1663 = em — 19 = de Setembro = se celebrou neste Real mosteiro de S^{ta} Crus Capitulo de eleição de Prior Vigairo geral, por morte do Padre Dom Luis da Silveyra, como ordenaõ a nossas constituicoens = Assis-tiraõ nelle os Piores, sem Procuradores.

¶ O Padre Dom Lionardo da Purificaçãõ = Prior do Mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa = Prezidente do capitulo —

¶ Doutor Dom Constantino da Vizitaçãõ = Regente do nosso Collegio = estava abzente o Reytor Doutor Dom Garcia de Tavora.

¶ Dom Bernardo de Santa Maria = Prior do mosteiro de Grijo —

¶ Dom Henrique do Desterro = Prior do Mosteiro da Serra —

¶ Dom Joaõ dos Anjos Correa = Prior do Mosteiro de Moreira —

¶ Dom Antonio da Piedade = Vigairo do Mosteiro de Nandim estava doente o Prior Dom Bertolomeu da Resurreiçãõ =

¶ Dom Bazilio de Santa Maria = Prior do mosteiro de Reffoyos —

¶ Dom Bertolomeu de Saõ Marcos = Prior do Most. de Saõ Jorge —

¶ Dom Manoel de Saõ Lionardo = Prior do mosteiro de Paderne —

¶ Dom Miguel Salgado = Prior do mosteiro de Caminhos.

¶ Dom Vicente de Christo = Prior do mosteiro de Folques —

¶ Dom Jorge de Santo Antonio = Prior do Most. de villa boa —

¶ Dom Timotheo dos Martyres, é dom Simaõ de Santo Agostinho Notarios Apostolicos, chamados pera darem fé, é serem testímunhas do que se processava neste capitulo.

¶ Os Priores congregados neste capitulo, declararaõ que o presente triennio comessava na Pascoa atras proxime passada quando o Padre Dom Luis da Silveira tomara posse do governo neste real mosteiro de Santa Crus —

¶ Assentaraõ mais se fizesse supplica a Sua santidade, que dispensasse na Constituiçaõ, pera que os Vigairos Gerais assim eleitos, tenhaõ todos os foros, é preheminen- cias que tem os Padres que foraõ Gerais, pera poderem entrar, é assistir nos capitulos com o seu voto gracioso, é que esperem como elles os seis annos de vacatura pera o Generalado.

¶ E em os — 20 — do dito mes de Setembro = foy eleito, é confirmado Prior deste real mosteiro de Santa Crus = é Vigairo geral pera a Congregação = como ordenaõ as Constituiçoens.

¶ O Padre Dom Henrique do Desterro Magalhaens, natural de Villaboa do Bispo = conselho de Bem Viver; no bispado do Porto = é filho de Balthezar Vieira Montarroyo, é de sua mulher Dona Joanna de Azevedo = Conego professo deste R. mosteiro = é era Prior do de Santo Agostinho da Serra, é avia sô hũ mes que ahi fora eleito = é confirmado, mas iá o tinha sido no de Moreira — é neste capitulo de eleição, foy o 2º Vizitador. E com os mesmos

Collegas — D. Paulo de Saõ Domingos, é D. Fulgencio dos Martyres = foi continuando com as eleiçoens dos mais Priores que faltavaõ, é seus Conciliarios —

¶ No mes de Novembro, do sobre dito Anno, 1663 = chegou hum Breve de Motu proprio do Papa Alexandre — 7º — passado em os — 4 — de Setembro proxime passado, pello qual, confirma Sua Santidade o Capitulo geral que o Padre Dom Luis da Silveira celebrou no mes de Abril deste mesmo Anno, no real mosteiro de Santa Crus = é reprova, é annulla o que no mesmo tempo se celebrou no mosteiro de Santo Agostinho da Serra, é manda nelle absolver os religiosos que o Senhor bispo de Targa Iuis apostolico tinha censurados.

¶ No Anno de, 1664 = em — 20 — de Abril na Bazilica do Principe da Igreja dos Apostolos Saõ Pedro de Roma, o Summo Potifice Alexandre — 7º — beatificou ao gloriozo Padre Pedro de Arbues, conego Regrante da igreja metropolitana de Saragossa = Doutor em Sagrada Theologia = Primeiro Inquisidor do reino de Aragaõ, na mesma cidade, martyrizado pellos Judeus em os — 15 — de Setembro do Anno de — 1485 =

¶ No Anno de — 1664 = O Summo Pontifice Alexandre — 7º — passou hum Breve de motu proprio em o — 1º — dia de Outubro, pello qual sua Santidade confirma o capitulo de eleição a tras escrito, é confirma a mesma eleição que se fes de Prior Vigairo geral na pessoa do Padre Dom Henrique do Desterro, é poem silencio, é fim, a toda a cauza = é declara sua Santidade que o triennio presente comessou na Pascoa do Anno de 1663 = em a qual o Padre Dom Luis da Silveira tomara posse do generalado neste real mosteiro de Santa Crus. E que o Vigairo geral que em semelhante occasiaõ elegeram, a lem do que lhe daa a Constituiçaõ, tenham é fiquem com as mesmas preheminencias, foro, é voto gracioso, de que gozaõ os Padres que tem sido geraes da Congregaçaõ, mas que tenham com elles os seis annos de vacatura pera que naõ possa nelles ser eleito geral. O Senhor Bispo de Targa juis apostolico desse Breve o fes

dar a execução no principio do mes de janeiro do Anno seguinte, 1665 =

¶ Em os — 13 — de Janeiro, do Anno de 1665, — outava da Epifania, terça-feira, entre as onze horas, e o meio dia — comessou nesta Cidade de Coimbra, é por todos seus contornos, é por outras muitas terras, é Cidades do Reyno, a cair muita Neve, é continuou toda aquella tarde, é noute seguinte, é foy tanta, é tam basta, que não apareciaõ telhados, ruas, muros, arvores, é os montes que não estivessem cubertos della = por partes tinha de altura passante de tres, é quatro palmos, a qual durou nesta Cidade muitos dias sem se acabar de desfazer. Naquelle noute com o pezo da Neve, é a grande tempestade de ventos, é chuiva, ouve grande perda por todos os Olivaes, é pinheiraes = aonde fez notavel perda, é grande destruição arrancandoos da terra com as raizes ao Ar = Na Horta, é cerca deste nosso real mosteiro de Santa Crus, cairaõ por terra arrancados com as raizes quarenta e tres Assiprestes, os mais grossos é grandes dos muitos que na Cerca, é horta avia, e outras Arvores de fruto: Loureiros, é choupos = é ouve pinheiral iunto a Coimbra, aonde cairaõ passante de = 400 = Pinheiros = é pellos mōtes, é campos ouve grande mortandade nos gados, por não terem em muitos dias erua q̄ comessem por tudo estar cuberto de Neue. Tinha precedido no Anno atras, 1664 — hum notauel cometa q̄ durou muitos mezes, é ainda pella Pascoa deste presente Anno de 1665, ou fosse o mesmo, ou outro, aparecia no Ceo.

¶ No Anno de, 1666 = em — 25 — de Março, quinta feira dia da Annunciação de Nossa Senhora, na Gandara de Ferreira, a onde chamaõ — as Ribas — hum quarto de Legoa da nosso quinta de Foja, se Lançou a primeira Pedra na na Igreja Parroquial de Santa Olaya, virgem é martyr, que o Padre Prior Vigairo geral Dom Henriqz do Desterro Magalhaeñs de nouo mandou edificar por quanto os seus freguezes não vzauaõ da Igreja velha auia muitos annos por grandes inconueniencias de caminhos. Fesse Imagem da Santa, noua, é todos os mais aprestos pera a Igreja por

conta deste real mosteiro de Santa Crus, é puzeraõ cura de nouo.

¶ O Padre Vigairo geral Dom Henrique do Desterro Magalhaeñs, gouernou o Generalado — 2 — annos = 7 — mezes = 20 — dias — até o fim do triennio com os seus iã nomeados Collegas.

¶ CAPITULO GERAL = 42 = ¶

¶ No Anno de, 1666 = em; 10 = de Mayo. se Celebrou neste R. Mostrº de S^{ta} Crus = o Capitulo geral = 42 = Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom Henrique do Desterro, que acabou o seu generalado Prezidente do Capitulo, com — 2 = Procuradores

¶ Dom Lionardo da Purificaçaõ, Prior do Mostrº de Saõ Vicente de Lisboa — com hum Procurador.

¶ O Doutor Dom Garcia dos Anjos Tauora. Reytor do nosso Collegio Sapientia, de Coimbra — com hum Procurador.

¶ Dom Bernardo de S^{ta} Maria Andrade. Prior do Mostrº do Saluador de Grijo — com hum Procurador.

¶ Dom Joaõ da Madre de Deos — Prior do mostrº de S^{to} Agostinho da Serra de Villa noua Porto = com hum Procurador.

¶ Dom Joaõ dos Anjos Correa — Prior do mostrº do Saluador de Moreira terra da Maya — com hum Procurador

¶ Dom Ignacio da Cruz Azeuedo — Prior do Mostrº de S^{ta} Maria de Nandim — com hum Procurador.

¶ Dom Diogo de Saõ Jozeph Machado. Prior do Mostrº de Santa Maria de Reffoyos. com hum Procurador.

¶ Dom Gabriel dos Martyres. Vigairo Prezidente do Mostrº de Saõ Jorge = Era falecido o Prior Dom Andre da Conceiçaõ.

¶ Dom Cypriano de S^{to} Agost.º Prior do Mosteiro de Paderne.

¶ Dom Joaõ do Paraizo Camello. Prior do Mostr^o de Caramos.

¶ Dom Símão de S^{to} Agost^o Carualho. Prior do Mostr^o de Folques.

¶ Dom Fernando das Chagas Azeuedo. Prior do Mostr^o de Villaboa.

¶ O Doutor Dom Antonio das chagas delgado = Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom Duarte de S^{to} Agost.^o Lemos = Lente Iubilado.

¶ Doutor Dom Gabriel de S.^{to} Agost.^o Araujo = Lente jubilado.

¶ Doutor Dom Constantino da Vizitação. Lente iubilado Procurador.

¶ Dom Antonio da Assumpsaõ. entrou com Breue particular.

¶ Os Collegas que elegeraõ pera o triennio, foraõ os Padres = D. Clemente do Paraizo = é D. Antonio da Ascensaõ.

¶ E em os, 14; do dito mes de Mayo; foy eleito, é confirmado Prior deste Real mosteiro, é Geral pera a Congregaçaõ.

¶ — 42 — O Padre Dom Lionardo da Purifficaçaõ, natural da cidade de Coimbra, Conego professo deste Real mostr^o Prior que era do Real mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa, é vizitador primeiro neste capitulo.

¶ No Anno de, 1668 = em — 10 — de Feuereiro se celebraraõ Pazes geraes entre o Catolico Rey de Castella Dom Carlos, 2^o, minino é o serenissimo Rey de Portugal Dom Affonso — 6^o = é seus Reynos, é Senhorios de huma, é outra Coroa — intervindo nellas como medianeiro elRey da grã Bretanha Carlos, 2^o, cazado com a nossa Infante Dona Caterina. Auiaõ durado as guerras nestes reynos, 27, annos, é alguns mezes.

¶ No mesmo Anno, 1668 = no mes de Setêbro. O Infante Dom Pedro, irmaõ delRey Dom Affonso, 6^o =

Princepe Governador deste Reyno, fez nomeação de Bispos
= entre os quais =

¶ Nomeou pera Arcebispo de Braga Primás das Hespanhas, ao nosso Padre Dom Francisco de Sotto mayor, que era Bispo sagrado de Targa, iâ nomeado de Lamego, Prouizor, do Arcebispado de Lisboa, Deam da Capella real = é Deputado da Inquicissão de Lisboa =

¶ Nomeou mais pera Bispo de Cochim, ao Padre Dom Henrique do Desterro Magalhaens = Não quis asseitar.

¶ Nomeou em outra occaziaõ pera Bispo do Brazil, a o Padre Dom Esteuaõ dos S^{tos} Carneiro, Prior q̄ era do nosso mostr^o de Santa Maria de Nandim. A esseitou = Foy sagrado = Faleceo no seu bispado.

¶ No mesmo Anno = 1668 = em, 18, de Setembro = O Pápa Clemente, 9^o = Passou hum Breue pedido pello Capitulo geral proxime passado, em o qual concede Sua Santidade, que entrem, é assistam em capitulo geral pera sempre, com seus vottos essenciaes, os Padres Conegos que no triennio antecedente que acaba, tinhaõ sido = Substituto = os dous Collegas = os tres Diffinidores vizitadores = Vigairo, é Mestre dos Nouissos, do real mosteiro de Santa Crus. com a qual acção espiraõ seus officios. —

¶ O Padre Dom Lionardo da Purificação = gouernou o generalado o seu triennio com os seus Collegas asíma nomeados —

¶ CAPITULO GERAL = 43 = ¶

¶ No Anno de, 1669 = em os, 6 = de Mayo = se celebrou neste Real mosteiro de S^{ta} Crus = o Capitulo geral = 43 = Assistiraõ nelle =

¶ O Padre Dom Lionardo da Purificação = que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = Com — 2 — Procuradores de S. Crus.

¶ Dom Felix dos Martyres = Prior do Real mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa = com hum Procurador.

¶ Dom Andre das Neues = Reytor do nosso Collegio de S^{to} Agostinho de Coimbra = com hum Procurador.

¶ Dom Antonio da Assumpsaõ = Prior do Mostr^o do Salvador de Grijo terra da Feira. Com hum Procurador.

¶ Dom Fulgencio dos Martyres Pinto = Prior do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Porto, — Com hum Procurador.

¶ Dom Jeronimo da Conceiçaõ = Prior do mosteiro do Salvador de Moreira da Maya — com hum Procurador.

¶ Dom Esteuaõ dos Santos Carneiro = éleito Bispo do Brazil = Prior do Mostr^o de Santa Maria de Nandim. Com hum Procurador.

¶ Dom Manoel da Natiuidade. Prior do mosteiro de Santa Maria de Reffoyos — Com hum Procurador.

¶ Dom Alvaro da Ascençaõ Pacheco. Prior do Mostr^o de Saõ Jorge.

¶ Dom Fernando da Conceiçaõ. Prior do Mosteiro de Paderne.

¶ Dom Bernardo de Saõ Boaventura. Prior do Mostr^o de Caramos.

¶ Dom Nicolao da Crus. Prior do mosteiro de Folques.

¶ Dom Jeronimo de Santo Antonio. Prior do Mostr^o de Villaboa.

¶ Doutor Dom Duarte de S^{to} Agost^o Lemos = Lente Jubilado.

¶ Doutor Dom Gabriel de S^{to} Agost^o Araujo = Lente Jubilado.

¶ Doutor Dom Constantino da Vizitaçaõ = Procurador = Lente Jubilado.

¶ Dom Henrique do Desterro Magalhaens. que foy geral.

¶ Neste Capitulo se deu à execuçaõ o Breue do Papa Clemente, 9^o = em que manda entrar em capitulo geral = O Substituto = Collegas = Vizitadores = Vigairo = é Mestre do R. Mostr^o de S^{ta} Crus = que acabaõ de exercitar seus officios. é com effeito foraõ admitidos. é saõ os que se seguem.

¶ Dom João dos Anjos. Vigairo Prezidente deste Real mosteiro.

¶ Dom Bernardo de S^{ta} Maria. que era substituto. Diffinidor 1.^o

¶ Dom Clemente do Paraizo = Collega secretario. Diffinidor 2.^o

¶ Dom Antonio da Ascensãõ. Collega Vizitador. Diffinidor 3.^o

¶ Dom Carlos da Trindade. Vizitador. Diffinidor. 4.^o

¶ Dom Panthaliaõ de S^{ta} Maria — Vizitador. Diffinidor — 5.^o

¶ Dom Thomas da Trindade. Vizitador. Diffinidor. 6.^o

¶ Dom Cypriano de S^{to} Agost.^o Mestre dos nouissos d. R. M. de S^{ta} Crus.

¶ E em, 14 = de Mayo, foy eleito, é confirmado Prior do Real mosteiro de Santa Crus, é geral da congregaçãõ.

¶ — 43 — O Padre Dom João dos Anjos Correa = natural de Penaguiaõ, filho de Gonçallo Pereira; é de sua mulher Lianor de Aravjo — Conego professo deste Real Mostr.^o; é nelle acabaua de ser Vigairo, é pessoa do Capitulo geral. tinha sido duas vezes Prior.

D Neste Capitulo foraõ eleitos Collegas pera o triennio os Padres D. Rodrigo de Christo Saã, é D. Placido da Conceiçãõ Mello, o qual andando com o Reverendissimo vizitando a Prouincia, é fazendo Piores, faleceo na cidade de Braga em, 18, de Agosto do mesmo Anno de 1669; levaraõno a sepultar ao nosso mosteiro de Nandim. Foy elleito ã seu lugar pello convento deste real mosteiro de Santa Crus, D. Thimotheo dos Martyres Serraõ, é Azaõbuja.

✠ Addiçam —

¶ No mesmo Anno, 1669, em os, 3, de Novẽbro na Cidade de Lisboa, faleceo o Padre Dom Francisco da Encarnaçãõ Sotto mayor, Conego professo deste real mosteiro, Bispo de Targa, Prouizor do Arcebispado de Lisboa, Deam da Capella real, Deputado da Inquicissãõ de Lisboa Precognizado Arcebispo de Braga, ainda lhe não tinhaõ vindo as letras: Foy sepultado no real mosteiro de Saõ Vicente no

tranzito que vay pera o Coro Seminario dos nossos religiosos: tem sua campã autorizada com suas Armas, é seu Epitafio: do qual se dara conta no dito mosteiro, na Pagina = 118 =

¶ No Anno de, 1671 = em, 17, de Feuereiro a horas de Vesperas do Padre Santo Theotonio, veio o Cabido da Seé desta Cidade em Procissã solemne à Igreja deste real mosteiro buscar a reliquia do mesmo Santo Padre que se lhe tinha concedido. O Padre geral Dom Joã dos Anjos lha entregou com solemnidade, é aparato, o que se pode ver na Pagina. = 20 =

¶ Neste mesmo Anno, 1671 = o Papa Clemente, 10 = Concedeo às Cidades que tem tribunal da Inquicissã, pudessem rezar com officio Dobre do Santo Martyr Inquizador, Pedro de Arbues, Conego nosso, que ainda não he canonizado: delle se rezou neste Anno, em, 17, de Setembro, que he o seu dia.

¶ Neste mesmo Anno, 1671 = se ordenou, é pareceo assertado, que o Padre Prior geral daqui em diante pera maior autoridade assim do Cargo, como do Acto, Celebre as profissoens dos nouissos assêtado na sua Cadeira com as costas ao Altar môr, com as insignias Episcopaes, Mitra, Baculo, Anel, é Crus peitoral, como ordena o Pontifical Romano. A primeira profissã que o Padre Prior geral Dom Joã dos Anjos celebrou neste real mosteiro com a Ceremonia noua de Mitra, é Baculo, ettc. foy em, 18, de Outubro deste Anno = a do irmão Frej Francisco de Saõ Joã, é faria, natural da Villa de Tentugal, filho de Francisco de Faria juiz de fora da Villa de Torres noue, é de sua mulher Dona Maria Dínis = Acompanharaõ a o nouo professo, quatro cantóres com as Massas, é cappas brancas —

¶ Em os, 22, dias do mes de Nouembro, Domingo ultimo do Pentecoste, Anno, 1671 = em o qual os Padres da Companhia Celebravaõ no seu Collegio desta cidade o dia Outauo da festa da Canonizaçã de Saõ Francisco de Borja seu terceiro Geral. Em todos os sete dias antecedentes na sua Igreja ouve sermoens, é Missas cantadas de

canto de orgão a vozes com seus instrumentos muzicos. Neste dia o Nosso R^{mo} Padre Prior geral Dom Joaõ dos Anjos com seus Ministros, ê assistentes, celebrou a vltima Missa da festa em Pontifical com grande solemnidade, ê apparato, pera o que foraõ com elle trinta religiosos Conegos sacerdotes deste real mosteiro de Santa Crus, com o Mestre das Ceremonias o Collega D. Timotheo dos Martyres Serraõ ê Azaõbuja —.

¶ A Taboa com o primeiro Epitafio do valerozo Rey Dom Affonso Henriques, q̄ em tempo do serenissimo Rey Dom Manoel, pellos Annos de = 1520 = se pendurou no Arco do seu nouo Mauzoleo, de que se faz mençaõ na Pag = 34 = permaneceu naquelle lugar perto de = 140 = annos: mas porque o tempo que tudo consome a destruhio, é faltou deste lugar alguns annos, é já della se hia perdẽdo a memoria: O Padre Geral Dom Joaõ dos Anjos a mandou de nouo restaurar neste prezente Anno de, 1671 = por via do seu Collega Dom Timotheo dos Martyres = o qual a pendurou no mesmo lugar, aonde a outra velha antes estivera, em os sínco de Dezembro do sobre dito Anno = 1671 =

¶ No Anno de, 1672 = no mes de Janeiro, o Padre Prior geral Dom Joaõ dos Anjos, deu ordens menores a muitos religiosos nossos Conegos, seus subditos = Avia = 25 = annos as tinha dado o Padre Doutor Dom Lionardo, Anno, 1647 = sendo Prior Geral.

¶ O Padre Dom Joaõ dos Anjos Correa gouernou o generalado o seu triennio com os Collegas asíma nomeados.

¶ CAPITULO GERAL = 44. ¶

¶ No Anno de, 1672 = em os = 2 = de Mayo, se celebrou neste real Mosteiro de S^{ta} Crus, o Capitulo geral, 44 = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Joaõ dos Anjos, que acabou o generalado = Prezidente do Capitulo = com dous Procuradores eleitos de S^{ta} Crus =

¶ Dom Henrique do Desterro = Prior do mosteiro real de São Vicente de Lisboa = com hum Procurador =

¶ O Doutor Dom Gabriel de S^{to} Agostinho = Lente jubilado = Reytor do nosso Collegio de Coimbra = com hum Procurador.

¶ Dom Pedro da Purificação = Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = terra da feira = com hum Procurador —

¶ Dom Jorge de S^{to} Antonio = Prior do mosteiro de Santo Agostinho da serra = com hum Procurador =

¶ Dom Antonio da Ascensão = Prior do mosteiro do Saluador de Moreira = terra da Maya = com hum Procurador =

¶ Dom Manuel de São Lionardo = Prior do mosteiro de S^{ta} Maria de Nandim = com hum Procurador.

¶ Dom Simão de S^{to} Agostinho = Prior do mosteiro de S^{ta} Maria de Reffoyos = com hum Procurador.

¶ Dom Gabriel dos Martyres = Prior do mosteiro de São Jorge.

¶ Dom Pantaliaõ do Salvador = Prior do most. de Paderne

¶ Dom Manoel da Trindade = Prior do Most. de Folques.

¶ Dom Luis de Nazareth = Prior do Mosteiro de Caramos.

¶ Dom Innocencio da Ressurreição = Prior do Most. de Villaboa.

¶ Doutor Dom Duarte de S^{to} Agost.^o Lente jubilado = não quis ir —

¶ Doutor Dom Jorge de S^{to} Agost.^o = sahiosse do Capitullo —

¶ Dom Lionardo da Purificação — que foy já geral =

¶ Dom Antonio da Assumpção = com o seu Breve =

¶ Dom Joaõ da Assumpção Pita = Vigairo de Santa Crus =

¶ Dom Diogo de São Jozeph = substituto = Diffinidor — 1.^o —

¶ Dom Rodrigo de Christo = collega secretario =
Diffinidor — 2º —

¶ Dom Thimotheo dos Martyres = collega vizitador
= Diffinidor — 3º —

¶ Dom Paulo de Saõ Domingos — vizitador = Diffi-
nidor — 4º —

¶ Dom Manoel do Salvador = vizitador = Diffini-
dor — 5º —

¶ Dom Antonio da Piedade = vizitador = Diffini-
dor = 6º =

¶ Dom Jozeph da Assumpsaõ Mestre dos novissos do
R. M. de S. Crus —

¶ Aqui se segem os nove Procuradores a síma no-
meados =

¶ E em os. 7 = dias do sobredito mes de Mayo = foy
eleito Prior deste real mosteiro de S^{ta} Crus = é geral pera
a Congregação, é logo confirmado † Addiçam =

¶ — 44 = O Padre Dom Henrique do Desterro =
Prior que era do real mosteiro de Saõ Vicente da cidade
de Lisboa = é primeiro Diffinidor no capitulo geral =
levou — 80 = votos =

¶ Foraõ neste Capitulo eleitos pera seus Collegas os
Padres = D. Joaõ do Paraizo Camello, e D. Jeronimo da
Conceição =

¶ Neste mesmo Anno, 1672 = é no mesmo mes de
Maio, o Padre Prior Geral Dom Henrique do Desterro
tirou do cofre das reliquias do Padre Santo Theotonio tres
reliquias suas ossos inteiros, concedidos pello capitulo geral
proxime passado = Huma pera o mosteiro real de Alco-
bassa; outra pera os religiosos Piedozos do mosteiro de Santo
Antonio dos olivães desta cidade; a outra pera os Padres
da companhia da mesma cidade pera a capella do Padre
Nuno da Cunha que fes no seu Collegio.

¶ Sabbdo, dia, 17, do mes de Setembro do Anno
de 1672 = neste real mosteiro de Santa Crus, se celebrou a
festa do Santo Inquisidor, é Martyr, o Beato Pedro de
Arbues, Conego Regrãte, é Doutor, da Cidade de Caragossa

de Espanha, primeiro Inquisidor da quelle reyno = Assistio o tribunal todo desta cidade de Coimbra da Santa Inquisição donde vieraõ em procissão: a Missa cantada a canto de orgão com seus estromentos muzicos é seus motetes: ouue sermaõ que pregou o Padre Pedro de Amaral da Companhia — tinha â noute dantes precedido m^{to} fogo com seus repiques. No Mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa se celebrou a mesma festa com mais aparato o q̄ se pode ver na pagina = 118 = V. = era o proprio dia do Santo —

¶ Em: 15 = de Setembro, Anno; 1672 = o Infante dom Pedro governador do Reyno, nomeou pera Bispo de Cochim ao Padre Dom Bernardo de Santa Maria, Andrade = tinha sido duas vezes Prior de Grijo = é estava morador no real mosteiro de Saõ Vicente —

¶ Em os, 7: de Julho, Anno de, 1672 = na Bahia faleceo o Padre Dom Esteuaõ dos Santos Carneiro, conego professo deste real mosteiro, Bispo do Brazil, irmão do Doutor Joaõ Carneiro de Moraes Dezembargador do Passo — chegou a noua no mes de Outubro —

¶ Neste real mosteiro pella festa dos Reys, do Anno de, 1674 = se comessou a cantar o terço a nossa Senhora da Conceição, aos domingos é dias Santos, com grande solemnidade, confraria é indulgências —

¶ Em os, 25, dias do mes de Setembro, do Anno de 1674 = Na Cidade de Roma, e Summo Pontifice Clemente, 1º, declarou por santos a, 19, Martyres = a saber = Frey Nicolao Pichi, guardiaõ com mais, 10, frades da Ordem dos menores de Saõ Frãcisco da regular observancia = Frei Joaõ da Ordem dos Pregadores de Saõ Domingos = Adriano, é Jacobo da Ordem Premonstratêse de Saõ Norberto = Joaõ Ostervaicani Conego Regular de Santo Agostinho = é Quatro Clerigos sacerdotaes seculares = Os quais no anno de, 1572 — iuntamente padeceraõ Martyrio com diuersos tormentos na Cidade de Brile em Olanda pellos hereges Olandezes, em o dia da fe catholica, da santa Madre Igreja Romana, é do Augustissimo, é Santissimo Sacramento da Eucaristia. Manda o Summo Pontifice que em

quanto se não canonizaõ estes santos com solemne ritu, rezem delles com officio Dobre do comum plurimorum Martyrum em o sobre dito dia, 25, de Setembro, as religioens de que eraõ filhos, é todo o Clero de Olanda; pera cujo effeito mandou passar seu Breue Apostolico em os, 9, de Outubro do sobre dito Anno, 1674 = chegou a Portugal no mes de Dezembro.

¶ Governou o Padre Dom Henrique do Desterro o Generalado o seu triennio com os seus Collegas asíma nomeados.

¶ CAPITULO GERAL = 45 ¶

¶ No Anno de, 1675 = em 29, de Abril, neste real mosteiro de Santa Crus, se celebrou o Capitulo geral=45= Assistiraõ nelle.

¶ O Padre Dom Henrique do Desterro q̄ acabou o generalado Prezidente do Capitulo, com dous procuradores de S.^{ta} Crus.

¶ O Doutor Dom Joaõ da Assumsaõ Prior do real mostr.^o de Saõ Vicente de Lisboa = com hum procurador eleito —

¶ O Doutor Dom Antonio dos Santos, Reytor do nosso Collegio Sapientia = Com hum procurador =

¶ Dom Rodrigo de Christo — Prior do Mosteiro do Salvador de Grijo = Com hum procurador.

¶ Dom Diogo de Saõ Jozeph = Prior do Mostr.^o de S.^{to} Agost.^o da Serra = Com hum procurador.

¶ Dom Bernardo de Saõ Boaventura. Prior do mosteiro do Saluador de Moreira = com hum procurador —

¶ Dom Antonio do Piedade = Prior do Mostr.^o de S.^{ta} Maria de Nandim = com hum procurador.

¶ Dom Luis de Saõ Lourenço = Prior do Mostr.^o de S.^{ta} Maria de Reffoyos = com hum procurador.

¶ Dom Timotheo dos Martyres = Prior do Mosteiro de Saõ Jorge —

¶ Dom Loppo de Christo = Prior do Mosteiro de Caramos —

¶ Dom Theotonio de S^{ta} Maria. Prior do M. de Paderne.

¶ Dom Nicolao de S.^{to} Agost.^o = Prior do Mostr.^o de Folques.

¶ Dom Henrique de S.^{to} Agost.^o = Prior do M. de Villaboa —

¶ Doutor Dom Duarte de S.^{to} Agostinho. Callificador do santo officio da Inquicissão = Lente Inbilado.

¶ Doutor Dom Gabriel de Santo Agostinho = Lente Iubillado — Procurador do Capitulo = do collegio =

¶ Doutor Dom Luis da Ascensãõ Lente Iubilado.

¶ Dom Lionardo da Purificaçãõ q̄ foy geral = não quisir —

¶ Dom Joaõ dos Anjos = que foy Geral.

¶ Dom Fulgencio dos Martyres = Vigairo Prezidente de S.^{ta} Crus =

¶ Dom Jorge de S.^{to} Ant.^o = Substituto = Diffinidor Primr^o =

¶ Dom Joaõ do Paraizo = Colega Vizitador — Diffinidor 2^o —

¶ Dom Jeronimo da Conceiçãõ = Collega secretario. Diffinidor 3^o =

¶ Dom Fernando das Chagas = Vizitador = Diffinidor 4^o =

¶ Dom Pedro do Rozario = Vizitador = Deffinidor = 5^o =

¶ Dom Bautista de S.^{ta} Maria = Vizitador. Diffinidor = 6^o =

¶ Dom Antonio de S.^{to} Agost.^o = Mestre dos Novissos deste Real Mosteiro —

¶ Aqui se seguem os Outo procuradores a sima nomeados = o do Collegio foy o Doutor Gabriel de S.^{to} Agost.^o Lente jubulado.

¶ Entrou Por Breve particular de Sua Santidade. O Padre Dom Alberto de Saõ Gonçalo, Procurador Geral da

Congregação, e Procurador pera o Capitulo do mosteiro de São vicente =

¶ Neste Capitulo se ordenou, chamassem por R.^{ma}, aos Padres q̄ tem sido Geraes = é por Paternidade, aos q̄ tem sido Piores = Ao vigairo q̄ fôr do real mostr.^o de S.^{ta} Crus = é aos dous Collegas =

¶ Ordenaraõ mais se tomasse conselho, é se consultasse o illm^o Senhor Nuncio Apostolico, sobre fazerem Priorado, ou não ao Mostr^o de Sant^o Theotonio de Viana = o que teve effeito = no mesmo Anno =

¶ Neste Capitulo em os, 4, de Mayo = foraõ eleitos os Padres seg.^{tes} Pera Substituto = Dom Andre de São joão = Pera Collegas = D. Luis da Ascençaõ Doutor Lente Iubilado = é D. Jeronimo de São Jozeph — Pera Diffinidores, é Vizitadores do meyo do triennio = D. Diogo da Lux = D. Jozeph do Prezepio = é D. Clemente do Espirito Santo =

¶ E no mesmo dia, 4, de Mayo, a tarde = foy eleito Prior deste real mosteiro de Santa Crus, é geral reformador Apostollico pera a Congregação é logo Confirmado = Pellos Vizitadores =

¶ — 45 = O Padre Doutor Dom Joaõ da Assumpsaõ Pitta = Prior q̄ era do real mosteiro de São vicente de fora, de Lisboa = é Vizitador primeiro no capitulo geral = Levou, 90, votos. nemine discrep.

¶ Avia hum mes é meyo, que o Padre Doutor Dom Joaõ da Assumpsaõ fora eleito, é Confirmado Prior geral da congregação, é tendo eleito, é confirmado Prior no real mosteiro de São Vicente de Lisboa, ahi adoeceo gravemente, é ahi faleceo ao Seteno em, 20, de Junho do mesmo Anno, 1675 = Foy sepultado no semiterio, iazigo dos religiosos com insignias episcopaes como Prior do real mosteiro de S.^{ta} Crus de Coimbra, geral da Congregação. Vagou o Generalado . 18 . dias.

¶ CAPITULO DE ELEIÇÃO ¶

¶ No Anno de, 1675. em os, 8, de Julho se celebrou neste real mosteiro de santa Crus, Capitulo de eleição deste real mosteiro, é Vigairo geral, por morte do Padre Doutor Dom Joaõ da Assunpção, como ordenaõ, e mandaõ as nossas constituicoens = Assistiraõ nelle os Piores sem procura-dores =

¶ O Padre Dom Joaõ dos Anjos, Prior do mosteiro de Saõ Vicente de Lisboa, Prezidente do Capitulo.

¶ Dom Símaõ de S^{to} Agost^o, Reitor do Collegio = Vizitador — 1^o —

¶ Dom Rodrigo de Christo, Prior do mostr^o de Grijo.

¶ Dom Diogo de Saõ Joseph, Prior do Mostr.^o da Serra —

¶ Dom Bernardo de Saõ boaventura, Prior da mos-teiro de Moreira, secretario deste capitulo —

¶ Dom Antonio da Piedade, Prior de Nandim, Vizi-tador, 2^o —

¶ Dom Luis de Saõ Lourenço, Prior do Mostr^o de Reffoyos —

¶ Dom Tímotheo dos Martyres, Prior de saõ jorge, Vizitador, 3^o =

¶ Dom Loppo de Christo, Prior do mostr^o de Caramos.

¶ Dom Theotonio de S^{ta} Maria, Prior de Paderne —

¶ Dom Nicolao de S^{to} Agostinho, Prior de Folques —

¶ Dom Henrique de S^{to} Agostinho, Prior de Vil-laboa —

¶ O Doutor Dom Duarte de S^{to} Agostinho, Lente jubilado callifficador do s^{to} officio da Inquícisaõ —

¶ O Doutor Dom Gabriel de S^{to} Agost^o, Lente Jubi-lado, não quis ir —

¶ Dom Lionardo da Purificação q̄ foy Geral — não quis assistir

¶ Dom Henrique do Desterro, que foy Geral —

¶ Dom Jeronimo de Saõ Jozeph. collega, 2º, Diffinidor — 3º —

¶ Dom Diogo da Luz, Vizitador, Diffinidor, 5º —

¶ Dem Clemente do Espirito Santo, Vizitador, Diffinidor 6º.

¶ Dom Alberto de Saõ Gonçallo, pello seu Breue — Faltaraõ neste capitulo, Dom Andre de saõ Joaõ, substituto Diffinidor, 1º, = e o Doutor Dom Luis da Assenção lente jubilado, Diffinidor, 2º — por que estavaõ doentes de cama —

¶ E em os, noue, do dito mes de Julho foy eleito em Prior deste real mosteiro de Santa Crus, e Vigairo geral da Congregação, e logo confirmado pellos vizitadores =

¶ O Padre Dom Fulgencio dos Martyres Pinto, foy eleito da claustra tinha sido o triennio passado vigairo deste real mosteiro, leuou outenta é tres votos, nemine discrepante.

¶ Em, 19, do dito mes de Julho, o Padre Prior geral com o couento elegeo a Dom Antonio de S^{to} Agostº em Collega, porquanto o mestre Doutor Dom Luis Collega estaua ã Saõ vicente Doente, pera suprir em quanto naõ vinha.

¶ No Diffinitorio que se celebrou neste real mosteiro, no mes de Dezembro do Anno de, 1675 = entrou de nouo por Breue particular de sua santidade, o Padre Dom Miguel dos s^{tos} Salgado.

¶ No Anno de = 1676 = Domingo = 17 = de Mayo = no lugar de Anciam = O Padre Prior vigairo geral, chamado, é regado dos moradores naquele Lugar, reuestido em Pontifical com Mitra, é boculo = benzeo, é lansou a primeira Pedra fundamental á Igreja, é caza de Mizericordia, que de novo leuantavam = Assistio com elle o Mestre das Ceremonias do real mostrº de S^{ta} Crus, Dom manonel dos Martyres Massarellos.

¶ No Anno de 1677 = em Mayo = O Principe governador Dom Pedro, nomeou pera Bispo de Sam Thome a Dom Bernardo de S^{ta} Maria Andrade = espera por letras. está sagrado — 1677 —

¶ Neste mesmo Anno = 1677 = em — 29 — de Outubro sexta feira = se fes a tresladaçam do Corpo da Raynha santa, com as freiras de Santa Clara pera o mosteiro nouo do monte da Esperança, por ordem, do Infante Dom Pedro, Príncipe Governador do reyno: Acharamse por ordem sua nesta Cidade pera esta funsam, Outo Bispos, é onze grandes da Corte. Fesse esta tresladaçam com todo o capricho — pompa, aparato, é solemnidade; fesse pera isto Conselho de Estado neste nosso real mosteiro, por ordem de Sua Alteza. Acompanharam esta Procissam todos os religiosos dos Conuentos desta Cidade sem exceiçam de privilegio, nem precedencias entre as religioens. No sabbdo seguinte Pregou na Igreja noua o Bispo Do Porto. Dom Fernando Correa de lacerda sobrinho do nosso bispo de Targa Sotto Mayor — ✠ Addiçam — P — 244 — (1)

¶ CAPITULO GERAL = 46 = ¶

¶ No Anno de = 1678 = em — 26 — de Abril. se celebrou no real mosteiro de S^{ta} Crus, o capitulo geral = 46 = Assistiraõ nelle —

¶ O Padre Dom Fulgencio dos Martyres, que acabou de ser Prior Vigairo geral, Prezidente do capitulo, com dous Procuradores eleitos do mosteiro de s^{ta} Crus.

(1) Na margem da lauda, acompanhando esta notícia da trasladação, em letra diferente, mas da época, estão lançados os seguintes nomes: Bispo de Coimbra dom Frei Alvaro. Bispo de Lamego dom Frei Luis da Silva. Bispo do Porto dom Fr^{do} de lacerda. Bispo de Viseo Dom Joaõ de Mello. Bispo de Miranda Dom Frei Joseph de Alencastro. Bispo de Pernambuco. Bispo de S. Thome dom Bernardo e na mesma occasiã Sagrado na Se Bispo de Annel de euora. — marques de Arronches com seo Bisconde de Ponte de lima. Marques das minas. Conde da Feira. o conde Barão. a Universidade foi encorporada com seo Reytor Reformador d. Joseph de meneses atraz do caixaõ q̄ leuaram os Bispos e as varas do Palio os condes.)

☩ Dom Joam dos Anjos Prior do mosteiro de sam vicente de Lisboa. Com hum Procurador eleito —

☩ Dom Símaõ de S^{to} Agostinho, Reytor do nosso Collegio de Coimbra, com hum Procurador Lente jubilado —

☩ Dom Felippe de Christo, Prior do mosteiro de Grijo. terra da feira. com hum Procurador.

☩ Dom Jerónimo da Conceiçam. Prior do mosteiro de S^{to} Agostinho da Serra. com hum Procurador.

☩ Dom Manoel de sam Payo. Prior do mosteiro do Saluador de Moreira da Maya. Com hum Procurador.

☩ Dom Silvestre de S^{to} Agostinho. Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Nandim. com hum Procurador.

☩ Dom Lionardo da Crus. Prior do mosteiro de santa Maria de Reffoyos do Lima, com hum Procurador.

☩ Dom Antonio da Conceiçam. Prior do mosteiro de sam Jorge do Mondego.

☩ Dom Paulo de Santo Agostinho. Prior do mosteiro de sam Martinho de Caramos.

☩ Dom Patricio da Crus. Prior do Mosteiro do Saluador de Paderne.

☩ Dom Felix da Trindade. Prior do mosteiro de sam Pedro de Folques.

☩ Dom Jozeph de santo Antonio. Prior do mosteiro de Santa Maria de Villa boa.

☩ Dom Lionardo do Espirito Santo. Primeiro Prior do mosteiro de S^{to} Theotonio de viana de Líma —

☩ O Doutor Dom Gabriel de S^{to} Agostinho. Lente Iubilado.

☩ O Doutor Dom Pedro da Gloria. Lente Iubilado. Procurador do Collegio

☩ O Doutor Dom Miguel de S^{to} Agost^o Lente Iubilado.

☩ Dom Lionardo da Purificaçam . que foy geral = secretario do capitulo, e primeiro deffinidor.

☩ Dom Henrique do Desterro, que foy geral.

☩ Dom Innocencio da Ressurreiçam. Vigairo de santa crus.

☩ Dom Andre de sam joam. Substituto. Deffinidor — 1º —

☩ Doutor Dom Luis da Ascensã lente jubilado — collega secretario. Vizitador Diffinidor. 2º.

☩ Dom Jerónimo de sam Jozeph. Collega vizitador diffinid. 3º.

☩ Dom Diogo da Luz. Vizitador. Deffinidor — 4º.

☩ Dom Jozeph do Prezepio. Vizitador. Diffinidor — 5º.

☩ Dom Clemente do Espirito S^{to}. Vizitador. Diffinidor — 6º.

☩ Dom Cypriano de S^{to} Agostº. Mestre dos nouissos de . S. ✠.

☩ Dom Miguel dos Santos Salgado, pello seu Breue.

☩ Aqui se seguem os oito Procuradores acima nomeados. o do Collegio he hum Lente jubilado = Por todos — 36 —

☩ Acharamse neste Capitulo = 35 = capitulares = 17 = da facçam do Prezidente = é 18 = da facçam contraria. é pera se igualarem em numero tratou o Prezidente que fosse admítido com os lentes jubilados, seu sobrinho Doutor é mestre Dom Miguel de Santo Agostínho, que lhe faltauam pera jubilar tres annos. Ouue sospeisoens, de parte a parte, embargos, protestos, é appellasoens. Assistia uo Capitulo por ordem do Nuncio Apostolico O Doutor Antonio Monteiro Paím Collegial de sam Pedro Deam da seé de Coimbra, que tudo julgou, é resolueo em favor do Prezidente contra a outra facçam, é o fes admitir, ficando ficando as facçoens iguaes. Fizeramse com protestos de nulidade as primeiras eleisoens de secretario, vizitadores, é Diffinidores de Capitulo, é pera se porem as couzas em bom juizo, partiram pera Lisboa dous Padres de cada facçam com as suas appellasoens ao illustríssimo Senhor Nuncio Apostolico Marcello Durazí Arcebispo de Calcedonia, pera quem se tinha appellado. Elle pera por as couzas em rezam mandou o seu Auditor a Coímbra assistir ao capitulo, o qual comessou a contínuar sabbdo onze de Junho. O Audi-

tor Assistente, fosse pello q̄ fosse ferrou à banda é nam quis deffirir em couza alguma contra o Prezidente, entrou seu sobrinho, iguaes os votos, continuou o capitulo na forma em que tinha parado.

¶ Em os = 15 = do dito mes de Junho quarta feira pella menham forem eleitos, Reytor do Collegio, o Padre Dom Lionardo da Purificaçam = Substituto do Padre Geral dõ Pedro da Crus = Collegas, Dom Pedro do Espirito santo e Dõ Bazilio de s^{ta} Maria = Pera vizitadores Diffinidores do meyo do triennio, Dom Jozeph da Annunciaçam sarinho = Dom Gregorio da Annunciaçam = e Dom Ambrozio de santo Antonio — o qual faleceo em Agosto de — 1679 = Vide. Grijo =

¶ E na tarde deste mesmo dia, foy eleito ã Prior do real mosteiro de Santa Crus, geral da Congregaçam e logo confirmado pellos Padres vizitadores.

¶ = 46 = O Padre Dom Jerónimo da Conceiçam Prior que era do mosteiro de Santo Agostinho da Serra de villa noua do Porto, leou, síncoenta vottos, eram por todos os vogaes = outenta e hum.

¶ O que neste capitulo se fes de nouo, foy, tirarẽ as reuerendissimas, e Paternidades que no capitulo geral do Anno de = 1675 = se tíham concedido =

¶ Os Padres capitulares que ficaram debaixo, tem mãdado a Roma dar suas replicas, ao Papa por dous religiozos =

¶ No Anno de = 1679 = em — 23 = de Janeiro no real mosteiro Santa Crus faleceo o Padre Dom Joam dos Anjos, que tinha sido Prior geral =

¶ O Padre Prior geral, mandou a Roma o Prior de santo Theotonio de Viana, que partio em Mayo do Anno de — 1679 =

¶ No mes de Julho do mesmo Anno — 1679 = chegou ao Padre geral hum Breue do Papa Innocencio undesimo, em que o confirmava no generalado, é lhe supria, é despen-sava com quaisquer faltas q̄ tíuesse na sua eleiçam.

¶ O mesmo Summo Pontifice Innocencio undesimo,

passou hum Breue no Anno de — 1680 = ou no fim do Anno passado, pera que esta nossa Congregaçam fosse vizitada, é refformada, pedido por Dom Berardo que estaua em Roma, couza bem escuzada. O Illustríssimo Nuncio Apostolico neste Reyno, Marcelo Durazi Arcebispo de Calcedonia, fes esta vizita, foy primeiro ao Real mosteiro de Sam Vicente de Lisboa; dahi veyo a Coimbra ao Real Mosteiro de Santa Crus, aonde entrou em — 12 — de Feuereiro, Segunda feira: foy recebido á porta da Igreja de toda a comunidade com crus, Palio, é todas as capas ricas, com Te Deum Laudamos, com toda a solemnidade até a capella mór. Publicou a Vizita na quarta feira, mandou a hi vir os colegiaes, com seus mestres, é Reytor = tambem mandou vir todos os Piores da Prouincia pera os ouvir, é a cada hum deu comissam pera em seu nome ouuirem os ditos dos seus subditos. Feito isto se foy pera Lisboa donde tinha vindo.

¶ No Anno de — 1681 — em — 24 — de Feuereiro, dia do Apostolo Sam Mathias, 2.^a feira, da primeira semana da quaresma, no retabolo nouo que o Padre Prior geral mandou fazer na capella do Smõ Sacramento, se celebrou com grande solemnidade a mudança pera ella do Santo Christo Crucificado que estaua na capella da Sacristia, o que se pode ver abaixo na vltima folha deste liuro, papel impresso, Pagina — 246 —

¶ CAPITULO GERAL — 47 — ¶

¶ No Anno de — 1681 — em 21 — de Abril, se celebrou neste real mosteiro de santa Crus, o capitulo geral — 47 — Assistiram nelle —

¶ O Padre Dom Jeronimo da Conceiçam, que acabou de ser Prior geral Prezidente do Capitulo: dous procuradores eleitos deste real mosteiro de santa Crus.

¶ Dom Alberto de sam Gonçallo. Prior do real mosteiro de saõ Vicente de Lisboa — hum procurador eleito deste mosteiro.

☩ Dom Clemente do Paraizo Reytor do nosso collegio sapientia, de Coimbra = eleito vizitador. 1.º do capitulo — 21 — votos = seu competidor leou — 13 — hum procurador do Collegio lente jubilado.

☩ Dom Francisco do Espirito Santo Prior do mosteiro do Salvador de Grijo. eleito diffinidor. 2.º do capitulo. hum procurador eleito de Grijo.

☩ Dom Jozeph do Presepio Prior do mostrº de S^{to} Agostº da Serra do Porto. eleito vizitador — 2º — do Capitulo. hum procurador deste mostrº.

☩ Dom Manoel do Salvador. Prior do mosteiro do Salvador de Moreira terra da Maya. eleito Diffinidor — 3º do capitulo — hũ procurador eleito deste mosteiro —

☩ Dom Thomas de S^{to} Agostº — Prior do Mosteiro de S^{ta} Maria de Nandim. eleito vizitador — 3º — do Capitulo. hum procurador deste mosteiro —

☩ Dom Fructuozo do Espirito Santo — Prior do mostrº de S^{ta} Maria de Reffoyos — eleito Diffinidor — 4º — do Capitulo — hum procurador de Reffoyos —

☩ Dom Manoel das Chagas. Prior do mosteiro de Sam Jorge de sobre o Mondego — eleito secretario do capitulo.

☩ Dom Joaõ Cezar — Prior do mostrº de Saõ Martinho de Caramos —

☩ Dom Jeronimo de Sam Jozeph Saã. Prior do mostrº de Paderne —

☩ Dom Constantino de Sam Bernardo. Prior do mostrº de Folques —

☩ Dom Manoel da Esperança. Prior do mostrº de Villa boa —

☩ Dom Jeronimo de Christo Prior do mostrº de S^{to} Theotonio Viana —

☩ O Doutor Dom Gabriel de S^{to} Agostº — Lente jubilado.

☩ O Doutor Dom Luis da Ascensam — Lente jubilado.

☩ O Doutor Dom Pedro da Gloria — Lente jubilado. Procurador do Collegio Sapientia — eleito Diffinidor — 5º — do capitulo.

¶ O Doutor Dom Miguel de S^{to} Agostinho. Lente jubilado.

¶ Dom Lionardo da Purificação. que foy Geral —

¶ Dom Henrique do Desterro. que foy Geral.

¶ Dom Fulgencio dos Martyres — que foy Geral —

¶ Dom Manoel de Sam Lionardo. Vigairo presidente de S^{ta} Crus — eleito Diffinidor — 1^o — do capitulo.

¶ Dom Pedro da Crus — Substituto. Diffinidor. 1^o —

¶ Dom Pedro do Espirito s^{to}. Collega — 1^o Diffinidor — 2^o —

¶ Dom Bazilio de S^{ta} M^a — Collega. 2^o Secretario. Diffinidor — 3^o —

¶ Dom Joseph da Annunciaçam. vizitador. Diffinidor — 4^o —

¶ Dom Gregorio da Annunciaçam. vizitador. Diffinidor — 5^o —

¶ Dom Theodozio de Christo — vizitador. Diffinidor 6^o —

¶ Dom Felix do Desterro Mestre dos nouissos de S^{ta} Crus.

¶ Aqui se seguem os — 8 — Procuradores das cazas, a sima nomeados, o do nosso Collegio era hum Lente Jubilado, asima nomeado.

¶ Neste capitulo se leo a sentença da vizitação do Nuncio Apostolico Marcello Durazi, em que manda que os dous Mosteiros de sam Pedro de Folques, é santo Theotonio de viana, nam seiam Priorados: é que nam aja Preziencias nos outros Mosteiros —

¶ Em os — 28 — do dito Mes de Abril, segunda feira pella menham, se fizeram as eleições de = Reitor do nosso Collegio, o Padre Dom Alvaro da Ascençam = Substituto do Padre geral = Dom Pedro do Espirito Santo = Colega — 1^o — Dom Acurcio da Esperança = Colega — 2^o — Dom Virissimo de Santo Antonio = Diffinidores vizitadores pera o meyo do triennio = Dom Gabriel da Assumpçam = Dom Manoel de Christo = Dom Joam da Expectaçam =

¶ E na mesma tarde deste dia, os tres vizitadores do capitulo com o secretario, partiram a Lisboa dizendo, irem dar conta ao Nuncio Apostolico, é ao Infante Princepe e gouernador do Reyno Dom Pedro q̃^e Deos g^{de}.

¶ Logo no mesmo dia partiram dous religiosos contra, mandados pellos da segunda façam.

¶ Tornaram de Lisboa, com as eleições aprouadas pello Nuncio, é mandou continuassem, é procedessem á eleição de Prior Geral — é o substituto priuado =

¶ E logo no dia — 10 — de Mayo, sabbdo á tarde se fes eleição de Prior deste real mosteiro, é geral da congregaçam, com — 85 — votos, o seguinte —

¶ 47 — O Padre Mestre Doutor Dom Gabriel de Santo Agostinho Araujo, religioso professo deste real mosteiro, lente jubilado no nosso collegio, aonde tinha ia sido Reytor — leuou — 84 — votos ficou eleito nemine discrepante, é logo foy confirmado pellos Padres Vizitadores.

¶ No triennio Passado, passou o Summo Pontifice Innocencio — XI — hum breue em que constituhia ao Padre Prior geral vizitador, é Reformador Apostolico com grandes poderes, de toda a nossa Congregaçam; Este Breue, veyo, e o teue em si o illustrissimo Nuncio Marcello Durazio, é quãdo o Padre Mestre Doutor Dom Gabriel de Santo Agostinho foy a Lisboa eleger Prior em Sam Vicente, emtam o Nuncio lho deu para que o desse a execuçam —

¶ No Anno de 1681 = no Mes de Outubro, o mesmo Sũmo Pontifice Innocencio — XI — deu sentença em favor das Inquississoeñs deste Reyno, q̃ auia já quatro, ou sinco annos estauaõ fechadas por causa da perfidia dos judeos, que com grandes instancias por seus procuradores queriam q̃ o Papa lhes concedesse mil couzas superfluas contra a verdade da fé, em seu fauor delles, até q̃ este Anno mandou se abrisse com mais credito, é procedessem como sempre se obrrou, mandando tambem no breue da sentença, que todas as inquississoens da cristandade se gouernassem pello regimento das inquississoens de Portugal =

¶ elegeosse neste Outubro no Conuento de Santa Crus, substituto, ao Padre Dom Theodozio de Santo Agostinho —

¶ O Padre Geral estando senhor de toda a religiam, ao eleger de Procuradores para o Capitulo, se achou com... dés votos.

¶ CAPITULO GERAL = 48. ¶

¶ No Anno de 1684 — 17 de Abril, segunda feira post Dominicam de Pastor Bonus = se celebrou neste Real mosteiro de Santa Crus, o Capitulo Geral — 48 =

¶ Assistiraõ nelle =

¶ O Auditor do illustrissimo Nuncio, Durazio = é hũ notario Apostolico =

¶ O Padre Doutor Dom Gabriel de S^{to} Agostinho Lente iubilado, que acabaua o Generalado, Prezidente do Capitulo, é dous Procuradores eleitos deste real mosteiro de S^{ta} Crus.

¶ Dom Antonio da Conceiçam, vigairo do real mosteiro de Sam Vicẽte veyo a capitulo em lugar do Prior Doutor Dom Antonio dos santos, que ficaua muyto doente = é hum Procurador eleito deste mosteiro.

¶ Dom Aluaro da Ascensam, Reytor do nosso Colegio sapientia de Coímbra é hum Procurador Lente iubilado.

¶ Dom Innocencio da Resurreiçam, Prior do mosteiro do saluador de Grijo, é hum procnrador eleito deste mosteiro.

¶ Dom Joam da Graça Prior do mosteiro de S^{to} Agostinho da Serra — é hum Procurador eleito deste mosteiro.

¶ Dom Jeronimo dos Anjos, Prior do Mosteiro do Saluador de Moreira, é hum Procurador eleito deste mosteiro —

¶ Dom Paulo de Santo Agostinho, Prior do mosteiro de S^{ta} Maria de Nandim, é hum Procurador eleito deste Mosteiro.

☩ Dom Prospero de S^{to} Agostinho, Prior do mosteiro de S^{ta} Maria de Reffoyos, é hum Procurador eleito deste mosteiro —

☩ Dom Patricio da Crus, Prior do Mosteiro de Sam Jorge —

☩ Dom Antonio da Madre de Deos, Prior do Mosteiro de Caramos —

☩ Dom Lionardo da Crus, Prior do Mosteiro do Salvador de Paderne.

☩ Dom Faustino da Esperança Prior do Mosteiro de Villaboa.

☩ O Doutor Dom Luis da Ascençam, Lente Jubilado, vigairo de S.^{ta} Cruz.

☩ O Doutor Dom Pedro da Gloria, Lente Jubilado.

☩ O Doutor Dom Miguel de S^{to} Agost.^o, Lente Jubilado, Procurador do Colleg.

☩ O Doutor Dom Antonio dos Martyres, Lente Jubilado.

☩ Dom Lionardo da Purifficaçam, que foy Geral.

☩ Dom Henrique do Desterro, que foy Geral.

☩ Dom Fulgencio dos Martyres, que foy Geral.

☩ Dom Jeronimo da Conceiçam, que foy Geral.

☩ Dom Theodozio de S^{to} Agost.^o, Substituto, Diffinidor 1^o

☩ Dom Acurcio da Esperança collega 1^o. Diffinidor 2^o

☩ Dom Virissimo de santo An.^{to}, collega 2^o Diffinidor 3^o

☩ Dom Gabriel da Assumpsaõ, Vizitador, Diffinidor 4^o

☩ Dom Manoel de Christo, vizitador, Diffinidor 5^o

☩ Dom Joaõ da Expectaçam, vizitador, Diffinidor 6^o

☩ Dom Manoel de S^{to} Antonio, Mestre de novissos de Santa Cruz.

☩ Dom Alberto de Sam Gonçallo, pelo seu breue.

☩ Aqui se seguẽ os outo Procuradores = e o do Collegio Lente Jubilado — 36 —

☩ Elegeram pera o capitulo presente =

¶ Pera Secretario = Dom Acurcio da Esperança, q̄ era collega.

¶ Pera Vizitador 1.º Dom Alvaro da Ascençaõ q̄ era Reytor do Collegio

¶ Pera Vizitador 2.º = Dom Innocencio da Ressurr. Prior q̄ era de Grijo.

¶ Pera Vizitador 3.º = Dom Alberto de Sam Gonçallo do seu breve —

¶ Pera Diffinidor — 1.º — Dom Jeronimo da Conceiçam, que foy Geral.

¶ Diffinidor 2.º — Dom Faustino da Esperança, Prior de Villaboa.

¶ Diffinidor 3.º — O Doutor Dom Miguel de S^{to} Agost^o Lente Iubilado

¶ Diffinidor 4.º — Dom Sebastiaõ Simaõ Procurador da Serra.

¶ Diffinidor 5.º — Dom Theotonio de S.^{ta} Maria, Procurad. de Landim —

¶ Em os — 23 — de Abril domingo à tarde, no mesmo Anno 1684 = se fizeraõ as eleiçoens seguintes no capitulo geral = a saber =

¶ Reitor do Collegio, o Padre Mestre Doutor Lente Jubilado Dom Pedro da Gloria, pessoa do capitulo geral = Regente do mesmo collegio; Dom Alexandre de saõ Jozeph = substituto = Dom Antonio de S.^{ta} Maria = Collegas = D. Jozeph, de Santo Antonio = é Dõ Raymũdo de S.^{ta} Maria =

Diffinidores, vizitadores do meyo do triennio = D. Miguel dos Martyres = D. Theotonio do Salvador = D. Luis da Luz, pessoa do capitulo geral.

¶ E no dia — 24 — de Abril, segunda feira á tarde, foy eleito, é logo confirmado pelos Padres vizitadores, em Prior deste Real Mosteiro de santa Crus, é Geral para a Congregaçaõ cancelario da Uniuersidade.

¶ 48 = O Padre Dom Manoel de sam Lionardo = natural da cidade de Coimbra, conego professo, é morador

neste Real Mosteiro, é nelle Procurador primeiro para o Capitulo geral = Eraõ os votantes — 74 = levou = 53 = os demais q̄ lhe faltaraõ votaraõ diuididos. Tinha sido Prior do Mos.^{tro} de Paderne e do Mos.^{tro} de Landim, Vigairo de S.^{ta} Crus, e no Capitulo Geral antecedente Diffinidor 1^o

¶ CAPITULO GERAL = 49 ¶

¶ No Anno de 1687 a 15 de Abril na seg.^{da} f.^a depois da Dominga de Pastor bonus se celebrou capp.^o g.^{al} neste Real Mos.^{tro} de S.^{ta} Crus sendo Prezid.^o do d.^o Capp.^o o Rev.^{mo} P.^o D. M.^{el} de s. Leonardo, e assistente por ordem do ill.^{mo} s.^{er} Nunçio Fr.^{co} Nicolini Arçebispo de Rhodes o Auditor da Legaçia Joaõ Baptista Sisi. E neste Capp.^o feito na forma costumada se proçedeo à eleição de Prior g.^{al} em os 20 de Abril do d.^o anno, e sahio eleito o R.^{mo} P.^o D. Jnnocenço da Resurreiçaõ conego profeço no Mos.^{tro} de Grijo sendo p.^{ro} Pro.^{or} neste Capp.^o

¶ CAPITULO GERAL = 50 ¶

¶ No Anno de 1690 a 9 de Abril na seg.^{da} f.^{ra} depois da Dominga de Pastor bonus se celebrou Capp.^o G.^{al} neste Real Most.^o de s.^{ta} Crus sendo Prezid.^o do d.^o Capp.^o o R.^{mo} P.^o D. Innoçenço da Resurreiçaõ e assistente por ordem de S. Magestade e do Ill.^{mo} S.^r Nuncio com todos os seus poderes o Ill.^{mo} s.^r D. Joaõ de Mello Bispo Conde. E neste cap.^o feito na forma costumada se procedeo a eleição de Prior G.^{al} aos 15 de Abril do d.^o anno em que sahio eleito o R.^{mo} P.^e M.^e D. P.^o da Gloria Lente jubilado Conego profeço e morador neste Mos.^{tro} de S.^{ta} Crus, natural da v.^a de Cea, sendo vizitador p.^{ro} o P.^o M.^e D. Antonio dos Martires R.^{or} do Collegio, D. M.^{el} dos Martires Prior do Mostr.^o da Serra e D. Christouaõ da Cruz Prior do Mos.^{tro} de S. Simaõ da Junq.^{ra}

¶ CAPITULO GERAL = 51 ¶

¶ No anno de 693 a des de Abril foy eleito em Prior deste mostr.^o de S.^{ta} Crus e Geral de Sua Congregaçã o Rm.^o P.^o Dom M.^{el} de S. Joseph Prior que acabaua de ser do mostr.^o de S. Vicente de fora da Cidade de Lx.^a n.^{al} da mesma cidade de Lx.^a e foy confirmado pello P.^o Dom Prospero de S.^{to} Agostinho Prior do mostr.^o de Grijo, e pello P.^o Dom M.^{el} de S. Luis Prior do Mostr.^o de Refoyos do Lima sendo ambos segundo e 3.^o vizitadores que o Pr.^o foi o Rm.^o P.^o Geral eleito o qual Rm.^o P.^o Geral he f.^o legitimo de Fernão Roiz. de quadros fidalgo da camara del Rey Dom João o 4.^o e de sua m.^{er} Dona Illena Coutinho da Camara da Snra Rainha Dona Luiza, e dipois Camareyra da Snra Rainha da Graõ Bretanha; =

¶ CAPITULO GERAL = 52 ¶

¶ No Anno de 696, em 11 dias do mes de Mayo foi eleito em Prior deste mostr.^o de S.^{ta} Crus, e Geral de Sua Congregaçã o R.^{mo} P.^o Dom Jeronimo de S. Joseph, f.^o deste mostr.^o de S.^{ta} Crus; e n.^{al} desta Cidade f.^o de João de Saa Pr.^a e de Sua m.^{er} Donna Mariana e foi confirmado pello P.^o Dom Gaspar da Emcarnaçã Prior do Real mostr.^o de S. V.^{to} e pello P.^o Dom Matheus dos Anjos Prior do mostr.^o de Grijo, e pello P.^o Dom Raphael do Prezepio Prior do mostr.^o de Refoyos.

¶ CAPITULO GERAL = 53 ¶

¶ No Anno de 1699 em os 22 dias do mez de Mayo foi elleito em Prior deste Mostr.^o de S.^{ta} Cruz e G.^{al} da sua congregaçã o R.^{mo} P.M. Dom Pedro da Gloria que entã acabaua o sexenio do generalato em q̄ prim.^{ra} vez tinha sido elleito sendo vizitadores o P. D. Verissimo das Neues Prior do Mostr.^o de Moreira, O P.D. Baptista da Trind.^o

Prior do Most.^{ro} de Villa Boa O P.D. Ant.^o de São Joseph
 P.^{or} do Mostr.^o de Grijo E. Prezid.^o de Cap.^o G.^{al} O P.D.
 Gaspar da Incarnação Prior do Mostr.^o de S. Vicente por
 falecim.^{to} do R.^{mo} P.D. Heronimo de São Joseph.

¶ CAPITULO GERAL = 54 ¶

¶ No anno de 1702 em os 12 dias do mes de Mayo, foi eleito em Prior deste mostr.^o de S.^{ta} Crus e Geral de Sua Congregação o R.^{mo} P.^e Dom João do Paraizo, sendo vizitador primeiro o P.^o Dom João dos Anjos Prior do mostr.^o da Serra, e Seg.^{do} o P.^o Dom Gabriel da Annun-
 ciação Prior do mostr.^o de S. Simão da Junq.^{ra}, e terceiro o P.^o Dom Manoel de S.^{ta} Anna Prior do mostr.^o de Paderne; e sendo os vogais setenta e seis sahio eleito com setenta e tres e acabava de ser substituto do Rm.^o P.^o M.^o Dom Pedro da Gloria que foi Prezid.^{te} do mesmo Cap.^o G.^{al}

¶ CAPITULO GERAL = 55 ¶

¶ No anno de 1705 em 8 de Mayo, foi eleito em Prior deste mostr.^o de S.^{ta} Crus e Geral de Sua Congregação o Rm.^o P.^o Dom Gaspar da Incarnação, f.^o do Real mostr.^o de S. V.^{te}, e confirmado pelos M.^{to} R.^{dos} Padres Dom João de Christo Prior do Real mostr.^o de S. V.^{te}; e Dom Siluestre dos Anjos Prior do mostr.^o de Refoyos, e Dom Fran.^{co} de S. Jeronimo Prior do mostr.^o de S. Simão da Junq.^{ra} vizi-
 tadores e exquadrinhadores da eleição; e sendo os Vogais nouenta e cinco Sahio eleito com quarenta e noue votos, sendo Prezid.^{te} do mesmo Cap.^o o Rm.^o P.^o Dom João do Paraizo Geral que acabava.

¶ CAPITULO GERAL = 56 ¶

¶ No anno de 709 em 29 de Jan.^{ro} de 709 se celebrou cap.^o Geral no Real mostr.^o de S. V.^{te} e sendo convocado neste Real mostr.^o de S.^{ta} Crus, e mouendosse alguãs duui-

das nelle o P.^o Presidente o levantou e no dito dia se celebrou no d.^o mostr.^o e sahio eleito com todos os votos que no d.^o mostr.^o de S. V.^{te} se acharaõ o Rm.^o P.^o Dom Joseph de S. Joaõ, Prior deste Real mostr.^o de S.^{ta} Crus e Geral de sua congregaçã cancellario da Un.^{de}

¶ Em o anno de 712 em 14 dias do mes de Abril do d.^o anno se celebrou capitollo geral neste Real most.^o de S.^{ta} Crus, e foi eleito no prim.^o jacto o Rm.^o P.^o Dom Joaõ de Christo em Prior deste most.^o e geral de sua congregaçã, f.^o do mostr.^o de Grijo, e acabaua o Priorado de S. Vicente da segunda ves que no d.^o mostr.^o foi Prior e foi eleito com oitenta e noue votos, sendo os vogais noventa e dous, e no d.^o dia confirmado, pello m.^{to} R.^{do} P.^o Mestre Dom Nuno da expectaçã 3.^o vezitador em rezaõ de que o prim.^o era o Rm.^o P.^o Geral eleito, e o segundo que era o m.^{to} R.^{do} P.^o Dom Theotonio da Crus Prior do mostr.^o de Refoyos estaua com achaque.

¶ No anno de 1715 em os 12 dias do mes de Mayo foi eleito em Prior geral deste Real Mostr.^o de Sancta Cruz, e geral de sua congregaçã o R.^mo P.^o Dom Gaspar da Incarnaçã f.^o do Real Mostr.^o de S. V.^{te} e confirmado pellos m.^{to} R.^{dos} P.^{es} Dom Bento de S.^{to} Ag.^o, Reitor do nosso Colleg.^o, e por D. P.^{am} da Natiuid.^o Prior do Mostr.^o de Sancto Ag.^o da Serra Vizitadores, e Excudrinhadores da Eleiçã, e sendo os Vogais 111 sahio eleito com 68 votos, sendo Presidente de Cap.^o o R.^mo P.^o Dom Joaõ de Christo geral q̄ acabaua.

VNIAÕ DOS MOSTEYROS DA NOSSA ORDEM
CANONICA AUGUSTINIANA DE PORTUGAL,
EM CONGREGAÇÃO COM O REAL MOSTEYRO
DE SANTA CRUS DE COIMBRA: & COMO
FORAÕ REFORMADOS.

VNIAÕ DOS MOSTEIROS DA NOSSA ORDEM
CANONICA, Á CONGREGAÇÃO = E COMO
FORAÕ REFFORMADOS.

Os Mosteiros da nossa Ordem Canonica, apostolica, e regular, deste reyno de Portugal, que oje estão vnidos, e incorporados em Congregação refformada, são tam antigos, que com muita deficultade se acha rasto de seus principios, e de quem os fundou, nem em que tempo = Por que como os serenissimos Reys deste reyno, per concessão dos summos Pontifices fossem Padroeiros delles, davaõ os Priorados a Clérigos seculares fidalgos de sua Caza, os quais mais tratavaõ de desfrutar, e dissipar seus bens, e rendas, que augmentallas, e conservallas, enriquecendo com ellas a parentes, e criados a quem as davaõ = E por nos faltarem papeis nos cartorios que elles pera seu intento de lá tira-vaõ, e por algum descuido, e pouca curiozidade dos religiozos conegos antigos, se veio a perder em parte esta memoria com a dos mesmos Piores mores perpetuos, e comendatarios que tiveraõ, que com grande trabalho se descobrem alguns = E assim tocando hum quazi nada em alguma pouca noticia que achamas do muito que se pudera escrever de seus principios, passaremos com esta brevidade ao tempo, e Anno em que foraõ refformados, e se vniraõ em Congregação com o real mosteiro de Santa Crus da

Cidade de Coimbra, fazendo catalogo de seus Prioros triennais, comessando pelo real mosteiro do Martyr Saõ Vicente de fora da Cidade de Lisboa, camera real, que ainda que não he tam antigo como os de entre Douro, e Minho, comtudo veio primeiro que todos elles à vnião, e refformação e delle não só se fas catalogo dos seus Prioros triennais, mas de todos os Prioros mores perpetuos que teve antes que fosse reformado = E he o que se segue —

PRINCIPIO, & FUNDAÇÃO DO REAL MOSTEYRO
DE SAÕ VICENTE, DA CIDADE DE LISBOA:
& CATALOGO DE TODOS OS SEUS PRIORES
MÒRES PERPETUOS.

PRINCIPIO, É FUNDAÇAM DO REAL MOSTEIRO
DE SAM VICENTE DA CIDADE DE LISBOA
= É CATALOGO DE TODOS OS SEUS PRIORES
MORES, E COMENDATARIOS —.

¶ No Anno do Senhor, 1147 = corria a Era de Cezar, M. c. lxxxv. em, 25, de Outubro, o valerozo, e santo Rey Dom Affonso Henriques tomou por serco, e conquista a os Mouros a famoza cidade de Lisboa. Tinha já no mesmo Anno mandado a o Arcebispo de Braga Dom Joaõ Peculiar nosso conego = o qual o acompanhou sempre = benzesse dous semiterios em lugares convenientes por onde o Arraial se estendia, pera nelles se dar sepultura a os soldados, e cavaleiros que nos combates, e escaramussas com os Mouros perdiaõ gloriozamente as vidas = e iuntamente fes voto, e promessa a Deos Senhor nosso, se lhe entregava esta Cidade, levantar nelles dous mosteiros = O Arcebispo Dom Joaõ chamando alguns Clerigos, benzeo duas pedras, e com a solemnidade possivel as lansou nestes dous semiterios por fundamentais, e nelles se comessaraõ logo a fundar duas Igrejas = huma á Virgem Maria nossa Senhora, e aos martyres que a hi estavaõ sepultados, no Semiterio dos Cavaleiros Inglezes = é a outra dedicou ao Martyr Saõ Vicente, sepultura dos Cavaleiros Alemaens, mortos na mesma cauza, e occaziaõ.

¶ Entrada a Cidade em, 25, de Outubro, como fica dito, é postas as couzas em sua ordem, o santo Rey Dom Affonso Henriques por fazer obsequio a os estrangeiros que o ajudaraõ a tomar a cidade, deu o bispado della com a nova Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, a Dõ Gilberto, já Bispo sagrado, de nação ingles, pessoa de muita autoridade, letras, virtude, e exemplo, que com elles viera na Armada, e dizem que era irmaõ do General Guilherme de longa espada. A outra Igreja do Martyr saõ vicente que elRey tomou pera si, e a fes Camera real, cometeo a administração della a outro ingles sacerdote santo virtuozo, que se chamava = Roardo, pera que nella como Parroco, e cura, com outros clerigos dissesse todos os dias Missa, e administrasse os sacramentos ao povo, avendo primeiro approvaçãõ do Papa Eugenio 3º = A este Roardo, succedeo outro sacerdote ingles, chamado, Hotta = é a este outro Sacerdote da mesma nação, chamado Salerio.

¶ E trazendo o devoto Rey pensamento de cumprir seu votto, e funder nesta sua Igreja camera real dedicada ao Martyr saõ vicente, hum mosteiro de religiosos que nelle continuamente servissem a Deos = succedeo chegar á cidade de Lisboa hum varaõ de santa vida religioso, por nome = Gualter, de nação, Framengo, com quatro companheiros conegos Premonstratenses, com animo de dilatarem neste Reyno sua congregaçãõ. Tendo elRey delles noticia, os chamou, e lhe entregou a Igreja com as rendas que já lhe tinha applicadas, e com outras de que lhe fes nova doaçaõ. Continuou o Abbade Gualter com seu governo alguns annos = tratou nelles de vnir este novo mosteiro de Saõ Vicente a os da sua congregaçãõ de Premonstre: mas vendo que de nenhuma maneira queria elRey vir nisto, deixou voluntariamente o Cargo de Abbade, e com os seus se tornou pera a Patria donde tinhaõ vindo.

¶ Despedido o Abbade Gualter, proueo elRey o mosteiro, e fes delle Abbade a hum sacerdote conego, chamado David, o qual governou alguns annos o novo mosteiro, e Parroquia com satisfaçaõ: mas vendo que elRey

lhe hia a mão em muitas couzas, desgostou e veio a se desavir com elle, de sorte que elRey o despedio.

¶ Vendo o Serenissimo, é Santo Rey quam pouco perseveravaõ os estrangeiros, tratou de dar o mosteiro, e sua administraçaõ a pessoas conhecidas, e tais que por suas virtudes, é partes conservassem nelle a observancia regular. Escreveo huma carta a Coimbra ao Padre Santo Theotonio seu confessor, offeressendolhe este cargo, e lugar pera os seus religiozos conegos do convento de Sancta Crus. O Padre Santo Theotonio mandou logo pera Lisboa a Dom Honorio com titulo de Prior, com seiscentos soldos de ouro pera a fabrica do novo mosteiro = Era Dom Honorio hum dos primeiros doze companheiros seus = O qual sendo assalteado no caminho pellos Mouros, foy levado cativo á cidade de Elvas: e pellas oraçoẽs, e penitencias que o santo mandou fazer pellos seus conegos assim publicas, como secretas, a os quinze dias de seu cativeiro tornou Dom Honorio pera Santa Crus livre, com o mesmo dinheiro que levava, e com doze cativos que sobre sua palavra lhe foraõ dados. Depois disso, o tornou a mandar pera Lisboa com alguns outros conegos, e lhe foy entregue o novo mosteiro de Saõ Vicente, que elle foy fabricando, e administrando, delles era Prelado, Prezidente, e superentendente das obras. Chegou neste tempo o Breve que se esperava da confirmaçaõ do Priorado do Papa Alexandre, 3º, conego Regrante da Basilica Lateranense: mas neste comenos faleceo no mesmo mosteiro o Padre Dom Honorio, em os, 7, de Agosto da Era de Cezar M. c. l. xxxix. ix: he Anno de Christo, 1161. = Tudo isto consta do relatorio, e fundaçãõ deste real mosteiro, e suas memorias que se guardaõ no seu Cartorio.

¶ Por ser o mosteiro de saõ vicente o mais antigo da Cidade de Lisboa, principiado no Anno de, 1147 = fundado sobre sangue de tantos Martyres, ê por ser Camera real, ê patrimonio pera os serenissimos Reys de Portugal, quis o santo Rey Dom Affonso Henriques fossem seus Prelados muito autorizados, cujo cargo se naõ dava se naõ

a pessoas de letras, sangue, é virtude. A instancia do mesmo Rey foraõ seus Priores mores izentos de toda a Iurisdição dos Bispos de Lisboa, cuja izençaõ concedeo o primeiro Bispo Dom Gilberto, a o primeiro Prior mór Dom Gadinho Affonso, pellos Annos de, 1164.

¶ Tinhaõ Iurisdição ordinaria na freguezia do mosteiro, vigairo geral, escripturaõ, Meirinho, é Aljube; a qual lhe largou a o mesmo Prior o Bispo Dom Alvaro nosso Conego, no Anno de, 1166 = depois de tomar posse do bispado por morte do Bispo Dom Gilberto seu predecessor: o que tudo confirmou o Papa Alexandre, 3º, por seu Breve; e depois d'elle, os Papas Innocencio, 3º, e Honorio, 3º =

¶ Nos autos publicos, é synodos de Lisboa, tiveraõ sempre o primeiro lugar entre os mais Prelados das Igrejas Collegiadas, e mosteiros da mesma cidade, é bispado. O primeiro Prior que tomou posse desta preheminencia, foy Dom Payo Gonsalves, no synodo que o bispo Dom Sueiro Annes ajuntou na sua Seê de Lisboa, no Anno de, 1191 — consta de hum instrumento publico que tirou o dito Prior, que se conserva no cartorio deste real mosteiro.

¶ A graça, é privilegio pera os Priores mores perpetuos poderem uzar de insignias episcopaes, trazerem Anel, é crus peitoral, uzarem de mitra, é Baculo, é dizerem Missa em Pontifical nas festas solemnes, concedeo por seu Breue Apostolico o Papa Urbano, 4º, no Anno de, 1262 = ao Prior mór Dom Estevaõ Pires.

¶ Interpretou mal este Breue o Bispo de Lisboa Dom Matheos, dizendo, que aquellas palavras do Summo Pontifice = Dummodo Diaecesanus Episcopus non sit praesens = se aviaõ de entender, naõ estando elle na Cidade. Recorreo o Prior a Roma, alcansou do Papa Clemente, 4º, novo Breve, no qual declara sua santidade, que aquella condição com tanto que o Bispo diocesano naõ esteja presente = se entende, naõ estando presente na igreja do mosteiro de saõ vicente, quando os Priores fizerẽ os Pontificais: Este, 2º, Breve foy passado em, 25, de Fevereiro do Anno de 1266 = Com esta declaraçaõ, e novo Privilegio

comessaraõ os Priores de saõ vicente a exercitar livremente as insignias Episcopaes nas festas solemnes, naõ obstante estarem os Bispos de Lisboa na cidade: com os quais tiveraõ muitas contendas, e demandas sobre a iurisdicãõ, mas sempre os levaraõ de vencida. Com tudo isso pello discurso do tempo vieraõ os Priores vencedores perder esta iurisdicãõ, e suas insignias episcopaes, como se dirá a diante em seu lugar, na Pagina = 108 =.

¶ BISPOS QUE SAIRAÕ DO MOSTEIRO DE SAÕ VICENTE ¶

1. ¶ Dom Gudinho Afonso = Conego de Santa Crus, primeiro Prior de saõ vicente, pera Bispo de Lamego = no Anno de — 1173 =
2. ¶ Dom Payo = Conego de santa Crus, Prior Crasteiro de saõ vicente = pera, 2º, Bispo de Evora = no Anno de, 1180 =
3. ¶ Dom Nicolao Annes Taveira = Conego, e Prior crasteiro de saõ vicente = pera, 4, Bispo de Vizeu = no Anno de, 1193 = é — 1198 =
4. ¶ Dom Ayres Vasques = Conego do mosteiro de saõ vicente, — pera Bispo da cidade de Lisboa = no Anno de, 1242 =
5. ¶ Dom Estevaõ Pires = Conego, e Prior de saõ vicente = capellaõ do Papa; pera Bispo de Palla — no Anno de, 1251 = Palencia —
6. ¶ Dom Nuno de Aguiar = Prior môr Comendatario de saõ vicente = pera Bispo de Tangere = no Anno de, 1468 =
7. ¶ Dom Diogo Ortis de Vilhena = Prior môr Comendatario de saõ vicente = pera, 2º, Bispo de Tangere = Anno, 1491 = Bispo de Saõ Thome, e Logo de Vizeu = no Anno de, 1507 =
8. ¶ Dom Fernando de Vasconcellos, e Menezes = Bispo de Lamego; Prior môr Comendatario de saõ vicente = pera Arcebispo de Lisboa —

9. ¶ Dom Francisco da Encarnação Sotto Mayor = Conego de santa Crus de Prior Triennal de saõ vicente = pera Bispo de Torga de Anel = no Anno de, 1635 = eleito Bispo de Lamego, Faleceo preconizado Arcebispo de Braga, no Anno de, 1669 = infra — Pag = 117 = X —.

PRIORES MORES PERPETUOS DO REAL
MOSTEIRO DO MARTYR SAM VICENTE
DE FORA, DA CIDADE DE LISBOA,
CAMERA REAL.

Todos os Priores perpectuos dos nossos mosteiros, se nomeavaõ, e eraõ Priores mores, por aver no mesmo tempo nos conventos outro Prior menor pera o comum governo das couzas ordinarias em que o Prior môr se não metia: intitulasse, Prior da claustra, ou Prior crasteiro. Pondo estes de parte, seguesse fazermos catalogo dos Priores mores perpetuos, e comendatarios que teve este real mosteiro de saõ Vicente camera real dos Reys de Portugal. ¶ São os seguintes.

Dom Gudinho Affonso = conego professo, e hum dos, 70, companheiros do Arcediago Dom Tello na fundação do real mosteiro de Santa Crus da Cidade de Coimbra = era filho de Dom Affonso, fidalgo da caza delRey Dom Affonso Henriques, como consta do livro dos obitos, e das memorias do mesmo real mosteiro.

¶ Na Era de M.c.lxxxx.ix. que he Anno de, 1161: estando o Serenissimo Rey Dom Affonso Henriques na Cidade de Coímbra, lhe chegou avizo de Lisboa, como em os, 7, de Agosto levara Deos pera si ao Padre Dom Honorio, Prezidente, e Parraco do seu novo mosteiro do martyr saõ Vicente = Tratou logo de pôr nelle Prior: Deu conta disto a o Padre santo Theotonio = ele lhe deu noticia da muita virtude, e exemplo do Padre Dom Gudinho Affonso, e lhe disse quem era, e quem fora seu pay, e que era — merecedor pera se fiar delle aquelle Priorado.

¶ Avia alguns annos que Dom Gudinho estava por refformador no mosteiro do Salvador do Banho, aonde o Padre Santo Theotonio o tinha mandado, pedido pellos conegos daquelle mosteiro, reduzindoos à observancia regular, conforme se guardava no real mosteiro de Santa Crus. ElRey o mandou logo chamar = veyo Dom Gudinho bem allheyo da honra que o esperava = elRey Dom Affonso lhe deu o Priorado deste seu real mosteiro de Saõ Vicente = Da cidade de Coimbra o mandou pera Lisboa, aonde os Conegos Regrantes que já avia no convento, lhe deraõ posse em, 22, de Janeiro do Anno de, 1162 = hum mes antes do gloriozo tranzito do Padre Santo Theotonio; e foy o primeiro Prior môr perpetuo deste mosteiro de Saõ Vicente camera real = e o possuhio cerca de onze annos —

¶ No princípio do seu Priorado fundou o veneravel Padre Dom Gudinho hum mosteiro de conegas Donas incluzas, à honra do Arcanjo Saõ Miguel, na rua direita iunto a o seu mosteiro, e lhe ordenou guardassem a Regra do Patriarca Santo Agostinho, e as leys, e constituições dos Conegos Regrantes do mosteiro do Saõ Vicête, e fossem sugeitas a os Piores delle. Neste mosteiro perseveravaõ ainda na Era de, M. ccc. l. xx = que he Anno de 1332 = cuja Prioressa se chamava = Dona Elvira Silvestre, que faleceo em os, 7, de Agosto deste Anno = Consta do livro dos obitos do mosteiro de Santa Crus, nestas palavras = Septimo Idus Augusti, obiit Domna Elvira Silvestri, Priorissa sororum Dominarum Sancti Vicencij — Era = ...

¶ O Serenissimo Rey Dom Affonso Henriques nomeou Bispo de Lamego ao Prior Dom Gudinho na Era de, M. cc. xj = que he Anno de, 1173 = por morte do Bispo Dom Mendo. O Papa Alexandre, 3º, lhe passou as letras no principio do Anno seguinte 1174 = fes logo dizistencia do Priorado, o Bispo de Lisboa Dom Alvaro o sagrou, e foy pera o bispado, e o possuhio, 14, annos, e alguns mezes.

¶ Em, 15, de Setembro, do Anno de, 1173 = era ainda Prior Dom Gudinho, chogou a esta Cidade de Lisboa o corpo do Martyr Saõ Vicente que o piadoso Rey Dom

Affonso Henriques mandou buscar ao Promontorio do Algarve, pera o collocar neste seu real mosteiro que pera isso o dedicou a este santo, mas por estar elRey entam em Coímbra, no lo roubaraõ, e o levaraõ pera a Sê.

¶ Faleceo finalmente o Bispo Dom Gudinho Affonso em, 30, de Março do Anno de, 1189 = como consta do livro dos obitos de Santa Crus, que dis assim = Tertio Kalendas Aprillis obiit Domnus Gudinus Canonicus Sanctae Crucis, quondam primus Prior monasterii Sancti Vincentij, et postea Episcopus Lamacensis = Era, M. cc. xx. vij = he o Anno asíma, 1189 =

¶ — 2 — Dom Mendo = Conego professo do mosteiro do Salvador do Banho, donde tinha vindo com o Padre Dom Gudinho, era rezidente neste mosteiro de Saõ Vicente, cujo Priorado vagando na Era de, M. cc. xij, que he Ano, 1174 = elRey Dom Affonso Henriques o nomeou pera 2º, Prior mór perpetuo no princípio deste Anno, e foy confirmado em, 22, de Janeiro = logrou o Priorado, 8, annos = 8, mezes = 26, dias — Era Prior Crasteiro, quando o fizeraõ Prior mór —

¶ Vagou o bispado de Evora por morte do seu primeiro Bispo Dom Sueiro na Era de, M. cc. xvij = que he Anno de, 1180 = elRey Dom Affonso Henriques o dava ao Prior mor Dom Mendo, o qual por ser já muito velho não quis asseitar = Faleceo dahi a dous annos em os 18, de de Outubro, Era, M. cc. xx = he Anno, 1182 =

¶ Dom Payo = Conego professo do real mosteiro de Santa Crus, discipulo do Padre Santo Theotonio = era bom letrado de grande virtude, e exemplar; Sendo Prior Crasteiro deste mosteiro de Saõ Vicente, elRey Dom Affonso Henriques lhe deu o Bispado de Evora que o seu Prior mór não quis asseitar, como a síma dissemos. O Papa Alexandre, 3º, lhe passou as letras no Anno de, 1181 = O Bispo de Lisboa Dom Alvaro de Freitas, o sagrou no mesmo Anno, e se foy pera o seu bispado que governou cerca de, 23, annos = Faleceo em os, 8, de Setembro do Anno de, 1204 —

¶ — 3 — Dom Payo Gonsalves = conego professo do mosteiro do Salvador do Banho, rezidente, é morador neste de saõ Vicente; cujo Priorado mór vagando por morte de Dom Mendo, elRey Dom Affonso Henriques o nomeou Prior mór perpetuo, e foy confirmado no mes de Outubro do sobre dito Anno de, 1182.

¶ O Prior Dom Payo, tanto que entrou no governo do seu Priorado, mandou fundar hum hospital pera pobres, e peregrinos iunto ao mosteiro, semelhante a o que o Padre Santo Theotonio tinha fundado em Coimbra, e lhe applicou renda bastante pera sua sustentação, afora o muito que cada dia lhe doavaõ os fiejs. O qual se extinguiu de todo, quando se fundou o hospital real da cidade de Lisboa, pera o qual se lhe applicaraõ as mesmas rendas —

¶ No Anno de, 1184 = o Papa Lucio, 3º, lhe confirma a jzençaõ do mosteiro por sua Bulla = e depois d'elle o Papa Clemente, 3º, no Anno de, 1190 = naõ sô confirma a mesma izençaõ, mas tambem declara, e confirma a do seu hospital —

¶ No Anno de, 1185 = em os, 6, de Dezembro, na Cidade de Coimbra faleceo o Serenissimo, e Santo Rey Dom Affonso Henriques, fundador deste real mosteiro de Saõ Vicente aonde o Prior mór Dom Payo Gonsalves lhe mandou fazer solemnes exequias, e atualmente lhas fazem cada anno os Priores triennaes.

¶ Dom Nicolao Annes Taveira, natural de Lisboa, irmão da may de Santo Antonio, seu pay se chamava, João Rodrigues Velho, e sua may, Dona Ana Taveira, tomou o habito e fes proffissão neste mosteiro em tempo do Prior Dom Gudinho = Sendo Prior casteiro neste convento, elRey Dom Sancho, 1º, o nomeou pera Bispo de Vizeu no Anno de, 1193 = vendosse eleito, esteve escondido cinco annos no real mosteiro de Santa Crus de Coimbra por naõ asseitar o bispado = Dahi deu comsigo em Roma no Anno de, 1198 = fes suas instancias com o Papa Innocencio, 3º, o escuzasse = naõ no quis fazer, antes o exortou, e obrigou a asseitar de que lhe passou suas letras, e o mandou sagrar,

e enviou pera o bispado que possuhio, 14, annos, e faleceo em, 20, de Outubro do Anno de, 1211 = o que consta do livro dos obitos do real mosteiro de Santa Cruz.

¶ Na Era de, M. cc. xxx. ij = he Anno de, 1194 = em, 15, de Agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora; na Cidade de Lisboa, naceo Fernando Martins de Bulhoens, que he o Padre Santo Antonio = Filho de Martinho de Bulhoens, e de sua mulher Dona Tareja Taveira, fidalgos bem conhecidos.

¶ Faleceu finalmente o Prior môr Dom Payo Gonsalves em os = 5 = de Fevereiro, da Era, M. cc. xxx. viij = he Anno de, 1200 =

¶ — 4 — Dom Pedro Mendes; Mestre em sagrada Theologia, conego professo deste mosteiro de São Vicente. morto o Prior Dom Payo Gonsalves, logo os conegos fizeraõ sua eleição canonica conforme huma clauzula da Bulla que o Papa Celestino, 3º, passou em favor do mesmo mosteiro, no Anno de, 1192 = que dis assim = Que morrendo o Prior môr Dom Payo, não lhe succedesse no Priorado, se não, o que fosse eleito canonicamente pello convento do mesmo mosteiro = Isto por evitar a os Reys de Portugal nomearem Priores pera o mosteiro de saõ vicente, como se tinha feito. E assim elegeraõ com todos os votos nemine discrepante, em seu Prior mor perpétuo a o sobre dito Padre Mestre Dom Pedro Mendes, e foy confirmado em os, 5, de Mayo do sobre dito Anno de, 1200 =

¶ ElRey Dom Sancho consentio na eleição de Prior môr no Mestre Dom Pedro Mendes por ser pessoa de grandes letras, talento, e autoridade: mas protestou não lhe prejudicar a o direito q̄ elle, e os Reys seus successores tem de apresentar, como Padroeiros, os Priores mores daquelle mosteiro de São Vicente por ser sua camera real, e por elles fundado —

¶ No Anno de, 1206 = Alcansou o Prior Dom Pedro Mendes do Papa Innocencio, 3º, hum Breve, pello qual izenta a Igreja, e mosteiro de São Vicente com sua Parro-

quia de toda a iurisdicção ordinaria, e o toma debaixo da protecção da See Apostolica: e em sinal, e testemunho desta liberdade, manda o summo Pontifice lhe pague este mosteiro a elle, e a seus successores cada anno de censo, quatro morabitanos de ouro: valiaõ quinhentos reis cada hũ. Tambem nesta bulla confirma o Summo Pontifice todo o direito e iurisdicção Ecclesiastica, doaçoens, liberdades e izensoens concedidas a o dito mosteiro pellos Reys, Principes e Prelados = E manda finalmente que por morte do dito Prior Dom Pedro Mendes, e dos seus successores, ninguem se atreva a querer pôr Prelado no dito mosteiro, mas que os conegos delle fassam sua eleiçãõ canonicamente do seu Prior môr liuremente. Foy passada esta bulla em os, 4, de Novembro do sobre dito Anno, 1206.

¶ No mes de Dezembro, da Era, M. cc. xxxv. vij = q̄ he Anno, 1209 = neste real mosteiro tomou o nosso habito canonio do Patriarca Santo Agostinho, Fernando Martins de Bulhoens, que foy depois o Padre S^{to} Antonio: era mestre dos nouissos o Padre Dom Gonçallo Mendes varaõ santo, que veio a ser Prior môr deste mosteiro, como abaixo diremos em seu lugar, na volta desta Pagina.

¶ Auia ia noue annos, e alguns meses, q̄ o Padre Mestre Dom Pedro, era Prior môr. Trabalhou tanto com elRey Dom Sancho, 1^o, e com os Conegos deste seu Mosteiro, que o escuzassem do Priorado, que o veio a alcansar com grande alegria sua — Renunciou o Cargo no mes de Janeiro, do Anno de, 1210 = e dahi em diante, se deu á lição da sagrada escriptura, e Oração continua.

¶ Faleceo finalmente o Padre Mestre Dom Pedro Mendes em os, 2, dias do mes de Setembro, do Anno de, 1229 = Consta do livro dos obitos do real mosteiro de Santa Crus, nestas palavras = Quarto Nonas Septembris, obiit Magister Domnus Petrus Menendi, qui fuit quartus Prior monasterij sancti Vicentij = Era, M. cc. lx. vij = que he o Anno a sima = 1229 =

¶ — 5 — Dom Esteuão — Conego professo deste Mosteiro de Saõ Vicente, do qual era Prior Crasteiro. foy cano-

nicamente eleito Prior môr, por votos dos religiosos Conegos deste Conuento, e confirmado em o mes de Outubro do sobre dito Anno, 1210 = em que renunciou o seu antecessor.

¶ No fim deste mesmo Anno, fes profissão solemne Fernando Martins de Bulhoens, que foy depois o Padre Santo Antonio. E no Ano de 1213 = á sua petição foy mudado pera o real mosteiro de S^{ta} Cruz, da Cidade de Coimbra, a onde perseverou em grande santidade alguns annos, até que se passou pera a ordem dos menores, como asíma fica dito, Pag. = 23 = X =

¶ Tendo o Padre Dom Estevã governado o Priorado 9. annos, e cerca de dous meses = faleceo em, 24, de Dezembro, Era de M. cc. l. vij = he Anno de, 1219 =

¶ — 6 — Dom Gonçalo Mendes, varaõ Apostolico, e exemplar, natural da Cidade de Lisboa; seu pay se chamava Dom Mendo Gonsalves, e sua may Dona Tareja Affonso; era conego professo deste mosteiro, tinha sido Mestre dos nouissos, e foy de S^{to} Antonio = Por morte do Prior Dom Estevã, esteve vago o Priorado dous mezes: ElRey Dom Affonso, 2^o, queria como Padroeiro apresentar Prior môr neste mosteiro de saõ Vicente, contradiziaõlho os conegos com os breues dos Papas, Celestino 3^o, e Innocencio, 3^o, — Vltimamente se vieraõ a concordar fizeraõ sua eleição, ficou eleito com todos os votos o Padre Dom Gonçallo Mendes, e foy confirmado em, 24, de Fevereiro do Anno de, 1220 ~ E. M. cc. l. viij =

¶ Em o primeiro dia do mes de Mayo, do Anno, 1228 autoritate Apostolica do Cardeal Legado, Joaõ Sabinense, na Seé Cathedral da cidade do Porto = ainda era de Conegos Regrantés = se celebrou capitulo geral de rofformação de toda a Ordem canonica Augostiniana deste reyno = foraõ nomeados pera nelle prezidirem, como fizerão = o Padre mestre Dom Joaõ Paes, Prior môr do real Mosteiro de Santa Crus = O Padre Dom Gonçallo Mendes, Prior do mosteiro de Saõ Vicente = e o Padre Dom Pedro Pires, Prior do Mosteiro de Eccleziola,

¶ Na Era de, M. cc. lx. ix = he Anno, 1231 = em, 13 — de Junho, na cidade de Padua, passou desta vida mortal pera a gloria, e bemaventurança o Padre santo Antonio, honra da nação Portugueza, lustre da Patria Lisboa = E no Anno seguinte, 1232; na Cidade de Espoleto, o Canonizou o Papa Gregorio, 9º =

¶ Na Era de, M. cc. lxxx = he Anno, 1242 = o Padre Dom Ayres Vasques, conego deste Mosteiro de são Vicente, foy nomeado pera Bispo de Lisboa = O Papa Innocencio, 4º, lhe passou as letras = Já se acha sagrado no Anno de, 1244 = Faleceo em, 6, de Outubro, Anno de 1258 = foy sepultado na parede da Igreja Velha deste mosteyro.

¶ Governou o Padre Dom Gonçallo Mendes o Priorado, 28, annos = Faleceo em, 23, de Fevereiro = Era, M. cc. lxxx. vj = he Anno, 1248 = Cuja Alma vio ser levada pellos Anjos pera o Ceo, o Padre São Frey Gil da Ordem dos Pregadores, estando naquella hora dizendo Missa no seu mosteiro de Santarem, como este santo logo publicou.

¶ — 7 — Dom Estevaõ Pires = natural de Lisboa = Conego professo deste mosteiro = do qual foy eleito Prior mór no mes de Março do Anno de, 1248 = A primeira acção que teve no Priorado, foy ir a Roma sobre a jurisdicção do mosteiro que o Bispo de Lisboa Dom Ayres Vasques queria encontrar, sem embargo de ser Conego do mesmo mosteiro. O Papa Innocencio, 4º, não sóo deu sentença em favor do mosteiro, mas tambem deu titulo de seu Capellam ao Prior Dom Estevaõ, e o fes Bispo de Palla, que he Palencia, no Reyno de Liaõ = Anno = 1251 =

¶ No Anno de, 1262 = O Papa Urbano, 4º, por seu Breve Apostolico, concedeo a o Prior Dom Estevaõ Pires graça, e privilegio pera os Priores mores deste seu Mosteiro poderem vzar nas festas principaes de insignias Episcopaes, Anel, Mitra, e Baculo —

¶ Governou o Bispo Dom Estevaõ este seu Mosteiro 42, annos = 6, mezes, e meyo = Faleceo sendo já muito

velho em o, 1º, dia de Outubro; Era, M. ccc. xx. viij = he Anno, 1290.

¶ — 8 — Dom Gonçallo Muniz, natural de Lisboa; Conego professo deste mosteiro, do qual era Prior crasteiro = Foy eleito, e confirmado Prior môr no Anno de, 1290 = logrou o Priorado sos, 2, annos = era ja muito velho = Faleceo em os, 4, de Outubro, da Era de, M. ccc. xxx = he Anno de, 1292 =

¶ — 9 — Dom Vicente Domingues = natural de Lisboa = conego professo deste Mosteiro, do qual foy eleito Prior mor, no Anno de, 1292 = em que vagou = confirmado em 11, de Outubro — Foy Prior, 12, annos = 10, mezes = 13, dias = Faleceo em 29, de Agosto: Era de, M. ccc. xxxx. iij = he Anno, 1305 =

¶ — 10 — Dom Abril Domingues = conego professo deste mosteiro, do qual foy eleito, e confirmado Prior môr em, 31, de Agosto, Anno, 1305 = Foy Prior, 30, annos = 2, mezes = 12, dias = Faleceo em, 12, de Novembro, Era, M. ccc. lxx. iij = Anno = 1335.

¶ — 11 — Dom Joaõ Pires = Conego professo deste mosteiro, do qual foy eleito, e confirmado Prior môr, em, 15, de Novembro, Anno — 1335 = Foy Prior, 3, annos = 8, mezes = 10, dias = Faleceo ã 25, de julho, Era, M. ccc. lxx. vij = he Anno 1339 =

¶ — 12 — Dom Joaõ Thomas = Conego professo deste mosteiro, do qual foy eleito, e confirmado Prior mor, em, 30, de Julho do Anno, 1339 = era velho achacozo, teve o Priorado, 2, annos = hũ mes = 4, dias = Faleceo em os, 3, de Setembro, Era, M. ccc. lxx. ix — que he Anno de, 1341 = foy filho de Dom Thomas, e de Sancha Gil ~

¶ — 13 — O Mestre Dom Pedro, 2º, do nome natural da villa de Santarem = Conego professo deste mosteiro, do

qual foy eleito, e confirmado Prior mor em os, 5, de Setembro, Anno de, 1341 = Teue o Priorado, 4, annos = 10, mezes = 3, dias = Faleceo em os, 8, de Julho, Era, M. ccc. lxxx. iiij = he Anno, 1346 =

¶ — 14 — Dom Gonçallo Garcia = Conego professo deste mosteiro de São Vicente, — do qual foy eleito, e confirmado Prior môr, em, 12, de Julho do mesmo Anno, 1346 = Foy Prior, 22, annos = 4, mezes = Faleceo em, 12, de Novembro do Anno de, 1368 = corria a Era de M. cccc. vj = Esta sepultado na claustra deste mosteiro junto á porta do capitulo, tem sobre a campa da sepultura a sua effigie aberta ao cinzel, vestida de Pontifical, mitra na cabessa, e baculo na mão = e em torno da mesma campa o seguinte Epitafio = Aqui já s o Prior Dom Gonçallo Garcia, a cuja alma Deus queira perdoar, e todos aquelles que a Deos por elle fizerem oração deste mesmo Deos Ajaõ salvação = Amen = Deus propitius esto mihi peccatori. Passou no Anno do Senhor, 1368 = em, 12 = de Novembro.

¶ Dom Gil Vasques = Conego professo deste mosteiro = Foy eleito Prior môr, no mesmo Anno, 1368 = Faleceo no principio do Anno seguinte, 1369 — não anda no numero dos Priores deste mosteiro, pairesse não chegou a ser confirmado.

¶ — 15 — Dom Rodrigo Esteves = clerigo secular = medico delRey Dom Fernando, que rogou a os Conegos deste mosteiro lho elegessẽ e tomassem por seu Prior = A principio recuzaraõ de o fazer, e nisto gastaraõ tempos de mais de hum Anno que o Priorado esteue vago governado pello Prior crasteiro do convento = vltimamente vieraõ a consentir na petição delRey, e que avia de receber o habito primeiro, e fazer profissão nas mãos do Prior crasteiro, com iuramento, — em que ouve outra dilação por que não queria vir nisso = finalmente, recebeo o habito, fes profissão solemne, com iuramento com que se obrigou

a guardar as leis, e instituto da religião; Depois disso o elegeraõ, e confirmaraõ no Anno de, 1370:

¶ Tendo Dom Rodrigo já seis annos de Prior de saõ Vicente, ouve Breue do Papa Gregorio undessimo, pera fazer troca, e comutaçaõ do Priorado com hum seu sobrinho Prior mor do mosteiro de saõ Martinho de Caramos da mesma Ordem canonica = O que teue effeito no Anno de, 1376 = contra vontade dos Conegos deste mosteiro de saõ vicente que o contradiziaõ, e naõ queriaõ vir na troca, por que como este Prior era Velho, e o que entrava, mancebo, ficavaõ frustrados no seu voto pera muitos annos, e privados pera qualquer delles naõ poder ser eleito Prior môr = Alegavaõ a disparidade das rendas, das idades, dos mosteiros, da preheminencia, nada lhe valeo contra poderosos. Teve Dom Rodrigo o Priorado de Caramos, cerca de hum Anno = Faleceo em os, 2, de Dezembro do Anno de, 1377 =

¶ — 16 — Dom Joaõ Esteves; sobrinho do seu antecessor, Conego professo do mesmo habito; sendo Prior môr do mosteiro de saõ Martinho de Caramos, entrou a ser Prior môr deste de Saõ Vicente por troca, como a sima dissemos, no Anno de, 1376, e o possuhio cerca de 27, annos: Faleceo em, 24, de Dezembro, da Era, M. cccc. xxx. j. — que he Anno de Christo = 1403 = sucedeu schisma, que durou cerca de, 7, annos.

¶ SCHISMA ¶

¶ Por morte do Prior môr Dom Joaõ Esteves, no Anno de, 1403 = tratando os conegos deste mosteiro de saõ Vicente de nova eleiçaõ de Prior, ouve entre elles divizaõ, e schisma =

Parte delles elegeraõ em Prior Môr = a

¶ Vasco Fernandes, que era Prior Crasteiro do Convento.

¶ Os outros que não approvarão esta eleição se apos-saraõ do mosteiro, e de suas rendas, valendosse do Arcebispo de Lisboa, o qual annullou a dita eleição. E posto que o Prior eleito appellou da sentença do Arcebispo, veio a seder, e dezistio da sua pertençaõ.

O que vendo os seus parciais que o tinhaõ eleito, fizeram nova eleição = elegeraõ, a

¶ Dom Vasco = Conego professo deste mosteiro.

¶ E não aprovando a parte contraria esta eleição, agravaraõ outra vez pera o Arcebispo: o qual tambem cassou, e annullou a esta, 2^a, eleição, de que appellou o novo eleito.

¶ Nestas contendas se passaraõ, 6, annos, e meio, em que o Priorado môr esteve vago. E finalmente se vieraõ a concordar, e de comum consentimento = elegeraõ = a

¶ — 17 — Dom Joaõ Loppes = conego professo deste mosteiro, é Prior da sua Cappella, que se chamava tambem = Saõ Vicente = Foy eleito canonicamente Prior môr depois de acabada a contenda de, 6, annos, é meyo = no Anno de, 1410 = em que corria a Era = M. cccc. xxxx. viij = Foy Prior môr, de saõ vicente, 18, annos — Faleceo em o, 1^o, de janeiro = †

¶ Na Era de Cezar = M. cccc. lx = que he Anno de Christo = 1422 = O Serenissimo Rey Dom Joaõ = 1^o = fes ley, é mandou, que dalí em diante se não uzasse mais em seus reynos, e senhorios da Era de Cezar; e se contassem os Annos pello Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezu Christo. como ja se fazia em toda Espanha.

¶ Faleceo o Prior môr Dom Joaõ Loppes, no Anno de, 1428 — †

¶ — 18 — Dom Lourenço = Clerigo secular, criado do Paço delRey Dom Joaõ — 1^o = o qual como Padroeiro rogou aos conegos deste seu mosteiro, lho quizessem eleger, e tomar pera seu Prior môr = os conegos a principio

naõ queriaõ vir nisso, e assim se passou hum anno, e alguns mezes, que o Priorado esteve vago, governado pello Prior da claustra = mas como o Mosteiro he Camera real, vieraõ os conegos fazer a vontade a elRey = Recebeo Dom Lourenço primeiro o habito, e fes profissão, e Iuramento nas mãos do Prior crasteiro, obrigandosse a guardar as Leys, é estatutos regulares = Depois disso o elegeraõ Prior môr, e confirmaraõ em, 15, de Junho do Anno de, 1429 = e o possuhio cerca de, 9, annos = Faleceo no Anno de, 1437 =

¶ — 19 — Dom Joaõ Machado = natural de Lisboa; conego professo deste mosteiro; foy eleito, ê confirmado Prior môr, no Anno de 1437 = teue o Priorado cerca de, 20, annos = Faleceo em, 25, de Novembro, do Anno de, 1457 = ¶ Addiçaõ ¶ † Pag = 244 —

¶ — 20 — Dom Joaõ Gil = Conego professo deste Mosteiro = Prior que era da Igreja de Saõ Vicente da Cuba em alem Tejo = Foy eleito, e confirmado Prior môr Perpetuo deste Mosteiro de Saõ Vicente, no Anno de, 1457 = Foy Prior cerca de, 6, annos = Faleceo no Anno do Senhor de, 1463 =

¶ Dom Rodrigo Lenzol de Borja, Espanhol, valenciano = Diacono Cardeal do ttº de Saõ Nicolao in carcere = o qual foy depois Papa = Alexandre, 6º = vagando o Priorado môr deste Mosteiro no Anno de, 1463 = o Papa Pio, 2º = lho deu em Encomenda pera, 6 — annos = e por que os conegos o naõ quizerãõ asseitar por ser estrangeiro, e Cardeal, antes tratavaõ de eleger Prior natural, transferiu todo o direito, e nomeaçãõ que tinha a este Priorado em Dom Nuno de Aguiar =

¶ — 21 = Dom Nuno de Aguiar = Clerigo secular, Abbade do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, da ordem de Cister, no Bispado de Lamego = O Cardeal Borja lhe

transferiu a nomeação que tinha pera Prior môr comendatario do Mosteiro de São Vicente, no mesmo Anno, 1463 = assi como lho deu o Papa Pio, 2º, e vendo que os religiosos o não queriaõ asseitar, ouve novo suplemento do Papa Paulo, 2º, no Anno de, 1465 = com declaração que tomasse o habito canonico, fizesse profissão, e iuramento de em tudo se conformar com os estatutos, e leys da religião = e assim o fes, ainda que pera vencer as muitas difficuldades que avia pera os conegos o receberem, lhe foy necessario buscar grandes valias = parece estavaõ prevendo as inquietações que com elle aviaõ de ter = Finalmente tomou posse no mesmo Anno de, 1465 = depois de, 2, annos de contendas, governados pello Prior da Clastra = entendesse que o Prior da Clastra governou o Mosteiro os, 2, annos —

¶ Ouue Dom Nuno, 2º, Breve pera o Priorado lhe durar toda a vida = ElRey Dom Affonso, 5º, o nomeou Bispo de Tangere, no Anno de, 1468 = era titular, e o foy até que no Anno de, 1471 = se ganhou esta Cidade a os Mouros = o Papa Paulo 2º, lhe passou as letras = deste Anno, 1471 = por diante ficou proprietario, e nem assim quis largar o Priorado, e o teve cerca de 25, annos = Foy homem trabalhozissimo, e inquieto, teve muitas bulhas, e contendas com os Conegos, que chegaraõ a lhe perderem o respeito, e lhe não obedeciaõ, e elegeraõ Prelado, e ouveraõ sentenças contra elle, e elle contra elles, ate que se vieraõ a consertar = Faleceo finalmente em os, 4, de Março, do Anno, 1491 = Bispo sagrado.

¶ — 22 — Dom Diogo Ortis de Vilhena = clerigo secular = Por falecimento do seu antecessor, que foy no Anno de, 1491 = ElRey Dom Joaõ, 2º, o nomeou iuntamente Bispo de Tangere, e Prior môr deste mosteiro o qual fes profissão canonica com o habito, e iuramento nas mãos do Prior crasteiro, como o tinhaõ feito os outros. tomou logo posse do Priorado, e foy sagrado depois que chegaraõ as letras, que lhe passou o Papa Alexandre, 6º = O mesmo Rey Dom Joaõ 2º, o fes Deam da Capella real, no Anno

de, 1494 = ElRey Dom Manoel o fes mestre do Principe Dom Joaõ seu filho, que foy depois Rey Dom Joaõ, 3º = O mesmo Rey Dom Manoel lhe deu o Bispado de Santo Thome = e depois no Anno de 1507 = lhe deu o de Vizeu, e entaõ neste Anno, 1507 = largou o Priorado depois de o aver possuido, 16, annos = Faleceo finalmente em, 3, de Mayo, Anno = 1530 —

¶ — 23 — Dom Fernando de Menezes, e Vasconcellos = filho de Dom Affonso de Vasconcellos Conde de Penella = que era bisneto do primeiro Duque de Barchina = Sua May era a condessa Dona Izabel da Silva, filha de Dom Loppo de Almeida primeiro Conde de Abrantes = Era Dom Fernando de Menezes Capellam môr delRey Dom Manoel, e já Bispo de Lamego quando o mesmo Rey no Anno de, 1507, lhe deu o Priorado môr deste mosteiro de saõ Vicente Camera real, por virtude do Breve do Papa Julio, 2º, a elle concedido como Padroeiro dos Mosteiros — Fes o Prior môr comendatario Dom Fernãdo de Menezes profissãõ canonica com iuramento, como a fizeraõ seus antecessores = tomou posse do Priorado, e foy confirmado no mesmo Anno de, 1507 = ElRey Dom Joaõ 3º, lhe deu o Arcebispado de Lisboa.

¶ Chegou o Anno de, 1535 = Avia, 28, annos que o sobredito Dom Fernando era Prior môr comendatario do mosteiro de Saõ Vicente, quando neste Anno tratou da refformaçãõ dos seus Conegos, á imitaçãõ dos do real mosteiro de Santa Crus de Coimbra, pera o que fes dezistencia do Priorado, e fes com elRey Dom Joaõ, 3º, a fizesse tambem do Padroado real = Avizaraõ a Coimbra ao Refformador apostolico, e mandaraõ a Roma pedir Breve pera a refformaçãõ deste mosteiro, como abaixo diremos em seu lugar = Pagina = 110 = No Anno do Senhor de, 1538 — largou o Priorado á Ordem pera se refformar, o vnir em congregaçãõ = e ainda que o largou, com tudo em quanto foy vivo, sempre sempre se tratou como Prior môr, e os Conegos refformados com o seu Prior triennial lhe tinhaõ muito respeito.

¶ Costumava o sobre dito Arcebispo Dom Fernando de Menezes vizitar a freguezia deste Mosteiro de São Vicente como Prior môr comendatário, pella iurisdicção Eccleziastica ordinaria que seus antecessores tinham, e de que sempre uzarão = Mas como o Serenissimo Rey Dom Joaõ, 3º, lhe fizesse merce do Arcebispado de Lisboa, como asíma dissemos, e renunciando o Priorado pera a refformacção do mosteiro, foy continuando com vizitar a mesma freguezia como Arcebispo, sobre o que lhe fes demanda o primeiro Prior trienal Dom Francisco de Mendanha, mas como menos poderozo pro bono pacis fizeraõ a Concordata que oje se guarda confirmada pello Papa Paulo, 3º, no Anno de, 1543 = sendo ja Prior triennial o Padre Dom Lourenço Leite — Da qui naceo perdermos a iurisdicção eccleziastica ordinaria que este mosteiro tinha, e de que seus Priores mores vzaraõ por espasso de, 378, annos confirmada pellos summos Pontifices, Innocencio, 3º; Honorio, 3º; Urbano, 4º; Clemente, 4º, Alexandre, 3º = e outros.

¶ Faleceo finalmente o Arcebispo Dom Fernando de Menezes, e Vasconselos em os, 5, de Janeiro do Anno de, 1566 = sendo Prior triennial do mosteiro de São Vicente, o Padre Dom Thome Nogueira, 9, em numero.

VNIAÕ, & REFORMAÇÃO DO REAL MOSTEIRO
DE SAÕ VICENTE DA CIDADE DE LISBOA,
& CATHALOGO DE TODOS OS SEUS PRIORES
TRIENNAIS.

VNIAÕ, É REFFORMAÇÃO DO REAL MOS-
TEIRO DE SAÕ VICENTE, DA CIDADE DE
LISBOA CAMERA REAL

Pera se dar principio â Refformação deste real mosteiro do Martyr Saõ Vicente da Cidade de Lisboa Camera real, e se unir â nova Congregação de Santa Crus da Cidade de Coimbra, o Prior mor Bispo Dom Fernando de Menezes, e Vasconcellos, fes dezistencia do Priorado, no Anno de, 1535 = e o Serenissimo Rey Dom Joaõ, 3º, a fes tambem do Padroado real = Fesse supplica ao Papa Paulo, 3º, que approvou, e concedeo a Vniaõ, e Refformação por bulla passada em 23, de Janeiro, Anno, 1538 = que chegou no fim do mes de Março. E pera se dar á execussão partio do real mosteiro de Santa Crus de Coimbra o Padre Refformador Apostolico com outo Conegos dos refformados da quelle religioso Convento, e entraraõ neste de Saõ Vicente em os, 4, de Abril do mesmo Anno, 1538 = foraõ elles os seguintes —

¶ O Padre Dom Francisco de Mendanha = que foy o, 1º, e, 3º, Prior trienal deste mosteiro = e foy taõbem outras duas vezes Prior Geral.

¶ Dom Manoel de Britto = foy duas vezes Prior trienal deste mosteiro e do da serra do Porto = e faleceo sendo Prior geral.

¶ Dom Lourenço Leite = foy duas vezes Prior deste mosteiro = e dos da Serra = Moreira = e Nandim = e tres vezes Prior geral.

¶ Dom Paulo Gaviaõ = tambem foy o sexto Prior deste mosteiro = e tinha sido Prior Crasteiro do de Santa Crus —

¶ Dom Gregorio Tavares = foy o primeiro Prior triennial do Mosteiro de Moreira = e faleceo sendo Prior de Nandim.

¶ Dom Virissimo = Dom Simaõ = e Dom Miguel = os quais tambem tiveraõ cargos honrozos na Congregaçaõ.

¶ E no mesmo dia, 4, de Abril, estes oito Padres cõ o Padre Refformador Apostolico em nome da religiaõ tomaraõ posse deste dito mosteiro de Saõ Vicente = e por virtude de Breue do Papa Paulo, 3º, do qual a sima se fas mençaõ deraõ logo principio â sua refformaçã = Avia já onze annos que tinha comessado a do real mosteiro de Santa Crus da Cidade de Coimbra: e em quanto naõ chegava o segundo Breve em que se pedia suprimimento de algumas couzas que faltavaõ no primeiro, ordenou o Bispo Prior môr Dom Fernando de Menezes, com o Refformador Apostolico, que o Padre Dom Francisco de Mendanha, fosse Prior Crasteiro.

¶ Chegou o, 2º, Breve, passado em, 26, de Fevereiro do Anno de, 1540 = por virtude do qual o Padre Dom Bento de Camoens, que já era Prior triennial do real mosteiro de Sãta Crus e primeiro Geral pera a Congregaçaõ, com o seu collega secretario Dom Jorge Barboza, tomou posse real, e autual deste dito Mosteiro do Martir saõ Vicente em os, 24, de Mayo, do dito Anno 1540; e o vnio á Congregaçaõ = E tratando da eleiçaõ de novo Prelado, foraõ vogaes nella sómente os oito Conegos refformados, asima refferidos, por que nenhũ dos Conegos antigos deste mosteiro, quis asseitar a refformaçã. E em o dia seguinte, 25, de Mayo, foy eleito canonicamente o primeiro Prior triennial,

¶ PRIORES TRIENNAES DO
MOSTEIRO DE SAÕ VICENTE

¶ .1. O Padre Dom Francisco de Mendanha = Conego professo do real mosteiro de Santa Crus = Filho de Galaor de Mendanha, cidadão de Coimbra = é de sua mulher Ana Vãs de Azaõbuja, filha de Vassallo Vãs de Tavadede = Foy hum dos oito refformadores deste mosteiro de Saõ Vicente, do qual era Prior Crasteiro = Foy eleito Canonicamēte Prior triennial com todos os votos, como asima dissemos; é foy cõfirmado no mesmo dia, 25, de Mayo pello Padre Prior geral Dom Bento de Camoens, é pello seu Collega secretario Dom Jorge Barboza. —

¶ .2. Dom Lourenço Leite = natural da Cidade o Porto = filho de Joaõ Leite, e de sua mulher Dona Izabel de Azevedo. Era Conego professo dos refformados do real mosteiro de Santa Crus, e hum dos oito refformadores deste de Saõ Vicente, do qual era vigairo = Foy eleito Prior triennial canonicamente com todos os votos em 25, de Julho, do Anno de, 1543 = e foy logo confirmado pello Padre Prior Geral Dom Dionyzio de Moraes; e seus collegas — D. Affonso Pereira e D. Manoel de Aravjo.

¶ .3. Dom Francisco de Mendanha = foy eleito 2.^a ves em Prior deste mosteiro, e confirmado em, 29, de Setembro do Anno de, 1546 = pello Padre Prior geral Dom Affonso Pereira: e seus collegas, D. Felippe = e D. Damiaõ.

¶ Neste tempo o serenissimo Rey D. João 3.^o, escolheo .12. mancebos nobres, virtuosos, modestos, de letras, e industriosos, e os mandou recolher neste mosteiro de Saõ Vicente á obediencia do Padre Prior Dom Francisco de Mendanha, a onde lhe lançaraõ o habito da Ordem da Santissima Trindade = aqui tiveraõ o seu noviciado, e o Padre Mestre Dos Noviços os criou em grande perfeiçaõ até professarem, com os quais por ordem do mesmo serenissimo

Rey se reformou, é pos em boa forma neste reyno aquella sagrada religião de redempção de cativos.

¶ .4. Dom Manoel de Brito: natural do Murtal, na Comarca de Coimbra = filho de Pedro de Brito, e de sua mulher Maria de Freitas: conego professo do real mosteiro de Santa Crus, e hum dos — 8 — refformadores deste de Saõ Vicente, do qual foy eleito Prior em os, 8, de Outubro do Anno de, 1549 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Felippe Pegado; e seus collegas — D. Dionyzio de Moraes = e D. Aleixo.

¶ .5. Dom Jorge Barboza: natural e cidadão de Coimbra: filho do Capitaõ Diogo Barboza dazaõbuja, e de sua mulher Dona Maria Loba = conego professo do real mosteiro de Santa Cruz = tñha sido Collega secretario do .1º. Prior geral; foy eleito Prior deste mosteiro de Saõ Vicente em os, 25, de Outubro do Anno de, 1552 = e confirmado pello Padre Prior geral Dom Francisco de Mendanha, e seus collegas, D. Felippe Pegado, e D. Joaõ Nunes.

¶ .6. Dom Paulo Gaviaõ: natural, e cidadão da Cidade de Braga, Conego professo do mosteiro de Santa Crus, e hum dos .8. refformadores deste de Saõ Vicente do qual sendo vigairo foy eleito Prior em, 24, de Janeiro do Anno de, 1556 = e logo confirmado pello Padre Prior geral, Dom Francisco de Mendanha; e seus collegas, D. Pedro da Assumpção; e D. Lourenço Leite.

¶ .7. Dom Manoel de Brito: foy eleito, 2ª, ves Prior deste Mosteiro de Saõ Vicente, em, 26, de Janeiro, do Anno de, 1559. = e confirmado pello Padre Prior geral Dom Bazilio da Silva = e seus collegas, D. Damiaõ = e D. Germaõ.

¶ .8. Dom Jorge Barbosa = foy eleito, 2ª, ves Prior deste mosteiro, de saõ Vicente, em, 24, de Janeiro, do Anno

de, 1562 = e logo foy confirmado pello Padre Prior Geral Dom Lourenço Leite = e seus collegas, D. Vicente = e D. Pedro da Assumpção.

¶ .9. Dom Thome Nogueira: natural da villa de Guimaraens, conego professo do real mosteiro de Santa Crus: tinha iá sido Prior da Serra, e agora o elegeraõ deste de São Vicente, em 24, de Janeiro, do Anno de 1565 = e confirmado pelo Padre Prior geral, Dom Manoel de Brito = e seus collegas, D. Cypriano, e D. Theotonio de Mello.

O Padre Prior faleceo no Anno de, 1567.

¶ .10. Dom Lourenço Leite = foy eleito, 2^a, ves Prior deste mosteiro de São Vicente, em os, 6, de Outubro, do Anno de, 1567. estava morador no de Santa Crus aonde tinha sido Prior Geral. veio chamado, e foy confirmado em, 18, do dito mes de Outubro pello Padre Prior Geral Dom Jorge Barboza = e seus collegas D. Clemente: e D. Andre dos Anjos.

O Padre Prior foy eleito Prior geral. Anno, 1569 —

¶ .11. O Mestre Dom Hilariaõ = natural da Cidade de Coimbra, filho de Jeronimo Brandaõ, é de sua mulher Mecia Aranha = era mestre em Artes quando tomou o habito no real mosteiro de Santa Crus = compos hum livro espiritual intitulado = Voz do Amado. Sendo Vigairo deste mosteiro de São Vicente, foy eleito Prior em os, 5, de Julho, do Anno de, 1569 e logo confirmado pello Padre Prior Geral, Dom Lourenço Leite e seus Collegas, D. Joaõ das Neves = e D. Gaspar Brandaõ.

¶ .12. Dom Theotonio da Crus, Mello: natural da Cidade de Lisboa: Conego professo do real mosteiro de Santa Crus, foy Collega, e Prior de Reffoyos: eleito Prior deste mosteiro de saõ vicente em os, 7, de Fevereiro, do Anno de, 1572: e logo confirmado pello Padre Prior geral,

Dom Lourenço Leite: e seus Collegas D. Joaõ das Neves e D. Gaspar do Prezepio Brandaõ.

¶ . 13. Dom Hilariaõ = foy eleito 2.^a ves Prior deste mosteiro de saõ vicente em, 27, de Janeiro do Anno de, 1575: e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Bazilio da Silva = e seus Collegas, D. Gabriel = e D. Fulgencio.

¶ 14. Dom Theotonio do Espirito Santo, Conego professo deste mosteiro de saõ vicente, do qual foy eleito Prior em, 26, de janeiro, do Anno de, 1578 — e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpçaõ = e seus Collegas, D. Diogo das chagas, e D. Matheos da Crus.

O Padre Prior foy desposto do cargo, na vizita do meyo do triennio — Anno — 1579 —

¶ . 15. Dom Pedro da Assumpçaõ: natural da villa de Almada, filho de Joaõ Figueira, e de sua mulher Maria da Costa = conego deste mosteiro de saõ vicente: tinha sido Collega = Prior de Grijo = e geral da Congr. foy eleito Prior deste mosteiro em os, 2, de Outubro, do Anno de, 1579: e confirmado por Dom Gabriel de saõ joaõ vizitador substituto do Padre Prior geral Dom Lourenço Leite; e seus collegas, D. Joaõ da Trindade, e D. Simaõ de Christo.

O Padre Prior foy feito vigairo geral vizitador, no Anno de, 1581 = e no mesmo Anno no tempo ordinario eleito geral — Pag = 52 =

¶ 16. Dom Hilariaõ = foi eleito 3.^a ves Prior deste mosteiro de saõ vicente, em os, 2, de Julho, do Anno de, 1581 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpçaõ = e seus collegas, D. Cyprianno, e D. Felipe Pegado =

¶ Avia já, 435, annos que a Igreja deste mosteiro fora fundada pello deuoto Rey Dom Affonso Henriques

quando se tratou é mandou se fundasse outra de novo, por estar a antiga já muito danificada = Era Prior o Padre Dom Hilariaõ = O Cardeal Alberto Archiduque de Austria, é Vizorey lhe lançou a primeira pedra com grande aparato, é solemnidade, em, 25, de Agosto, do Anno de, 1582 = Fes a benção da pedra. é cantou a missa em Pontifical o Bispo de Santo Thome Dom frej Martinho, religioso da Ordem de Christo. No fim da missa procissionalmente foraõ ao lugar deputado a onde a aviaõ de lançar = Os vreadores da Camara desta Cidade de Lisboa levarã a pedra em huma padiola piquena dourada, é brincada = Junto aos vreadores hia o Cardeal Vizorrey vestido de tunica, muceta, é barrete de purpura com seu roxete, insignia, é habito dos cardeaes: é logo atras hia o Bispo de Pontifical que avia de fazer as ceremonias da benção, com seus ministros do Altar, que eraõ religiosos conegos da casa, e mosteiro.

¶ Neste mesmo tempo se hia edificando no terreiro do Paço, outra igreja á honra do gloriozo Martyr Saõ Sebastiaõ, pera nella se collocar a reliquia do seu braço, que estava depositada avia annos neste mosteiro de saõ vicente = O que sabendo elRey Dom Felippe o prudente, lhe pareceo melhor que esta nova Igreja de Saõ Sebastiaõ se fundasse iuntamente na de saõ vicente deste mosteiro, é a mandou passar pera cá com toda a pedraria que já lá estava lavrada assentada, ou por assentar, é que esta nova Igreja se fundasse, é fabricasse a honra de ambos os gloriozos, é Santos Martyres, Vicente, é Sebastiaõ, é que ambos fossem Padroeiros, é titulares: é pera isso alcansou Breve do Summo Pontifice Sixto quinto — é logo mandou passar padraõ de juro na Alfandega de Lisboa, de dous mil, e quinhentos cruzados cada anno pera a fabrica do novo templo, é que o Prior, é conegos gastariaõ dous mil cruzados cada anno na mesma fabrica, pello que tocava à nossa parte, com condiçaõ, que a capella môr, é coro baixo que fica atras da mesma Capella, é cruzeiro com suas capellas, fossem só dos Reys deste reyno; é o corpo da igreja com suas capellas, ficassem ao Prior, é Conegos pera pode-

rem dispor dellas, é os poderem dar a quem melhor lhe parecesse = é a confirmou em Camera real, como elRey Dom Affonso Henriques tinha feito. **D**

¶ 17. Dom Theotonio de Mello = foy eleito 2^a ves Prior deste mosteiro de saõ vicente em, 24, de Janeiro, do Anno de, 1584 = acabava de ser Prior de saõ jorge do Mondego, aonde o foraõ buscar, e foy confirmado em os, 3, de Fevereiro, pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpçaõ = e seus Collegas, D. Cypriano, e D. Fellippe Pegado ~ **D**

¶ 18. Dom Dionyzio de Santo Antonio Carvalho, natural da Cidade de Coimbra, conego professo do mosteiro de Santa Crus; tinha sido Prior da Serra, e de Moreira, foy eleito Prior neste de saõ vicente em, 23, de Janeiro, do Anno de, 1587 = veio chamado do mosteiro de Santa Crus aonde estava, e confirmado em os — 7 — de Fevereiro, pello Padre Prior geral Dom Simaõ de Christo e seus Collegas, D. Pedro de Figueiró, e D. Joaõ das Neves. **D**

¶ 19. Dom Acurcio de Santo Agostinho = natural da Villa de Saõ Joaõ da Pesqueira, filho de Joaõ Gonsalves de Tavora, e de sua mulher Fellipa de Mello: conego professo do real mosteiro de Santa Crus: tinha sido vicereitor dos collegiaes no mosteiro de Saõ Jorge: foy eleito Prior deste de Saõ Vicente em os, 5. de Fevereiro, do Anno de, 1590: estava no de Santa Crus, donde veio chamado, e confirmado em, 16, do dito mes, pello Padre Prior geral, Dom Pedro da Assumpçaõ = e seus collegas, D. Andre dos Anjos. e D. Christovaõ de Christo. **D**

O Padre Prior foy eleito Prior Geral, Anno, 1590 —

¶ 20. Dom Simaõ de Christo Cavaco, natural da villa de Amarante, filho de Pedro Teixeira Cavaco, e de sua mulher Catherina Gonsalves de Britto, conego professo do mosteiro de santa Crus: tinha sido Prior geral: foy

eleito Prior deste mostrº de saõ vicente, em, 15, de Junho do Anno de, 1590 = e logo confirmado pello Padre Prior geral. Dom Acurcio de Santo Agostinho; e seus collegas, D. Gaspar de Christo, e D. Antonio de Santo Agostinho. **D**

¶ 21. Dom Jorge de Santo Agostinho Barreto, natural da Cidade de Lisboa, filho do Doutor Sebastiaõ Martins Leitaõ de vasconcelos Dezembargador da supplicaçaõ, e de sua mulher Dona Isaber Barreto, conego professo do mosteiro de Santa Crus. Tinha sido Prior de Moreira foy eleito Prior neste de saõ vicente em, 24, de Janeiro do Anno de 1593 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Acurcio, e seus collegas, D. Gaspar de Christo e D. Antonio de Santo Agostinho. **D**

¶ 22. Dom Dionyzio da Mizericordia; natural da cidade de Lisboa, filho de Miguel Rodrigues de Andrade, e de sua mulher Catherina de Novaes. Conego professo do mosteiro de Santa Crus. foy eleito Prior deste de Saõ Vicente em, 24, de Janeiro, do Anno de, 1596 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ de Christo: é seus Collegas D. Andre dos Anjos, é D. Raffael da Piedade. **D**

O Padre Prior renunciou o cargo no Anno de, 1598 —

¶ 23. Dom Simaõ de Christo Cavaco, foy eleito, 2ª, ves Prior deste mosteiro de Saõ Vicente em os, 9, de Dezembro, Anno de, 1598 — veio chamado do mosteiro de Santa Crus, foy confirmado em, 30, do dito mes pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpçaõ: é seus collegas, D. Manoel do Salvador; D. Lourenço dos Martyres. **D**

O Padre Prior renunciou o cargo = Anno de, 1601 —

¶ 24. Dom Jorge Barreto = foy eleito 2ª ves Prior deste mosteiro em, 17 de Novembro, Anno de, 1601 = veio chamado do de S^{ta} Crus e foy confirmado em, 30, do dito mes pello Padre Prior geral Dom Acurcio de Santo Agos-

tinho = e seus collegas, D. Andre dos Anjos, e D. Miguel dos Reys. **D**

O Padre Prior renunciou o cargo = Anno, 1604.

¶ 25. Dom Nicolao dos Santos, natural do lugar de Verride do Bispado de Coimbra. Conego professo do real mosteiro de Santa Crus: tinha já sido, 6, vezes Prior, agora o elegeraõ tambem neste mosteiro de Saõ Vicente em, 29, de Mayo, do Anno de, 1604 = veio chamado de Grijo, e foy confirmado em, 13, de Junho pello Padre Prior geral Dom Lourenço do Spirito Santo Soares = e seus collegas, D. Joaõ das Neves, e D. Clemente da Assumpçaõ. **D**

Renunciou o Priorado no capitulo geral = 1605.

¶ Dom Jorge Barreto = foy eleito, 3^a, ves Prior deste Mosteiro no capitulo geral, 2^o, do Anno de 1605 = deulhe posse, e confirmaçãõ o Padre Dom Bernardo da Piedade asserto geral com os seus chamados collegas, D. Nicolao dos Santos, e D. Paulo da Esperança. **D**

Foy repronado por votos secretos dos religiosos Conegos, no Anno seguinte, 1606, sendo Prior geral apostolico o Padre Mestre Dom Antonio das Chagas, em os, 9, de Novembro = **D**

¶ .26. Dom Dionyzio da Mizericordia, foy 2^a ves eleito Prior deste mosteiro de saõ vicente em os, 9, de Novembro, do Anno de, 1606 = e logo confirmado pello Padre Prior geral apostolico Mestre Dom Antonio das Chagas = e seus Collegas, D. Gaspar dos Reys, e D. Nicolao dos Santos. **D**

¶ No Anno de, 1609 = em, 18, de Janeiro, Domingo, se fes a mudança da Igreja velha deste mosteiro pera a nova = achouse presente o ViceRey deste reyno Dom Christovãõ de Moura Marques de Castello Rodrigo, com a melhor nobreza da Corte = O Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro = O Padre Mestre Dom Antonio das Chagas Prior

geral apostolico, com seus collegas = e o Bispo de Seupta Dom frej Jeronimo de Gouvea religioso da Ordem dos Menores, cantou a Missa com Pontifical, e na procissão levou o Santissimo Sacramento = levaraõ as varas do Palio, o Marques ViceRey; o Conde de Lumeares seu filho: o Conde da Vidigueira; o Conde de Villafranca: o Conde de Tarouca: é Manoel de Vasconcellos Prezidente da Camara.

¶ Com a mudança da igreja velha pera a nova se mudaraõ todas as couzas que nella avia de consideração.

¶ Os ossos dos Cavaleiros, é soldados Alemaens, que nos combates, ê escaramussas com os Mouros perderaõ gloriozamente as vidas no cerco, ê conquista da cidade de Lisboa, e deraõ occaziaõ a se fundar este mosteiro ao Martyr Saõ Vicente, em cuja igreja velha estavaõ sepultados, e tidos em opiniaõ de Santos Martyres, se tresladaraõ pera capella particular, ã semiterio que fica debaixo do coro desta Igreja nova: na porta está o seguinte Epitafio:

¶ Aqui estaõ encerrados os ossos dos santos Cavaleiros, que morreraõ no cerco desta Cidade de Lisboa, quando Dom Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal a tomou aos Mouros, no Anno do Senhor de, 1147. ¶ e ao pé os versos seguintes.

Hoc, veneranda iacent Equitum, qui bella sequuti
Alphonsi primi, membra sepulta, solo:
Ossa solum: lætas animas nunc servat Olympus,
Mortis vbi retinent præmia digna suæ

¶ E os ossos do Cavaleiro Henrique seu companheiro, natural de Collonia, morto na mesma cauza em hum dos combates, tido em veneração de Santo Martyr, e fes alguns milagres, os puzeraõ na Capella de Santo Antonio, na parede da parte do Evangelho na igualdade do Altar, tem na face da pedra que he de jaspe o seguinte Epitafio =

¶ Ossos do Cavaleiro Henrique Alemaõ, que morreo ajudando a tomar esta Cidade aos Mouros: em cuja sepul-

tura naceo huma Palma que deu hum cacho: da Palma se valiaõ muitos enfermos, e saravaõ: O cacho esta no santuario deste mosteiro **D** e naõ dis mais —

¶ Este cacho esta agora no meio do retabolo desta mesma Capella debaixo de huma vidrassa encaixelada com engastes de prata no dito retabolo de Santo Antonio, ao pé da sua imagem.

¶ Hum religioso nosso chamado = Dom Cosme, grande poeta, compos os versos asima escritos no épitafio dos soldados: compos outros em louvor do Cavaleiro Henrique, e os mandou escreuer cõ letras de Ouro no Caixaõ de madeira em que se conserua seu santo corpo = que dizem assi =

Hic iacet Henricus fuso qui sanguine, fudit
 Hostilles acies, robore fortis equæs.
 Impiger occiduas quondam pervenit ad oras,
 Ignotum arripuit, numine ductus iter:
 Adfuit hanc Mauris cum Rex Alphonsus in Urbem
 Arma movet, vitæ prodigus inde suæ:
 Illum sola fides Caeli spes ignea virtus
 Impulit, vt ferret tela tremenda necis.
 Clarior emicuit tumulo, cum Rector Olympi
 Constituit miris hunc dare signa molis.
 Ergo piam mentem, Caelo posuisse supremo,
 Credere tam fas est, quam dubitare nefas

Os quais em suma vem a dizer = ¶ Aqui jas o Valente, e esforsado cavaleiro Henrique, que derramando seu sangue, fes fugir os esquadroens dos inimigos: por que vindo guiado por Deos, aportou a estas prayas Occidentaes, e se achou com elRey Dom Affonso Henriques no cerco desta Cidade de Lisboa, aonde exercitando as Armas com esforso, e valor, se mostrou prodigo de sua Vida, só levado do Amor divino, e zello da fé Catholica, nam temendo as lanças inimigas, e perigo de morte. Sua Virtude, e valor resplandeceo mais em o sepulchro, aonde Deos o honrou com evidentes milagres: Pello que, tam licito nos he crer que o

Senhor o tem em sua gloria, como prohibido duvidar que está gozando da bemaventurança. **D**

¶ Os ossos de Dona Tareja Taveira, may de Santo Antonio, que na Igreja velha estava sepultada, se tresladaraõ tambem pera a capella do santo seu filho: estaõ na parede do Arco da parte da Epistola na igualdade do Altar, tem na face da pedra que he de Jaspe, este Epitafio = ¶ Aqui estaõ os ossos da may de Santo Antonio. **D**

¶ No meio da frontaria do Altar, esta huma pedra, de sinco palmos de comprido, é nella hum letreiro de letra Gotica, que dis assim = ¶ Aqui jas o corpo da may de Santo Antonio, que naceo aonde he a Camera desta Cidade: O qual foy aqui tresladado por mandado de Dom Joaõ Bispo de Vizeu: Anno = M. cccc. l. iij = de nosso Senhor Jezu Christo. **D** Tem esta pedra em circuito, outro letreiro de letra redonda, que dis assim = ¶ Esta pedra he a propria da sepultura = foy aqui posta em Abril do Anno de, 1649 = os ossos estaõ na parede á parte da Epistola = **D** é naõ dis mais.

¶ — 27 — Dom Simaõ de Christo Cavaco = foy eleito, 3^a, ves Prior deste mosteiro de Saõ Vicente em, 30, de Mayo, Anno, 1609. e foy confirmado em, 30, de Junho, pello Padre Prior geral Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha: e seus Collegas, D. Constantino dos Anjos, é D. Jeronimo da Crus. **D**

¶ — 28 — Dom Lourenço dos Martyres = Conego de S^{ta} Crus = foy eleito Prior de Saõ Vicente em os, 2, de Julho, Anno 1612 = e logo confirmado pello Padre Prior Dom Dionyzio da Mizericordia; e collegas, D. Antonio da Crus, é D. Gaspar dos Reys — **D**

¶ — 29 — Dom Miguel Passanha = que já foy Geral = eleito Prior deste mosteiro em, 27, de Mayo, Anno, 1615 =

foy confirmado em os, 5, de Junho, pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Crus: e seus Collegas, D. Manoel de Christo, e Dom Sebastião da Graça. **D**

O Padre Prior, foy eleito Geral Anno, 1618 = pag = 64 —

¶ — 30 — Dom Sebastião da Graça = acabou o Collegado; foy eleito Prior deste mosteiro em, 30, de Mayo, Anno, 1618 = confirmado em os, 7, de Junho pello Padre Prior geral Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha = e seus Collegas, D. Andre da Conceição, e D. Luís dos Santos Silveira. **D**

¶ No Anno de, 1620 = no mes de Outubro, vieraõ os Religiozos de Saõ Francisco da Cidade com o seu Prelado a este mosteiro, e delle com procissão solemne levarãõ pera o seu huma reliquia grande dos santos sínco Martyres de Marrocos da sua Ordem, que do Real mosteiro de Santa Crus de Coimbra lhe deraõ por ordem do Capitulo geral proxime passado. **D**

¶ — 31 — Dom Jeronimo da Crus = que já foy Geral = foy eleito Prior deste Mosteiro de Saõ Vicente em os, 9, de Junho, do Anno, 1621: era conego professo do real mosteiro de Santa Crus de Coímbra, aonde atualmente era Vigairo = Veio chamado, e foy confirmado, em 22, do dito mes pello Padre Prior geral Dom Antonio da Crus e seus Collegas, D. Christovão de Saõ Joaõ, e D. Bertolameu da Vizitação.

¶ 32: Dom Miguel Passanha, foy, 3^a, ves eleito Prior deste mosteiro em os, 7, de Junho, Anno de, 1624 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Sebastião da Graça; e seus Collegas, D. Marcos da Crus, e D. Diogo da Piedade Aranha.

O Padre Prior foy eleito Geral, no Anno de, 1627 = Pag = 66 =

¶ 33. Dom Jeronimo da Crus, foy 2^a ves eleito Prior deste Mosteiro, no mes de Junho, Anno, 1627 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha, e seus Collegas, D. Francisco das Neues = e D. Simão das Chagas.

O Padre Prior foy eleito geral = Anno de, 1630 — Pag = 67 =

¶ 34. Dom Luís dos Santos Silveira, natural da Cidade de Lisboa neto do. 1^o. Conde da Sortelha, filho do seu filho, 2^o. Dom Alvaro da Silveira, e de sua mulher, Dona Brittes Mexia. Conego professo do real Mosteiro de Santa Cruz aonde estava quando no mes de Mayo do Anno de, 1630, foy eleito Prior deste de São Vicente. veio chamado, e confirmado pello Padre Prior geral do (?) Jeronimo da Crus: e seus Collegas, D. Joseph de Christo Bre-tiand. e D. Gabriel da Ressurreição.

O Padre Prior foy eleito Geral, Anno, 1633. Pag = 68 =

¶ 35. Dom Francisco da Encarnação Sotto Mayor: natural da cidade de Lamego: filho de Antonio Sottomayor, que pois de viuvo foy conego da mesma Cidade, e de sua mulher Ines da Costa Soares = conego professo do Mosteiro de Santa Crus: tinha sido Prior do de Nandim, e agora foy elleito deste de São Vicente no mes de Mayo, do Anno de, 1633 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Luís da Silveira, seus Collegas D. Miguel da Esperança: D. Luís da Paixaõ.

O Padre Prior foy nomeado Bispo de Targa de Anel, pera a Cidade de Lisboa, no Anno de, 1633 = El Rey D^o João 4^o = o fes Deam da capella real, no Anno de, 1654 = e o nomeou Bispo de Lamego = Foy Provizor, e vigairo geral = Deputado da Inquisição de Lisboa = Faleceo preconizado Arcebispo de Braga = Pag, = 117 = v = D

¶ 36. Dom Jeronimo da Ressurreição Noronha = Conego do Mosteiro de Santa Crus = natural da Villa de

Santarem, neto do Conde de Tarouca, filho natural de seu filho Dom Affonso de Noronha = foy eleito Prior deste mosteiro no principio do mes de Mayo, do Anno de, 1636 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Paulo de S.^{to} Agostinho Barretto, e seus Collegas, D. Damiaõ da Crus; e Dom Christovaõ da Crus —

Foy Prior passante de, 8, annos —

¶ Dom Luís dos Anjos: natural de Lisboa: Conego do Mosteiro de Grijo = eleito Prior de Saõ Vicente no mes de Agosto do Anno de, 1643. e logo confirmado pello assento geral Dom Antonio da Crus que o trouxe consigo do Porto, e de seus chamados Collegas, D. Antonio dos Anjos Barca, e D. Fernando de Saõ Miguel Mello.

O nomeado Prior tendo já huns, 10, mezes, foy deposto do Cargo com o Geral, e Collegas que o confirmaraõ, no Anno de, 1644 = por Breve do Papa Urbano 8º, em que mandou repor a religiaõ, e congregaçãõ toda ao estado antigo.

¶ 36 — Dom Jeronimo de Noronha, he restituído ao seu Priorado no Anno de, 1644, depois de, 10, mezes que esteve intruzo nelle o asima dito Dom Luís. Neste mesmo Anno, 1644, se celebrou capitulo geral neste mosteiro de Saõ Vicente, no qual assistio como Prior, e teue ainda o cargo até a eleiçãõ do novo Prior que se segue —

¶ = 37 = Dom Luís da Silueira: foi 2ª ves eleito Prior deste mosteiro, no mes de Julho do Anno de, 1644 = veio chamado de Santa Crus, e confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo de Santo Agostinho = e seus collegas, D. Innocencio das Chagas, e D. Nicolao de Santa Maria Coelho.

O Padre Prior foy eleito geral, Anno — 1647 —
Pag = 73 =

¶ 38. Dom Jeronimo da Ressurreiçãõ Noronha = foy, 2ª, ves eleito Prior deste mosteiro no mes de Mayo,

do Anno de, 1647 = veio chamado de Santa Crus: e confirmado pello Padre Prior geral, Dom Luis da Silveira e seus collegas, D. Luis da Ressurreiçaõ, e D. Agostinho do Rozario.

O Padre Prior foy eleito geral no Anno de, 1650.
Pag = 74 —

¶ 39. O Doutor Dom Lionardo de Santo Agostinho Viegas: natural da villa de Aveiro, filho do Licenciado Balthezar de Pinho, e de sua mulher, Dona Brittes de Novaes. Conego do mosteiro de Santa Crus, Calificador do Santo officio da Inquisissaõ: tinha já sido Geral — foy eleito Prior deste mosteiro de Saõ Vicente no mes de Mayo do Anno de, 1650. veio chamado de Santa Crus, e confirmado pello Padre Prior geral Dom Jeronimo de Noronha, e seus Collegas, D. Simaõ da Paixaõ, e D. Joseph da Annunciaçaõ, Sarinho.

Ho Padre Prior nomiou elRey Dom Joaõ 4º, pera Bispo de Cabo Verde, no Anno de, 1652 — e foy eleito Prior geral no Anno de, 1653 — Pag = 74 = v =

¶ 40. Dom Luis da Silveira: foy 3ª, ves eleito Prior deste Mosteiro, no fim do mes de Mayo, Anno, 1653 = e logo confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo: e seus collegas: Doutor D. Antonio dos Santos: e D. Mattheos da Crus.

O Padre Prior foy eleito geral. Anno — 1656 —
Pag = 75 =

¶ 41. Dom Henrique do Desterro, Conego do Mosteiro de Santa Crus, natural de villaboa do bispo, sobre o Rio Tamega bispado do Porto, foy eleito Prior deste mosteiro, no fim do mes de Mayo, Anno, 1656 = veio chamado de Santa Crus, foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis dos Santos Silveira; e seus Collegas, D. Agostinho da Encarnaçaõ, e D. Andre da Conceiçaõ.

¶ Neste mesmo Anno, 1656 = em os, 6, de. Novembro na Cidade de Lisboa, faleceo o Serenissimo Rey Dom Joaõ, 4º, de Portugal — escolheo pera sepultura este nosso mosteiro de Saõ Vicente Camera real: puzeraõ o Caixaõ com o seu corpo, cuberto com hum pano de Borcado, atras do Altar mor, á face do Coro, sobre huma fermoza meza de Pedra jaspe, que ja ali estava, debaixo do Arco que sustenta o sacratio com o retabolo.

¶ 42. Dom Prospero dos Martyres, conego do mosteiro de Santa Crus, natural de Braga = foy eleito Prior deste mosteiro de Saõ Vicente no principio do mes de Junho, Anno de, 1659 = Logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Miguel dos Anjos Perestrello, é seus Collegas, D. Sebastiaõ do Rozario, é D. Manuel da Ascêsaõ. Foy Prior, 4, annos, menos, 2, mezes —

¶ 43. Dom Lionardo da Purificaçaõ, natural de Coïbra, Conego professo do Mosteiro de Santa Crus. foy eleito Prior neste de Saõ Vicente no mes de Abril, Anno de, 1663: é logo confirmado pello Padre Dom Luis da Silveira geral apostólico, é seus collegas, D. Paulo de Saõ Domingos, D. Fulgencio dos Martyres.

O Padre Prior foy eleito Geral, Anno, 1666 — P. 81.

¶ 44. Dom Felix dos Martyres, natural de Coimbra, Conego do Mosteiro de Santa Crus, foy eleito Prior deste de Saõ Vicente em os, 8, de Junho, Anno de, 1666. é logo confirmado pello Padre Prior Geral Dom Lionardo da Purificaçaõ: é seus collegas, D. Clemente do Paraizo, D. Antonio da Ascençaõ. [Na margem —] Addiçam Pag = 244 =

¶ 45. Dom Henrique do Desterro, foy, 2ª, ves eleito Prior deste real mosteiro de Saõ Vicente, em os, 4, de Junho, Anno de, 1669 = veio chamado do de Santa Crus, é confirmado em os 16, do presente pello Padre Prior geral

Dom João dos Anjos: é seus Collegas, D. Rodrigo de Christo: D. Placido da Conceição —

¶ Neste mesmo Anno, 1669 = nesta Cidade de Lisboa faleceo o Senhor Bispo de Targa Dom Francisco da Encarnação Sotto Mayor, Conego professo do real mosteiro de Santa Crus, Jas enterrado neste real Mosteiro de Saõ Vicente, no tranzito que vay pera o Coro, semiterio dos religiosos Conegos, ao pé das grades da Capella das onze mil virgens, a onde tem sepultura authorizada com as Armas da sua geração de Sotto Mayor, é com o Epitafio seguinte.

¶ Aqui jás Dom Francisco de Sotto Mayor, Conego Regular de Santo Agostinho, Prior deste mosteiro de Saõ Vicente, Deputado do Santo Officio, Deam da Capela real, Bispo de Targa, eleito de Lamego, preconizado Arcebispo de Braga Primas das Espanhas, foy onze annos o unico Bispo que ouve nestes reynos, é suas conquistas, em 33, annos que exercitou as funcoẽs episcopaes ordenou mais de, 20000, sacerdotes, é confirmou innumeraveis catholicos. Cheo de Annos, é merecimentos acabou a vida temporal, é comessou a eterna em, 3, de Novembro, de 1669.

R. I. P.

¶ No Anno de, 1670 = primeiro do Priorado do Padre Dom Henrique do Desterro, comessou neste real mosteiro o Jubileu das, 40, horas nos tres dias antes da Cinza, concedido pello Papa Clemente .IX. e se celebrou com grande aparato de Musica, e sermoens todos os tres dias, que foram em, 16, 17, 18. de Fevereiro com grande concurso de Gente de diversos estados, é no terceiro dia á tarde ouve Procissão solemne com que recolheraõ o Santissimo Sacramento, é tem irmandade. ¶

¶ No Anno de, 1671 = em os, 4, de Novembro, quinze annos depois da morte do Sereníssimo Rey Dom João, 4º, de Portugal, O Infante Dom Pedro seu filho, Principe governador do Reyno, lhe fes a tresladação do corpo pera hum famoso Mauzoleo de varias pedras — jaspes de diferentes cores, que se lhe fabricou de novo no mesmo lugar

aonde estava em depozito de baixo do Arco que sustenta o sacrario, como a tras fica dito, na pagina, 117 = Assistiraõ todos os senhores titulares, é fidalgos com os religiosos conegos do Convento, é o Padre Prior Dom Henrique do Desterro Magalhaens cantou a Oraçaõ do responso. Assenta este Mauzoleo sobre seis serpentes de pedra jaspe branca com manchas amarellas, é se remata com as Armas Reays deste Reyno, com sua Coroa Imperial, é suas grades bronzeadas.

O Padre Prior foy eleito Geral = Anno = 1672 = Pag = 84

¶ 46 = O Doutor Dom Joaõ da Assumpsaõ Pitta: Tinha acabada a vigairaria do real mosteiro de santa Crus, e pessoa do Capitulo geral. Foy eleito Prior deste real mosteiro de Saõ Vicente, em, 28, de Maio, do Anno de, 1672 = Veio chamado de s^{ta} Crus, é confirmado em os, 8, de Junho, pello Padre Prior geral Dom Henrique do Desterro, é seus Collegas, D. Joaõ do Paraizo, é D. Jeronimo da Conceiçaõ. tinha iá sido Prior de Grijo = Pag = 137 =

¶ Sabbdo, 17, de Setembro do Anno de 1672 = neste real mosteiro de saõ vicente se celebrou a festa do Santo Inquizador, é Martyr o Beato Pedro de Arbues. Conego Regrante, e doutor da cidade de Çaragossa de Aragaõ, que era o seu proprio dia = Assistio o Inquizador geral Duque Dom Pedro, cõ todos os tribunaes da Inquicissaõ desta cidade. A missa cantada a canto de orgaõ, beneficiou o R^{do} Padre frey Ayres da Silva Prouincial da Sagrada ordẽ do Carmo, pregou o Padre Frey Jozeph de Alemcastre da mesma ordẽ. A tarde, é nos dous dias seguintes esteve dezemferrado o Smo Sacram^{to}, no domingo Pregou o Padre Doutor Jozeph da Purificaçaõ religioso de S^{to} Eloy, disse a Missa o Reytor do seu Mosteiro = na seg^{da} feira Pregou o Padre mestre Doutor frey Antonio Correa, da ordẽ da Smã Trindade, cantou a Missa o Padre Prior Dom Joaõ Pitta. No Domingo pella manhã, assistio o Nuncio = e á tarde o Infante Dom Pedro. ~

¶ Em o primeiro dia de Nouembro festa de todos os stões, do Anno de, 1672 = O Padre Prior deste real mosteiro cantou Missa de Pontifical, por Breves antiguos que se acharaõ no Cartorio = E foy o primeiro que se celebrou neste convento depois da refformaçãõ. E em os tres, do presente mes, e Anno fes a primeira profissaõ que se celebrou com Mittra, Baculo, é Anel, é cantores com cappas, é Maças, ao irmaõ frey Antonio de Santa Elena natural de Lisboa, filho de Gonçallo Pires de Carualho, veador das obras delRey — o illustrissimo Senhor Nuncio D. Francisco Rauiza aprouou os breues pellos quais se fez o dito Pontifical, é mandou ao Padre Prior cõ escomunhaõ q̃ todos os Annos o fizesse huã ves cada Anno ¶

O Padre Prior foy eleito Geral, Anno, 1675 = Pag = 86 =

¶ = 47 = Dom Ioaõ dos Anjos, q̃ já foy Geral da Congregaçaõ, é foy Diffinidor primeiro no capitulo geral proxime passado = Foy eleito Prior neste real mosteiro de saõ vicente com todos os vottos em, 25, de Mayo do Anno de, 1675 = Estaua ã o real mosteiro de s^{ta} Cruz, donde veyo chamado, e foy confirmado em os .8. de Junho do sobre dito Anno pello Padre Prior geral Doutor Dom Ioaõ da Assumpsaõ, é seus collegas, Doutor D. Luis da Ascensaõ, é D. Ieronimo de Saõ Jozeph Saá — ¶

¶ .48 — Dom Alberto de Sam Gonçallo, Procurador geral que era da Ordem em Lisboa, é morador no most^{ro} de sam vicente: foi nelle eleito Prior depois da festa dos Apostolos sam Pedro, é sam Paulo, é logo confirmado pello Padre Geral Dom Ieronimo da Conceiçam: é seus colegas D. Pedro de Porres, é D. Bazilio da Silua — Anno de — 1678 — ¶

¶ — 49 — O Doutor Dom Antonio dos Santos Conego de Santa Cruz, aonde estaua morador, quando em o vltimo dia do mes de Mayo do Anno de — 1681 — foy eleito Prior deste mosteiro. foy chamado do de Santa Cruz, e foy con-

firmado pello Padre Prior é Geral Doutor mestre Dom Gabriel de Santo Agostinho, é seus colegas, D. Acurcio da Esperança, é D. Virissimo de Santo Antonio. ¶

¶ Neste triennio tratou o Reuerendo Padre Prior com o Procurador Geral, de renouarem a cauza a cerca de se dizer Missa de Pontiffical, leuaram os Papeis correntes com os Breues dos summos Pontiffices ao Arcebispo de Lisboa Dom Luis de Souza, é Silua: Sua illustrissima cometeu a cauza ao seu Vigairo Geral Joaõ Serram, o qual em rellaçam Ecclesiastica com os Dezembargadores da Mitra viram os Breues, é papeis, é fazendo consulta a Sua Illustrissima, elle a assinou, é aprovou, é lhe pareceu bem que neste Real Mosteiro de sam Vicente se fassa Pontiffical todos os Annos. Com esta sentença a fauor, o Reverêdo Padre Prior Doutor Dom Antonio dos santos, fes Pontiffical em dia de nosso Padre Santo Agostinho — 28 — de Agosto deste Anno — de — 1683. ~ Pregou hum Frade da Ordem de Sam Francisco. ¶ O Padre Prior deste real mosteiro não veyo a capitulo geral por estar muyto doente, veyo em seu lugar o vigairo Dom Antonio da Conceiçam.

¶ O Padre Prior Doutor Dom Antonio dos santos, faleceo no seu conuento no mes de Abril em tempo do capitulo geral =

¶ — 50 = Dom Alberto de sam Gonçallo, Natural da Villa de Amarante, Conego de Santa Crus, eleito Prior deste real mosteiro a 2^a ves, na Infra 8^{ua} da Ascençam em Mayo. Anno — 1684 = era ahi morador, é logo foy confirmado pello Padre Prior geral, Dom Manoel de Sam Liouardo, é seus Collegas, D. jozeph de S^{to} Antonio, é D. Raymundo de S^{ta} Maria. = ~ Ao Padre Prior El Rei Dom Pedro o 2^o = nomeou Arcebispo do Goa. Anno — 1685: ~ Foy sagrado em Lisboa, e cada dia espera que lhe venha de Roma o Palio Arçobispal — é iá tem ido vizitar à sua terra os Parentes.

¶ 51. Dom Fulgencio dos Martyres, Religiozo de S^{ta} Crus = Foy eleito Prior de Sam Vicente, depois de ser

tido Geral = Assistiram á eleição o Padre Prior geral Dom Manoel de sam Lionardo, e seus collegas D. Jozeph de S^{to} Antonio, e D. Raymundo de S^{ta} Maria, no mes de Agosto de — 1686 = Foy mandado vir de s^{ta} Crus, aonde era morador, e foy confirmado a 30 do ditto mes.

52 D. Joseph de S^{to} Ant^o conego Profeço do Mostro de Moreira, sendo actualm^{te} vig^{ro} do Mostro de S^{ta} Crus foi eleito no mes de Maio do Anno de 1687 Prior do Mostro de S. V^{te} de fora, e confirmado p^{lo} Pr^{gal} D. Jnnocencio da Resurreição e seus collegas D. Antonio do Desterro, e D. Constantino de S. Bernardo.

53 D. Manoel de S. Joseph conego profeço do Mostro de S. V^{te} de fora, e nelle m^{or} foi eleito no mes de Mayo do anno de 1690 Prior de S. V^{te} de fora, e confirmado pelo R.^{mo} Pr^{gal} o Dor D. Pedro da Gloria, e seus collegas D. Silvestre dos Anjos e Dom P.^{am} da Natividade. O P^o Prior foy eleito Geral.

54. Dom Bernardo de S. Boaventura Conigo Professo do mostro de Refoyos do Lima m^{or} neste Real mostro de S^{ta} Crus foy eleito no mes de mayo do anno de 693 em Prior do Mostro de S. V^{te} de fora, e confirmado pello Rm^o P^o Geral D. Mel de Saõ Joseph, e seus collegas o P^o Dor Dom Alexandre de S. Ioseph e Dom Theotonio da Conceição moreu sendo Prior

Por falecim^{to} do P^o Prior Dom Ber^{do} que não foi Prior senão hum anno, foy eleyto em Prior do d^{to} Mostro de S. V^{te} o P^o Dom Gaspar da Jncarnação p.^o do d^{to} mostr^o de S. V^{te} e confirmado pello Rm^o P^o g^{al} e seus collegas.

55 = Dom Gaspar da Encarnação conigo Professo do mostro de S. V^{te}, foi reeleito com dispensação do S^{or} Nunçio em Prior do d^{to} most.^{ro} por cauza de não auer dous annos que tinha sido Prior, e foi eleito no mes de Junho

de 696; e confirmado pello Rm^o P^o Geral Dom Ieronimo de Saõ Joseph e sous Collegas, Dom Christauaõ da Crus, e D. Jgnacio dos Anjos

56 Dom Ant^o de S^{ta} Helena conigo professo do most^{ro} de S. V^{te} foi eleito em Prior do d^o most^{ro} e confirmado pello Rm^o P^o Geral Dom Pedro da Gloria e seus Collegas Dom Alexandre de S^{ta} Maria, e Dom Verissimo de Saõ Gonsalo.

57. Dom Ioaõ de Christo conego Professo do most^{ro} de Grijo foi eleito em Prior deste most^{ro} de S. V^{te}; e confirmado pello Rm^o P^o Geral Dom Ioaõ do Paraizo e seus Collegas Dom Alvaro da Conceiçaõ, e Dom Jeronimo de Saõ Ioaõ.

58 Dom Joseph de S. Joaõ, conigo Professo deste Real most^{ro} de S. V^{te} foi eleito em Prior delle e confirmado pello Rm^o P^o Geral Dom Gaspar da Incarnaçaõ, e seus collegas, Dom Ambrozio da Conceiçaõ, e Dom Miguel do Sacram^{to}. O P^o Prior foi eleito geral.

59 Dom Joaõ de Christo, conigo Professo do most^{ro} de Grijo, foi eleito segunda ves em Prior deste Real most^{ro} de S. V^{te} donde era morador, e confirmado pelo Rm^o P^o geral Dom Joseph de S. Joaõ, e seus collegas Dom Joaõ de S^{ta} Monica, e Dom fran^{co} de S. Caetano

60 O Rm^o P^o Dom Gaspar da Incarnaçaõ, conigo Professo do mos^{tro} de S. Vicente, foi eleito em Prior do mesmo mos^{tro}, e confirmado pello Rm^o P^o geral Dom Joaõ de Christo, e seus Collegas Dom Manoel dos S^{tos} e Dom Thomas da Incarnacaõ.

(Continua)

D. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES

CAMPOS DE URNAS DO CONCELHO DE ELVAS

As estações arqueológicas de que vamos aqui tratar oferecem, a nosso ver, excepcional ensejo para o estudo do segundo período da Idade do Ferro, em Portugal, e permitem, até certo ponto, ajuizar melhor acerca de algumas estações idênticas sobre cuja exploração não nos ficaram relatos satisfatórios.

Não podemos dizer que as nossas pesquisas tudo esclareçam desde já, porquanto nenhuma das jazidas por nós estudadas foi totalmente investigada, mas o que elas até agora revelaram constitui valiosa contribuição de factos, consentindo muitas conclusões que se nos afiguram certas.

Publicamos já algumas notícias respeitantes às pesquisas realizadas até Março do ano corrente⁽¹⁾. Resumiremos, em seguida, o que pudemos averiguar até o fim de Julho de 1950.

(1) *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XII, págs. 289 a 322 (Porto, 1950); *Subsídios para o estudo da Idade do Ferro no concelho de Elvas*, comunicação apresentada ao VI.º Congresso Arqueológico del Sudeste Español (Alcoy, Abril de 1950); *Necrópoles céltico-romanas do concelho de Elvas*, entregue ao «Archivo Español de Arqueología», em Maio de 1950.

Para a descrição de campos de urnas com os quais, pela forma das tumulações, comparamos a necrópole da Chaminé assim como parte das da Horta das Pinas e do Padrão, vejam-se, por exemplo: J. J. Sementé Ibañez, *Excavaciones en la necrópolis de Molar* (Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Memória n.º 107, Madrid, 1930); P. de Palol, *Avençe de los hallazgos de la necrópolis de Agullana (Gerona)*, in «Ampurias», vol. VI, págs. 97-139; a do campo de Albufereta (Alicante) — F. Figueras Pacheco, *Las exca-*

1 — ESTAÇÕES

Necrópole da Chaminé. Situa-se na Herdade da Chaminé, 3.500 metros a leste de Vila Fernando e 10 quilómetros, em linha recta, da cidade de Elvas, na direcção de oes-noroeste (Fig. 1). Foi descoberta em Março de 1949, quando trabalhadores rurais abriam covas para plantação de oliveiras. Ocupa um pequeno plaino, de terreno pobre, fracamente agricultado.

Conforme descrevemos nos relatos anteriores, trata-se de um campo de urnas cujas tumulações são formadas por vasilhas enterradas à profundidade média de 0^m,50. Estas urnas, umas vezes isoladas, outras em grupos de duas, três ou quatro, achavam-se tapadas por outras vasilhas do feitio de tijelas, ou por pequenas lajes.

Continham cinzas e fragmentos de ossos, cossoiros de barro, fragmentos de fíbulas, brincos e outros objectos metálicos, pequenos, tanto de ferro como de bronze. Por fora, a envolvê-las, havia cinzas, os mesmos pequenos objectos metálicos, quase todos torcidos e partidos, assim como fragmentos de objectos de ferro com maiores dimensões. Notamos que o espólio de algumas tumulações era caracterizado pela presença de cossoiros, fíbulas e brincos,

vaciones de Alicante y su transcendencia regional, na «Crónica del II Congreso del Sudeste Español», Albacete, 1946, págs. 223 e segs.; etc.

Por fotografias de escavações, publicadas em diversas obras, nota-se alguma semelhança com outros campos de urnas, embora apenas quanto tumulações, tal como o de Verdolay, Múrcia (*Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. VI, Est. LXVIII, Madrid, 1946). A necrópole da Herdade do Padrão, pela variedade de suas tumulações, lembra a de Torrox, embora em Torrox tal variedade seja ainda muito maior (Simeón Giménez Reyna, *Memoria Arqueologica de la Provincia de Malaga hasta 1946*, Comisaria General de Excavaciones Arqueologicas, Memoria n.º 12, Madrid, 1946, Est. xxxix).

ao passo que o de outras o era por pontas de dardo e pequenas facas afalcatadas, dando-nos a convicção que de tal modo se diferenciavam das dos homens as sepulturas das mulheres (2).



Fig. 1

As vasilhas, com as demais peças constitutivas dos espólios, cinzas e restos de ossos, estavam algumas vezes

(2) J. Maluquer de Motes, *Las culturas hallstatticas en Cataluña*, in «Ampurias», vol. VII-VIII, págs. 115 a 184. Estácio da Veiga, no relato da necrópole inferior de Bensafirim, atribui a uma mulher a sepultura onde achou certos adornos. Convencemo-nos, todavia, de que em épocas pré e proto-históricas esta caracterização não será segura, porquanto certos adornos, tais como braceletes, xorcas e colares, eram também usados por indivíduos do sexo masculino. Mais segura indicação de sepulturas de mulher será porventura a presença de brincos e cossoiros, e nalgumas necrópoles a ausência de armas nas respectivas tumulações.

colocadas em anfractuosidades da rocha nativa do sub-solo, que é calcária; na grande maioria, porém, achavam-se enterradas num solo duro, muito comprimido e cheio de cascalho miúdo. Neste último caso, as tumulações estavam protegidas por algumas pedras pequenas, dispostas em volta, a modos de caixa grosseira, sem forma determinada. Pedras pequenas e grosseiras, sem qualquer preparo, cobriam todas as urnas, inclusive as colocadas nas cavidades da rocha.

Pelo meio destas tumulações, apareceram outras, do feitio de cistas compridas, muitíssimo baixas e estreitas, formadas também por pequenas lajes sem preparo, as quais continham cinzas e ossos calcinados. Sempre mais estreitas em um dos topos que no outro, como trapézios extremamente alongados, ou mesmo tendo um dos topos em bico, a sua largura média regulava por um decímetro. Algumas nada mais continham que simples terra com cinza, ou estavam ocas. Apenas uma delas continha um vaso de barro.

O material arqueológico por nós exumado consta do seguinte:

Cerâmica — Urnas de barro vermelho bem cozido, de paredes relativamente finas, sem ornatos, de uns 16 ou 18 formatos diferentes; urnas de barro vermelho, de fabrico manual, paredes grossas e com singelos ornatos geométricos incisos; pequenas urnas de barro negro; tijelas mais ou menos fundas, em forma de calote esférica, mas com pé; fragmentos de urnas com restos de faixas paralelas e de arcos de círculo, pintados; cossoiros tronco-cónicos, com variada ornamentação incisa.

Objectos de bronze — Fíbulas e fivelas circulares; brincos, do formato de alfinete, de cabeça cúbica, circularmente dobrado; pequenas pinças, uma cabeça discoide, de agulha, do tipo das encontradas em campos de urnas, catalães; uma chapazinha dobrada à maneira de pinça, com ornato vasado, que pode ser parte de uma fivela, ou de gancho, da extre-

midade de um cinturão; várias porções terminais de fivelas e, possivelmente, de braceletes.

Objectos de ferro — Uma espada curta, de antenas transformadas em botões; uma espora, ou acicate; pinças, uma das quais com ornato vasado e embutidos de prata; pontas de dardo; uma ponta de lança; laminazinhas afalcatadas; argolas e fragmentos de outros objectos, alguns dos quais eram freios de cavalo.

Em um local que supomos situar-se num dos limites da necrópole, descobrimos um pequeno espaço lajeado, coberto e cercado por um lençol de terra negra e cinzas, com todas as características de sítio de cremação dos cadáveres (*ustrinum*) (1). Junto estava uma tumulação mais moderna que as do outro ponto onde escavámos. Continha sete vasilhas de barro, uma das quais de *terra sigillata* e outra da imitação da cerâmica de Aco (*barbotina*), uma garrafinha de vidro e um médio bronze do Séc. I.

Em meados de Outubro de 1949, foi a estação visitada pelo Director do Museu Etnológico, em consequência do que ficou reservada àquele instituto oficial a continuação das escavações. Não chegamos, por isso, a determinar a extensão da necrópole. Quis-nos parecer, todavia, que a área por nós explorada representa apenas uma pequena parte. Pelo mesmo motivo, ficou também por averiguar a sua completa extensão cronológica. Supomos, no entanto, que as tumulações mais antigas, com elementos post-hallatticos, podem ser colocadas no final do Séc. IV e no Séc. III a. C., sendo a época final desta necrópole marcada, pelo menos até agora, pela tumulação que forneceu a cerâmica e o bronze imperial do Séc. I da nossa Era.

Necrópole do Padrão. Fica na herdade do mesmo nome, da freguesia da Ajuda, no limite do concelho de

(1) J. Maluquer de Motes, *op. cit.*, pág. 111 (aludindo ao *ustrinum* da necrópole de Tarrasa).

Elvas com o do Alandroal, 13 quilómetros a su-sudoeste de Elvas e próximo de Juromenha. A necrópole surgiu acidentalmente, em Setembro de 1948, ao prolongarem o troço então existente da estrada de Elvas a Juromenha. Visitámo-la pouco depois, mas sòmente pudemos verificar a forma das sepulturas e salvar quatro vasos cerâmicos. Só em Novembro de 1949 nos foi possível proceder a mais demorada pesquisa.

As sepulturas abertas pelos trabalhadores eram cinco, uma construída de tijolos e as quatro restantes formadas por covas abertas na rocha de xisto, do sub-solo, duas cobertas por tégulas e as outras duas por simples amontoados de pequenas pedras toscas, como nas tumulações da Chaminé. Nas escavações a que depois procedemos, achámos as seguintes:

6.^a *sepultura* — Cova rectangular aberta no xisto e tapada por lajes delgadas, também de xisto. Continha cinzas, pedacitos de carvão vegetal, fragmentos de ossos calcinados e oitos vasilhss de barro, seis agrupadas cerca de um dos topos da cova e duas na outra extremidade.

7.^a *sepultura* — Simples cova aberta no chão, muito superficial, com o mobiliário rodeado e coberto de pequenas pedras, como nas tumulações da Chaminé. Num dos lados, uma vasilha completamente esmigalhada e, junto dela, cinco grandes pregos de ferro e cinco laminazinhas de bronze, cada qual provida de uns minúsculos espigões nos topos, dando a impressão de que foram aplicadas em uma tira de couro. Do outro lado, quase no eixo transversal da cova, achava-se uma lucerna de barro branco, faltando-lhe a parte correspondente à asa.

(Nota: Cinco destas sepulturas não passam de rudes cavidades mais ou menos arredondadas, de 0^m,80 a 1^m,50 de maior diâmetro. O xisto em que foram abertas não se prestava à escavação de covas espaçosas e de contorno regular).

8.^a *sepultura* — Achava-se uns 0^m,20 abaixo da flor do solo. Continha terra negra, cinza e ossos calcinados.

9.^a *sepultura* — Idêntica à anterior, inclusive no conteúdo, havendo a mais uns fragmentos de duas vasilhas.

10.^a *sepultura* — De construção muito singular. Compunha-se de uma cova elipsoidal, aberta na rocha, tendo ligada a um dos topos uma caixa rectangular, feita de quatro tégulas, uma em cada face, e mais uma a servir de tampa. A cova continha somente cinzas e terra negra. Sobre a tégula da cobertura acharam-se depostos: um lacrimatório tubular, de vidro; sete vasilhas de barro fino, das quais duas de *terra sigillata* e uma de *barbotina*; um anel de prata, com pedra azul, vendo-se gravada nesta a minúscula figura de uma divindade campestre (?); um pedaço triangular, de um espelho. Entalados entre a face inferior da tégula e a superfície da terra que enchia a caixa, acharam-se uns pequeninos fragmentos de objecto de cobre, talvez de fíbula, e um seixinho de quartzite, cordiforme.

10.^a *sepultura* — Pequena cova aberta no xisto. Continha uma tijela e uma urna de duas asas, de barro vermelho, fino, e um prato em forma de tacho, de barro mais grosseiro.

12.^a *sepultura* — Idêntica à anterior, porém mais comprida, elipsoidal e tapada por quatro tégulas. Forneceu sete vasilhas de barro, entre as quais algumas de *sigillata* e de *barbotina*, e fragmentos de dois recipientes de vidro.

13.^a *sepultura* — Caixa rectangular com paredes laterais e topos formados por lajes. Cobria-a uma grande laje. Tinha 0^m,95 de profundidade. No fundo, sobre uma camada de terra, cinza e ossos calcinados, estavam doze vasos cerâmicos, uns de *sigillata*, outros imitando *sigillata*, outros de *barbotina*, e dois pratos de fabrico mais grosseiro, no feitio de tacho, ou de prato para vaso de flores. Colheram-se, também, fragmentos de um vaso de vidro.

14.^a, 15.^a e 16.^a *sepulturas* — Sem interesse particular e desprovidas de espólio.

17.^a *sepultura* — Simples amontoado de pedras ao redor do mobiliário, resguardando os vasos e as cinzas. Continha dezasseis peças cerâmicas dispostas em duas camadas, uma

em cima da outra: panelas e tachos ou pratos de barro grosseiro; pratos e urnas de *sigillata*, urnas de barro branco e de barro vermelho, com engobe (barbotina); uma lucerna de barro branco cujo disco mostra os bustos de Isis e Serápis.

18.^a *sepultura* — Caixa rectangular, de 1^m,20 de comprimento por 0^m,40 de largo, formada por duas fiadas de três tégulas em cada lado e num dos topos. No prolongamento do outro topo, liga-se um compartimento quadrado, também de tégulas, mas não em dobrado. Era neste compartimento que se encontrava o espólio, constituído por quatro urnas.

19.^a *sepultura* — Paredes laterais compostas por duas lajes. Cabeceiras formadas por pedras mal faceadas. Esta caixa media 1^m,40 de comprimento por 0^m,55 de largo. Não deu espólio.

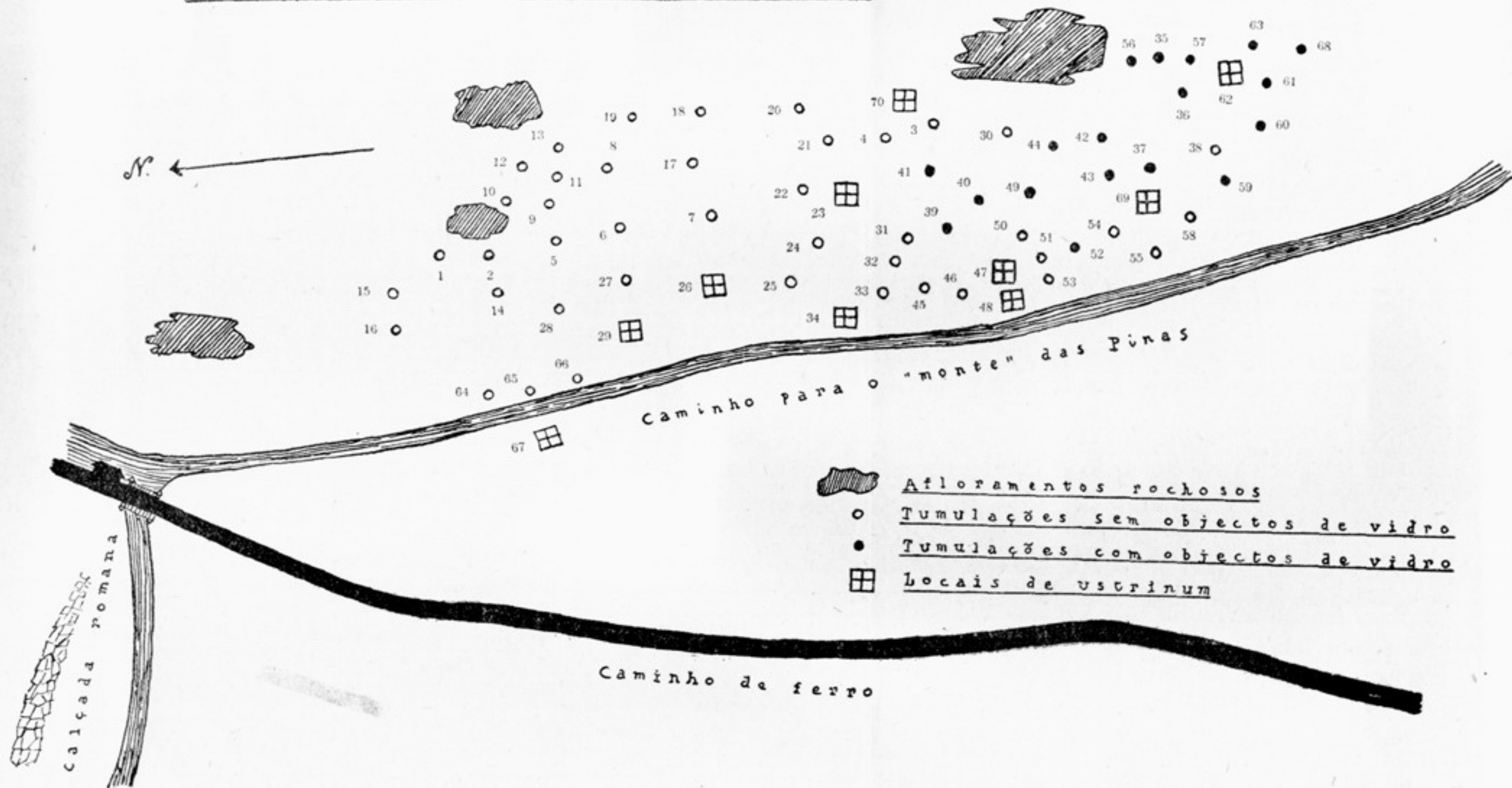
20.^a *sepultura* — Caixa rectangular, de tégulas, dentro da qual estavam uma lucerna e uma pequena urna de barro fino. Pela banda de fora de uma das tégulas havia uma panela e uma vasilha afunilada, em forma de almotolia, ambas de barro vermelho.

As considerações a fazermos acerca do material e da época desta necrópole são as mesmas que exporemos ao tratar da necrópole das Pinas.

Necrópole da Cardeira. O «Monte» da Cardeira fica na freguesia de Jerumenha, concelho do Alandroal. A necrópole ocupa uma breve planura da margem esquerda da ribeira de Mures, cerca de três quilómetros antes da sua confluência no Guadiana. Em Junho de 1950, quando procediam ao alqueive de uma das folhas da herdade, os rurais descobriram a primeira tumulação, retirando uma urna cheia de cinzas e fragmentos de ossos queimados. Aborrecidos por não se lhes ter deparado recheio de moedas de ouro, espatifaram-na.

Cavando mais fundo, e desfazendo a caixa tumular, acharam uma falcata e uma ponta de lança, de ferro, objec-

CAMPO DE URNAS DA HORTA DAS PINAS (ELVAS)







-  Afloramentos rochosos
-  Tumulações sem objectos de vidro
-  Tumulações com objectos de vidro
-  Locais de Ustrinum

Fig 2

1847-1850 HIS 246 AT THE AG 1848-1850 TR 1848



tos estes de que o proprietário do «monte», Sr. José de Abreu, por lhes reconhecer o valor arqueológico, tomou imediata posse, dando-lhes lugar seguro no Museu Municipal de Elvas. Ali observámos as duas peças, mercê da gentileza do seu Director, Sr. Domingos Lavadinho. Dias após o achado, efectuámos um reconhecimento ao local. Cinquenta metros distante do ponto onde fora achada a sepultura, encontrámos outra, também já esvasiada pelos mesmos trabalhadores rurais, que afirmaram nada ter encontrado nela. Cerca de 20 metros desta segunda tumulação, descobrimos outra, igualmente devassada, mas há alguns anos já.

Pudemos, no entanto, observar a maneira como estes enterramentos eram feitos. Se bem que tenham alguma semelhança com os da Herdade da Chaminé e com a maioria das tumulações da Horta das Pinas, as três examinadas na Cardeira apresentaram-se mais bem cuidadas. O espólio funerário foi colocado em uma caixa rectangular, de $0^m,80 \times 0^m,60$, formada por lajes de grauvaque, dispostas a prumo, ou com uma ligeira inclinação para fora. Estas lajes estavam reforçadas exteriormente por outras, de maneira a constituírem paredes duplas ou triplas. A cobertura era feita do mesmo modo, por duas ou três lajes sobrepostas, assentando a inferior ao nível da boca da urna cinerária.

Por fora da caixa havia, também, como nas Pinas, na Chaminé e em parte do Padrão, pedras atacadas à maneira de cunhas e apertadas com terra e cascalho miúdo. Nos terrenos da herdade não existem afloramentos de grauvaque, pelo que, supomos, as lajes foram trazidas de outro local.

Conseguimos ainda colher fragmentos da urna destruída pelos rurais. Era de barro vermelho, bem cozido. Quanto à forma, repete um dos tipos achados nas Pinas e na Chaminé.

Já pela distância a que a Herdade da Cardeira nos fica de Vila Fernando (30 quilómetros), já porque o terreno

foi semeado, não nos foi até hoje possível realizar ali outras sondagens. O começo desta necrópole datará, pelo menos, do Séc. IV a. C., com anterioridade ao período inicial da Chaminé.

Necrópole das Pinas. A Horta das Pinas está situada na freguesia de Aventosa, cinco quilómetros a norte de Elvas, entre esta cidade e a aldeia de São Vicente. Iniciámos a exploração deste campo de urnas em Março do ano presente, ao sabermos que desde muito os rapazitos do sítio, assim como os pequenos pastores, costumavam escavar ali o solo, a fim de obterem «loijas» para seus brinquedos. O ocasional descobridor e seus continuadores não tiveram, realmente, grande trabalho, pois o solo, areento e rico de terra vegetal, é fácil de cavar.

O campo de urnas ocupa uma ladeira de fraca pendente, a qual descai desde o caminho de ferro (Linha de Leste), para sul e sueste, até a ribeira de Rio Torto. Cobrirá uma superfície de quatro hectares, mais ou menos, da qual até agora explorámos a oitava parte no extremo setentrional. Como é o que mais próximo nos fica, com exclusão da Chaminé, aonde, cumprindo um dever oficialmente imposto, não voltamos, é esta a necrópole que mais intensamente temos podido estudar.

Tal como na Chaminé, as tumulações são quase contíguas, não havendo, por assim dizer, ponto em que se cave onde não as encontremos. Relativamente ao modo por que foram feitas, lembra a necrópole do Padrão, sem, contudo, até agora, termos achado nela sepulturas grandes e bem construídas, como algumas daquela outra. Eis os tipos verificados:

1.º — Urnas depostas dispersamente, sem disposição definida, no meio de cinzas, dentro de um covacho de $0^m,60 \times 0^m,40$, aproximadamente. Rodeava o conjunto, a servir-lhe de protecção, uma parede rudimentar, formada por alguns pequenos calhaus informes, postos de ponta, cujo comprimento em média andava cerca dos $0^m,30$. Duas

ou quatro tégulas colocadas à maneira de telhado de duas águas faziam de cobertura, e logo por cima terra e pedras miúdas completavam a protecção pela parte superior.

2.º — As vasilhas, cinzas e demais objectos jaziam sob um amontoado de pedras, semelhantemente ao observado na maioria das tumulações da Chaminé; ou seja, as pedras que rodeavam o depósito funerário nem chegavam a ter um vago aspecto de caixa. Aqui, todavia, em vez da tumulação se alojar nas anfractuosidades naturais da rocha, ou em plena camada de terra e cascalho, assentava em uma cavidade aberta no solão, ou sub-solo, sendo esta coberta por terra e calhaus simplesmente amontoados.

3.º — As cinzas e o mobiliário estavam dentro de uma caixa rectangular, de 0^m,60, mais ou menos, por 0^m,35 ou 0^m,40 de largura, formada por duas ou três lajes em cada lado e nos topos. Estas pequenas lajes eram irregulares, mas tinham a face mais plana voltada para o interior desta grosseira caixa. Os calhaus que a cobriam estavam também com a parte mais faceada voltada para baixo. Todo o conjunto era rodeado e coberto por mais algumas pedras dispostas sem arranjo especial. Em alguns casos, a cobertura imediata, ou tampa, desta espécie de caixa, era desempenhada por uma ou mais tégulas, com o amontoado de terra e pedras por cima.

4.º — A tumulação estava dentro de uma pequena cova aberta no sub-solo e tapada por uma só laje, ou por uma tégula. Pedras e terra a cobrir o todo.

5.º — O mobiliário achava-se dentro de uma caixa formada por quatro tégulas implantadas verticalmente. Cobertura feita por uma ou duas tégulas, com terra e pequenas pedras por cima. A mesma protecção de pequenas pedras rodeava a caixa de tégulas.

As pesquisas por nós effectuadas ulteriormente confirmam as observações que fizemos até o mês de Março, respeitantes a outros pormenores das tumulações e à posição do espólio. Referimo-nos já a um *ustrinum* da necrópole da Chaminé. Aqui nas Pinas, aqueles pequenos espaços

rectangulares, lajeados e cobertos de lençóis de cinzas, são mais numerosos, talvez por ser aqui mais ampla a área explorada. Conforme indicamos na planta da estação, contam-se já dez, intercalados em agrupamentos de tumulações. Havia, pois, lugares próprios para cremação dos cadáveres, mas deparam-se-nos muitos casos em que o *ustrinum* era no próprio local da tumulação. Assim, frequentes vezes, os tumuladores teriam procedido da forma seguinte: Aberta uma cova proporcional ao tamanho do cadáver, colocaram sobre ela a pira e o corpo do defunto. Terminada a cremação, recolheram nas urnas as cinzas escolhidas e os fragmentos de ossos não consumidos. Varreram depois para o centro da cova, geralmente um espaço mais fundo, o resto das cinzas e os pedaços de carvão provenientes da incompleta combustão dos ramos de árvores e arbustos empregados na pira. Sobre este montículo depositaram as urnas e os demais objectos componentes do mobiliário fúnebre.

É de crer que algumas vezes as vasilhas tivessem sido colocadas sobre a pira, no decurso da incineração, ou metidas nas cinzas quando estas estivessem ainda esbraseadas. Aqueles pratos que denominamos tachos, e que ocupam quase sempre a base da tumulação, são as peças que acusam mais a acção do fogo intenso, conquanto lhe tenham resistido melhor que outras peças de cerâmica. Quando as tumulações indiciam este procedimento, a cerâmica mal se pode aproveitar, porque está quase toda miudamente fragmentada, ou se desfaz ao tentarmos extraí-la da pasta cinerária.

Nesta necrópole das Pinas a cerâmica acha-se colocada com certa ordem, apresentando-se geralmente assim: no fundo da cova, um ou mais pratos grosseiros, quase sempre daqueles que denominamos «tachos», por serem de bordo direito, tendendo para a vertical, como os pratos vulgares de vasos para flores; dentro destes pratos grosseiros estão colocados, às vezes, recipientes de vidro, peças de *sigillata*, imitação desta (isto é, peças pequenas, de barro vermelho, bem cozido e sem verniz) e de barbotina.

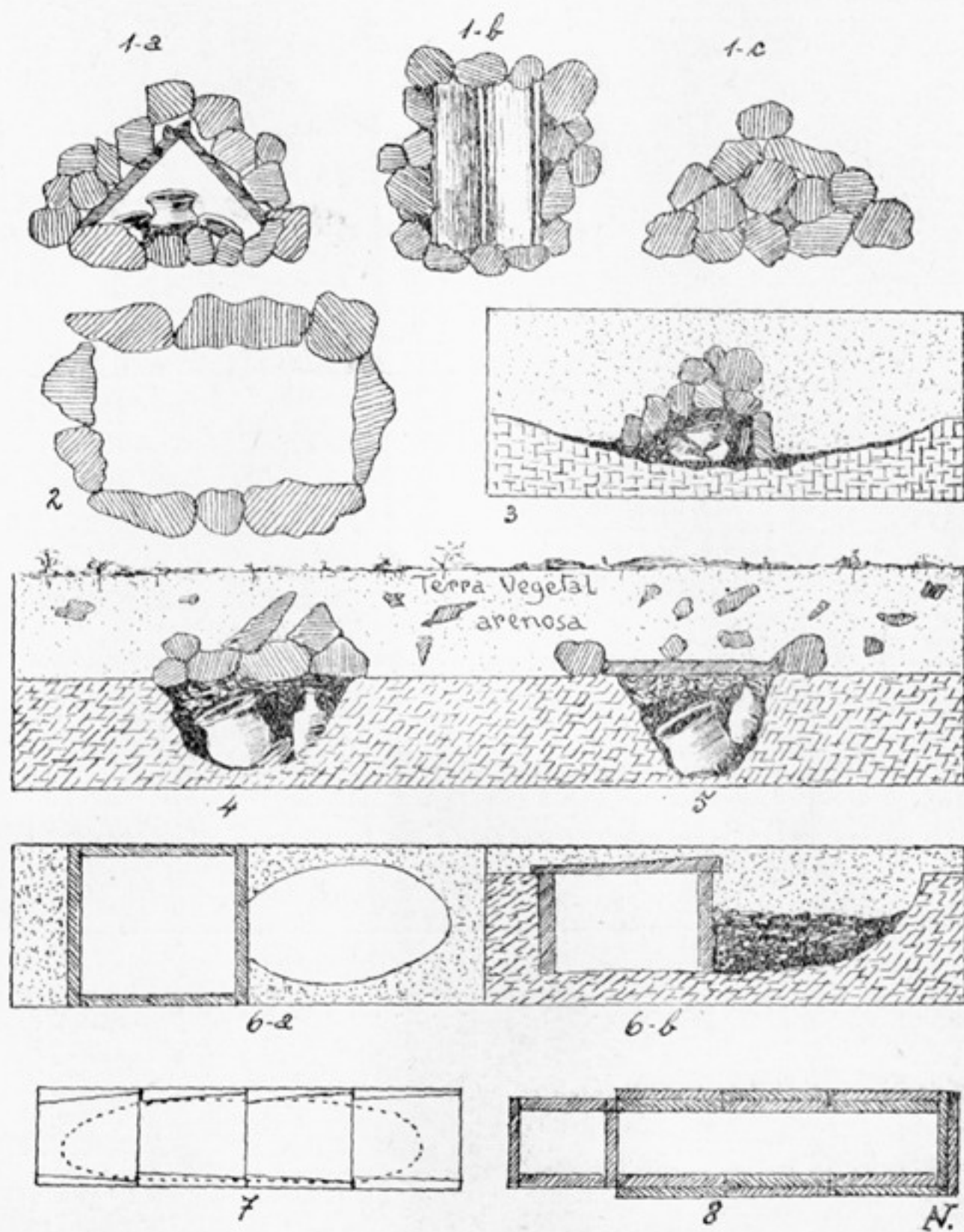


Fig. 3

N.^{os} 1-a, 1-b e 1-c; 2, 3, 4 e 5 — Vários tipos de tumulação, do campo de urnas da Horta das Pinas. 6-a e 6-b; 7 e 8 — Tipos de sepultura na necrópole da Herdade do Padrão.

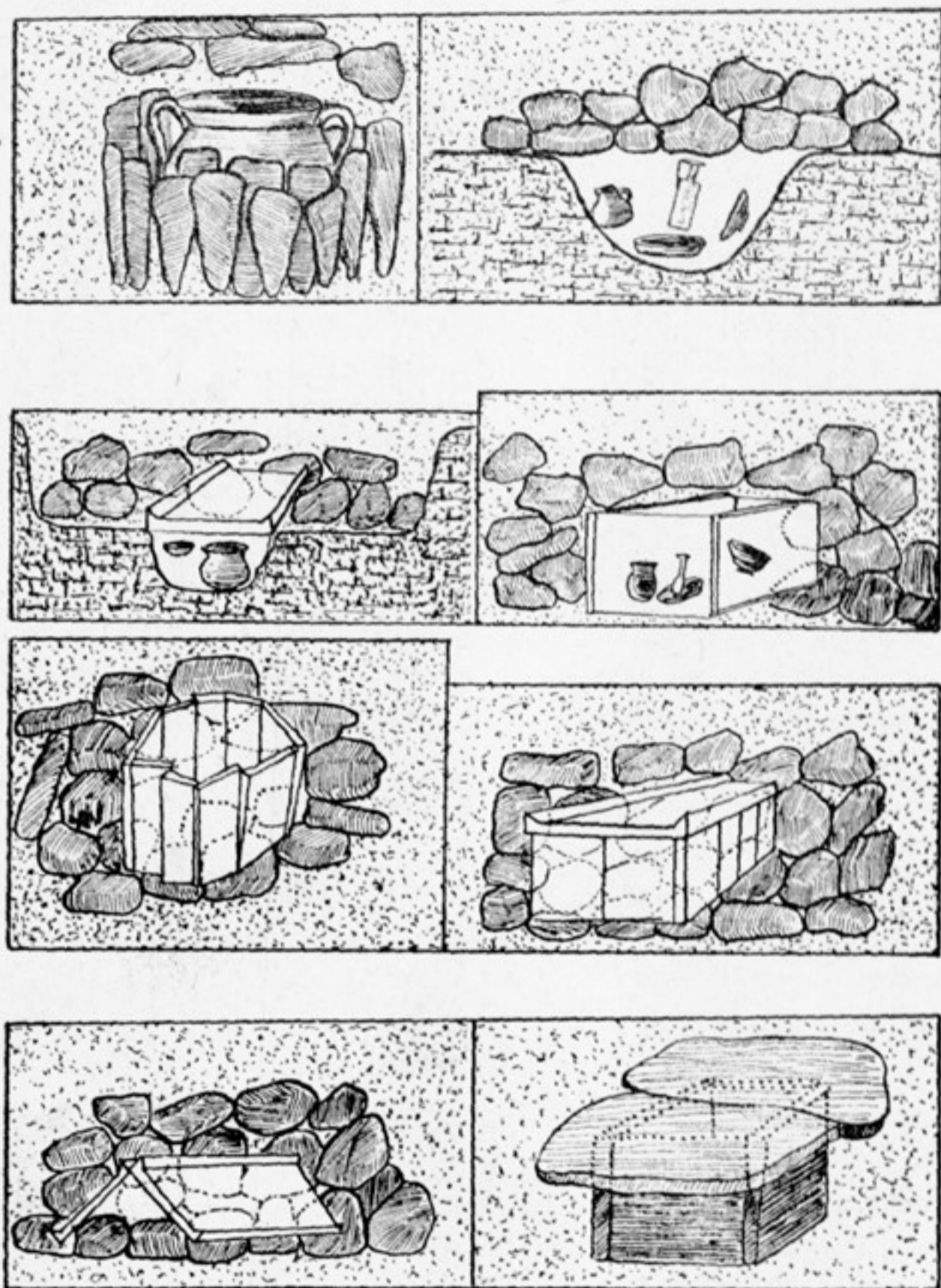


Fig. 4

[Tipos de tumulações na necrópole da Horta das Pinas.

Os «barris», bilhas, botijas e outras peças altas e de gargalo mais ou menos comprido, ocupam invariavelmente os topos das cavidades, ou do conjunto das demais vasilhas. É frequente achar-se um prato posto de cutelo e encostado a uma das paredes da cova, ou da rude caixa tumular. Em alguns casos, as urnas e outras vasilhas acham-se encostadas às paredes da cova.

Nas mesmas condições se encontram os pregos de ferro, grandes de mais para terem sido utilizados num caixão de madeira, e os poucos objectos de cobre, ou bronze, tão escassos aqui e no Padrão como abundantes na Chaminé. E a respeito de objectos de ferro, quase mais nada além dos pregos. Supomos que estes, devido às suas dimensões, não tenham servido em ataúdes, por muito grossas que fossem as tábuas neles empregadas. Admitimos que o cadáver, ao ser incinerado, fosse colocado em uma espécie de estrado, ou palanque, formado de ramos de árvore, com apreciável grossura. Assim o parece indicar o modo por que alguns destes pregos se encontram dobrados. Achamos, contudo, em uma das tumulações, pregos mais curtos e menos grossos, dispostos de tal modo junto às paredes do covacho que nos faz supor, neste caso, a sua utilização em um ataúde.

Os vidros poisam, as mais das vezes, em um dos cantos, num dos topos da cova. As peças de *sigillata*, principalmente os pratos, mostram-se muito gastas, sobretudo nos bordos, notando-se que tal desgaste foi devido a prolongado uso, antes da sua colocação no mobiliário fúnebre. Há vasilhas que foram postas na cova já partidas, com falta de bocados, mas sempre arrumadas com cuidado na tumulação. Isto contrasta com o verificado na necrópole do Padrão, pois aqui as vasilhas achavam-se em tal posição que sugeriam a ideia de haverem sido atiradas para as cinzas, sem a preocupação de as collocarem com arrumo determinado.

Inventário das tumulações. Na Fig. 2, damos em esboço a planta da necrópole da Horta das Pinas. Os discos

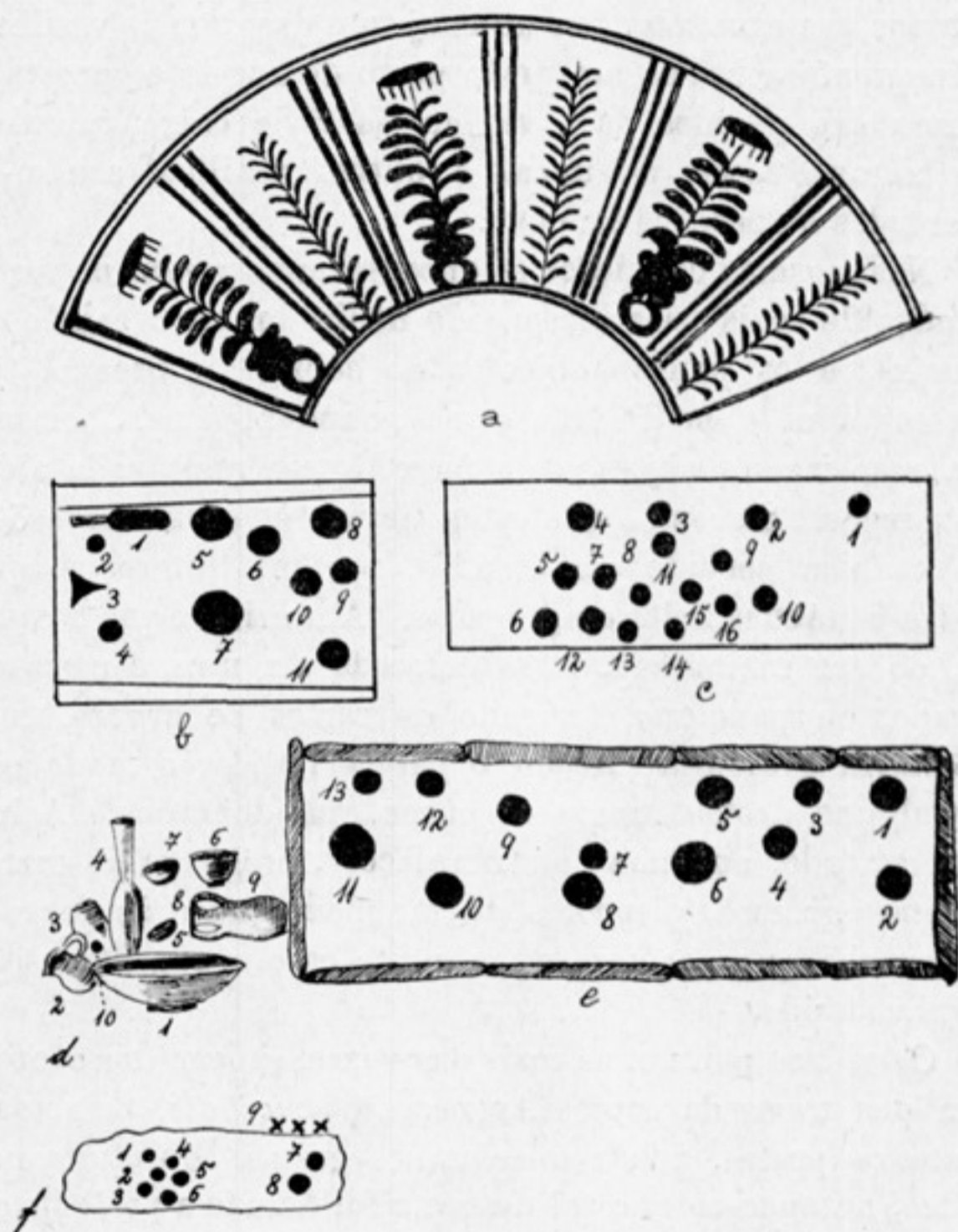


Fig. 5

a — Ornato de um vaso de *terra sigillata* da necrópole da Horta das Pinas. *b* — Disposição do mobiliário sobre a sepultura n.º 9 do Padrão. *c* — Disposição do mobiliário na sepultura n.º 17 do Padrão. *d* — Tumulação mais recente, no campo de urnas da Chaminé; com um bronze imperial (n.º 10). *e* — Disposição do mobiliário na sepultura n.º 13 do Padrão. *f* — Disposição do mobiliário na sepultura n.º 6 do Padrão.

brancos assinalam as tumulações em que não havia objectos de vidro, e os negros indicam aquelas em que os havia. Vão também marcados os pontos que nos pareceram ter sido locais de *ustrinum* fora das tumulações.

1 — Continha uma urna de barro fino, em forma de boião, muito deteriorada.

2 — Seis vasos, dois de barro grosseiro e quatro de barro fino. Quatro pregos, de ferro.

3 — Três vasilhas de barro e pregos.

4 — Cobertura tectiforme, de tégulas. Seis vasilhas, três das quais muito fragmentadas. Um recipiente de vidro, muito fragmentado.

5 — Três vasilhas de barro e alguns pregos.

6 — Quatro vasilhas e pregos.

7 — Cinco vasilhas de barro e duas de vidro, uma destas muito deteriorada.

8 — Caixa formada por quatro tégulas, com uma a tapar. Seis vasilhas de barro fino, dispostas em duas camadas.

9 — Quatro vasilhas de barro e alguns pregos.

10 — Sete vasilhas de barro, duas de vidro e alguns pregos.

11 — Caixa de tégulas. Três vasilhas de barro, uma pinça de cobre e pregos de ferro.

12 — Cinco vasilhas de barro; dois objectos de ferro (formão e fragmento de serra).

13 — Quatro vasilhas de barro e pregos.

14 — Caixa formada por pequenas lajes postas a prumo e coberta por duas tégulas. Oito vasilhas de barro e uma de vidro.

15 — Covacho coberto por amontoado de pedras. Três vasilhas de barro e muitos pregos.

16 — Covacho aberto no sub-solo e coberto por amontoado de pedras. Cinco vasilhas de barro e restos de uma de vidro.

17 — Três vasilhas de barro, um objecto de cobre (recipiente circular) e muitos pregos de ferro.

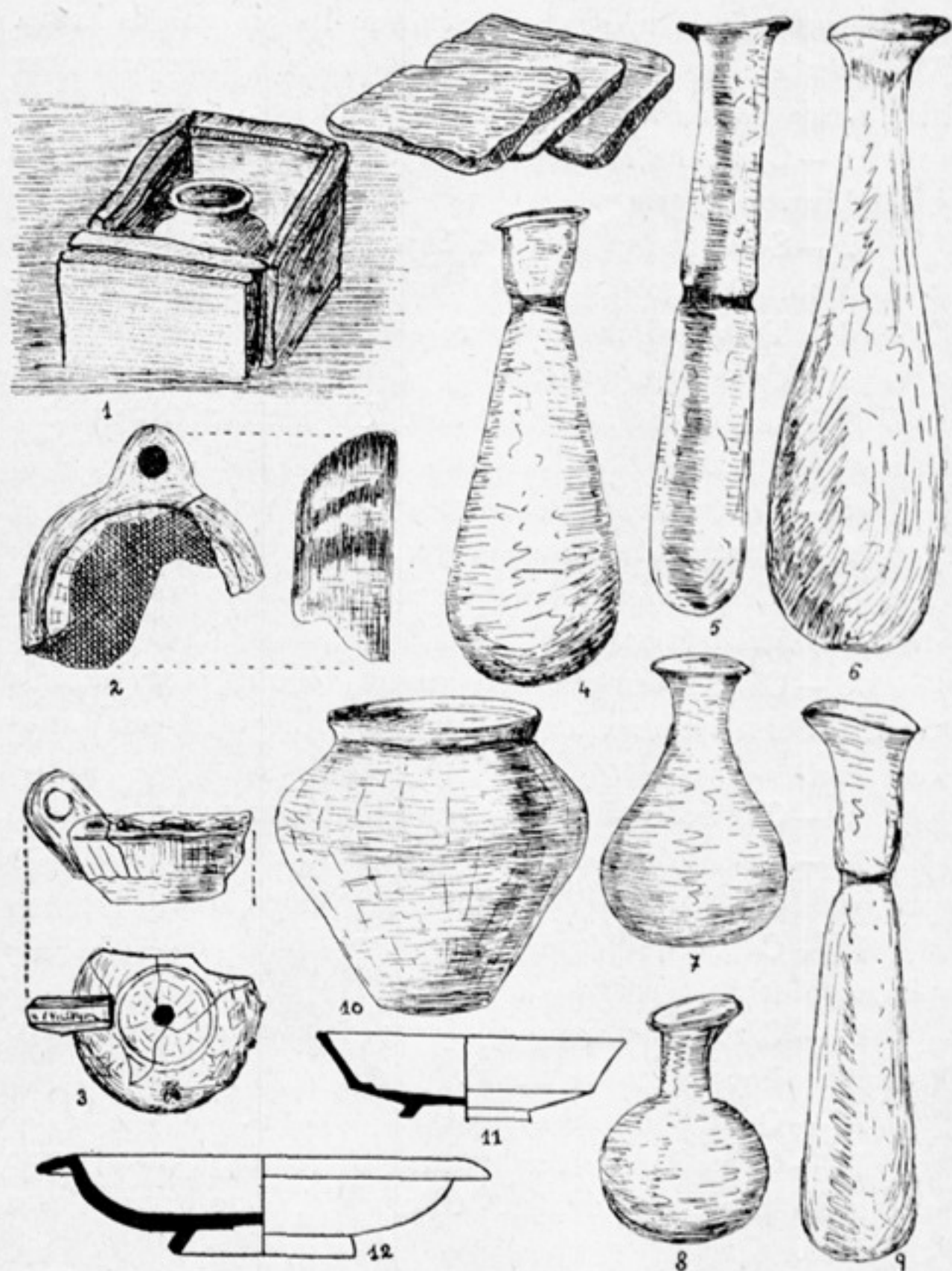


Fig. 6

(Herdade do Padrão): 1 — Tumulação com pequenas lajes formando paredes duplas; 2 e 3 — Lucernas; 10 — Uma urna muito grande; 11 e 12 — *Terra sigillata*. N.^{os} 4 a 9 — Série de pequenos recipientes de vidro (lacrimateiros) das necrópoles da Horta das Pinas e do Padrão.

- 18 — Cinco vasilhas de barro e pregos.
- 19 — Uma vasilha de barro grosseiro e outra de barro fino.
- 20 — Três vasilhas de barro e muitos pregos.
- 21 — Uma vasilha de barro, muito fragmentada.
- 22 — Quatro vasilhas de barro, duas delas muito partidas.
- 23 — *Ustrinum*.
- 24 — Quatro vasilhas de barro e uma de vidro, todas muito fragmentadas.
- 25 — Seis vasilhas de barro e uma de vidro.
- 26 — Continha apenas carvões, cinzas e fragmentos de ossos.
- 27 — Cinco vasilhas de barro, duas das quais de barro grosseiro; um espelho circular; pregos.
- 28 — Sete vasilhas de barro; um recipiente de bronze, pequeno e circular; uma pinça de cobre; duas vasilhas de vidro; um cossoiro de barro; pregos.
- 29 — *Ustrinum*.
- 30 — Caixa de tégulas tapada por pequenas lajes. Quatro vasilhas de barro fino; quatro vasilhas de barro grosseiro, estando uma destas dentro de outra.
- 31 — Duas vasilhas de barro, uma fíbula de bronze e pregos de ferro.
- 32 — Caixa feita de pequenas lajes. Sete vasilhas de barro, duas das quais muito grandes; uma vasilha de vidro e alguns pregos.
- 33 — Quatro vasilhas de barro fino.
- 34 — *Ustrinum*
- 35 — Urna de barro vermelho, contendo ossos e fragmentos de uma comprida fíbula de bronze; mais duas urnas, uma de cada lado da primeira.
- 36 — Uma urna de barro contendo ossos e um pequenino vaso de vidro.
- 37 — Pequena caixa de tégulas, contendo ossos e cinzas e, por baixo destas, dois lacrimatórios dispostos em cruz.

- 38 — Caixa rectangular de tégula, com $0^m,60 \times 0^m,40$. Cobertura formada também por tégulas. Continha cinco vasilhas de barro, duas de vidro, uma pinça de cobre e oito pregos de ferro. Os pregos estavam dispostos ao redor, dando a impressão de que pertenceram a uma caixa de madeira.
- 39 — Uma urna, muito fragmentada.
- 40 — Uma urna, muito fragmentada.
- 41 — Uma urna, relativamente conservada.
- 42 — Uma urna, relativamente conservada.
- 43 — Três urnas, muito deterioradas.
- 44 — Duas urnas de barro, uma das quais continha um lacrimatório de vidro.
- 45 — Caixa formada por tégulas. Continha cinco vasilhas de barro e uma de vidro.
- 46 — Covacho coberto por amontoado de pedras. Três vasilhas de barro e pregos.
- 47 — *Ustrinum*.
- 48 — *Ustrinum*.
- 49 — Duas vasilhas de barro, uma das quais continha um lacrimatório.
- 50 — Cinco vasilhas de barro e pregos.
- 51 — Três vasilhas de barro e fragmentos de objecto de cobre (fíbula?).
- 52 — Uma urna de barro, muito deteriorada.
- 53 — Caixa formada por tégulas. Continha uma vasilha de barro e alguns pregos.
- 54 — Cinco vasilhas de barro, uma de vidro e uma fíbula de bronze.
- 55 — Duas vasilhas de barro, completas, e fragmentos de outras duas; pregos.
- 56 — Duas urnas, muito fragmentadas, rodeadas de pedras.
- 57 — Amontoado de pedras. Duas vasilhas de barro e um lacrimatório de vidro.
- 58 — Quatro vasilhas de barro, das quais uma inteira e três fragmentadas; pregos.
- 59 — Amontoado de pedras. Uma urna de barro.

60 — Amontoado de pedras. Uma urna muito fragmentada.

61 — Amontoado de pedras. Uma urna muito fragmentada.

62 — *Ustrinum*.

63 — Urna de barro, regularmente conservada e outra esmigalhada.

64 — Na camada do fundo, duas vasilhas de barro e um frasco de vidro, este deitado; na camada superior, quatro vasilhas de barro e um grande lacrimatório de vidro, este coberto por um espelho rectangular, aproximadamente quadrado.

65 — Cinco vasilhas de barro, das quais três muito fragmentadas.

66 — Três vasilhas de barro e pregos.

67 — *Ustrinum*.

68 — Uma pequena vasilha de barro, muito fragmentada e um fragmento de fivela de bronze.

69 — *Ustrinum*.

70 — *Ustrinum*.

A máxima parte do que designamos por cerâmica de barro fino é composta de *terra sigillata* e barbotina.

Não pudemos, por enquanto, averiguar até que ponto a necrópole se estende para a zona compreendida entre o caminho do «monte» das Pinas e a via férrea, nem na direcção do Norte. Nota-se, porém, desde já, haver uma zona de tumulações com objectos de vidro e outra sem eles.

2 — ANÁLISE COMPARATIVA DOS ESPÓLIOS E CRONOLOGIA

No estado actual das nossas pesquisas, do campo de urnas da Chaminé conhecemos somente a pequena parte escavada antes da determinação que reservou ao Museu Etnológico o estudo do resto daquela estação. Na Horta das Pinas, a porção explorada é talvez a oitava parte do que julgamos ser a área total coberta pelo campo de urnas.

A necrópole do Padrão fica-nos demasiado distante para que possamos eficazmente actuar, antes que os trabalhos públicos e agrícolas, e as malfetorias de curiosos, façam desaparecer os elementos de estudo. A de Cardeira está apenas sondada.

Muitos novos aspectos, portanto, podem as quatro necrópoles revelar no decurso de futuras escavações. Os nossos juízos têm de basear-se no que até hoje pudemos



Fig. 7

Urna da Chaminé.

averiguar, sendo de notar, contudo, que a exploração completa destas vastas estações, salvo no respeitante à maior amplitude cronológica de cada uma, pouco porventura virá a alterar do que é lícito concluir em face dos materiais até agora exumados.

Alguns factos ressaltam logo à primeira vista. Assim, nota-se imediatamente que a necrópole da Chaminé, exceptuando a tumulação que continha a moeda romana,

e que, não só pela moeda mas também pelo resto do espólio, tem de ser datada do Séc. I da nossa Era, teve começo em época muito mais antiga que os cemitérios das Pinas e do Padrão. Os seus espólios metálicos são variados e abundantes. Embora aquela referida tumulação nos tenha dado alguns tipos cerâmicos do Séc. I, tais como as urnazinhas de barro negro, com ornato constituído por larga zona pontuada (Est. I, n.º 9), e peças de barbotina (Figs. 16 e 17), em todas as outras há uma cerâmica lisa, predominantemente de tipo esférico, a par de uma cerâmica de paredes grossas, fabricada sem intervenção da roda de oleiro, e com ornatos incisos lembrando tipos que vêm já do Neolítico (¹).

(¹) Julián San Valero Aparisi, *Excavaciones arqueológicas en Monte Bernorio (Palencia). Primera campaña, 1943-1944.* (Comis. Gen. de Excav. Arqueol., «Informes y Memorias», n.º 5).

Com idêntica raiz em tradição anterior se mostram os cossoiros (Est. I, n.ºs 10 e 14), tronco-cónicos e bitronco-cónicos, quase todos grandes e com ornatos incisos, acusando maior ou menor destruição da superfície, por efeito da acção do fogo. Os que mostram ornatos em ziguezague assemelham-se aos encontrados em numerosos castros; citaremos, por exemplo, os de Monte Bernorio (1), onde apareceram associados ao mesmo tipo de pinças e de fivelas que encontramos na Chaminé.

As lâminazinhas afalcatadas, de ferro (Est. I, n.º 12), assim como a espada curta (Est. I, n.º 6), são comuns em várias estações espanholas datadas até o Séc. III a. C. Há um ornato em chapa de bronze, vazada, que se dobra à maneira de pinça (Est. I, n.º 13), o qual parece ter servido de adorno à extremidade de qualquer peça de correame, se é que não pertenceu a um fecho de cinturão. No Museu Arqueológico de Madrid existe um objecto idêntico, proveniente da necrópole céltica de Gomaz (Sória), estação atribuída à segunda Idade do Ferro (350-300 a. C., mais precisamente). A peça de Madrid difere em ser muito maior que a da Chaminé. Dentro de uma urna havia a extremidade superior de uma agulha de bronze, da mesma espécie das que aparecem em campos de urnas catalães (2).

Segue-se outra série de objectos de bronze, cujo uso se prolonga desde vários séculos antes da nossa Era até o pleno domínio romano na Península. Assim, a fíbula anular, idêntica às do Cabezo e Llano de Galbi, na Serra



Fig. 8

Urna da Chaminé.

(1) P. de Palol, Maluquer de Motes y J. Tomás, *Avance de los hallazgos de la necrópolis de Agullana*; J. Maluquer de Motes, *Las culturas hallstätticas en Cataluña*.

(2) Expostas no Museu Arqueológico de Alcoy.

Mariola (Alcoy), às do campo de urnas de Cigarralejo (1), às da necrópole inferior de Albufereta (Alicante) (2), às do Cabezo de Tio Pio (3) e às de muitas outras estações do Sul e Levante, das regiões centrais da Península e dos castros de Galiza e norte de Portugal (4).

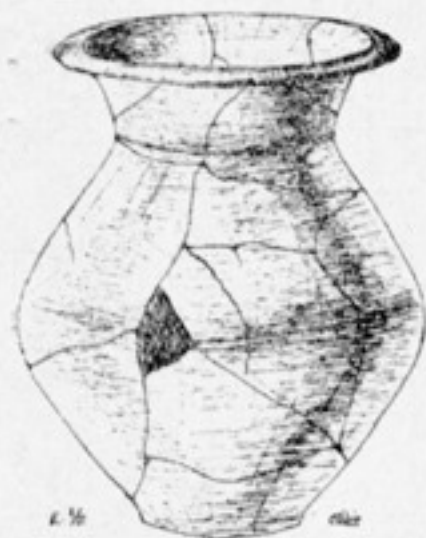


Fig. 9

Urna da Chaminé.

Aparece, por conseguinte, tanto em estações de cultura ibérica como na área de cultura céltica, sobrevivendo em época tardia (Est. I, n.º 10 e 14). O mesmo sucede com a fivela circular, às vezes, por deformação, tomando o feitio de lira (Ests. XII, n.º 97 e XXIII, n.º 194), exumada, por exemplo, no já citado Cabezo e Llano de Galbi, na antiga cidade de Lância, próximo de Leon (5), em Numância (6) e em Termância (7) (quase

sempre mais grossas que as da Chaminé e das Pinas, e datadas do Séc. II a. C.), povoados indígenas surpreendidos pela conquista romana. Esta forma, como é natural, per-

(1) «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», Vol. IV, pág. 167, Est. xcvii.

(2) Julián de San Valero Aparisi y Domingo Fletcher Valls, *Primera campaña de excavaciones en el Cabezo del Tio Pio (Archena)*, (Com. Gen. de Exc. Arqueol., «Inf. y Mem.», n.º 13, pág. 49 e Fig. 6, n.º 12).

(3) Florentino L. Cuevillas, *Os Oestrimnios, os Saefes e a ofiolatria en Galiza*, Cruña, 1929.

(4) Angel Blazquez y Gimenez y Antonio Blazquez y Delgado, *Excavaciones practicadas en Lancia* (Junta Sup. de Exc. y Antig., «Mem.» n.º 29), 1919-1920, Est. VIII.

(5) José Ramon Mélida y Blas Taracena, *Excavaciones en Numancia — Memoria de las practicadas en 1920-21* (Junta Sup. de Exc. y Antig., «Mem.» n.º 46). Na Est. v se mostra a fotografia de um exemplar conservando em seu lugar o respectivo fusilhão.

(6) No Museo Arqueologico Nacional de Madrid.

(7) Blas Taracena Aguirre, *Excavaciones en la provincia de Soria* (Junta Sup. de Exc. y Antig., «Mem.» n.º 119, publicada em 1932).

durou também em tempos posteriores ao começo da Era Cristã.

Há, ainda, uns destroços, numerosos e muito amolgados, com uma parte em forma de chifre de touro, longo e delgado. Estes fragmentos caracterizam grande número dos espólios metálicos da Chaminé. Nas primeiras notícias publicadas a respeito destas estações dissemos parecer-nos pedaços de brincos. Estudando-os mais detidamente, chegámos à conclusão de que se trata de fibulas quase circulares, com enrolamentos espiralados, de fio de cobre. Assemelham-se às da necrópole de La Mercadera (Sória) ⁽¹⁾, onde também as há de prata, associadas a faquinhas afalcatadas e a espadas de diferentes formas, algumas das quais se aproximam daquela que apresenta a da Chaminé.

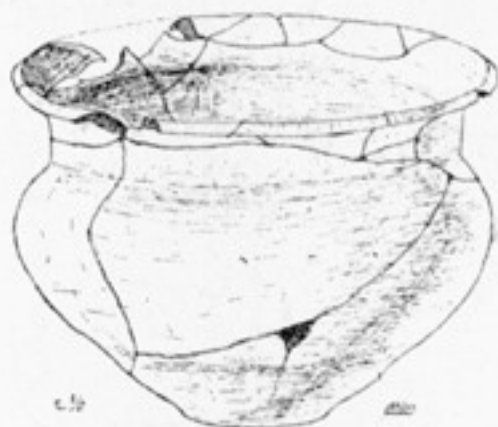


Fig. 10

Urna da Chaminé.

Salientaremos, finalmente, outro objecto de bronze, também típico da Chaminé: o brinco em forma de alfinete de cabeça cúbica (Est. I, n.º 13), igual aos que vimos no Museu de Alcoy, provenientes dos enterramentos de Huerta Major, e aos da necrópole de La Mercadera ⁽²⁾. Este tipo de brinco perdura longamente, pois vemo-lo também em estações visigóticas espanholas, como a necrópole de Can

(1) Id., idem.

(2) José Colomines, *Excavaciones de necropolis romanas en Ibiza y Formentera*, in «Ampurias», Vol. iv, ano de 1942, págs. 139 a 154. Também aparecem exemplares não encurvados, assim como outros dobrados em ângulo recto, dentro da sepultura n.º 5 da necrópole de Can Flit, San Antonio (Iviça) — vid. pág. 147. Estes, segundo Colomines, teriam sido empregados na mortalha do defunto.

Gabino, Sant Francisco (Formentera) ⁽¹⁾, e aqui mesmo no aro de Elvas, na Terrugem ⁽²⁾.

Ainda no espólio metálico merecem também menção particular uma espécie de pequena pinça com ornatos vazados e damasquinado de prata, assim como uma espora, ou acicate, objecto este pouco vulgar em estações da Idade do Ferro. Segundo Hoernes, ao tempo em que este autor



Fig. 11

Urna da Chaminé.

escrevia a obra aqui citada ⁽³⁾, as esporas mais antigas por ele conhecidas pertenciam ao período final de La-Tène, cuja maior parte corresponde ao Séc. I a. C.

Considerando a parte mais expressiva dos espólios, ou seja, a cerâmica, e excluídos os elementos romanos achados em tumulação à parte, vê-se que ela é bem diferente da dos campos de urnas anteriores ao Séc. III a. C.,

embora as urnas com ornato geométrico inciso indiquem mais alta antiguidade. Não pudemos, infelizmente, pelo menos até agora — e de ora em diante as escavações devem

(1) Abel Viana, *Contribuição para a arqueologia do concelho de Elvas*. Acharam-no também na necrópole visigótica de Duraton, acompanhado daquele cuja forma, na Chaminé, é a que mostramos na Fig. 14 da nossa «Contribuição» e na Est. I, n.º 13, do presente trabalho. Da mesma estação é uma fivela do feitio de lira (circular mas deformada?). Vid. Antonio Molinero Perez, *La necropolis visigoda de Duraton (Segovia)* (Com. Gen. de Exc. Arqueol. — «Acta Arqueologica Hispanica» — IV, Madrid, 1948), Ests. xxv, Fig. 1; xxxiv, Fig. 4; xxxvi, Figs. 1 e 2; XLIX.

(2) Moritz Hoernes, *Prehistoria, III — La Edad del Hierro*, Coleção Labor, 2.ª edição (Barcelona, 1931), pág. 123.

(3) Joaquin Sanchez Jimenez, *Excavaciones y trabajos arqueológicos en la provincia de Albacete, de 1942 a 1946* (Comis. Gen. de Exc. Arqueol., «Inf. y Mem.», n.º 15, Madrid, 1947), págs. 30 a 40, ests. IX a XI e págs. 70 a 73, ests. XLII e XLIII.

ser feitas por outrem — obter nenhum exemplar intacto ou reconstituível e, portanto, em condições de nos revelar ineludivelmente a sua forma; mas cremos que a diferença acima afirmada não é só quanto à forma, mas também quanto à finura da pasta. A grande maioria é, como atrás deixamos dito, lisa e de forma tendente a esférica, havendo exemplares que, neste particular, se aproximam de alguns de Anserosa (Vilaró, Lérida) (1), Hoya de Santa Ana (2), Altillio de Cerropozo (Atienza, Guadalajara) (3), Suellacabras e Ventosa de la Sierra (Sória) (4), Izana (5), Viña de Marisparza (6), etc., e ainda da necrópole pagã de Tarragona, junto da primitiva necrópole cristã.

Todas estas estações cabem num período que se estende desde o Séc. IV à primeira metade do Séc. I a. C.

Alguns fragmentos decorados com semi-círculos e feixes de linhas paralelas, em cor vinosa, negra ou de sépia, correspondem a este mesmo longo prazo (7).



Fig. 12

Urna da Chaminé.

(1) «Historia de España», dirigida por Menendez Pidal, Vol. II, pág. 63, Fig. 67.

(2) Juan Cabré Aguiló, *Excavaciones en la necropoli celtiberica del Altillio de Cerropozo, Atienza (Guadalajara)* (Junta Sup. de Exc. y Ant., «Mem.» n.º 105, Madrid, 1930).

(3) Blas Taracena Aguirre, *Excavaciones en diversos lugares de la provincia de Soria* (Junta Sup. de Exc. y Ant., «Mem.» n.º 75, Madrid, 1926).

(4) Blas Taracena Aguirre, *Excavaciones en las provincias de Soria y Logroño* (J. Sup. de Exc. y Ant., «Mem.» n.º 86, Madrid, 1927).

(5) Joaquin Sanchez Gimenez, *op. cit.*

(6) Os da Chaminé são idênticos aos de Mesas d'Asta, recolhidos na Coleção Arqueológica Municipal de Gerez de la Frontera («Mem. de los Museos Prov.», Vol. VI, pág. 177 e Est. LXXX) e aos de Castelillo (T. Ortega y Frias), *El poblado ibérico del Castelillo, Allosa — Teruel*, in «Ampurias», Vol. VII-VIII, págs. 185 a 202, Barcelona, 1945-1946.

(7) Nino Lamboglia, Recensão da obra *Tessiner Graberfelder*, de Simonett, in «Rivista de Studi Liguri», Ano IX, n.ºs 2 e 3.

Feito este exame comparativo, supomos poder atribuir à porção da necrópole céltica da Chaminé por nós escavada o lapso que decorre do final do Séc. IV até o final do Séc. II a. C., com toda a probabilidade de se averiguar, no prosseguimento das explorações, maior extensão cronológica, sobretudo para àquem deste último limite, como claramente o indica aquela tumulação em que achámos vidros,



Fig. 13

Urna da Chaminé.

terra sigillata e a moeda romana. Na Horta das Pinas e no Padrão a cronologia é perfeitamente clara, em vista da abundância de peças que com rigor se podem datar. Na primeira destas necrópoles, há tumulações do mesmo tipo das da Chaminé, mas a maioria delas mostra mais cuidado na protecção das urnas e restante espólio; as pedras, conquanto toscas, formam, por vezes, uma caixa rudimentar, e algumas destas caixas, ou das simples covas abertas no chão, são cobertas

por uma ou mais tégulas. Há mesmo algumas destas caixas formadas por tégulas.

A cerâmica, tanto nas Pinas como no Padrão, é de tipo romano, predominando a *sigillata* e abundando a barbotina. Assim, as pequenas urnas de barro negro, tendo como ornato uma larga zona equatorial pontuada (Ests. I, n.º 9; V, n.º 50; VII, n.ºs 46, 48 e 50; e X, n.ºs 49 e 50) abundam em todo o Séc. I d. C. (¹). As taçazinhas de barro branco amarelado, asadas ou não, com ornatos em relevo (Ests. IV, n.º 213; V, n.º 40; VI, n.ºs 36, 37, 38, etc.), corresponderão à época de Nero-Vespasiano (2.ª metade do Séc. I) (²). As

(¹) Há um exemplar completo no Museu Arqueológico de Mérida (Vid. D. Vicente Barrantes, *Barros Emeritenses*).

(²) De Portugal apenas temos notícia do fragmento colhido no Cabeço de Vouga (Vid. Rocha Madahil, *Estação Luso-romana do Cabeço de Vouga*, Coimbra, 1941, pág. 89, Fig. 15).

que se vêem representadas nas Figs. 14, 22 e outras serão imitações de modelos de Aco, fabricante do tempo de Augusto. De Portugal, apenas tínhamos notícia do fragmento colhido no Cabeço de Vouga, do distrito de Aveiro (1). O modelo seria mais ou menos como o exemplar procedente de Belo, que vemos figurado a pág. 766 da *Historia de España*, dirigida por Menendez Pidal, vol. II (2).

Entre as abundantísimas peças de *sigillata*, quase todas marcadas e muitas delas acusando grande desgaste pelo uso intenso que tiveram, notam-se algumas formas tais como: aquela cujo perfil damos na Fig. 23, n.º 12, a qual, segundo Simonett e Lamboglia, pelos achados do cantão de Tessino (Suíça), data de 5 a 20 anos da nossa Era; as dos n.ºs 1, 3 e 4, de 25 a 40 d. C. na época Júlio Cláudia, correspondem à forma n.º 27 de Dragendorf; e os n.ºs 7 a 10, de 60 a 115 d. C. (Simonett-Lamboglia), semelhantes às formas n.ºs 35-A e 35-B de Dragendorf (3).



Fig. 14

Urna
da Chaminé.

(1) Está no Museo Arqueologico Nacional, de Madrid.

(2) A da tumulação mais recente da Chaminé, que reproduzimos na Fig. 21, é semelhante à forma n.º 104 de Walters, *Catalogue of the Greek and Roman Lamps*. As lucernas relacionadas com os cultos masdeus são raras na Península. Garcia y Bellido, em *El culto a Mithras en la Peninsula Ibérica* (Madrid, 1948), cita duas de Mérida, a de Vila Franca de los Barros (Badajoz) e a de Troia (Setúbal), todas com representação (o busto) de Helios. A de Troia, várias vezes publicada, pertence ao Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos. A que tem no *discus* os bustos de Isis e Serápis é exactamente igual a uma do Museu de Mérida (Vid. Gil Farrés, *Lucernas romanas decoradas del Museo Emeritense*, in «Ampurias», Vol. IX-X, pág. 105, Est. II. Descrita no texto, sob o n.º 16. No Museu Etnológico há também uma lucerna com a mesma figuração, porém diversa nos pormenores da decoração (Vid. J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», Vol. III, pág. 348, Fig. 155).

(3) Nino Lamboglia, *La estratigrafia de Albintinilium y la cronologia de la ceramica romana*, in «Ampurias», Vol. II (Barce-

Algumas peças de *sigillata* contêm, umas vezes externa outras externamente, letras gravadas no verniz. A maior parte destes esgrafitos representam números, não podendo nós, de momento, averiguar se eles correspondem a qualquer medida de capacidade.

A lucerna que reproduzimos na Fig. 21 aproxima-se de tipos do Séc. I; aquela outra, com representação mitraica (Fig. 22 e Est. XXII, n.º 216) deverá ser da 2.ª metade do Séc. II (1).

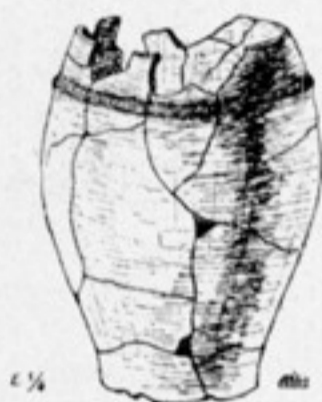


Fig. 15

Urna da Chaminé.

Tornando à parte metálica dos espólios. A necrópole das Pinas deu-nos o mesmo tipo de fivela circular — um dos exemplares completo, com o respectivo fusilhão — que a da Chaminé. A par dele surge outro, cujo protótipo vem da Idade do Bronze. Deste último temos apenas dois fragmentos (Est. XXII, n.º 193), os quais não completam o exemplar mas permitem ver que se trata de uma fíbula

de uma só peça, muito comprida, de mola unilateral, sendo o arco o prolongamento de uma das extremidades da mola espiralada e o fusilhão, ou agulha, o prolongamento da outra extremidade. É semelhante a duas encontradas no nível pré-romano de Conimbriga. Segundo Vergílio Correia, era, em 1916, o único exemplar, do tipo, conhecido em Portugal (2).

Das Pinas há, ainda, um recipiente circular, de bronze, muito pequeno, e dois espelhos, um deles rectangular, sem mostras de ter possuído cabo. É relativamente grande e despido de qualquer adorno. Só uma das faces é perfeitamente polida. O outro exemplar é do conhecido tipo de

lona, 1949), págs. 47-62; Antonio Beltran Martinez, «Arqueologia Clasica», Madrid, 1949; e outros.

(1) Vergílio Correia, *Conimbriga — A camada pré-romana da cidade*, in «O Arch. Port.», Vol. XXI, págs. 252 a 264, Figs. 6 e 8.

(2) A. C. Teixeira de Aragão, *Antiguidades romanas de Balsa*, in «O Arch. Port.», Vol. II, págs. 55 a 57.

disco, com a face posterior ornada de círculos concêntricos e tendo ao longo da orla uma série de pequeninos orifícios também circulares. Há um *speculum* quase igual, proveniente da Horta do Reguengo (Barbacena), no Museu Municipal de Elvas. Outro, precisamente do mesmo feitio e com os mesmos ornatos, foi achado nas ruínas de Balsa (Antas, Torre d'Ares e outros sítios contíguos próximo de Tavira). Está fragmentado, faltando-lhe extensos bocados, mas conserva o cabo. Difere do das Pinas em ter exactamente o dobro do diâmetro (0,^m160). Havia outro, mas os achadores esmigalharam-no (1). A têmpera do bronze empregado nestes espelhos torna-os tão quebradiços como o vidro. Uma queda, mesmo de pequena altura e sobre pavimento de madeira, é o suficiente para se despedaçarem em dezenas de fragmentos.

Quanto à cerâmica, queremos salientar a espécie de moringue, ou «barril» com bico e duas asas, certamente um biberão. O museu de Mérida guarda uma vasilha deste género, de corpo ovóide, com uma só asa e bastante mais alta que a das Pinas (2). O modelo transitou até à época árabe, pelo menos, como se pode ver no Museu Provincial de Múrcia, em um exemplar procedente de Castillo de la Torre Gorda (Jijona, Alicante) (3).

Há, ainda, uma taça das Pinas que se torna notável pela crista em forma de toro que serve de limite entre a gola e o corpo central da vasilha. Do tipo descenderão acaso alguns exemplares da necrópole visigótica de Hor-



Fig. 16

Vasilha do tipo de
Aco, da Chaminé.

(1) D. José Álvarez y Sáens de Buruaga, *Museo Arqueológico de Mérida (Badajoz)*, in «Mem. de los Museos Arqueol. Prov.», Vol. VIII, pág. 39, Est. v.

(2) «Mem. de los Museos Arqueol. Prov.», Vol. IV, Est. XLIX.
«Mem. de los Museos Arqueol. Prov.», Vol. VII, Est. XIX.

nillos del Camiño, existente no Museu Provincial de Burgos, associadas a bilhas também parecidas com as das Pinas (1).

Os vidros das Pinas são numerosos e variados. Além dos chamados «lacrimatórios», de diversos feitios, vulgares em estações romanas de toda a Península (2), temos uma série de frascos, relativamente grandes, de secção quadrada,



Fig. 17

Vasilha do tipo de
Aco, da Chaminé.

com uma asa chata e dobrada em ângulo um tanto agudo, como se tem encontrado no Tosal de Manises, Alicante (3), Badajoz (4), e entre nós, o do Pombalinho (5), o de São Brás de Varche, no Museu de Elvas (6), o do Museu Regional de Beja, e outros.

Contam-se mais dois frascos, um deles cilíndrico e o outro de secção sextavada. Chamamos ainda a atenção para dois recipientes campanulados; para um grande copo com quatro gomos longitudinais, do mesmo tipo de um do Museu de Mérida (7), e de um do Museu de Faro, este inédito; mais duas lindas peças que muito valorizam esta colecção das Pinas: uma urna de

(1) Citamos, por exemplo, os de Ampúrias, in «Mem. de los Museos», Vol. VI, Est. XIV, e os da Quinta das Antas, Tavira (ruínas de Balsa), publicados por Monsenhor Cónego J. M. Pereira Botto, em «O Arch. Port.», Vol. II, pág. 152.

(2) «Mem. de los Museos», Vol. VI, Est. LXXII.

(3) «Mem. de los Museos», Vol. VI, Est. II.

(4) J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», Vol. III, pág. 187, Fig. 79.

(5) Tomás Pires, *Catalogo do Museu Archeologico de Elvas*, in «O Arch. Port.», Vol. VI, pág. 222.

(6) «Mem. de los Museos», Vol. IV, Est. IV.

(7) F. Alves Pereira, *Novo material para o estudo da estatua-ria e architectura dos castros do Alto Minho*, in «O Arch. Port.» Vol. XIII, págs. 202 a 244, principalmente 219 e segs.

duas asas e um jarrinho em forma de gomil (Vid. Est. XIV, n.º 186).

Todos estes vidros são típicos do Séc. I da nossa Era. Atendendo a algumas formas de tumulação e algumas raras peças dos espólios, talvez possamos colocar o início desta necrópole no Séc. I a. C.; ela se prolongou, evidentemente, até o final do Séc. II, pelo menos.

A necrópole do Padrão, com mobiliários de material puramente romano, cairá totalmente dentro da Era actual, vindo, pelo menos, até o começo do Séc. III. Aos objectos mais destacáveis, atrás referidos, juntaremos a pulseira de prata (Est. XXIII), muito simples, semelhante a uma que vimos no Museu Etnológico, em Lisboa.

Do «Monte» de Cardeira os achados são, por enquanto, muito poucos, se bem que expressivos. A falcata, cujo comprimento actual é de 0^m,505, é comparável ao tipo de Salacia⁽¹⁾, Verdolay (Múrcia)⁽²⁾ e Almedinilla⁽³⁾. A ponta de lança, de alvado curto e folha muito comprida, mede actualmente 0^m,376. Cremos que a tumulação que forneceu estes objectos não será posterior ao Séc. IV a. C.

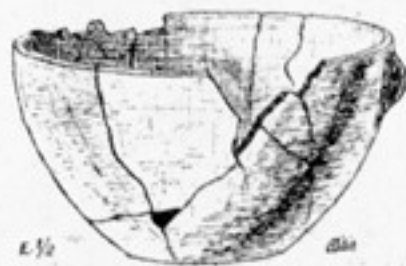


Fig. 18

Vasilha de barro fino,
da Chaminé.

*

Conhecemos muito imperfeitamente os espólios da Idade do Ferro descobertos em Alcácer do Sal e Bensa-

(1) «Mem. de los Museos», Vol. VI, Est. LXXI — com uma útil exposição de um processo para extrair do terreno armas e outros objectos de ferro profundamente alterados pela oxidação — por Gratiniano Nieto Gallo, a pág. 152.

(2) «Historia de España», dirigida por Menendez Pidal, Vol. II, pág. 125.

(3) Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga, «Antiguidades Monumentaes do Algarve», Vol. IV (Lisboa, 1891), págs. 250 a 273.

frim. Desta última estação temos os relatos de Estácio da Veiga (1) e Santos Rocha (2).

Estácio dá-nos de Bensafrim um estudo deficiente. Como lhe foi habitual e estava dentro dos processos de sua



Fig. 19

Bilha da necrópole romana da Chaminé.

época, preocupou-se mais com a busca de paralelos estrangeiros e com a discussão de teorias próprias e alheias que com a pormenorizada descrição do material exumado e suas condições de jazida. O exame atento da obra de Estácio da Veiga mostra claramente que seu trabalho foi mais de gabinete que no campo exploratório. As escavações fizeram-se frequentemente sem a sua atenta presença. O descritivo dos monumentos depende muito dos seus informadores

e auxiliares. Por isso, quando o cooperador é um intuitivo de quilate, como o Rev. Padre Nunes da Glória, as páginas das *Antiquidades Monumentaes* ganham em minuciosidade e clareza.

(1) A. dos Santos Rocha, *Noticia de algumas estações romanas e árabes do Algarve* — 3.º — *Antiquidades do concelho de Lagos*, in «O Arch. Port.», Vol. I, págs. 291 a 296 e 327 a 336; «Memorias sobre a antiguidade» (Figueira da Foz, 1897), págs. 143 a 159 e 187 a 213.

(2) Segundo Leite de Vasconcelos («De terra em terra», Vol. II, pág. 45, nota 11), estes objectos adquiridos pela Academia de Belas Artes passaram ao Museu Etnológico. Além deste, outros foram para o Museu Municipal de Alcácer, outros ficaram em poder do proprietário do terreno, tendo ainda outros ido parar a diversas partes. A pág. 32, diz que Estácio da Veiga deixou entre os seus papéis uma lista extraída da escritura de venda, pelo achador, à Academia, e outra feita provavelmente à vista dos objectos entrados na mesma Academia. Como não coincidissem, Leite de Vasconcelos absteve-se de as publicar. Na pág. 50 do referido volume, indica alguns objectos do Museu de Alcácer, provenientes da necrópole: «Colecção de várias armas de ferro», dois ferros de

Eis o que, em resumo, nos deixou escrito acerca da Fonte Velha, de Bensafrim. Havia ali duas necrópoles sobrepostas. No corte do terreno, viu: uma camada de terra vegetal, de 0^m,30; outra com cinzas e urnas cinerárias, de 0^m,35 de altura; 0^m,10 abaixo desta segunda camada, ou seja, 0^m,75 a contar da superfície do solo, outra camada, com sepulturas de inumação, segundo Estácio, rectangulares. Destas sepulturas indicou apenas as medidas de uma: 0^m,92 de comprimento interno, 0^m,57 de largura e 0^m,62 de fundo. Referindo o material recolhido nelas, diz ter achado objectos de ouro, bronze, ferro e chumbo, contas de vidro, lajes e fragmentos de lajes com inscrições ibéricas, das quais reproduz cinco. Detém-se no estudo das contas de vidro, efectivamente a parte mais notável dos espólios, pela quantidade e variedade.

A relação completa destes objectos é a seguinte: uma pequena argola de ouro; quatro pequenas argolas, dois fusilhões de fíbula, um alfinete dobrado à maneira de anzol, parte de um objecto amuletiforme, dois pequenos objectos espatulados, de bronze; três braceletes, um anel e um alfinete, de cobre; duas pontas de lança e parte de um pingente, de ferro; um paralelepípedo de chumbo; pequenas pedras lascadas; fragmentos de uma urna de barro, de pasta grosseira mas bem cozida; fragmentos de um vaso de barro preto; fragmentos de «louças»; cento e noventa contas de vidro, na grande maioria azul-escuras, havendo-as também de vidro preto, esmaltadas de branco, azuis-claras,



Fig. 20

Bilha da necrópole romana da Chaminé.

lança, colecção de dez vasos e um prato de barro, talvez um lacrimatório (só o gargalo), três *verticilli* — advertindo que «nem todos os objectos do terreno em que está a necrópole são pré-romanos». Cita a figurinha de bronze e as moedas com legenda indígena, mas não informa claramente se pertenceram à necrópole.

igualmente oceladas a esmalte branco, uma verde e as restantes mais ou menos esverdeadas.

Da necrópole superior, Estácio da Veiga descreve somente o modo de tumulação: «Cada montículo patenteou terras negras mescladas de cinza e pequenos carvões, urnas de barro de feição genuinamente romana, frascos de vidro deformados por um princípio de fusão, ossos calcinados, lanças e outras armas de ferro, fíbula de cinturões, pregos de ferro e uns raros medianos bronzes, que podem ser de Tibério ou de Cláudio, mas sem a légenda perceptível; o que, tudo junto, indicava ter ali havido no primeiro século um campo mortuário, abundante de armas, como se tivera pertencido a uma tribo guerreira».

Certamente, visto se tratar de uma necrópole do tempo da dominação romana, Estácio da Veiga deixou a descrição dos espólios para os volumes em que projectou continuar as *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Ficámos, pois, sem saber exactamente como eram a cerâmica, as armas e os demais objectos.

Anos após, cerca de 1895, Santos Rocha prosseguiu a exploração da Fonte Velha, escavando o terreno contíguo, a norte do estudado por Estácio da Veiga. Mais cuidadoso que seu predecessor, fez o estudo metódico das duas necrópoles sobrepostas. Na inferior, à profundidade de 0^m,65 a 0^m,80, descobriu dezasseis sepulturas, seis aproximadamente rectangulares, oito trapezoidais, uma triangular e uma semicircular. Os eixos maiores variavam entre 1^m,40 e 0^m,70, e nenhuma delas tinha menos de 0^m,65 de fundura. Eram formadas de «lajes brutas de grés e algumas de calcário, cravadas de cutelo na argila do sub-solo e sensivelmente inclinadas para fora». Vistas as dimensões e forma de tais sepulcros, notou que «os corpos eram inumados de cócoras». Além das ossadas, encontrou: contas de vidro (não disse quantas), umas, as maiores de todas, esféricas, de vidro preto com ocelos de esmalte branco; outras, esféricas, ou discoides, azuis ou verdes, também esmaltadas de branco, e de diversas dimensões; uma esférica, cor de rosa, e uma

tubular, amarelada; uma laje com inscrição ibérica; um único fragmento de cerâmica e um pequeníssimo bocado de bronze».

Santos Rocha que, com razão, mostra não confiar no rigor das observações de Estácio da Veiga comenta: — «O que mais surpreende, em face das explorações de Estácio da Veiga, é a falta dos objectos metálicos nas sepulturas não profanadas, sobretudo naquela em que encontramos o cipo com inscrição ibérica, que devia provavelmente pertencer a um personagem de maior importância. Por outro lado é preciso notar que nós recolhemos na necrópole luso-romana (*a necrópole superior*) argolas de bronze que parecem semelhantes àquelas que Estácio da Veiga diz ter encontrado na necrópole inferior e de que apresenta os desenhos na sua obra; e que não encontramos em sepultura alguma a camada de lascas de pedra que ele notou em sepulturas onde recolheu os objectos de ferro e chumbo e duas das referidas argolas. Tudo isto dá lugar a muitas conjecturas, que nós por enquanto nos abstermos de formular e discutir, mas que, a nosso ver, não influem na questão da idade da necrópole».

Santos Rocha admitia, pois, que os objectos de ferro e de bronze dados por Estácio como pertencentes à necrópole inferior o fossem da superior.

Vejamos, agora, o que Santos Rocha nos transmite a respeito da necrópole superior. Achou «no seio da terra 14 manchas de carvão e cinzas vegetais», parecendo-lhe, também, «que essas manchas, mais largas na sua base, e tendo as urnas no meio, podiam bem, no seu conjunto, dar a ideia de montículos»... Algumas urnas estavam protegidas «por pedras dispostas em redor e por cima» de cada uma. Convencido de achar-se em presença de uma necrópole propriamente romana, compara largamente os factos

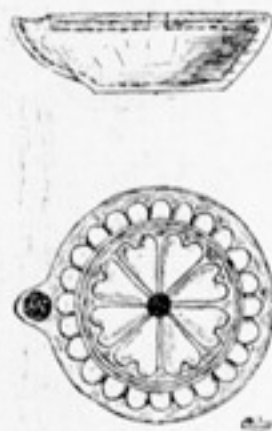


Fig. 21

Lucerna da tumulação mais recente do campo de urnas da Chaminé.

por ele observados na Fonte Velha com o que sabia dos usos romanos em matéria de incinerações funerárias, a fim de salientar as discordâncias apresentadas pelo cemitério de Bensafrim. E apesar de constituir para ele inesperada novidade, não desprezou pormenores para chegar à conclu-

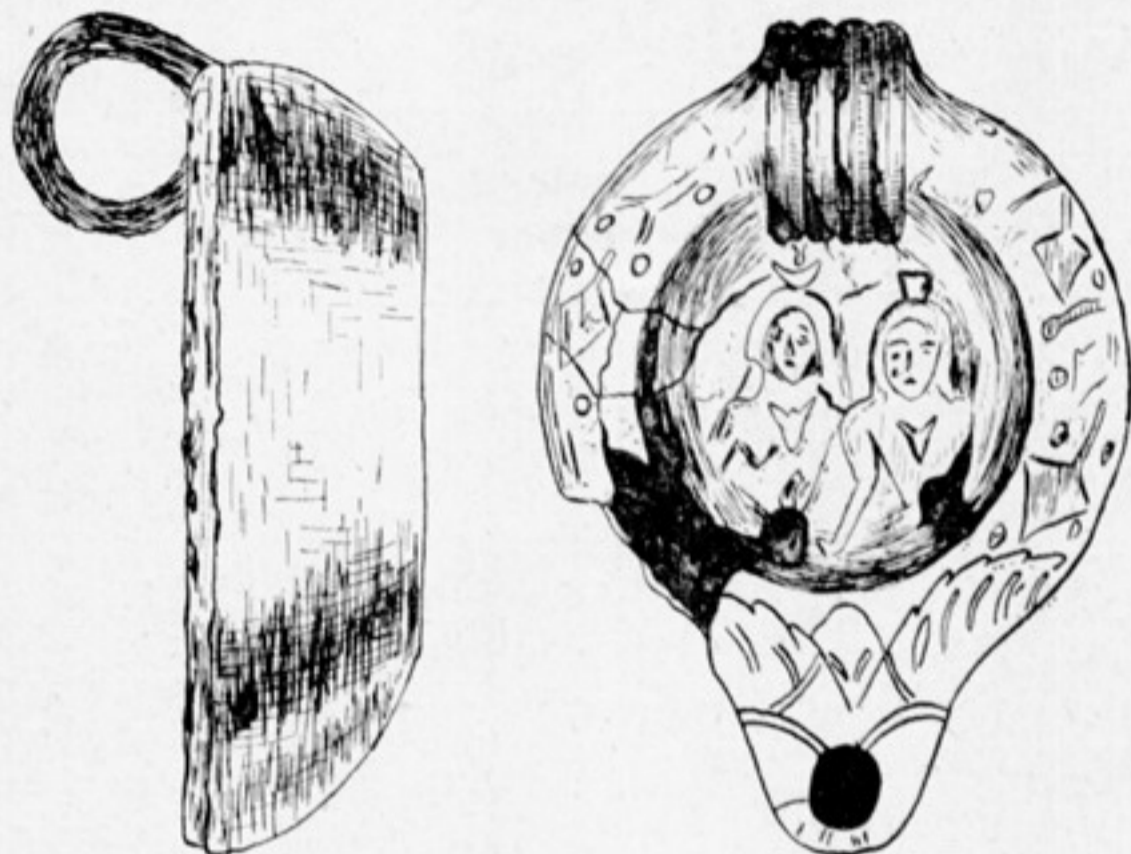


Fig. 22

Lucerna com representação mitraica (Isis e Serápis), achada na sepultura n.º 15 da necrópole do Padrão.

são de que «para cada morto era aberto na terra um fosso com dimensões suficientes, o qual servia de *ustrinum* e de sepultura».

No que, em nosso juízo, Santos Rocha não teve razão foi em considerar esta necrópole da Fonte Velha idêntica à necrópole de inumação de Marim, esta última, quanto a nós, já de época relativamente tardia do domínio romano no Algarve. A tal conclusão chegou, apenas por haver *terra sigillata* em ambas as necrópoles.

Com respeito ao material, diz-nos ter achado restos de dezasseis urnas funerárias «disseminadas pelo terreno, e mais algumas manchas de carvões e cinzas com fragmentos

dispersos de outras urnas». As urnas descritas por Santos Rocha, de barro «geralmente vermelho, castanho ou negro, puro em umas (*certamente na «sigillata»*) e cheio de grãos quartzosos em outras», assemelham-se, pelo menos quanto à forma e quanto às dimensões, a alguns dos tipos da Cha-

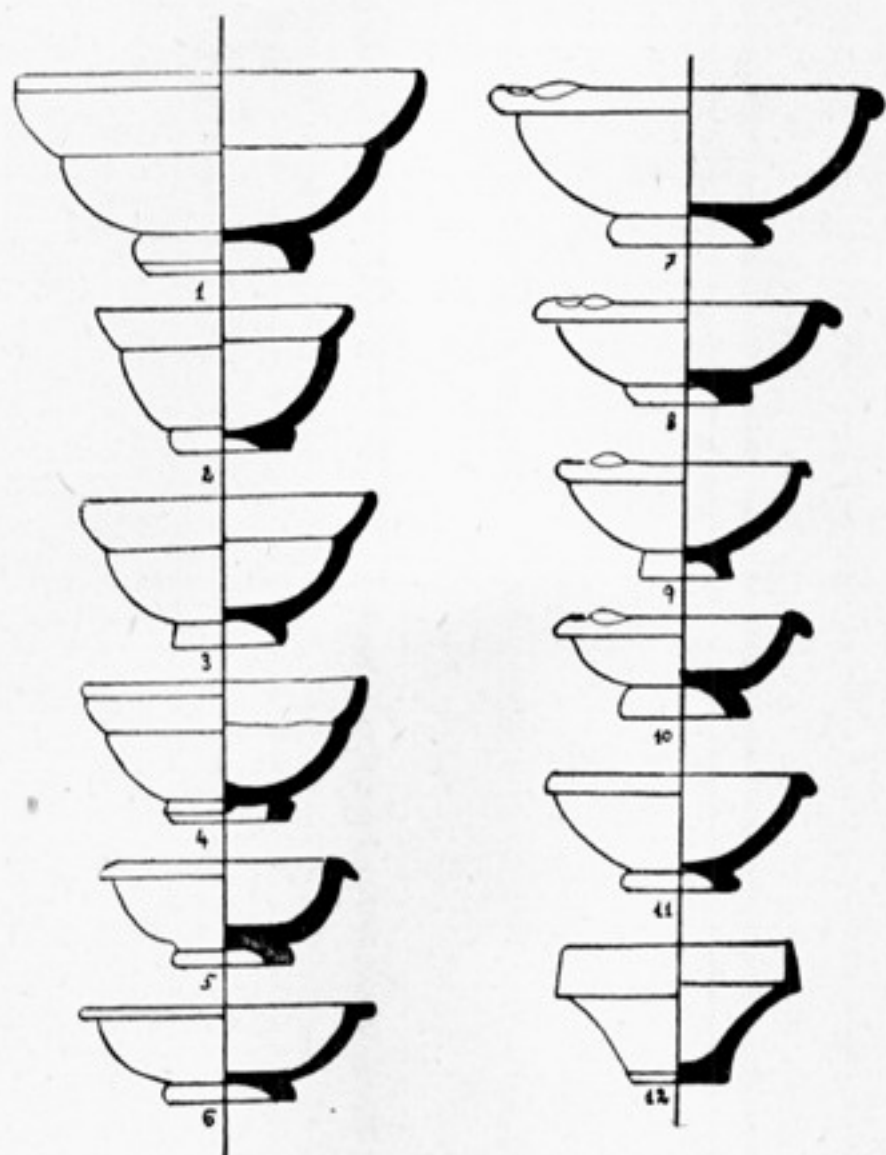


Fig. 23

Perfis de alguns exemplares de *terra sigillata*, das necrópoles da Herdade do Padrão e da Horta das Pinas.

miné e das Pinas. Algumas destas urnas estavam tapadas «com pequenos vasos invertidos», os quais, pelo desenho e pela descrição, podemos verificar serem de *sigillata*.

Há um tipo de prato e outro de tijela, abundantes nas Pinas e no Padrão, que Santos Rocha diz terem «uma camada superficial muito lisa e lustrosa, de cor vermelha» (*terra sigillata*), pormenorizando que alguns apresentam

«a superfície superior do bordo guarnecida de pequenas folhas em relevo, isoladas e todas com a mesma forma». É o que nós entendemos por ornato de «folhas». Falamos, também, de «taças de barro vermelho muito fino e com coberta lustrosa» (*sigillata*), assim como de cerâmica de «barro branco», «raro na necrópole» (*barbotina?*).

Nesses «fossos» abertos no solo «para sepultar as urnas», recolheu ainda: alguns lacrimatórios, ou unguentários, de vidro; três fíbulas de bronze, uma ponta de lança e restos de duas, um fragmento de espada; numerosas peças de vidro, além das mencionadas, entre as quais dois copos grandes, um deles «campaniforme», alguns vasos «da classe dos frascos», um vaso em forma de gomil, etc.; e uma moeda de bronze, inclassificável, devido ao seu mau estado de conservação.

Estas indicações de Estácio da Veiga e Santos Rocha são suficientemente demonstrativas de que a necrópole superior da Fonte Velha, em Bensafrim, é do mesmo tipo dos campos de urnas da Chaminé e Horta das Pinas e da de uma parte da necrópole do Padrão. Os achados de Santos Rocha integrar-se-iam perfeitamente nos espólios dos campos de urnas elvenses, mormente no das Pinas e no Padrão, onde aparecem os mesmos vidros e peças de *sigillata*, correntes desde o início do Séc. I d. C., que na Fonte Velha.

Em trabalhos precedentes, escritos antes de termos visto o relato do arqueólogo figueirense, dissemos que os numerosos pregos achados em tumulações das Pinas e do Padrão não podiam servir em caixões fúnebres, por serem demasiado grandes, e que a forma por que alguns estão dobrados fazia lembrar o emprego de uma espécie de palanque, onde o corpo fosse colocado no acto da cremação. Santos Rocha fizera o mesmo raciocínio a respeito dos pregos encontrados na Fonte Velha — «de tais dimensões que indicam madeiras de grande espessura», pouco próprias para se empregarem na construção de um esquife, admitindo que, tal como se opina em um relatório das explora-

ções na necrópole galo-romana de Poitiers, os mortos fossem incinerados sobre um estrado.

Ocorre outra coincidência. Nas Pinas deparou-se nos últimos anos um caso em que havia pregos mais pequenos, colocados de tal modo no covacho, que permite a hipótese de terem pertencido a um ataúde. Em Bensafrim houve uma tumulação que forneceu não só os pregos adequados a tal fim (a sua dobragem indica tábuas de dois centímetros de espessura) mas também outras peças indubitavelmente pertencentes a um caixão funerário. No caso de Bensafrim, porém, pregos e demais pertences eram de bronze, e não de ferro, como são os restantes pregos da estação algarvia e os das estações elvenses.

A propósito da necrópole inferior da Fonte Velha, dá-nos Estácio da Veiga algumas informações acerca dos achados de Alcácer do Sal, as quais, embora muito parcas, são, segundo cremos, as menos incompletas até hoje publicadas. Salientamos a relação dos objectos adquiridos em 1876 pela Academia de Belas Artes, de Lisboa: Quinze lanças com hastes de ferro, na maior parte incompletas, vinte e seis ferros de lança de vários tamanhos e formas, um dardo, oito espadas e dezasseis fragmentos de bainhas, oito falcatas, quatro cutelos afalcatados, um freio de cavalo e três fragmentos de outros, um aro de roda fragmentado em cinco pedaços, «um instrumento ponteagudo numa extremidade e achatado na outra, estando no meio desta atravessado por uma cavilha», quinze pregos — tudo de ferro; «vários artefactos de cobre e bronze, que podem ter sido achados com os de ferro, tais como algumas fíbulas, uma lança de cobre, de alvado, chapas de acolchetar cinturões, braceletes e anéis de cobre, etc.»; duas urnas «com figuras emblemáticas pintadas», um disco «do mesmo barro das urnas» (*cossoiro*), quatro fragmentos de pratos «do mesmo barro, com pinturas semelhantes às das urnas» (1).

(1) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitânia* (Porto, 1924), pág. 267.

Estácio reproduz em desenho vários destes objectos, mas quanto à cerâmica limitou-se a apresentar cinco exemplares de Hijes (Guadalajara), para dizer que são muito semelhantes aos de Alcácer.

O Dr. Mendes Corrêa ⁽¹⁾ sintetiza nos seguintes períodos o mobiliário da necrópole alcacerense: — «São de ali: espadas *falcata* e de antenas; *soliferreum*; lanças; freios de cavalo, de ferro; figuras humanas, de bronze; moedas autónomas (*de Salacia, ou Eviom*) e gregas; pregos; bainhas; fíbulas de arco, sem botão, e anulares; braceletes, anéis; urnas cinerárias de barro; lucernas; vasos gregos com pinturas vermelhas sobre o fundo escuro; vasos ibéricos; etc. Os vasos gregos são de figuras vermelhas decadentes do séc. IV-III a. C. Aquela cerâmica *ibérica* teria sido talvez importada da Andaluzia. Sem pretender que todos os objectos sejam rigorosamente coevos podemos entretanto atribuir dum modo geral a necrópole de Alcácer à segunda idade do ferro, vendo nela uma representação da cultura post-hallstatiana de Castela, com acentuadas influências ibéricas e gregas».

Não alongaremos este cotejo com alguns elementos de outras estações portuguesas em que a segunda Idade do Ferro surge menos consideravelmente, no ponto de vista necropológico, tais como Chibanes, Almogrebe (Odemira), Santa Olaia, etc. Não deixaremos de lembrar, todavia, o campo de urnas do Tanchoal dos Patudos (Alpiarça), estudado pelo Dr. Mendes Corrêa ⁽²⁾, o qual deu boa quantidade de urnas, de formas muito variadas, cremos que muito desacompanhadas de objectos metálicos, pois não vemos mencionado mais que três braceletes de bronze. No mesmo local há cerâmica indubitavelmente romana.

Conforme vimos, Estácio da Veiga considerou a necró-

(1) Vid. nota 47, *in fine*.

(2) Mendes Corrêa, «*Urnenfelder*» de Alpiarça, in «Anuario de Prehistória Madrileña», Vol. IV-V-VI, anos de 1933-34 e 35, págs. 131 a 138.

pole inferior de Bensafrim como da 1.^a Idade do Ferro. Santos Rocha impugnou tal classificação, entendendo que essa necrópole devia ser «muito posterior aos primeiros tempos do uso do ferro no território do Algarve». A maioria dos autores actuais considera-a pos-hallstattiana, datando, portanto, a sua origem, nos meados do Séc. IV a. C.

Quanto à necrópole superior, ambos a houveram por «romana».

A mesma datação nos meados do Séc. IV a. C. está indicada para a necrópole de Alcácer. A do Tanchoal dos Patudos será mais antiga que a de Alcácer e que a de Bensafrim. Mendes Corrêa nota certa afinidade entre alguns elementos alpiarçenses e os do campo de urnas hallstattiano de Molá (Tarragona), datada do Séc. VII a. C.

CONCLUSÃO

A descoberta desta série de necrópoles dos arredores de Elvas avoluma notavelmente o número até hoje conhecido de estações representativas da 2.^a Idade do Ferro e suas fases finais, a sul do Tejo.

Supomos poder encadeá-las no tempo, tomando por mais antiga o cemitério inferior de Bensafrim, com cistas de inumação nas quais se manteve um rito peculiar à segunda fase da 1.^a Idade do Bronze peninsular (Bronze Mediterrânico II), isto é, com enterramento dos corpos dobrados, ou acorados. Seguir-se-lhe-ão, por ordem cronológica e a curta distância entre si, os campos de urnas de Alpiarça, Alcácer e Chaminé (podendo colocar-se a par de Alcácer a necrópole da Cardeira), que se prolongaram até o pleno domínio romano. Ocuparão o final da série a necrópole superior da Fonte Velha, o campo das Pinas e o do Padrão, cujo desenvolvimento máximo ocorreu desde o começo da romanização daquelas regiões até dois ou três séculos mais tarde.

O exame do rito funerário seguido, das formas de tumulação e do espólio recolhido revela-nos, segundo cremos, a presença de tribos célticas na sua época de independência e de actividade guerreira (necrópole inferior de Bensafrim, Alcácer do Sal, Chaminé e Cardeira, com abundância de objectos metálicos, armas e objectos atinentes à cavalaria), depois submetidas e paulatinamente romanizadas, mas conservando seu tradicional rito funerário, ainda que, por fim, empregando tégulas na construção das suas toscas tumulações.

Os campos de urnas da região de Elvas vizinham de perto muitas ruínas de importantes «vilas» romanas e numerosas sepulturas de inumação, dos Sécs. I e II da nossa Era, bem construídas, de tijolos, ou de placas de mármore, com excelentes inscrições lapidares; e não só vizinham, mas também delas são, em parte, contemporâneos.

ABEL VIANA

ANTÓNIO DIAS DE DEUS

DESCRIÇÃO DO MATERIAL

(Nota: O número entre parêntesis, a seguir ao número de ordem, indica o que foi posto na peça, à medida que estas se foram inventariando, e é o que vai nas Estampas).

HORTA DAS PINAS

(MATERIAIS RECOLHIDOS DESDE OUTUBRO DE 1949
A ABRIL DE 1950)

Terra sigillata

- 1 (1) — Prato em forma de calote esférica muito baixa. Inteiro.
Borda com ornatos em relevo (folhas).
- 2 (2) — Idem, idem.
- 3 (4) — Idem, idem.
- 4 (3) — Idem. Falta-lhe pequena porção do bordo.

Mais fundos, de paredes pouco inclinadas, sem revira no bordo:

- 5 (5) — Prato inteiro.
- 6 (6) — Idem, danificado em parte do bordo. Tem gravadas no fundo as letras L V M F.
- 7 (7) — Idem, fragmentado mas completo.
- 8 (8) — Idem, fragmentado mas quase completo.
- 9 (9) — Idem, inteiro.

Estas nove peças têm marca figulina muito apagada.

- 10 (10) — Vaso em forma de tijela de perfil bilobular. Inteira.
- 11 (12) — Idem, idem.
- 12 (11) — Idem. Fragmentada mas completa.
- 13 (13) — Idem, idem.
- 14 (14) a 17 (17) — Exemplos de forma idêntica à das quatro anteriores. Inteiros.
- 18 (18) — Idem, com um X muito aberto gravado no fundo, estando as hastes superiores ligadas a meio por um arco de círculo.
- 19 (19) — Urna com duas asas. Tem na metade inferior uma larga faixa horizontal dividida em zonas verticais preenchidas com ornatos fitomórficos.

- 20 (77) — Vaso em forma de tijela semiesférica. Borda revirada e algumas com ornatos em relevo (folhas). Diâmetro externo, na boca — 0^m,130; alt. — 0^m,060; espessura média — 0^m,004.
- 21 (78) — Idem, idem. Diâm.—0^m,090; alt.—0^m,044; espes.—0^m,003.
- 22 (79) — Idem, idem. Diâm.—0^m,082; alt.—0^m,045; espes.—0^m,003.
- 23 (80) — Idem, idem. Diâm.—0^m,090; alt.—0^m,045; espes.—0^m,003.
- 24 (81) — Idem. Diâm.—0^m,080; alt. actual—0^m,025; espes.—0^m,003.
- 25 (82) — Idem. Diâm. — 0^m,090; alt. — 0^m,036; espes. — 0^m,003.
- 26 (83) — Idem. Diâm. — 0^m,090; alt. — 0^m,036; espes. — 0^m,003.
- 27 (84) — Idem. Diâm. — 0^m,100; alt. — 0^m,038; espes. — 0^m,004.
- 28 (85) — Idem. Diâm. — 0^m,090; alt. — 0^m,040; espes. — 0^m,003.
- 29 (86) — Idem. Diâm. — 0^m,085; alt. — 0^m,030; espes. — 0^m,006.
- 30 (71) — Prato grande, com a superfície muito gasta. Diâm. — 0^m,160; alt. — 0^m,038; espes. — 0^m,004.
- 31 (74) — Idem. Diâm. — 0^m,152; alt. — 0^m,043; espes. — 0^m,006.
- 32 (75) — Idem. Falta-lhe uma porção do bordo. Diâm. — 0^m,166; alt. — 0^m,040; espes. — 0^m,004.
- 33 (76) — Idem, idem. Diâm.—0^m,175; alt.—0^m,040 espes.—0^m,005.
- 34 (73) — Prato fundo. Inteiro. Diâm. — 0^m,174; alt. — 0^m,049; espes. — 0^m,005.
- 35 (72) — Pequeno vaso em forma de alguidarinho. Fragmentado em parte. Diâm. — 0^m,174; alt. — 0^m,049; espes. — 0^m,004.

Cerâmica de barro branco amarelado, com restos de pintura a vermelho sanguíneo e castanho escuro. Do tipo de Aco.

- 36 (20) — Pequena urna com uma faixa decorada por meio de duas linhas horizontais de pequeninos mamilos, alternando os de cima com os de baixo.
- 37 (21) — Urna inteira, divisando-se restos de pintura (ornatos semelhante aves?). Diâm. na boca — 0^m,079; id. no fundo 0^m,032; idem, máximo — 0^m,084; espes. — 0^m,035.
- 38 (22) — Idem, inteira, com restos de pintura e ornatos em relevo. Diâm. na boca — 0^m,120; id. no fundo — 0^m,050; id. máximo — 0^m,125; alt. — 0^m,072; espes. — 0^m,004.
- 39 (22-A) — Idem, do mesmo feitio e com os mesmos ornatos, porém mais pequena. Diâm. na boca — 0^m,078; id. no fundo — 0^m,035; id. máximo — 0^m,085; alt. 0^m,063; espes. — 0^m,003.
- 40 (23) — Idem, do mesmo tipo, porém maior. Fragmentada, mas quase completa. Diâm. na boca—0^m,113; id. no fundo—0^m,040; id. máximo — 0^m,118; alt. — 0^m,079; espes. média — 0^m,004.
- 41 ((24) — Urna com duas asas e ornatos incisos. Vestígios de pintura. Inteira. Diâm. na boca — 0^m,079; id. no fundo — 0^m,032; id. máximo — 0^m,084; alt. — 0^m,056; espes. — 0^m,0035.

- 42 (25) — Pequena urna, de uma só asa, da qual conserva apenas vestígios da ligação. Ornato inciso em quase toda a altura da peça. Tem a boca quase totalmente destruída. Diâm. no começo da gola — 0^m,085; id. no fundo — 0^m,052; id. máximo — 0^m,122; alt. actual — 0^m,132.
- 43 (58) — Urnazinha em forma de tijela, com pintura vermelha. Diâm. máx. — 0^m,109; id. no fundo — 0^m,042; alt. — 0^m,037; espes. 0^m,005.
- 44 (60) — Pequenino vaso mutilado na parte superior. Restos de pintura vermelha.

Cerâmica de barro vermelho, mais ou menos fino, com um banho geral de induto negro. Alguns exemplares conservam sinais de ornato pintado.

- 45 (26) — Pequeno vaso cilíndrico, torneado. Diâm. na boca—0^m,051; id. máx. — 0^m,064; alt. — 0^m,078; espes. — 0^m,004.
- 46 (27) — Urna com ornato constituído por linhas cruzadas formando malhas quadradas com 2^{mm} de lado. Diâm. na boca — 0^m,060; id. no fundo — 0^m,035; id. máximo — 0^m,082; alt. — 0^m,092; espes. — 0^m,0035.
- 47 (28) — Idem, com ornato idêntico. Diâm. na boca — 0^m,070; id. no fundo — 0^m,049; id. máximo — 0^m,091; alt. 0^m,090; espes. — 0^m,004.
- 48 (29) — Idem, idem. Diâm. na boca—0^m,070; id. no fundo—0^m,034; id. máx. — 0^m,092; alt. — 0^m,104; espes. — 0^m,005.
- 49 (30) — Idem, idem. Diâm. na boca — 0^m,060; id. no fundo — 0^m,031; id. máximo — 0,080; alt. — 0^m,088; espes. — 0^m,004.
- 50 (31) — Idem, porém a rede do ornato é de malhas losângicas, e não quadradas. Diâm. na boca — 0^m,072; id. no fundo—0^m,035; id. máx. — 0^m,082; alt. — 0^m,108; espes. — 0,004.
- 51 (32) — Urna do feitio de vaso para flores, ou de pequenino pote de boca larga. Borda horizontalmente revirada. Diâm. máximo, externamente — 0^m,109; id. no fundo — 0^m,053; alt. — 0^m,122; espes. — 0^m,005.
- 52 (33) — Urna em forma de panela, ou boião. Diâm. na boca — 0^m,100; id. no fundo — 0^m,050; alt. — 0^m,112; espes.—0^m,004.
- 53 (34) — Idem, do mesmo tipo. Diâm. na boca — 0^m,109; id. no fundo — 0^m,070; id. máximo — 0^m,140; alt. — 0^m,112; espes. — 0^m,005.
- 54 (35) — Idem, de forma idêntica e de barro mais fino. Diâm. na boca — 0^m,110; id. no fundo — 0^m,045; id. máximo — 0^m,133;

alt. — 0^m,130; espes. — 0^m,004. É de duas asas mas só conserva uma.

- 55 (36) — Idem, do mesmo tipo da anterior mas um pouco mais atarracada e conservando alguns traços oblíquos, pintados. Diâm. na boca — 0^m,078; id. no fundo — 0^m,036; id. máximo — 0^m,086; alt. — 0^m,075; espes. — 0^m,004.
- 56 (37) — Urna com a parte superior cilíndrica e a inferior tronco-cónica. Borda com revira plana e horizontal. Diâm. na boca — 0^m,105; id. no fundo — 0^m,045; id. máximo — 0^m,102; alt. — 0^m,060; espes. — 0^m,005.

Cerâmica de barro mais ou menos fino, de outros tipos

- 57 (38) — Urna com duas asas, de barro branco, pintada e com ornatos incisos (simples sulcos). Faltam-lhe uma asa e alguns bocados. Diâm. na boca — 0^m,120; id. no fun — 0^m,047; id. máx. — 0^m,125; alt. — 0^m,079.
- 58 (39) — Idem, do mesmo feitio mas sem ornatos incisos. Diâm. na boca — 0^m,110; id. no fundo — 0^m,050; id. máximo — 0^m,115; alt. — 0^m,078.
- (Deste mesmo tipo há mais quatro exemplares cujas medidas se não dão, por estarem fracturadas e não terem sido ainda reconstituídas).
- 59 (40) — Urna de barro branco, pintada. Tem forma esferoidal amolgada em quatro lados opostos dois a dois, mostrando cada uma destas faces uma larga cavidade. Diâm. na boca—0^m,080; id. no fundo — 0^m,038; id. máximo — 0^m,090; alt. — 0^m,070.
- 60 (41) — Urna de barro vermelho escuro. Diâm. na boca — 0^m,150; id. no fundo — 0^m,062; id. máximo — 0^m,160; alt. — 0^m,102.
- 61 (42) — Idem, idem. Diâm. na boca — 0^m,092; id. no fundo — 0^m,055; id. máximo — 0^m,130; alt. — 0^m,110; espes.—0^m,004.
- 62 (43) — Urna de barro vermelho, com restos de pintura vermelha sobre fundo negro. Diâm. na boca — 0^m,105; id. no fundo — 0^m,056; id. máximo — 0^m,135 alt. — 0^m,105; espes. — 0^m,005.
- 63 (44) — Urna de barro vermelho mais ordinário, com banho de cor vermelha. Diâm. na boca — 0^m,105; id. no fundo — 0^m,046; diâm. máximo — 0^m,125; alt. — 0^m,107; espes. — 0^m,005.
- 64 (45) — Urna de barro negro. Tem destruída a maior parte da gola, pelo que se não pode medir o diâmetro da boca. Diâm. máximo — 0^m,125; id. no fundo — 0^m,047; alt. — 0^m,100; espes. — 0^m,005.
- 65 (87) — Vaso em forma de tijela, imitação de *sigillata*. Barro vermelho, fino. Diâm. — 0^m,116; alt. — 0^m,046; espes. — 0^m,006.

- 66 (54) — Urnazinha pintada. Fracturada. Imitação de uma das formas da *sigillata*. Diâm. máximo — 0^m,075; id. no fundo — 0^m,031; alt. 0^m,040.
- 67 (55) — Urnazinha idêntica, de barro mal cozido, das mesmas dimensões que a anterior. Espes. — 0^m,0025 a 0^m,005.
- 68 (56) — Vaso em forma de tijela pouco funda, pintado de negro. Barro mais grosseiro. Diâm. na boca — 0^m,132; id. no fundo — 0^m,042; alt. — 0^m,050; espes. — 0^m,005.
- 69 (57) — Tijelinha com pintura negra e revira do bordo um pouco inclinada para fora. Diâm. máximo — 0^m,103; id. no fundo — 0^m,035; alt. — 0^m,045; espes. — 0^m,006.
- 70 (59) — Urna com duas asas. Tem um lado completamente fragmentado, mas está completa. Diâm. na boca — 0^m,100; id. no fundo — 0^m,044; alt. — 0^m,100; espes. — 0^m,005.
- 71 (61) — Vaso em forma de tijela. Diâm. máximo — 0^m,153; id. no fundo — 0^m,054; alt. — 0^m,056; espes. — 0^m,006.
- 72 (62) — Idem, de barro branco pintado de vermelho. Diâm. máx. — 0^m,129; id. no fundo — 0^m,045; alt. — 0^m,042; espes.—0^m,006.
- 73 (63) — Idem, de barro vermelho. Diâm. máx. — 0^m,160; id. no fundo — 0^m,054; alt. — 0^m,057; espes. — 0^m,006.
- 74 (64) — Idem, de barro vermelho ordinário. Diâm. máx. — 0^m,172; id. no fundo — 0^m,064; alt. — 0^m,065; espes. — 0^m,006.
- 75 (65) — Idem, de barro negro com um banho de induto castanho. Diâm. máx. — 0^m,145; id. no fundo — 0^m,039; alt. — 0^m,052; espes. — 0^m,006.

Cerâmica de barro grosseiro, algumas peças com sinais de acção do fogo ou do fumo e também com indícios de terem sido pintados.

- 76 (66) — Vasilha em forma de prato para vaso de flores, ou de tacho. Barro grosseiro, mas bem cozido. Sinais de banho vermelho. Está fragmentado mas completo. Diâm. máx. — 0^m,190; id. no fundo — 0^m,137; alt. — 0^m,042; espes. — 0^m,006.
- 77 (67) — Idem, de barro negro, com vestígios de pintura vermelha. Diâm. máx. — 0^m,193; id. no fundo — 0^m,134; alt. — 0^m,043; espes. — 0^m,007.
- 78 (68) — Idem, de barro vermelho. Diâm. máx. — 0^m,174; id. no fundo — 0^m,120; alt. — 0^m,052; espes. — 0^m,007.
- 79 (69) — Idem, de barro negro, com pintura vermelha. Diâm. máx. — 0^m,183; id. no fundo — 0^m,115; alt.—0^m,050; espes.—0^m,006.
- 80 (70) — Idem. Diâm. máx. — 0^m,195; id. no fundo — 0^m,126; alt. — 0^m,035; espes. — 0^m,005.

Vasilhas de barro vermelho mais ou menos claro, bem cozido, em forma de frasco, ou dos «barris» da actual cerâmica popular alentejana.

(Os n.ºs 81 a 86 têm asa e gargalo com revira às vezes bastante larga).

- 81 (46) — Diâm. máximo — 0^m,180; id. no fundo — 0^m,170, id. na boca do gargalo — 0^m,065; alt. — do gargalo — 0^m,077; alt. total — 0^m,240.
- 82 (47) — Diâm. máx. — 0^m,175; id. na boca — 0^m,070; id. no fundo — 0^m,080; alt. — 0^m,220.
- 83 (48) — Diâm. máx. — 0^m,135; id. na boca — 0^m,050; id. no fundo — 0^m,050; alt. — 0^m,195. Este exemplar está totalmente pintado de negro.
- 84 (49) — Diâm. máx. — 0^m,182; id. na boca — 0^m,074; id. no fundo — 0^m,066; alt. — 0^m,235.
- 85 (50) — Diâm. máx. — 0^m,100; id. na boca — 0^m,044; id. no fundo — 0^m,045; alt. — 0^m,113.
- 86 (51) — Diâm. máx.—0^m,084; id. no fundo—0^m,035; alt.—0^m,105. Tem algumas fracturas no gargalo.
- 87 (52) — Bilha de barro vermelho mais grosseiro, com asa inserta no bocal. Diâm. máx. — 0^m,149; id. na boca — 0^m,065; id. no fundo — 0^m,125; alt. — 0^m,230.
- 88 (53) — Peça idêntica à anterior. Diâm. máx. — 0^m,113; id. na boca — 0^m,050; id. no fundo — 0^m,103; alt. — 0^m,204.

Recipientes de vidro

- 89 — Frasco com asa e secção transversa octogonal. Diâm. no fundo — 0^m,065; id. externo, do bocal — 0^m,030; alt. do gargalo — 0^m,025; alt. total — 0^m,100.
- 90 — Frasco cilíndrico, com asa. Diâm. em cima — 0^m,089; id. no fundo — 0^m,084; id. no bocal — 0^m,042; alt. do gargalo—0^m,036; alt. total — 0^m,170.
- 91 — Garrafa de corpo esférico e longo gargalo afunilado. Diâm. máximo — 0^m,084; id. no fundo — 0^m,042; id. na boca do gargalo — 0^m,024; alt. do gargalo — 0^m,076; alt. total — 0^m,150.
- 92 — Lacrimatório com o bojo semi-elíptico e gargalo comprido, ligeiramente afunilado de baixo para cima. Vidro espesso. Diâm. máximo — 0^m,068; id. no bocal — 0^m,032; alt. do gargalo — 0^m,060; alt. total — 0^m,120.
- 93 — Outro do mesmo tipo, faltando-lhe o gargalo. Diâm. máximo — 0^m,070.

- 94 — Lacrimatório em forma de tubo afunilado, com gargalo comprido, tendo este um estrangulamento no ponto de junção com o depósito. Falta-lhe toda a parte superior do gargalo. Diâm. máx. — 0^m,024; id. no estrangulamento — 0^m,015; altura do depósito — 0^m,060; alt. total actual — 0^m,110.

(Todos estes vidros são de cor branco-azulada, excepto o da garrafinha de corpo esférico, que é branco amarelado).

Objectos metálicos e outros

- 95 — Cossoiro de barro vermelho cozido, sem ornato, tendente a esferoidal. Diâm. — 0^m,025; alt. — 0^m,021.
 96 — Pequeno recipiente de bronze, circular, em forma de taça de paredes quase verticais.
 97 — Fivela de bronze, circular, com botões terminais revirados. Falta-lhe o fusilhão.
 98 — Pequena fivela de bronze.
 99 — Pequena pinça de bronze.
 100 — Algumas dezenas de pregos de ferro, na maioria grandes.

(MATERIAIS RECOLHIDOS DESDE 15 DE ABRIL
 A 22 DE JULHO DE 1950)

Terra sigillata

- 101 (122) — Prato. Muito fracturado e com falta de alguns bocados. Diâm. — 0^m,193; alt. — 0^m,037.
 102 (123) — Prato. Diâm. — 0^m,164; alt. — 0^m,032.
 103 (124) — Prato. Diâm. — 0^m,157; alt. — 0^m,032.
 104 (125) — Prato. Diâm. — 0^m,161; alt. — 0^m,039. Inteiro.
 105 (126) — Prato. Diâm. — 0^m,176; alt. — 0^m,040.
 106 (127) — Prato. Diâm. — 0^m,177; alt. — 0^m,033. Bordo revirado e com ornatos. Tem no fundo um buraco tapado com uma porção de chumbo.
 107 (128) — Prato. Diâm. — 0^m,160; alt. — 0^m,033.
 108 (129) — Prato. Diâm. — 0^m,164; alt. — 0^m,039. Inteiro.
 109 (130) — Prato. Diâm. — 0^m,159; alt. — 0^m,043.
 110 (156) — Taça completamente coberta de ornatos em relevo, dispostos em quatro faixas horizontais, paralelas. Na mais larga vê-se uma série de veados alternando com cachos de uvas (ou árvores?), apenas interrompida num ponto no qual, em vez de um veado, há um medalhão circular. A faixa subjacente está preenchida por pequenos medalhões circulares, quase tan-

gentes, parecendo que o centro de cada um está ocupado pela figura de um peixe. O outro medalhão encerra um busto olhando para a esquerda, e por cima do busto a palavra MAXVMA. A composição deste medalhão lembra o anverso de uma moeda romana, com a respectiva legenda. Pela parte interna da vasilha, quase tangenciando o círculo central, mas fora dele, está um rectângulo com o nome do fabricante, carimbo que não conseguimos identificar. Verniz vermelho escuro. Diâmetro na boca—0^m,150; id. no fundo—0^m,048; alt.—0^m,064. O exemplar está inteiro, embora com ligeiras escoriações e bastante desgaste dos ornatos.

- 111 (136) — Taça de perfil bilobular. Diâm. na boca — 0^m,130; alt. — 0^m,064.
- 112 (137) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,136; alt. — 0^m,063.
- 113 (138) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,132; alt. — 0^m,047.
- 114 (139) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,118; alt. — 0^m,062.
- 115 (140) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,124; alt. — 0^m,047. Tem verniz amarelado e ornato em relevo, na borda (folhas).
- 116 (141) — Idem, pequenina, sem conservar a mínima porção de verniz. Diâm. — 0^m,077; alt. — 0^m,029.
- 117 (142) — Taça com a parte inferior tronco-cónica invertida e a superior cilíndrica. Diâm. na boca — 0^m,072; alt. — 0^m,027.
- 118 (143) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,091; alt. — 0^m,045.
- 119 (144) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,073; alt. — 0^m,038.
- 120 (145) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,074; alt. — 0^m,043.
- 121 (146) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,097; alt. — 0^m,030. Tem gravado pela parte de fora, em cursivo: IVLIVVIPAVNIS.
- 122 (s. n.) — Idem. Diâm. na boca — 0^m,092; alt. — 0^m,040. Está fragmentada mas quase completa. Verniz vermelho muito escuro. Tem gravado por dentro: — XVII.
- 123 (153) — Urna com duas asas. Faixa decorativa dividida em zonas verticais por meio de um ornato em forma de espiga. Diâm. máximo, no bojo — 0^m,096; id. na boca — 0^m,075; alt. — 0^m,094.
- 124 (154) — Urna do mesmo tipo que a anterior e com idêntico ornato, porém mais afunilada na parte inferior. Faltam-lhe as duas asas. Diâm. no bojo — 0^m,093; id. na boca — 0^m,078; alt. — 0^m,095.
- 125 (158) — Vaso em forma de «barril». Verniz vermelho acastanhado. Decorado na metade inferior: faixa dividida em compartimentos verticais, encerrando cada um destes um medalhão circular. O desgaste é grande, de modo que se não percebe nitidamente o que representa o relevo de cada medalhão. Supomos, no entanto, tratar-se de uma parra. A marca figurina

está ilegível. Diâm. máximo — 0^m,122; id. na boca — 0^m,055; alt. — 0^m,157.

Bárbotina

- 126 (155) — Biberão em forma de bilna, com duas asas e bico. Tem coador ao fundo do gargalo. Diâm. no bojo — 6^m,095; alt. — 0^m,105.
- 127 (147) — Taça com a parte superior ornada por uma série de círculos, conservando-se, dentro destes, vestígios de figuras, também em relevo. Fragmentada. Faltam-lhe alguns bocados do bordo. Diâm. máx. — 0^m,128; alt. — 0^m,079. Dentro desta taça achava-se o biberão descrito sob o número anterior.
- 128 (148) — Taça ornada por pequeninos mamilos. Diâm. na boca — 0^m,088; alt. — 0^m,068. Quase inteira.
- 129 (149) — Taça completamente lisa. Diâm. na boca — 0^m,083; alt. — 0^m,056.
- 130 (151) — Taça do mesmo tipo. Diâm. na boca — 0^m,082; id. no meio — 0^m,089; alt. — 0^m,068.
- 131 (150) — Taça com ornatos circulares, em relevo. Diâm.—0^m,083; alt. — 0^m,058.
- 132 (152) — Taça com duas asas e ornatos em relevo. Muito fragmentada. Diâm. na boca—0^m,090; id. máx.—0^m,092; alt.—0^m,058.

Outros tipos de cerâmica

- 133 (101) — Urna banhada de induto negro, tendo como ornato uma faixa coberta de pontilhado. Paredes finas. Diâm. na boca — 0^m,060; id. no bojo —; alt. — 0^m,096. Fragmentada mas quase completa.
- 134 (102) — Idem, idem. Diâm. na boca — 0^m,063; id. no bojo — 0^m,092; alt. — 0^m,094. Inteira.
- 135 (103) — Idem, idem. Diâm. na boca—0^m,063; id. no bojo—0^m,092; alt. — 0^m,100. Fragmentada mas quase completa.
- 136 (104) — Idem, idem. Diâm. na boca—0^m,072; id. no bojo—0^m,102; alt. — 0^m,099. Falta-lhe pequena porção do bordo.
- 137 (105) — Idem, idem. Diâm. na boca—0^m,060; id. no bojo—0^m,090; alt. — 0^m,095. Fragmentada mas quase completa.
- 138 (107) — Idem, idem. Muito pequena. Falta-lhe grande extensão da boca e do flanco. Diâm. no bojo — 0^m,065; alt. — 0^m,065.
- 138-A (106) — Idem, idem. Diâm. no bojo — 0^m,075. Fragmentada mas quase completa. Falta-lhe quase todo o bordo da boca.
- 139 (85-A) — Urna grande, de fabrico grosseiro. Bordo revirado. Barro vermelho. Diâm. na boca — 0^m,181; id. no bojo — 0^m,248;

- alt. — 0^m,234; espes. próximo do meio — 0^m,019. Fundo chato. Fragmentada mas quase completa. Tinha dentro, entre cinzas, um lacrimatório.
- 140 (86-A) — Urna de barro vermelho, com duas asas, faltando-lhe uma delas assim como parte do bordo. Fundo chato. Diâm. máx. — 0^m,214; id. do fundo — 0^m,087; alt. — 0^m,187. Tinha dentro, com as cinzas, um lacrimatório.
- 141 (87-A) — Urna em forma de panela. Diâm. na boca — 0^m,110; id. máx. — 0^m,146; alt. — 0^m,115.
- 142 (88) — Idem, idêntica à anterior. Diâm. na boca — 0^m,108; id. máx. — 0^m,146; alt. — 0^m,116. Falta-lhe pequena porção do bordo.
- 143 (89) — Idem semelhante às anteriores, mas de barro mais fino e escuro. Tem pequenas mutilações na boca.
- 144 (90) — Idem, do mesmo tipo. Faltam-lhe bocados do bordo. Diâm. no bojo — 0^m,125; alt. — 0^m,120.
- 145 (91) — Idem, do mesmo tipo. Completa. Diâm. na boca — 0^m,098; id. no bojo — 0^m,123; id. no fundo — 0^m,064; alt. — 0^m,111.
- 146 (92) — Idem, do mesmo tipo. Falta-lhe pequena porção do bojo. Diâm. na boca — 0^m,118; id. no bojo — 0^m,148; alt. — 0^m,138.
- 147 (93) — Urna semi-esferoidal na parte inferior e cônica na parte superior. Falta-lhe uma porção do bordo e do flanco. Diâm. no bojo — 0^m,139; alt. — 0^m,138.
- 148 (95) — Idem, do mesmo tipo. Falta-lhe todo o bordo. Diâm. no bojo — 0^m,092.
- 149 (94) — Idem, semelhante mas com a parte tronco-cônica muito maior que a esferoidal. Tem marcas da inserção de uma asa. Falta-lhe a parte de cima do bordo. Diâm. no bojo — 0^m,120.
- 150 (96) — Urna de paredes finas, de duas asas, das quais falta uma. Zona horizontal de linhas incisadas, entre-cruzadas obliquamente. A asa é de secção circular e insere ambas as extremidades no bojo, sobre as linhas que limitam a zona ornada. Diâm. no bojo — 0^m,151; alt. — 0^m,118.
- 151 (97) — Urna de barro vermelho, de paredes finas e com duas asas. Tem, como a anterior, uma zona horizontal de linhas entre-cruzadas obliquamente, mas pontilhadas. Diâm. na boca — 0^m,111; id. no bojo — 0^m,138; alt. — 0^m,126.
- 152 (98) — Urna de barro fino, com gola e revestida de induto vermelho. Diâm. na boca — 0^m,117; id. no bojo — 0^m,134; alt. — 0^m,128. Fragmentada mas quase completa.
- 153 (99) — Urna idêntica à anterior, mas conservando melhor o induto vermelho. Diâm. na boca — 0^m,109; id. no bojo — 0^m,154; alt. — 0^m,162.

- 154 (100) — Urna de barro branco, com uma asa. Pintada com induto amarelado. Tem um grupo de dois sulcos paralelos circuitando horizontalmente o bojo e outros dois próximo do fundo. Diâm. na boca — 0^m,097; id. no bojo — 0^m,130; alt. — 0^m,146.
- 155 (159) — Urna de barro vermelho, fino, imitando *sigillata*. Diâm. máx. — 0^m,104; alt. — 0^m,082. Falta-lhe uma porção do bordo e do flanco.
- 156 (173) — Bilha de barro branco. Tem uma asa. Diâm. na boca — 0^m,046; id. no bojo — 0^m,109; alt. — 0^m,161.
- 157 (157) — Infusa ou cangirão, com restos de pintura a vermelho sobre fundo negro. O ornato, que abrangia toda a superfície da vasilha, era constituído por: simples traços paralelos verticais, desde a base da gola até ao bordo da boca; traços oblíquos, na zona do terço superior do bojo; círculos paralelos circuitando os dois terços inferiores do bojo, até o fundo. O exemplar está inteiro, mas a pintura quase de todo apagada. Diâm. na boca—0^m,104 × 0^m,109; diâm. do bojo—0^m,140; alt.—0^m,167.
- 158 (134) — «Barril» em forma de bilha. Diâm. na boca do gargalo — 0^m,043; id. no bojo — 0^m,100; alt. — 0^m,112.
- 159 (135) — «Barril» cilíndrico. Diâm. no gargalo — 0^m,044; idem em cima — 0^m,087; id. em baixo — 0^m,084; alt. — 0^m,140.
- 160 (108) — Vaso em forma de tijela baixa, ou de calote esférica. Barro vermelho. Diâm. — 0^m,165; alt. — 0^m,055. Rachado mas quase completo.
- 161 (109) — Idem. Diâm. — 0^m,150; alt. — 0^m,049. Inteiro.
- 162 (110) — Idem. Diâm. — 0^m,162; alt. — 0^m,052. Inteiro.
- 162 (111) — Idem. Diâm. — 0^m,177; alt. — 0^m,069. Rachado e com falta de um pequeno bocado.
- 164 (112) — Idem. Diâm. — 0^m,150; alt. — 0^m,053. Rachado mas completo. Tinha dentro uma vasilha de vidro.
- 165 (113) — Idem. Diâm. — 0^m,225; alt. — 0^m,075. Rachado mas completo.
- 166 (114) — Idem. Diâm. — 0^m,222; alt. — 0^m,070. Rachado mas completo.
- 167 (115) — Tacho. Diâm. — 0^m,225; alt. — 0^m,040. Barro vermelho muito grosseiro.
- 168 (116) — Idem. Diâm. — 0^m,192; alt. — 0^m,036. Barro vermelho, mais fino.
- 169 (117) — Idem. Diâm. — 0^m,226; alt. — 0^m,050. Barro cinzento escuro.
- 170 (118) — Idem. Diâm. — 0^m,224; alt. — 0^m,046. Barro cinzento escuro. Fragmentado e com falta de uma pequenina porção.
- 171 (119) — Idem. Diâm. — 0^m,212; alt. — 0^m,037. Barro cinzento escuro.

- 172 (120) — Idem. Diâm. — 0^m,181; alt. — 0^m,031. Barro cinzento escuro. Falta um extenso bocado no bordo.
- 173 (121) — Grande taça de barro cinzento escuro. Bordo alto, quase vertical. A parte inferior semi-esférica. Crista de separação entre estas duas partes. Fundo chato. Fragmentada mas quase completa. Diâm. — 0^m,205; alt. — 0^m,083.
- 174 (131) — «Barril» de barro vermelho, muito fragmentado, mas completo. Diâm. — 0^m,160; alt. provável — 0^m,281.
- 175 (132) — «Barril» de barro vermelho, em forma de almotolia. Muito fragmentado mas quase completo. Diâm. máx.—0^m,142; alt. — 0^m,201.
- 176 (133) — «Barril» pequeno, com asa lateral. Gargalo curto. Diâm. na boca do gargalo — 0^m,052; diâm. máx. — 0^m,101; alt. — 0^m,115.

Vasilhas de vidro

- 177 (160) — Grande copo de flanco lobulado (quatro gomos verticais) e boca circular. Vidro levemente esverdeado. Muito estilhado mas completo. Diâm. na boca—0^m,099; id. no pé—0^m,051; alt. — 0^m,193.
- 178 (161) — Frasco de secção quadrada. Vidro esverdeado. Diâm. na boca do gargalo — 0^m,048; base — 0^m,071 × 0^m,071; alt. — 0^m,170. Tem uma asa, larga e de secção rectangular.
- 179 (162) — Idem. Idêntico ao anterior. Asa estriada verticalmente. Vidro azulado. Diâm. na boca do gargalo — 0^m,055; base — 0^m,098 × 0^m,096; alt. — 0^m,241.
- 180 (162-A) — Garrafa de bojo esferoidal, com cinco linhas paralelas circuitando o bojo. Falta-lhe o gargalo, que era muito estreito em baixo. Vidro branco. Diâm. — 0^m,093.
- 181 (166) — Pequenino frasco piriforme. Fundo chato. Vidro azulado. Diâm. na boca — 0^m,018; alt. — 0^m,045; diâm. máx. — 0^m,035. Estava dentro de uma urna.
- 182 (167) — Vaso de corpo esférico, ligeiramente achatado na base. Falta-lhe parte do bojo. Diâm. na boca do gargalo — 0^m,016; id. máx. — 0^m,034; alt. — 0^m,045. Achava-se dentro de uma urna.
- 183 (168) — Taça campaniforme. Fundo saliente. Vidro branco, brilhante. Diâm. na boca — 0^m,098; id. no pé — 0^m,044; alt. — 0^m,074.
- 184 (169) — Taça idêntica à anterior, mas de fundo não saliente. Um pouco assimétrica. Vidro branco. Diâm. na boca—0^m,093; id. no fundo — 0^m,061; alt. — 0^m,074.

- 185 (170) — Jarro com duas asas. Vidro ligeiramente esverdeado. Diâm. na boca — 0^m,078; id. no fundo — 0^m,056; id. no bojo — 0^m,092; alt. — 0^m,091.
- 186 (171) — Jarro com uma asa, muito delicado. Vidro branco. Muito fragmentado e com falta de alguns bocados. Diâm. no bojo — 0^m,078; alt. — 0^m,134.
- 187 (172) — Pequenino lacrimatório, muito fragmentado e com falta de alguns pedacitos. Diâm. na boca — 0^m,020; diâm. máx. — 0^m,028; alt. — 0^m,068.
- 188 (163) — Lacrimatório comprido. Depósito curto, seguido logo do estrangulamento do gargalo. Diâm. máx. na boca do gargalo — 0^m,022; id., idem, no depósito — 0^m,024; alt. — 0^m,165.
- 189 (164) — Lacrimatório. Diâm. na boca — 0^m,021; id. no bojo — 0^m,020; alt. — 0^m,100.
- 190 (165) — Lacrimatório. Não tem estrangulamento no gargalo. Diâm. na boca — 0^m,022; id. no bojo — 0^m,032; alt. — 0^m,159.

Objectos metálicos

- 191 (174) — Espelho circular, de bronze temperado. Tem como ornato alguns círculos concêntricos, em uma das faces, em toda a orla uma série de pequeninos furos circulares. Falta-lhe o cabo, por fractura antiga. Devido a acidente após a exploração, partiu-se em numerosos bocados, mas acha-se reconstituído. Diâmetro — 0^m,080; espes. — 0^m,002.
- 192 (175) — Espelho rectangular, de bronze temperado. Desprovido de cabo ou de quaisquer ornatos. Está fragmentado em três bocados. Dimensões: 0^m,175 × 0^m,151. Espes. máx. — 0^m,003.
- 193 (176) — *Fíbula* de bronze. Falta-lhe uma grande porção do arco. Deste restam dois bocados, um deles ligado à mola e ao fusilhão. A uma das extremidades da mola liga-se o fusilhão e da outra a base do arco. Comprimento axial do fusilhão — 0^m,085.
- 194 (183) — *Fíbula* circular, com os botões terminais revirados. Conserva o fusilhão. Exemplar completo e em bom estado de conservação. Diâm. longitudinal — 0^m,048; diâm. transversal — 0^m,045. Bronze.
- 195 (183) — Aro de uma *fíbula* do tipo da anterior. Faltam os botões terminais. Diâm. — 0^m,042 × 0^m,040. Bronze.
- 196 (180) — Pequena pinça de bronze. Comp. — 0^m,064.
- 197 (181) — Pinça do tipo da anterior, tendo parte de uma argola de suspensão enfiada na base. Comp. — 0^m,050.
- 198 (177) — Pulseira de prata, muito delgada, tendo as extremidades enroladas uma sobre a outra, à maneira de nós. Secção cilíndrica. Eixo maior — 0^m,101; eixo menor — 0^m,085.

- 199 (178) — Fragmento de serra, de ferro, com a lâmina relativamente muito larga e os dentes muito miúdos. Está em dois bocados ajustáveis.
- 200 (179) — Cinzel de ferro, triangular alongado. O cabo termina em forma de cabeça de prego. Partido em dois bocados. Larg. do gume — 0^m,046; comp. — 0^m,145.

HERDADE DO PADRÃO

(MATERIAIS RECOLHIDOS DESDE OUTUBRO DE 1949
A ABRIL DE 1950)

Cerâmica de barro vermelho

- 201 (1) — Barril, com asa. Diâm. máx. — 0^m,160; id. na boca — 0^m,055; id. no fundo — 0^m,052; alt. — 0^m,188.
- 202 (2) — Barril. Diâm. máx. — 0^m,140; id. na boca — 0^m,050; id. no fundo — 0^m,058; alt. — 0^m,195.
- 203 (3) — Barril. Diâm. máx. — 0^m,190; id. no fundo — 0^m,093; alt. — 0^m,240. Falta-lhe uma porção da boca.
- 204 (5) — Barril. Conserva só parte da asa. Imitação de um modelo de *sigillata*. Diâm. máx. — 0^m,100; id. na boca — 0^m,040; id. no fundo — 0^m,065; alt. — 0^m,100.
- 205 (8) — Urna de barro vermelho, imitação de *sigillata*. Diâm. máx. — 0^m,140; id. na boca — 0^m,103; id. no fundo — 0^m,060; alt. — 0^m,107; espes. — 0^m,004.
- 206 (9) — Urna com duas asas, das quais só se notam os vestígios da inserção de uma, estando a outra completa, embora fragmentada. Diâm. máx. — 0^m,104; id. na boca — 0^m,077; id. no fundo — 0^m,045; alt. — 0^m,110; espes. — 0^m,004.
- 207 (10) — Urna, não asada. De barro vermelho com restos de pintura a negro. Diâm. máx. — 0^m,120; id. na boca — 0^m,084; id. no fundo — 0^m,040; espes. — 0^m,004.
- 208 (11) — Urna de barro vermelho muito fino, com duas asas, faltando-lhe uma. Imitação de *sigillata*. Muito fragmentada. Diâm. máx. — 0^m,090; id. na boca — 0^m,070; id. no fundo — 0^m,035; alt. — 0^m,095; espes. — 0^m,0025.
- 209 (12) — Urna contendo restos dos alimentos, talvez, cuja massa, decomposta e mineralizada, correu para um dos lados do bordo. Diâm. máx. — 0^m,145; id. na boca — 0^m,117; id. no fundo — 0^m,055; alt. — 0^m,105; espes. — 0^m,005. Revestida exteriormente de induto preto.
- 210 (14) — Grande prato de barro grosseiro. Diâm. máx. — 0^m,260; id. no pé — 0^m,080; alt. — 0^m,085; espes. — 0^m,008.

Cerâmica de barro branco, com barbotina, e outra

- 211 (4) — Barril, com sinais de pintura. Diâm. máx. — 0^m,194; id. na boca — 0^m,070; id. no fundo — 0^m,075; alt. — 0^m,240.
- 212 (6) — Taça, pintada de vermelho e com ornato inciso (linhas verticais muito finas). Diâm. máx. — 0^m,098; id. na boca — 0^m,095; id. no fundo — 0^m,035; alt. — 0^m,060; espes. — 0^m,003.
- 213 (7) — Taça não asada, com restos de pintura vermelha e castanha. Diâm. máx. — 0^m,097; id. na boca — 0^m,090; id. no fundo — 0^m,035; espes. — 0^m,003.
- 214 (13) — Urna de barro escuro, pintada de preto e ornada com traços cruzados em rede de malha quadrada. Diâm. máx. — 0^m,145; id. na boca — 0^m,090; id. no fundo — 0^m,055; alt. — 0^m,170; espes. — 0^m,003.
- 215 (15) — Fragmentos de pequena lucerna de barro branco. Disco desprovido de ornato e com orifício ao centro. O ornato da orla do disco está muito gasto, mas percebe-se ser constituído por uma série de aves, muito estilizadas, voando para a direita, cada ave separada da seguinte por uma divisória semelhante a uma coluna com base e capitel triangulares.
- 216 (16) — Lucerna de barro branco, fragmentada mas quase completa. Tem no disco os bustos de Isis e Serápis, este à esquerda daquela e tendo sobre as cabeças o crescente e o *modius*, respectivamente. Mostram ao peito, como pendente, uma cabecinha de touro. Comprimento total — 0^m,120; larg. — 0^m,094; altura da *ansa* — 0^m,042; diâmetro do *discus* — 0^m,060; alt. do depósito — 0^m,038; comp. do *nasus* — 0^m,040.

Objectos metálicos e outros

- 217 — Pulseira de prata, delgada e sem ornato. Eixo maior — 0^m,100.
- 218 — Urnazinha de barro cinzento claro, com induto negro no exterior. Fragmentada, faltando-lhe parte da boca. Diâm. máx. — 0^m,071.
- 219 — Idem, do mesmo tipo. Fragmentada, faltando-lhe a boca. Diâm. máx. — 0^m,060.

(Nota: Estas duas peças estavam na tumulação que tinha o anel. A pulseira achava-se entre as tumulações n.º 14 e n.º 15. Há uma do mesmo tipo no Museu Etnológico).

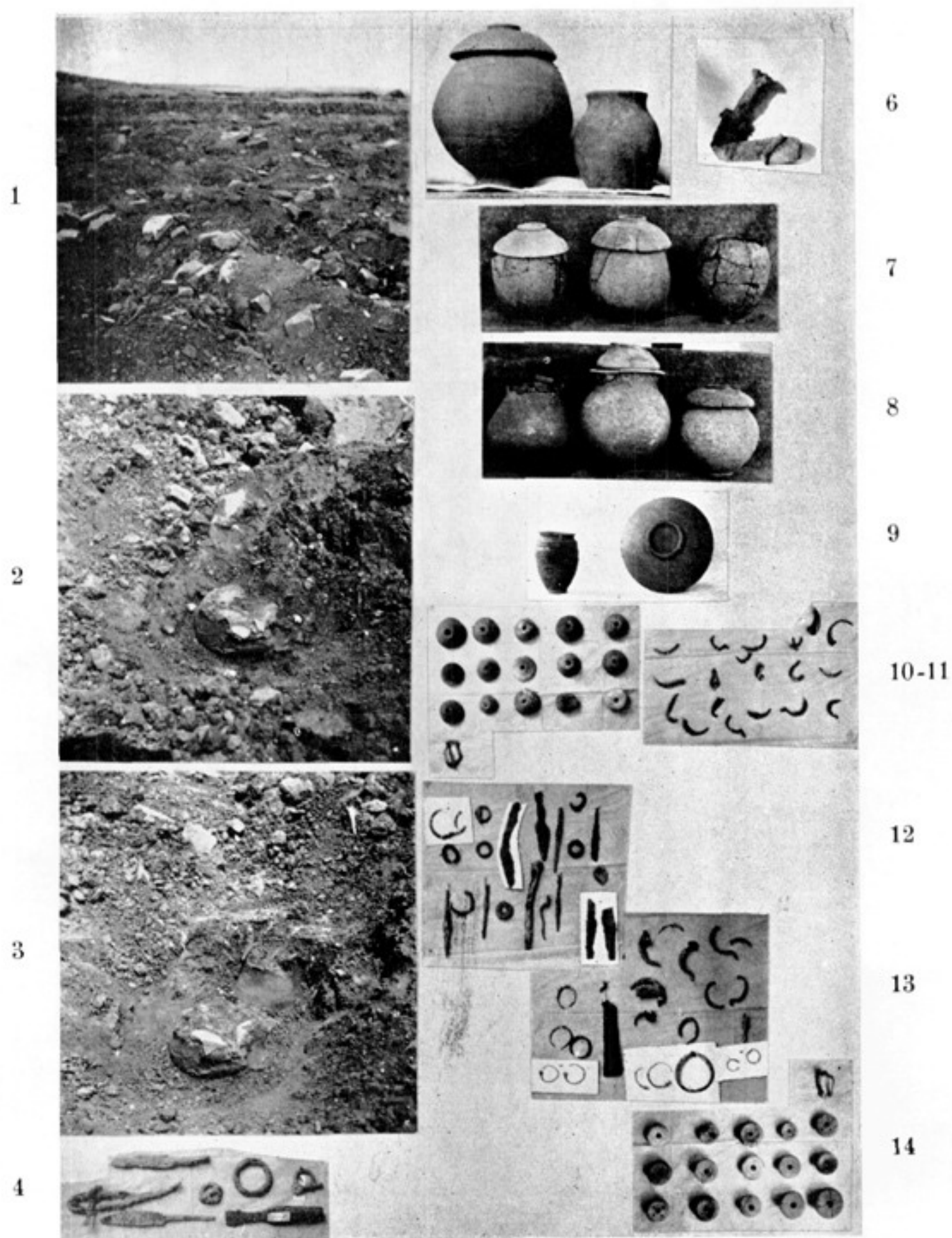
- 220 — Lacrimatório tubular, de vidro, completo. Diâmetro máx. — 0^m,018; id. no bocal — 0^m,023; alt. da ampola — 0^m,066; alt. total — 0^m,110.

221 — Calhau rolado, de quartzite, cordiforme. Comp. — 0^m,055.
larg. — 0^m,040; espes. — 0^m,012.

(MATERIAIS RECOLHIDOS ANTES DE OUTUBRO DE 1949
E ENTREGUES AO MUSEU MUNICIPAL DE ELVAS)

- 222 — Prato de terra sigillata, com marca. Diâm. — 0^m,182.
223 — Tijelinha de terra sigillata, sem marca. Diâm. na boca — 0^m,089;
alt. — 0^m,036.
224 — Taça de terra sigillata, com marca. Diâm. — 0^m,111.
225 — Taça de barro branco, com pintura vermelha e castanha
(barbotina). Fragmentada mas quase completa. Diâm. máx.
— 0^m,110; diâm. na boca — 0^m,106; id. no fundo — 0^m,048;
alt. — 0^m,071.
226 — Lucerna de barro branco, com ornato geométrico no disco.
Falta-lhe a asa. Diâm. do depósito — 0^m,075.
227 — Ampulla piriforme, de barro vermelho. Diâm. máx. — 0^m,140;
id. na boca — 0^m,040; id. no fundo — 0^m,075; alt. — 0^m,190.
228 — Ampulla piriforme, de barro vermelho. Diâm. máx. — 0^m,130;
id. na boca — 0^m,067; id. no fundo — 0^m,047; alt. — 0^m,190.
229 — Bilha esferoidal, achatada, de barro vermelho. Diâm. máx.
— 0^m,105; id. na boca — 0^m,031; id. no fundo — 0^m,047.
230 — Urna de barro vermelho, com duas asas. Fragmentada. Diâm.
máx. — 0^m,100; id. na boca — 0^m,084; id. no fundo — 0^m,041;
alt. — 0^m,095.
231 — Urna idêntica à anterior. Diâm. na boca — 0^m,082, alt.
— 0^m,055.
232 — Urna de barro vermelho. Diâm. na boca — 0^m,072; alt. — 0^m,106.
233 — Urna de barro vermelho. Diâm. na boca — 0^m,066; alt. — 0^m,101.
234 — Urna de barro vermelho. Diâm. na boca — 0^m,111; alt. — 0^m,138.
235 — Urna de barro vermelho. Diâm. na boca — 0^m,126; alt. — 0^m,157.
236 — Panela de barro vermelho, com duas asas. Diâm. na boca
— 0^m,119; alt. — 0^m,132.
237 — Taça de barro grosseiro. Diâm. na boca — 0^m,122.
238-239-240 — Pratos de barro vermelho, grosseiro, baixos, em forma
de tachos. Diâm. na boca — 0^m,180-0^m,236-0^m,270, respectiva-
mente.
241 — Prato em forma de alguidarinho, de barro vermelho, grosseiro.
Diâm. na boca — 0^m,196.
242 — Tijela de barro vermelho, grosseiro. Diâm. na boca — 0^m,180.
243 — Id., idem. Diâm. na boca — 0^m,220.
244-245 — Taças de barro vermelho, grosseiro. Diâm. na boca
— 0^m,137 e 0^m,095

5



Campo de urnas da Chaminié. 1 — Aspecto da necrópole. 2 e 3 — Exploração de uma das tumulações. 6 — Espada curta, de antenas atrofiadas. 5, 7, 8 e 9 — Cerâmica. 10 e 14 — Fíbulas de bronze e cossoiros. 4, 11, 12 e 13 — Objectos de bronze e de ferro.

1



2



Campo de urnas da Horta das Pinas.
1 — Aspecto parcial da necrópole. 2 — Escavação de uma das tumulações.

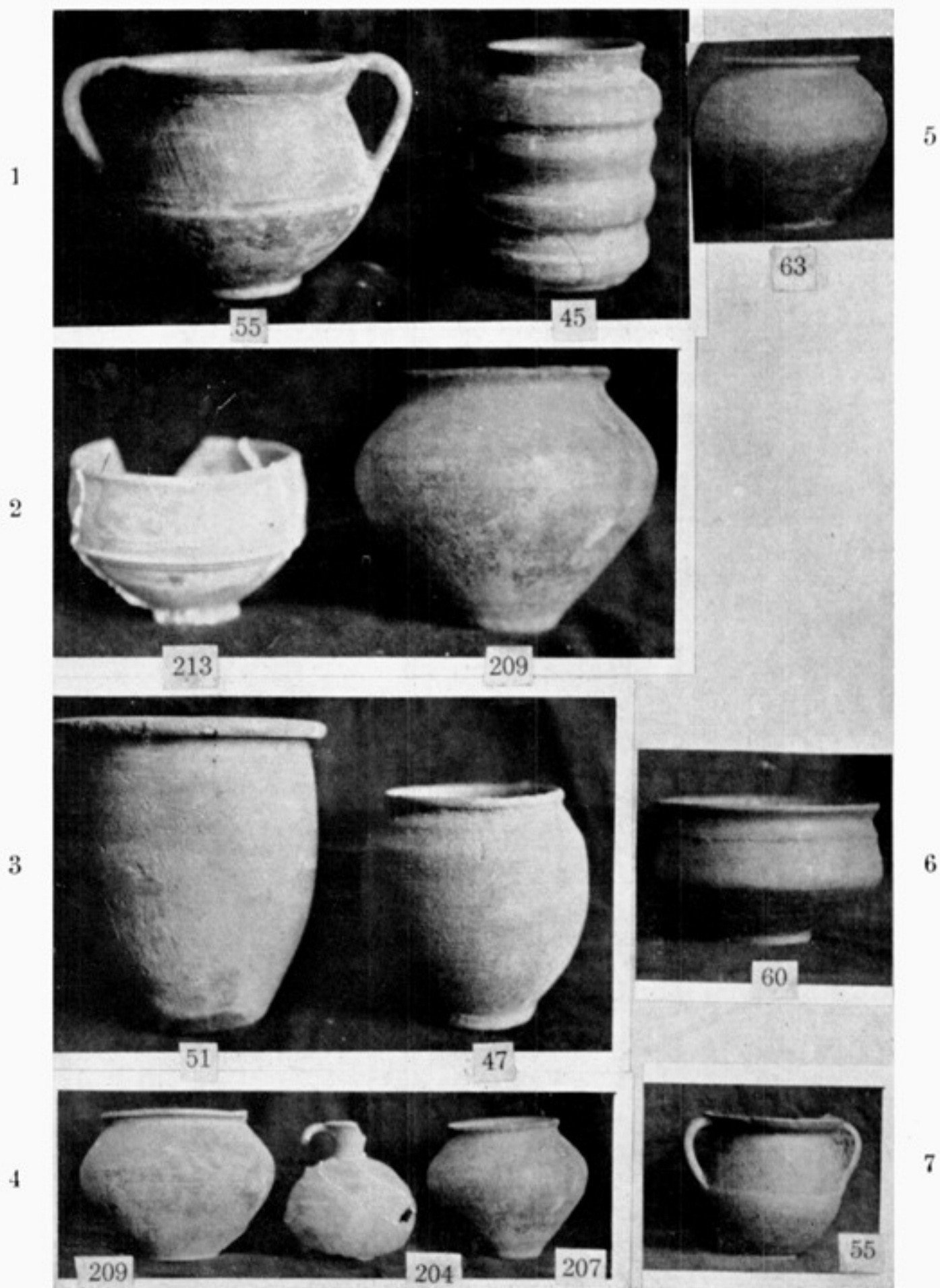
1



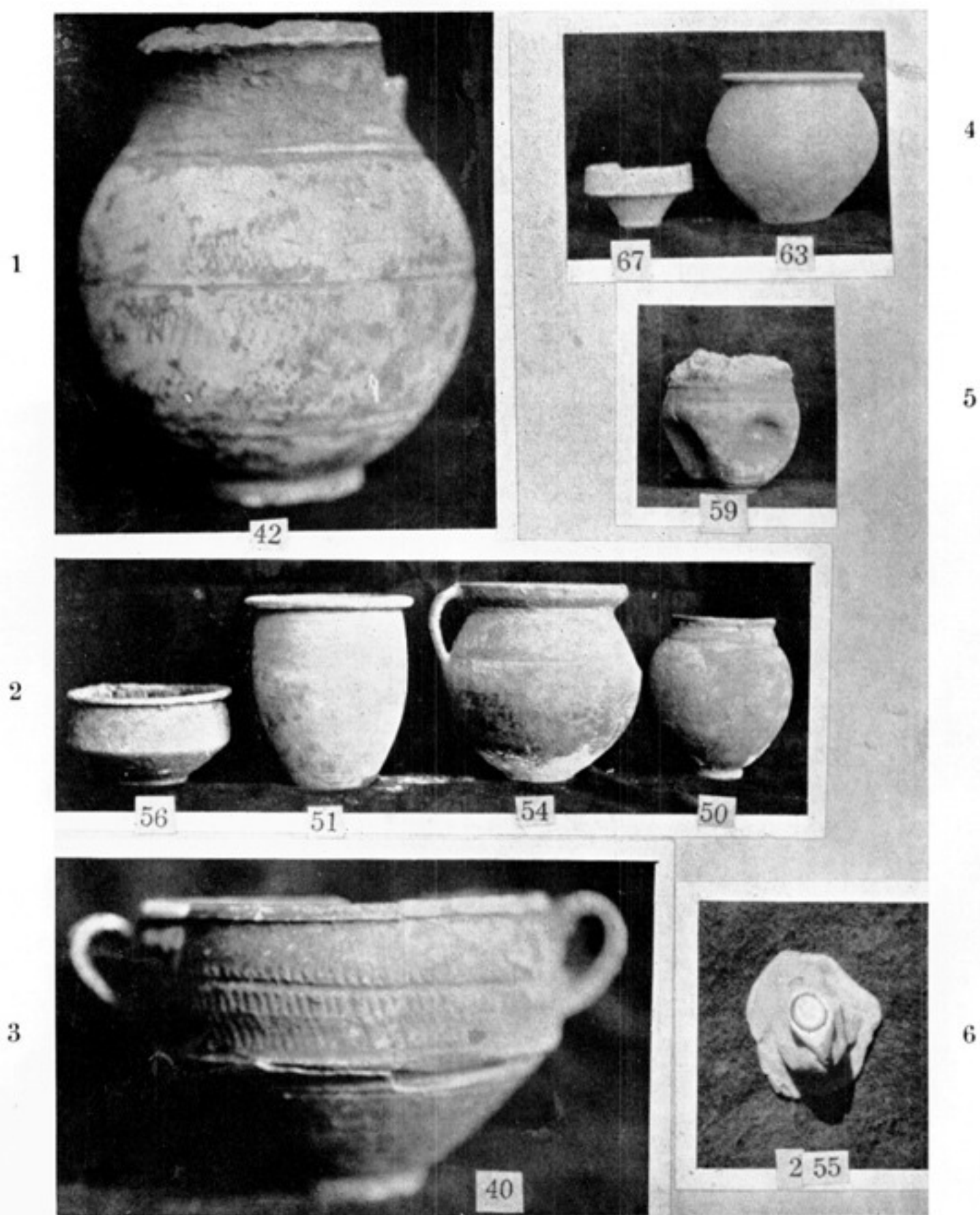
2



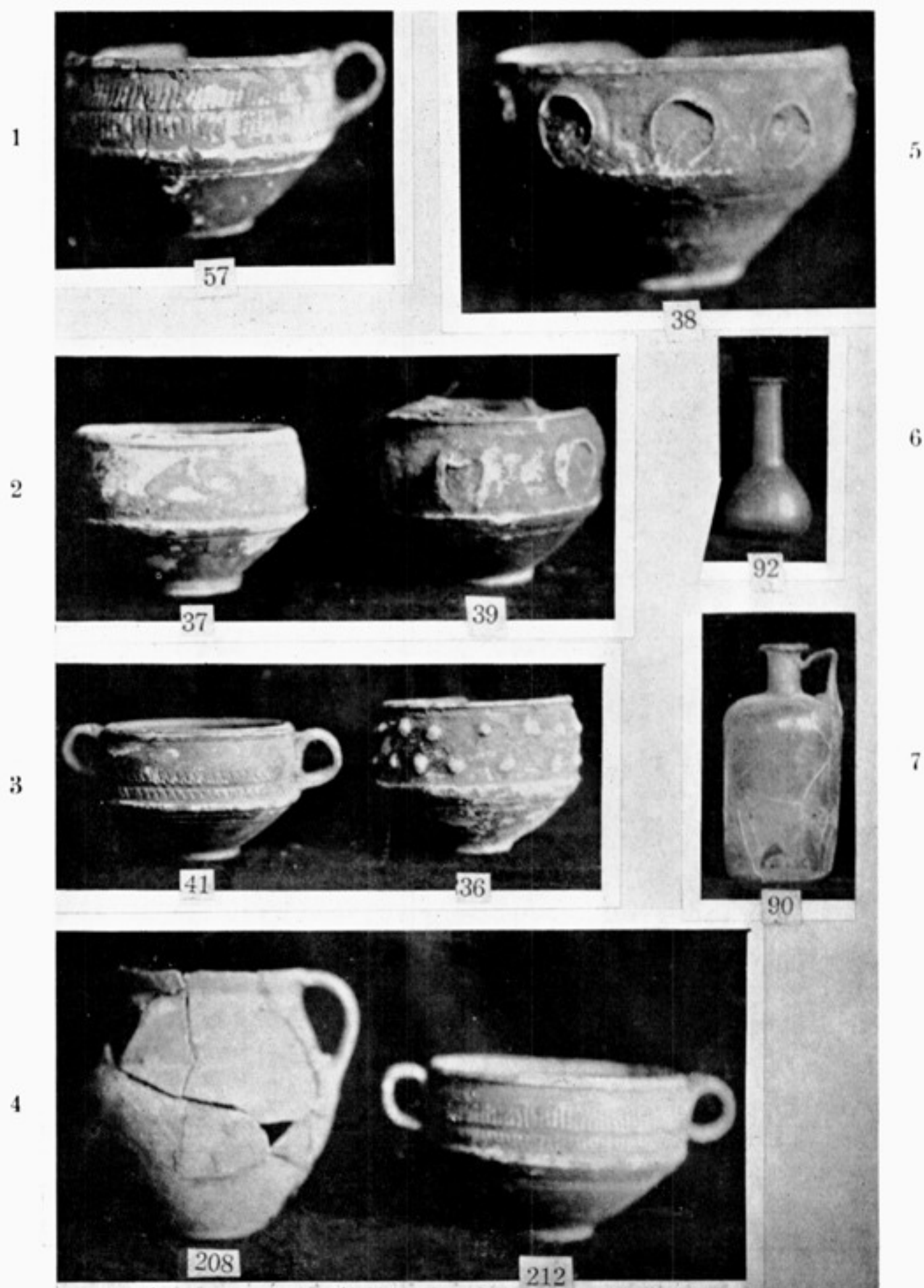
Campo de urnas da Horta das Pinas.
1 — Pedras que formavam a protecção de uma das tumulações. 2 — Tumulação coberta por uma pequena laje.



Cerâmica: N.ºs 1, 3, 5, 6 e 7 — Horta das Pinas.
N.ºs 2 e 4 — Herdade do Padrão.



Cerâmica: 1 a 5 — Horta das Pinas; Anel de prata:
6 — Herdade do Padrão.

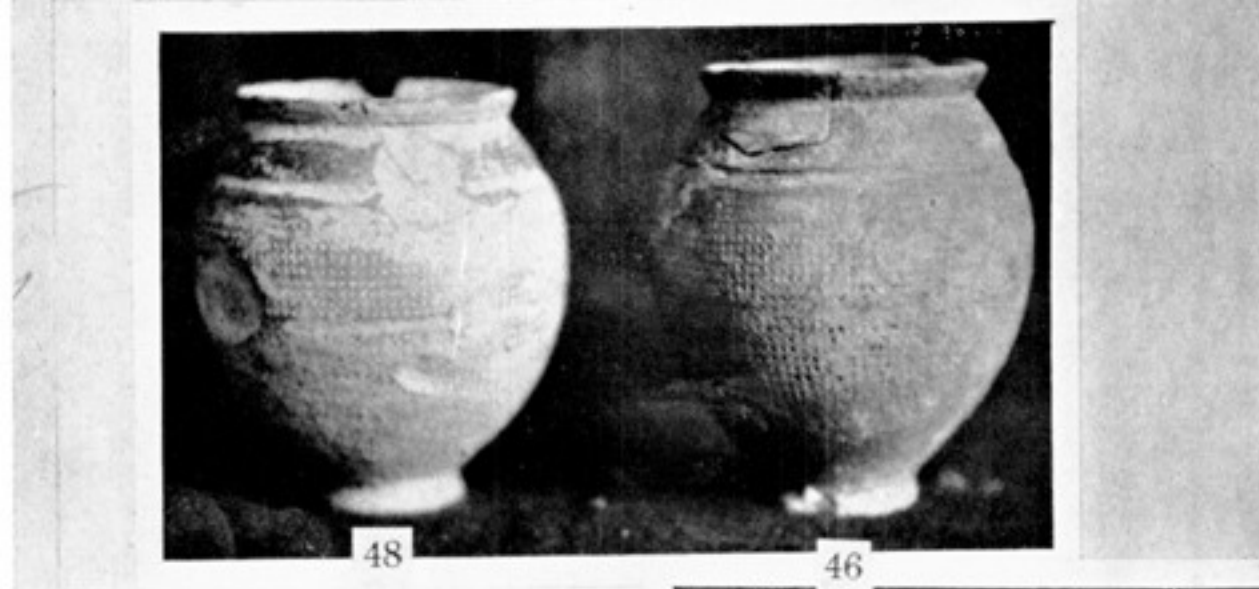


Cerâmica: N.ºs 1, 2, 3 e 5; Vidros: 6 e 7 — Horta das Pinas. N.º 4 — Herdade do Padrão.

1



2



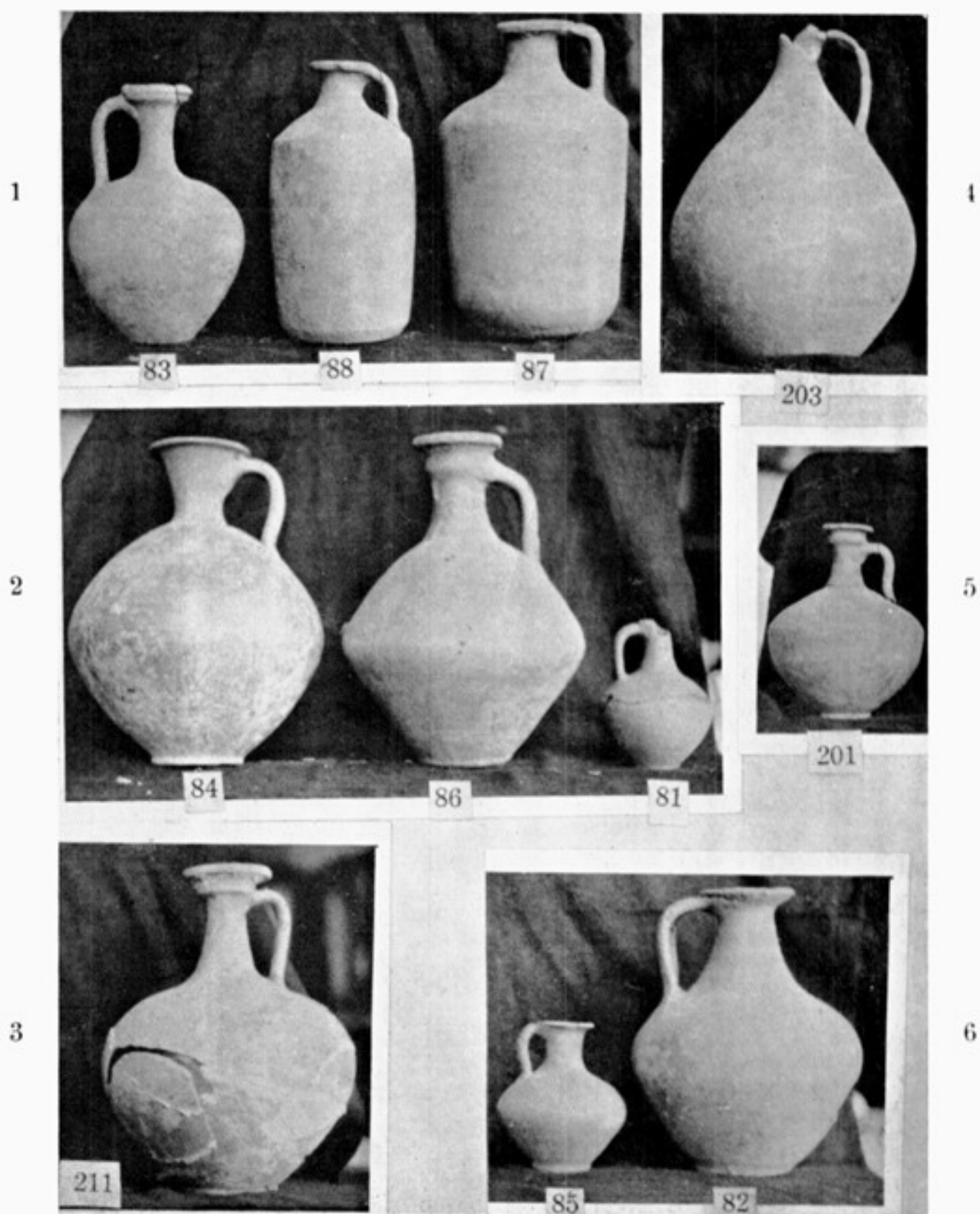
3



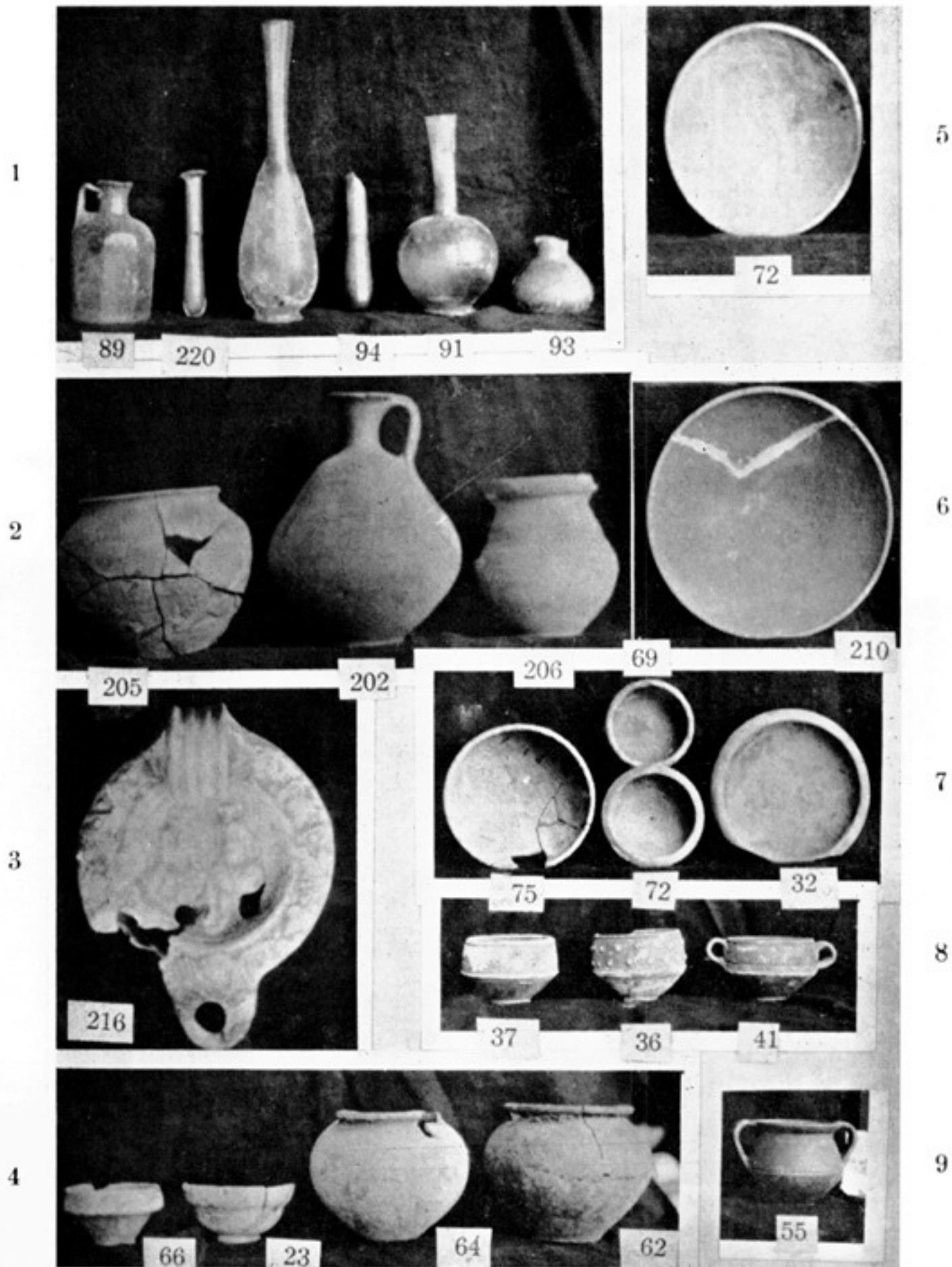
4



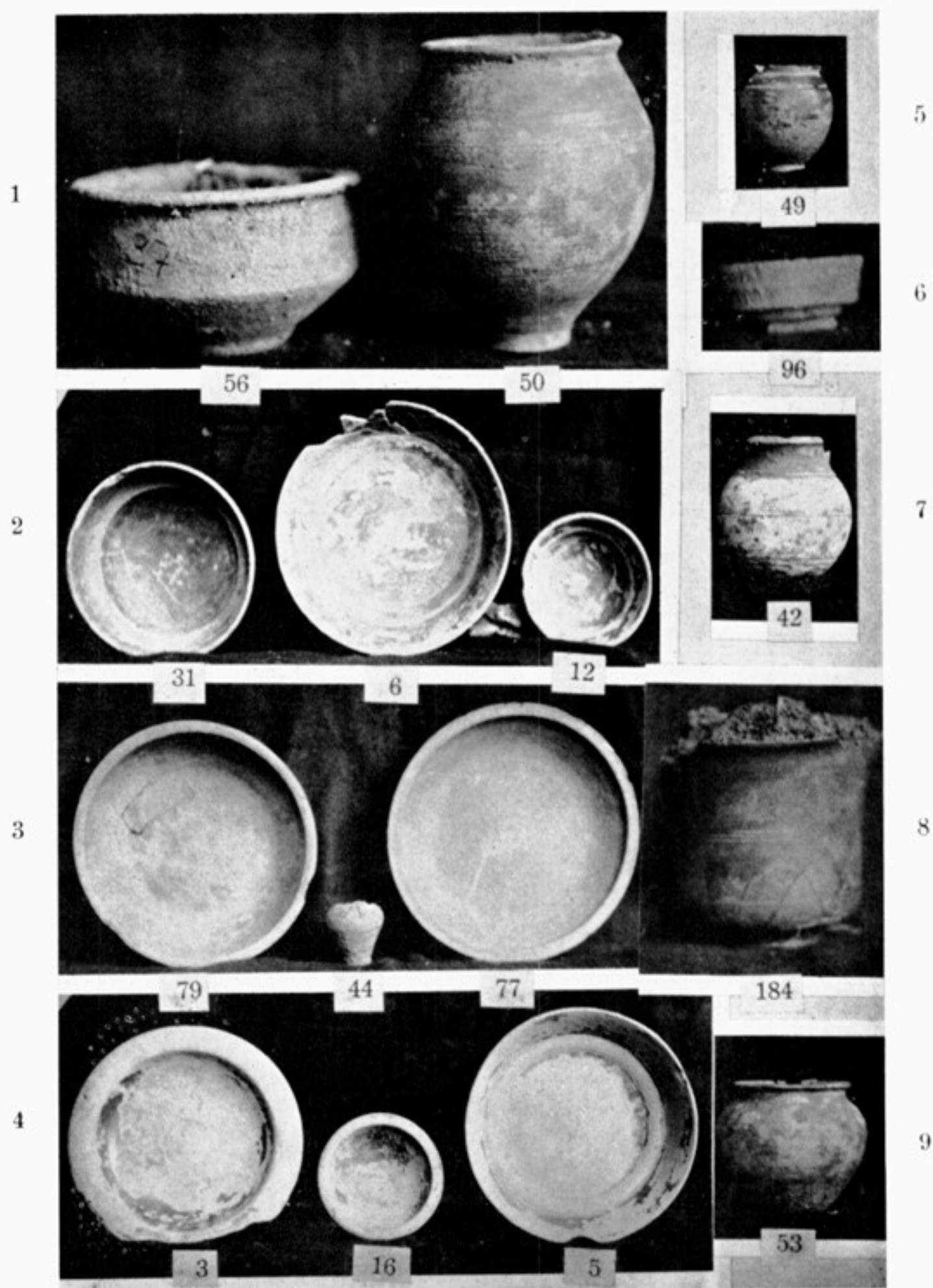
Cerâmica: Horta das Pinas.



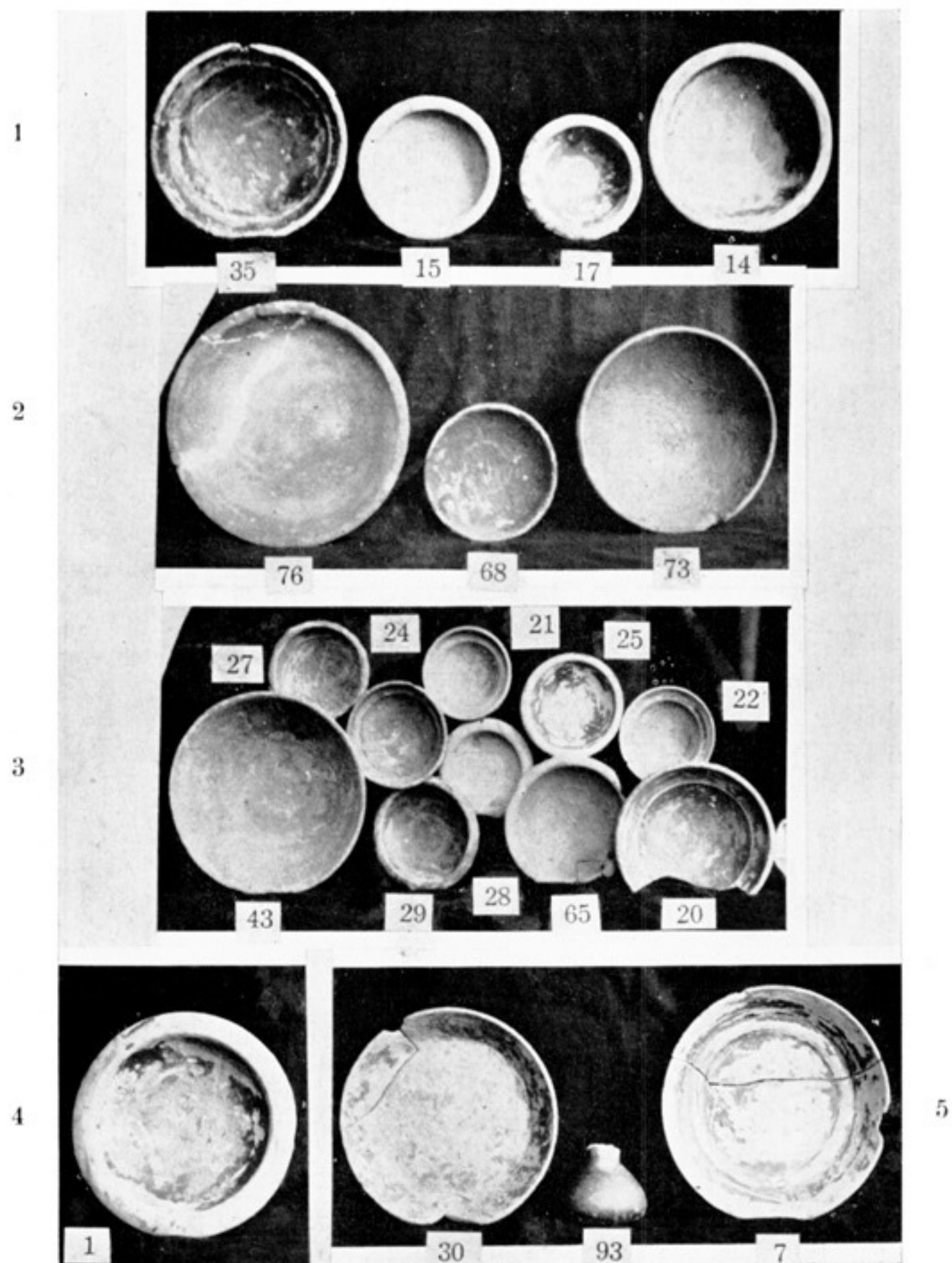
Cerâmica: N.^{os} 1, 2 e 6 — Horta das Pinas.
N.^{os} 3, 4 e 5 — Herdade do Padrão.



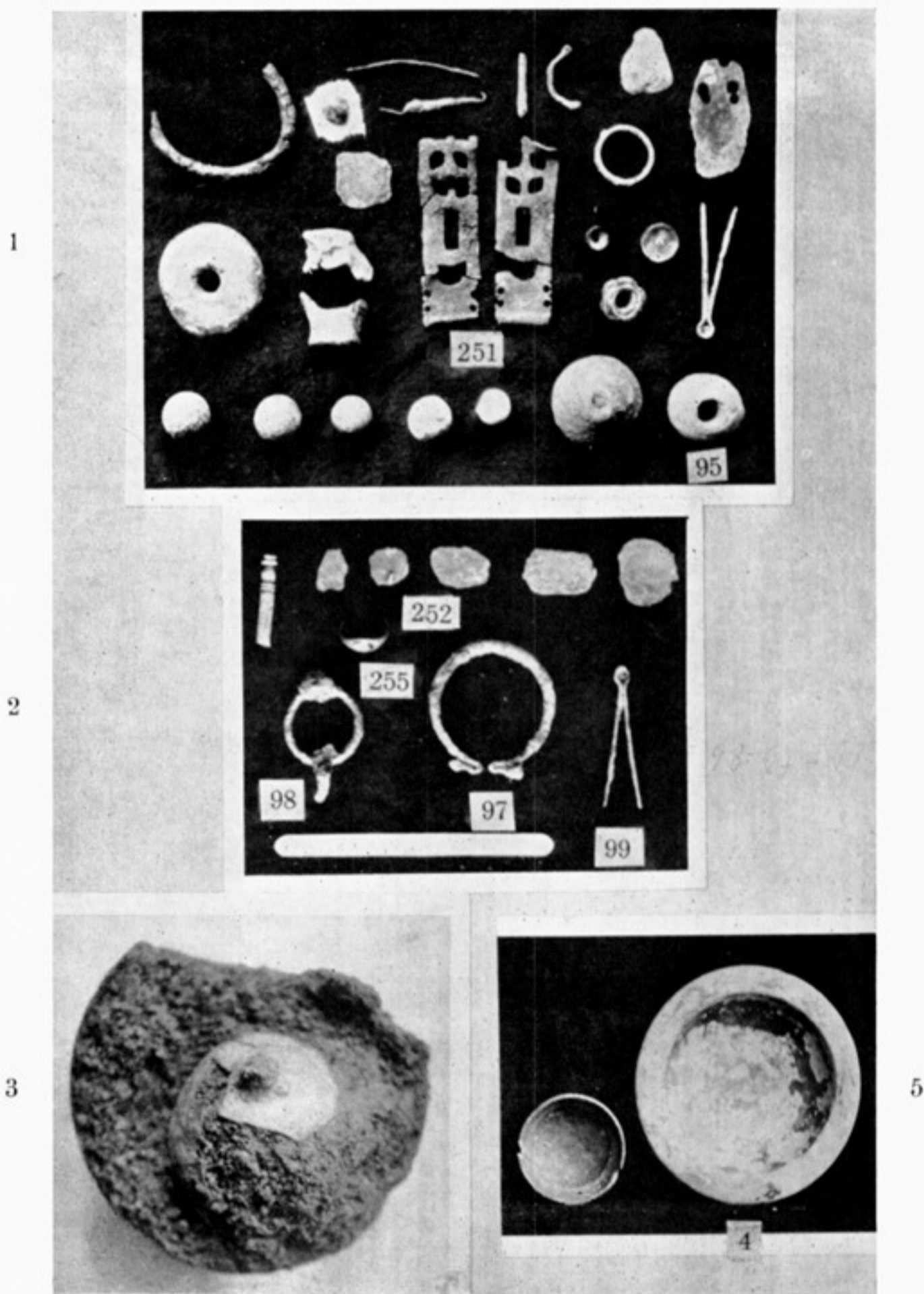
N.º 1: Vidros (a contar da esquerda): 1.º, 4.º, 5.º e 6.º — Horta das Pinas; 2.º — Herdade do Padrão; 3.º — Herdade da Chaminé. Cerâmica: 3, 4, 5, 7, 8 e 9 — Horta das Pinas; 2 e 6 — Herdade do Padrão.



Horta das Pinas. O n.º 6 é um pequeno recipiente de bronze.

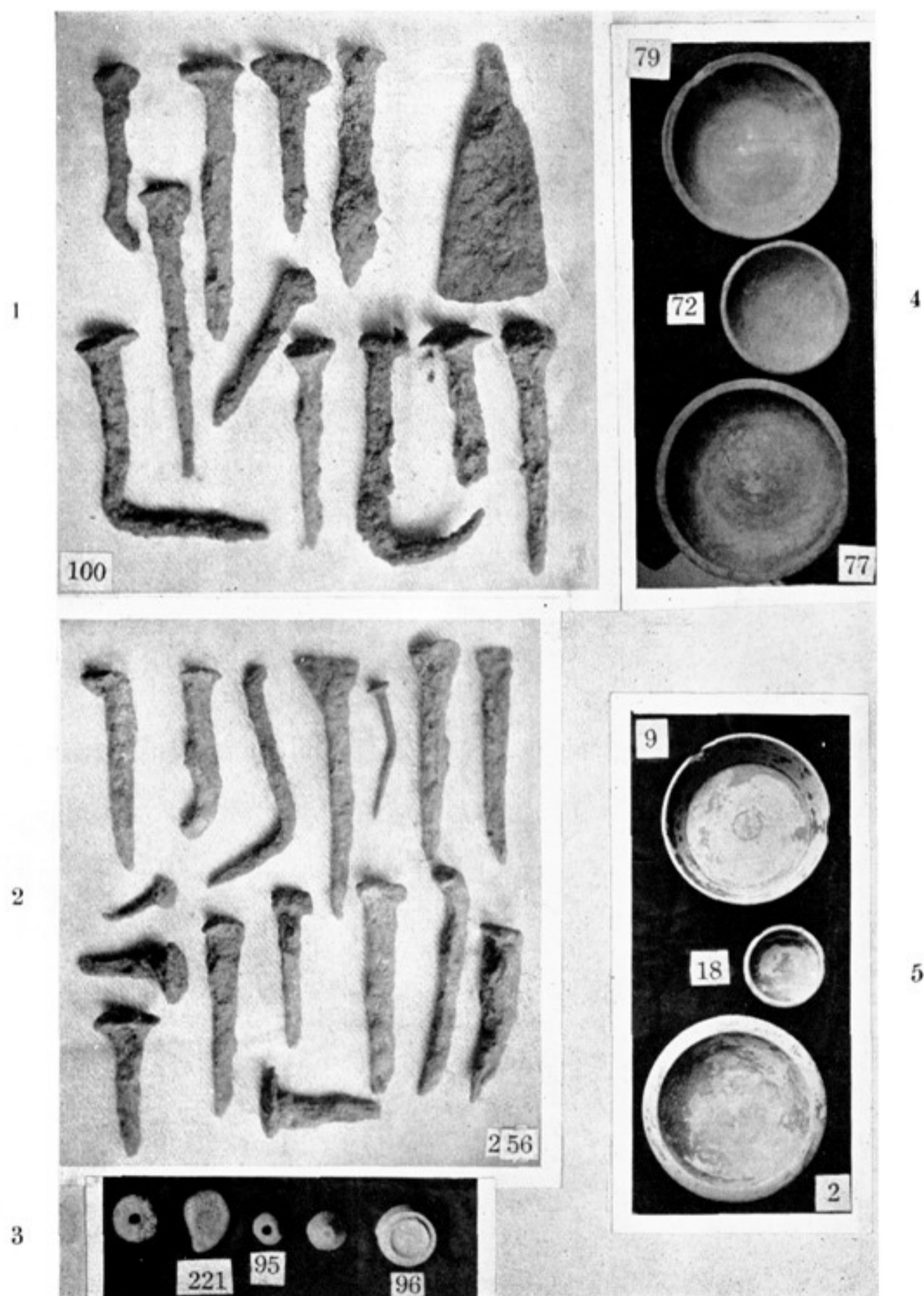


Horta das Pinas. A meio da fot. n.º 5 está um pequeno frasco de vidro, a que falta parte do gargalo.



N.º 1: No ângulo inferior direito, um cossoiro e, pela parte superior deste, uma pinça de bronze, da Horta das Pinas. N.º 2 — (fila superior: parte de um alfinete, de osso, e pequeninas placas de bronze, da Herdade do Padrão; fila inferior: fíbulas e pinça de bronze, da Horta das Pinas). N.º 3 — Vaso de barro, com seu conteúdo de terra e cinzas e, metido nestas, um copo de vidro, invertido e fragmentado, da Herdade do Padrão.

N.º 4 — Cerâmica, da Horta das Pinas.



N.º 1 — Pregos e formão, de ferro, do campo de urnas da Horta das Pinhas. N.º 2 — Pregos, de ferro, da necrópole do Padrão. N.º 3 — (Da esquerda para a direita: 1.º e 4.º — Cossoiros da Chaminé; 2.º — Quartzite rolada, cordiforme, da sepultura n.º 9 do Padrão; 3.º — Pequeno cossoiro da Horta das Pinhas; 5.º — Recipiente de bronze, da Horta das Pinhas). N.ºs 4 e 5 — Cerâmica, da Horta das Pinhas.



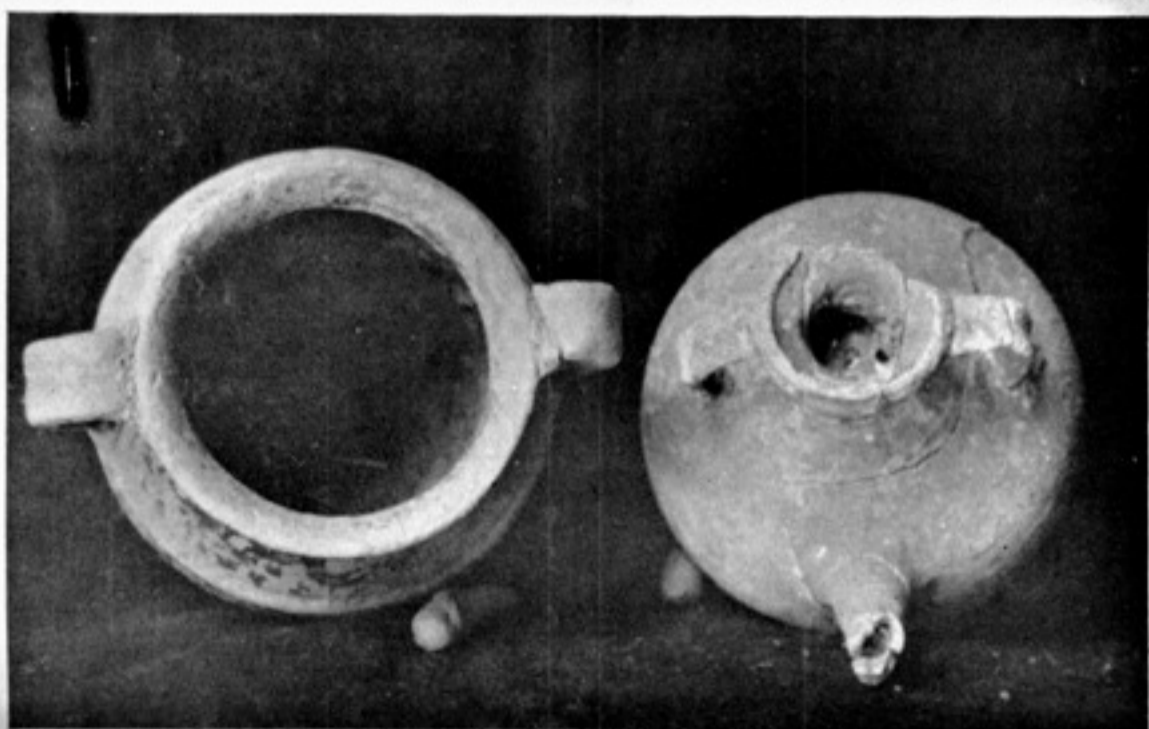
Vidros da Horta das Pinas.



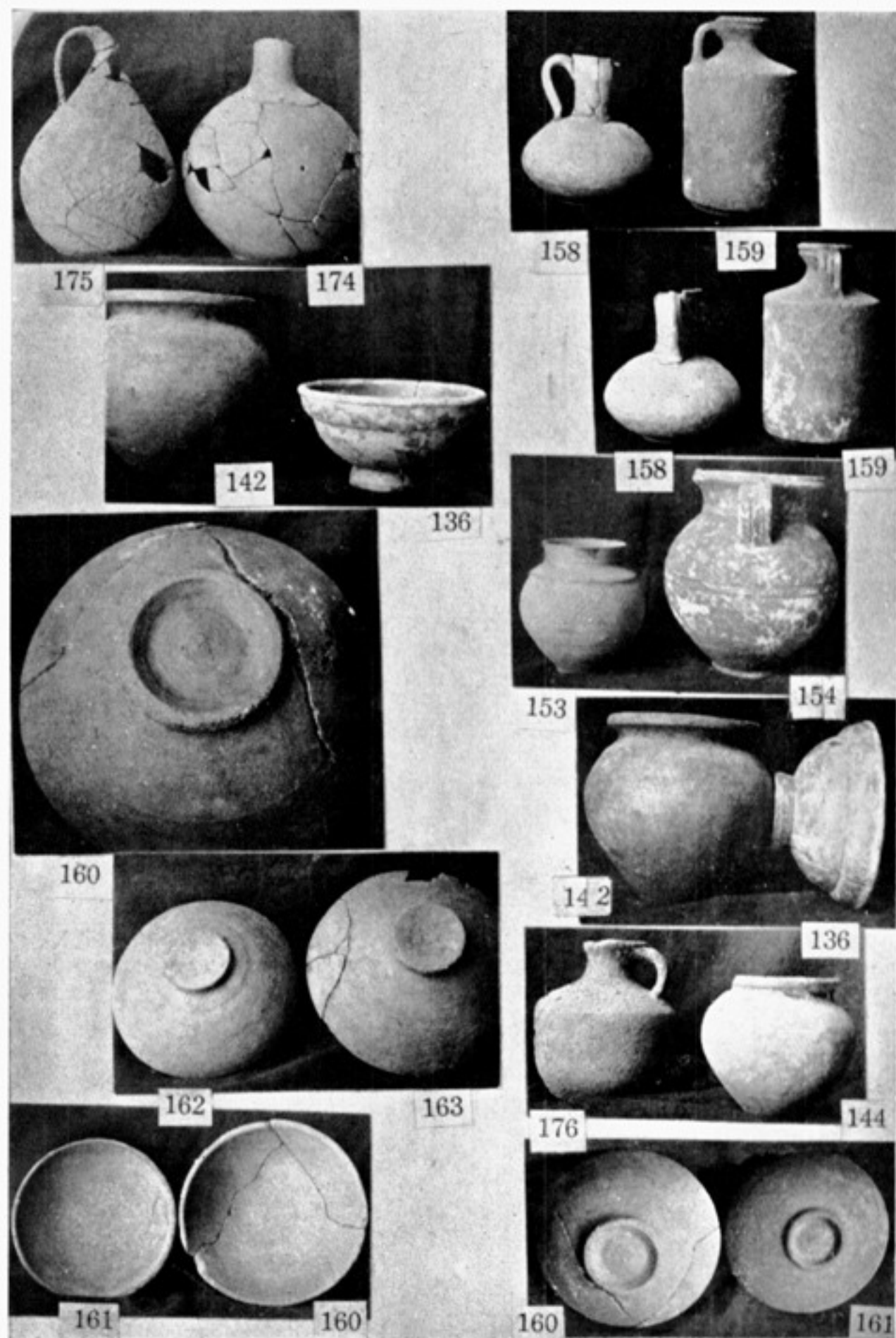
Cerâmica da Horta das Pinas.



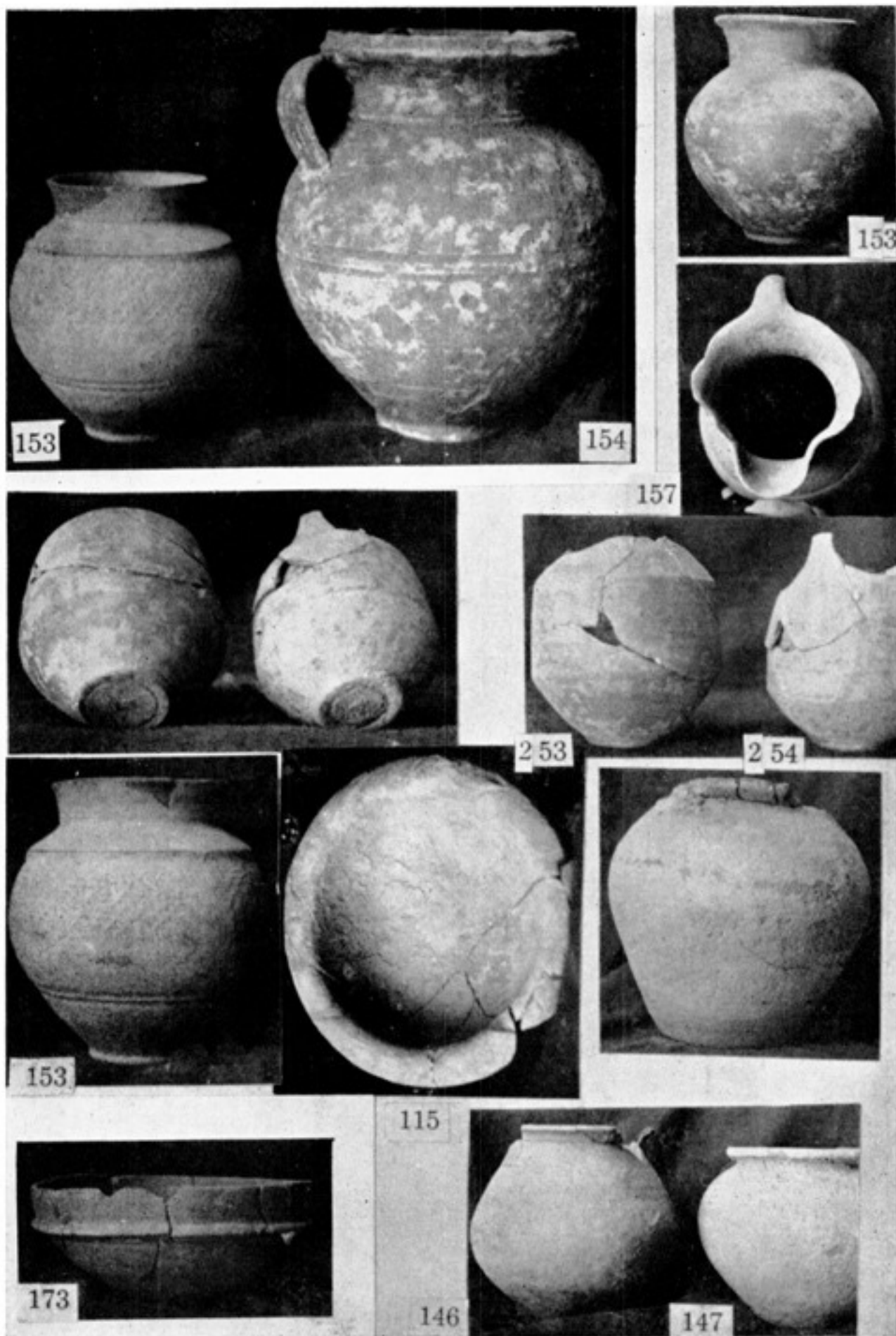
Cerâmica da Horta das Pinas.



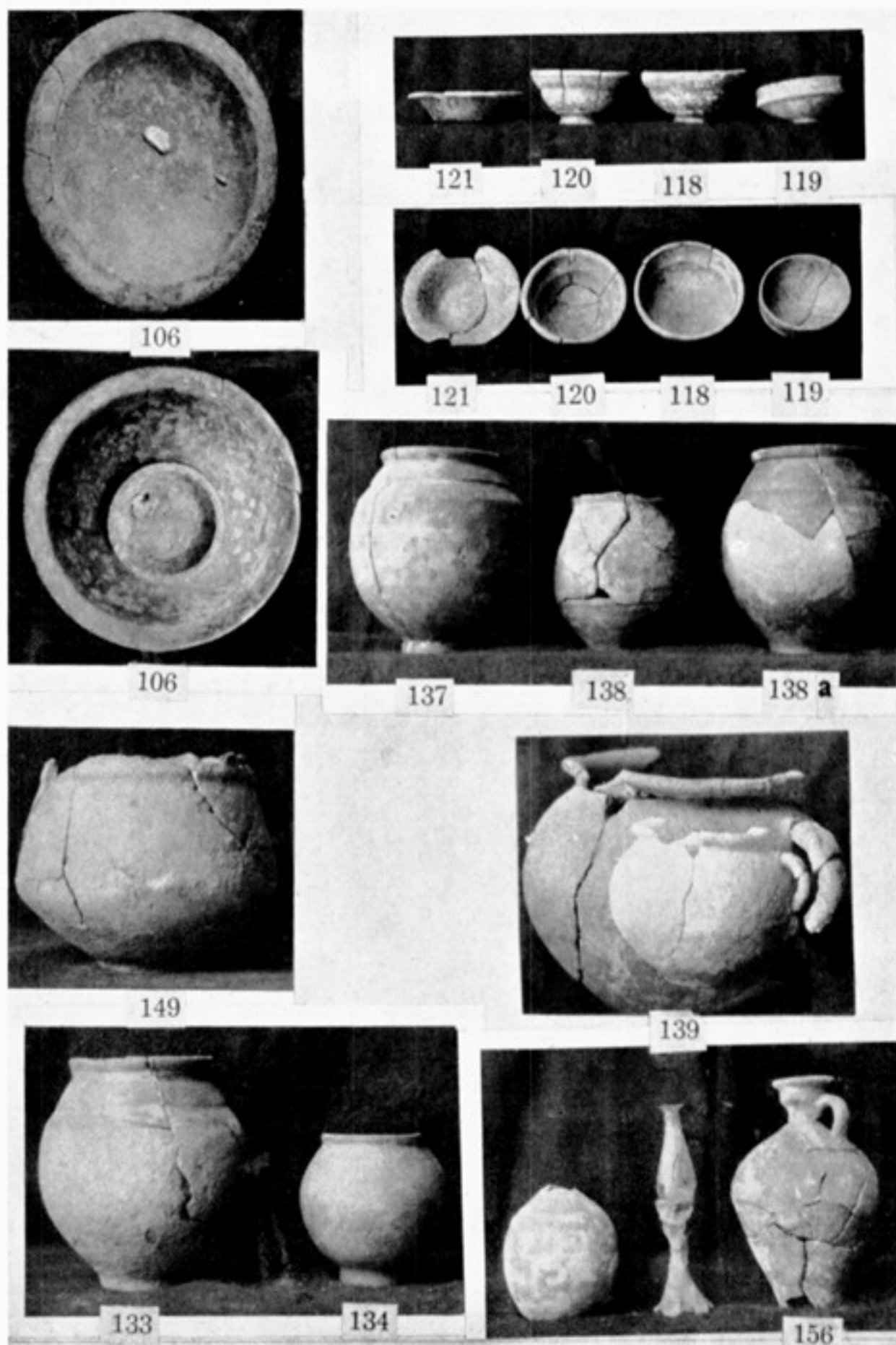
Cerâmica da Horta das Pinas.



Cerâmica da Horta das Pinas.



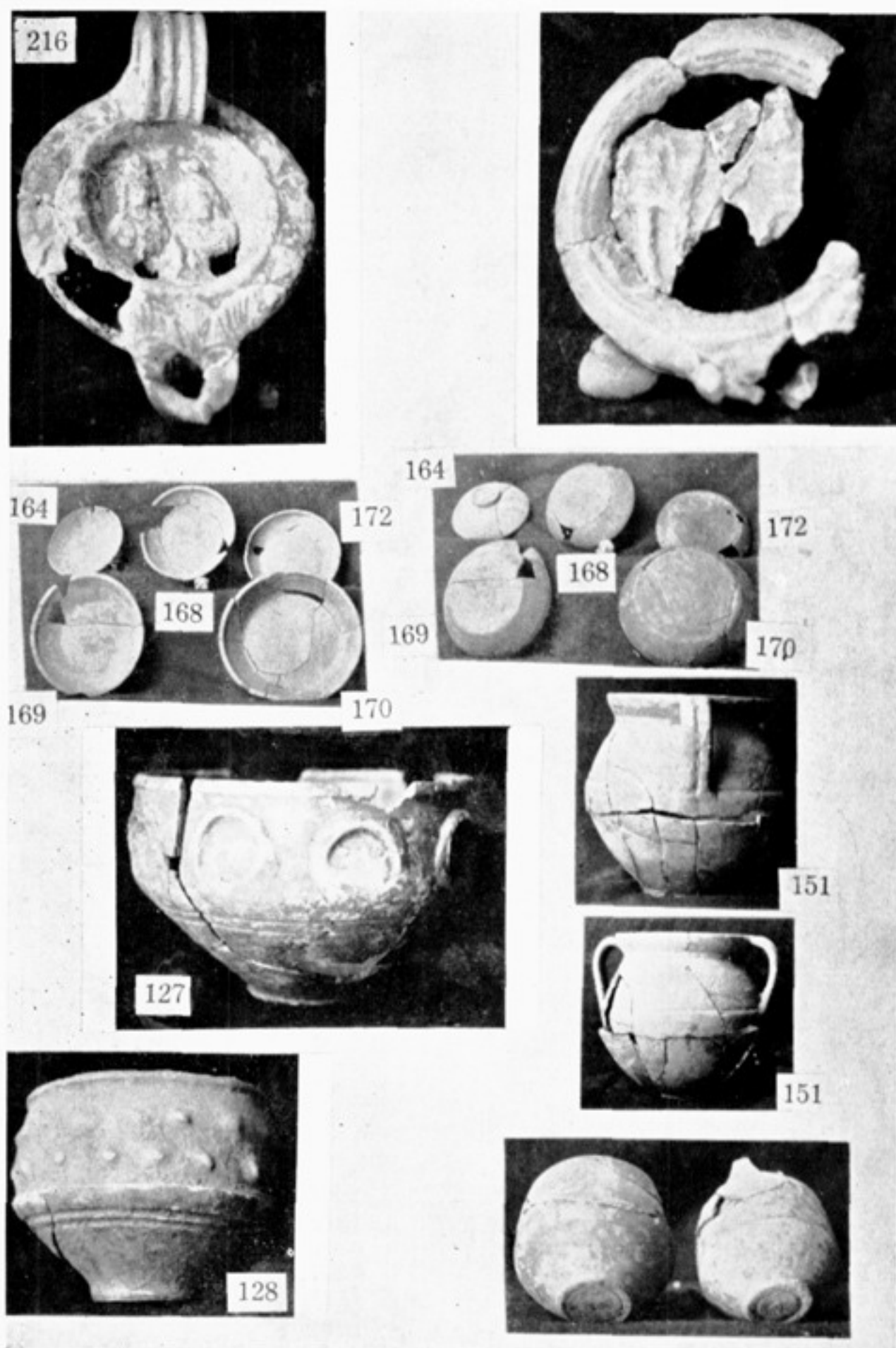
Cerâmica da Horta das Pinas.



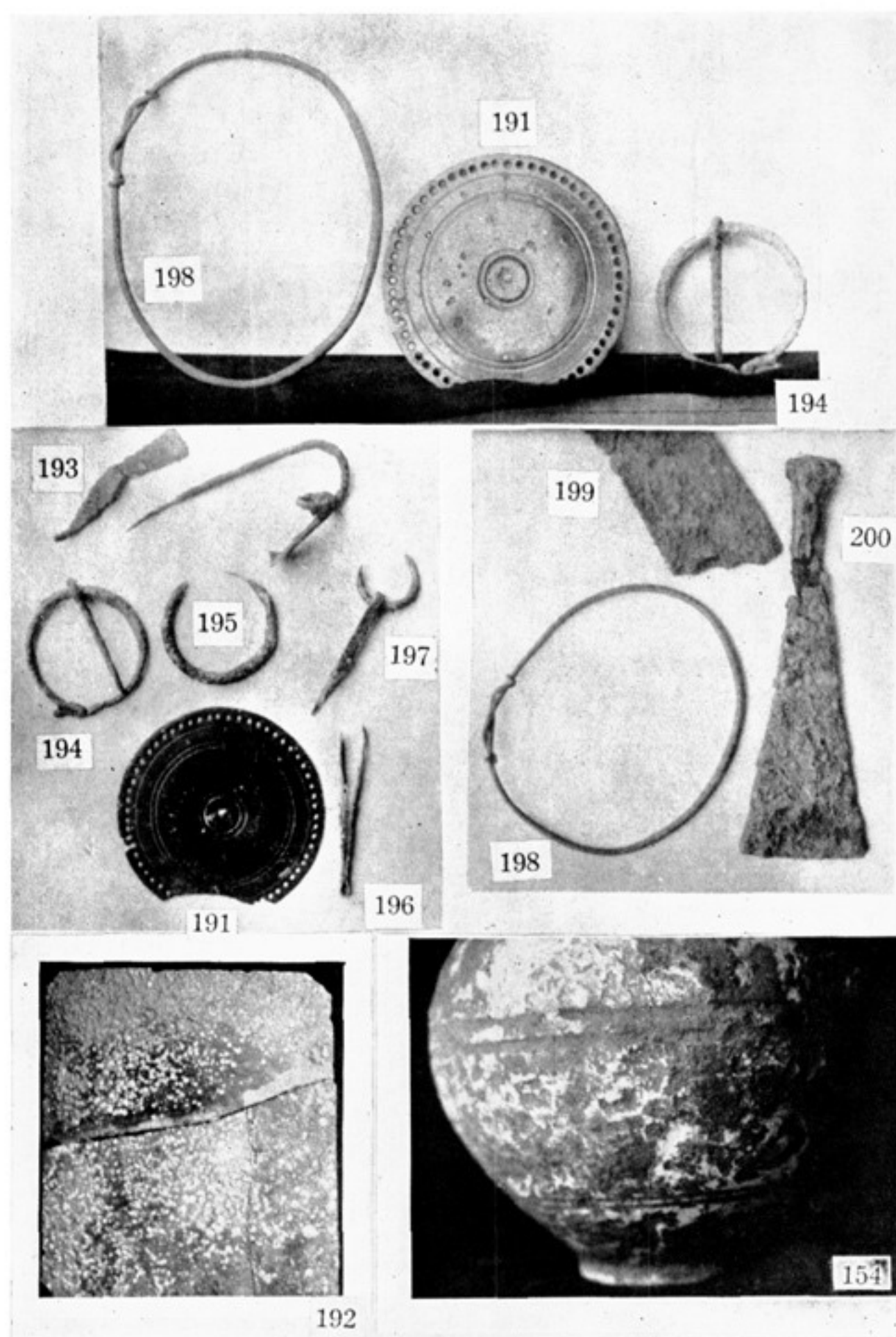
Cerâmica da Horta das Pinas.



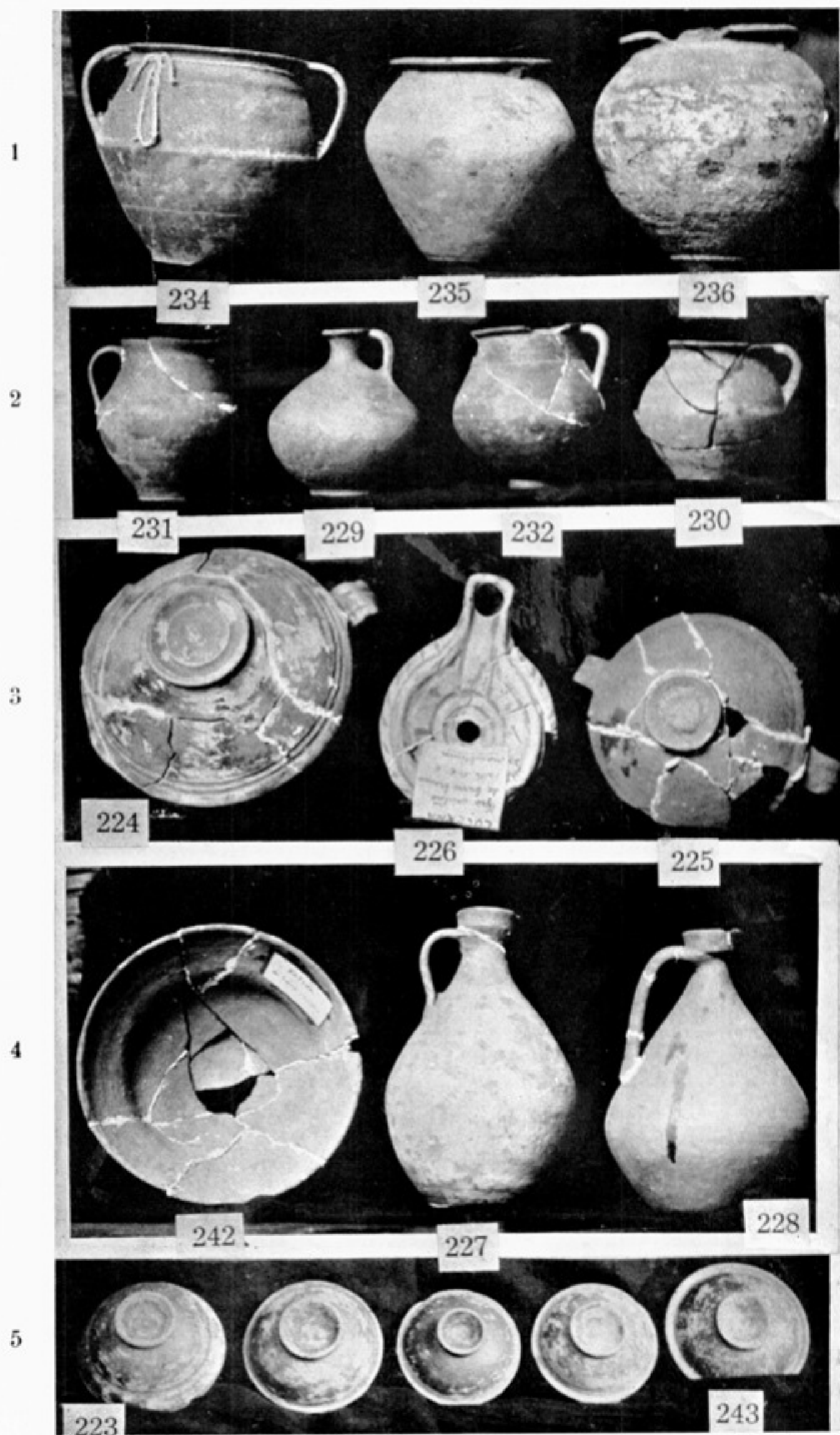
Cerâmica da Horta das Pinas.



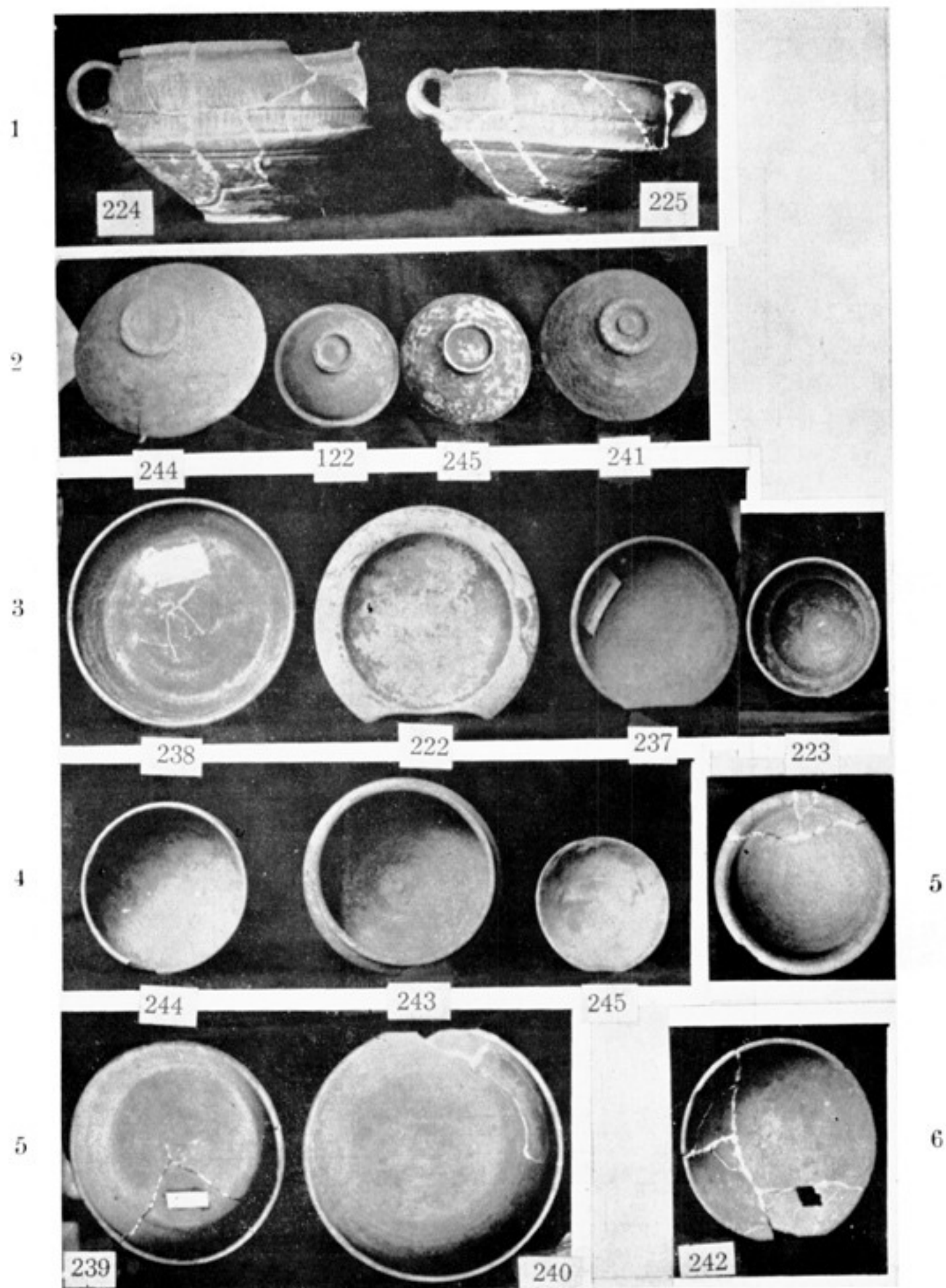
N.º 216: Lucerna da Herdade do Padrão; A — Fragmentos de lucerna da Herdade da Chaminé; O restante é da Horta das Pinas.



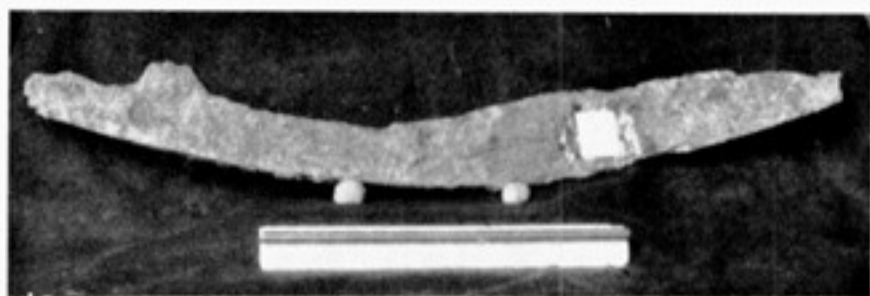
Pulseira de prata, fivelas e fibula de bronze, pinça; escopro ou formão e fragmento de serra, de ferro (n.ºs 200 e 199); espelhos (circular, n.º 191, e rectangular, n.º 192); pormenor de uma vasilha pintada — da Horta das Pinas.



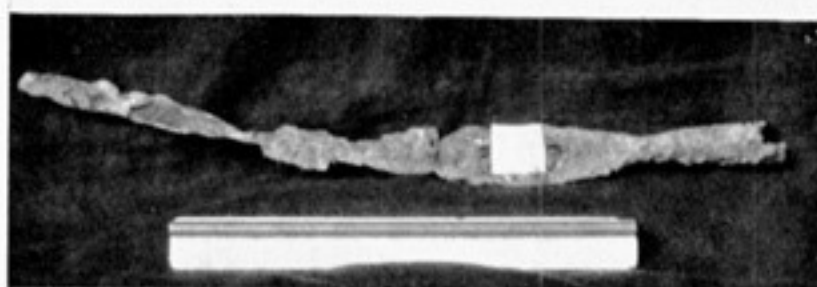
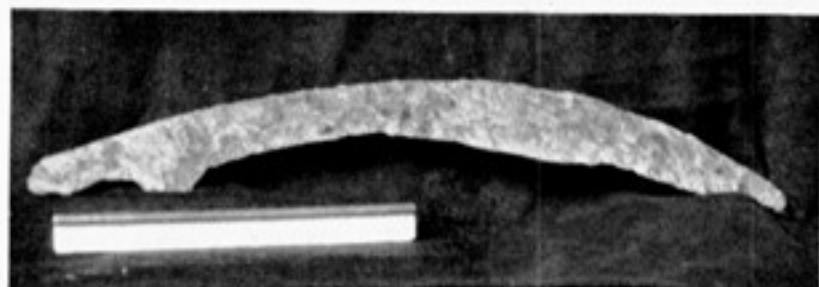
Cerâmica: Herdade do Padrão.



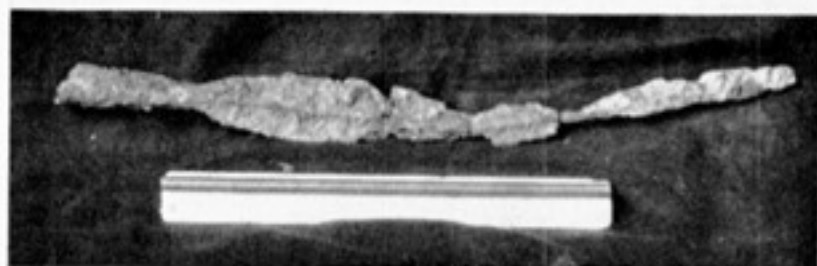
Cerâmica da Herdade do Padrão.



246



247



*Falcata e ferro de lança — do «Monte»
da Cardeira.*

MONTE DA CARDEIRA

- 246 — *Falcata*. Achada dentro de uma sepultura, junto de uma urna que foi destruída pelos achadores. Dimensões actuais: comprimento axial — 0^m,376; comprimento seguindo a curvatura — 0^m,459.
- 247 — Ferro de lança. Achado junto da *falcata*. Comprimento actual — 0^m,505.

ADITAMENTO

HORTA DAS PINAS

- 248 — Frasco de vidro, de secção aproximadamente quadrada, com uma asa. Fragmentado mas quase completo. Lado, na base — 0^m,076; alt. — 0^m,160.
- 249 — Frasco do mesmo tipo e nas mesmas condições que o anterior, porém muito atarracado. Lado, na base — 0^m,069; alt. — 0^m,084.
- 250 — Frasco do mesmo tipo. Faltam-lhe a asa, o gargalo e grande parte do flanco. Lado, na base — 0^m,054; alt. actual — 0^m,070.
- 251 — Fivela de cobre, com ornato vasado.

HERDADE DO PADRÃO

- 252 — Série de pequeninas placas de bronze, constitutivas de um adorno corporal, ou do ornato de qualquer objecto.
- 253 — Vasilha de barro negro, de corpo cilíndrico e tronco-cónica tanto na parte superior como na inferior. Fragmentada mas quase completa. Falta-lhe a boca. Diâm. máx. — 0^m,060; alt. actual — 0^m,067.
- 254 — Vasilha idêntica à antecedente, mas diferindo na parte superior. Fragmentada. Falta-lhe a maior parte da boca. Diâm. máx. — 0^m,063; alt. — 0^m,072.
- 255 — Um anel de prata baixã, com uma pedra azul, elíptica. A pedra tem gravada a figura de uma deusa (?) reclinada no solo, com um pequeno quadrúpede em frente (cabra? cervo?). Serviu de sinete, pois o gravado é um negativo. Falta parte do aro. Diâm. do aro — 0^m,019; eixo maior da pedra — 0^m,6075.
- 256 — Uma porção de pregos de ferro, na máxima parte grandes.

THE GOLDEN AGE OF PORTUGAL IN INDIA

«On the way back the mariners came in sight of the great cape they were seeking, and on account of the dangers and storms they had passed through in doubling it, Dias called it the Stormy Cape, but King John (1) changed the name to that of the Cap of Good Hope, because it gave promise of the discovery of India.» Voyage of Bartholomew Dias about 1488.

«The opening of the Cape route..... led to the acquisition by Portugal of a dominion founded on the command of the Indian Ocean.»

«On 20th May the Fleet dropped anchor off Calicut and The Portuguese had reached the land of wealth abounding.» First voyage of Vasco da Gama 1495 (2).

In the early years of the XIV Century there grew to manhood one of the most remarkable figures in the history of mediaeval Europe, whose «Life of indomitable perseverance and self-denying energy to the interests of his country..... raised Portugal to a pinnacle of fame.»

This was Dom Henrique, son of Dom João I and Philippa of Lancaster, half Portuguese, half English by his birthright, who from his Naval Arsenal, the Villa do Infante at Sagres, first sent forth his gallant caravels, manned by adventurous seamen, on voyage after voyage of discovery of the Unknown World and to christianize the infidel. For at heart he was a crusader and to what better purpose could he devote the immense revenues of the Order of Christ, of which he was Grand Master, as well as his own great gifts of vision and inspiration; his «Talent

(1) Dom João II.

(2) *The Portuguese Pioneers*, Edgar Prestage.

de bien faire.» That his song of enterprise and endeavour should be one for Tomorrow was inevitable, and that the first fruition of his labours could not be attained by the Portuguese till he had been dead for nearly forty years.

When that morrow came and Dom João II was King of Portugal, Bartholomew Diaz, by rounding the Cape of Good Hope, had slain the mythical monster supposed to guard it and proclaimed an open way to the Indies. In the next reign, of King Manoel, Vasco da Gama had anchored off the wealthy port of Calicut.

Yet much of the credit of all this aforesaid great adventure is due to João Peres de Covilhão, a man of Beira, who was the first European to set foot on Indian soil. He had learned Arabic in Barbary and in 1488, financed by the King of Portugal, he set forth on his long and perilous journey, via Barcelona, Naples and Rhodes to Alexandria, whence he sailed in a small Arab barque to Aden. There he found what was known as a «Mecca» ship in which he reached Cananore on the Malabar Coast. He then travelled on to Calicut and penetrated as far as Goa. By his long association with Arab merchants and knowledge of their language, Covilhão became acquainted with valuable information as to the nature of their trade and trade routes. Of this he sent a full report to his own country by a Jew shoemaker and duplicates, later on from Ormuz, his next destination, by Rabbi Abraham. It was clear from these that if the Portuguese ships, that traded with Guinea, would sail on further to Sofala, they would discover the Island of the Moon⁽¹⁾ and passing into Eastern Waters must ultimately reach the Port of Calicut. The sailing directions compiled from Covilhão's experiences and notes, together with the Voyage of Bartholomew Diaz, were the determining factors that resulted in the subsequent expedition of Vasco da Gama in 1497-98, when Dom Manoel was King of Portugal.

(1) Madagascar.

When this daring adventurer arrived at the East African port of Melinde with his fleet of three weather beaten vessels of 370 tons burden in all, and a force of 160 men, he was kindly received by the King, who sent messages of welcome to the strangers. The Portuguese Commander had on board the 'São Gabriel' with him a Moorish broker, Davane, from Bombay, who acted as intermediary. By him, da Gama sent a courteous response and expressed his desire to trade in pepper, ginger and drugs.

An interview was then arranged on shore and the King graciously accepted some handsome gifts from the King of Portugal, to whom he swore lasting friendship. He paid a return visit to the ships and promised da Gama, who was refitting, that in three months' time, when the weather was favourable, he would procure pilots to take him on to Calicut. He could not himself furnish the merchandize required by the Portuguese, but it was obtainable in unlimited quantities at the port which, in 1498, was the most important place of trade in the whole of India.

To this day, a curious and ancient tradition of the founding of Calicut lingers on the Western Coast and in the Indian State of Travancore, where the memory of a former Lord of Malabar is still green in the hearts of his people. A tiny flame of remembrance burns day and night beside his stone cot in the palace of the Rajas at Eraniel, where Cheruman Perumál laid himself down to sleep and vanished completely and for ever. The principal religious sects of that period each claimed him as a devotee to their especial creed, which removed him thus suddenly from out his little world. Hindus declared that he had been translated, as seen by their visionaries: Buddhists that he had sought a life of solitary contemplation in the forest. But in the long run, it was the Muslims who triumphed with their legend, that Cheruman Perumál had been converted to the Muhammedan Faith and had gone to Mecca to seek the Prophet. So firmly was this theory established in Travancore that, until the accession of the present

Maharaja, it was customary for each ruler when he received the sword of state at his crowning, to declare that he wielded it only until the «return of the uncle who had gone to Mecca.» The immortal poet Camoens made due note of it in his «Lusiadas» and that the Perumál divided up his possessions amongst his kindred before he disappeared. Of these he had reserved for himself twelve leagues of uninhabited land on the shores of the Indian Ocean from whence he embarked on his pilgrimage.

Out of a feeling of devotion to him, rich Arab merchants settled on this hallowed ground, and as they preferably shipped their goods from it, much trade was diverted from Quilon. Soon was built up a large, populous city and the Port became so wealthy, it was known as one of the richest marts of India.

This was the Calicut off which Vasco da Gama found himself at last: the city of his dreams, after ten months of ceaseless and dangerous endeavour ⁽¹⁾.

The Hindu Ruler, the Zamorin, was at first disposed to be friendly and his pilot conducted the vessels to safe anchorage some thirteen miles away from the town, to one of the long stretches of quiet sea due to mud banks, for which the Malabar Coast is remarkable. At his invitation, the Portuguese landed and paid him a visit, but he was extremely annoyed that they had not brought him a present from the King of Portugal.

It was not the Hindus, however, who proved inimical, but the Arabs, whose suspicions had been aroused by advices they had received from their African friends, that the Portuguese intended to wrest from them the extensive and lucrative trade they had carried on for centuries in the Mediterranean from whence it was transmitted to Western Lands. It is however unlikely that they yet realized the

(1) July 8, 1497 — May 17, 1498 — Accounts vary: some say seventeen months.

crushing blow this would prove to the Muhammedan Power.

Another source of friendliness with the Hindus was the curious mistake made by the Portuguese in thinking them Christians. It may have been due to a confusion of ideas relative to the baby Krishna and his mother threatened with death by a Hindu Herod. The king believed himself in danger by the birth of this infant as had been predicted to him by his astrologers, the child had to be hidden away.

At first the Portuguese actually worshipped in the Hindu temples, though puzzled by the many-armed images they saw and the frescoes on the walls of strange gods. Caste regulations, dealing with food more especially, bewildered them. They could not comprehend, at first, that the Nair gentlemen, who were hostages on board their ships, must be exchanged twice daily for others that they might take their meals in accordance with their traditional customs, or they would starve.

Christianity had been established by St. Thomas as early as the 4th century on the West Coast and there were churches in plenty, for the Rajas of Cochin and Travancore have always been noted for their wonderful toleration of beliefs other than their own. St. Francis Xavier, afterwards Patron Saint of the Indies, appreciated this fully and allied himself with Udaya Martanda Varma Raja to withstand a raid on Travancore by the Viceroy of Madura (1).

When the enemy approached, says tradition, St. Francis walked towards them alone, holding aloft his crucifix and «In the name of God the Terrible», he commanded them to halt. They complied with his order for, said they, «a giant clad in black confronted them, so that they could not proceed and the light of his countenance was so res-

(1) 1545.

plendent, they were blinded.» Panic seized the army of the Nayaka and the men fled in disorder.

It had been better worth while for Portuguese dominion in India and possibly have prolonged the Golden Era of Portugal in the East, if the troops of priests and monks who accompanied succeeding expeditions, had emulated the spirit of St. Francis Xavier. It must, of course, be remembered that they were bound by their vows of obedience to Rome to carry on the great work of evangelizing the heathen.

The danger from this, into which the country drifted, was foreseen by Simão Botelho, a faithful, honest and devoted servant of Portugal, a Comptroller of Revenue. He warned King João III of it in letters which were directly to the point and entirely straightforward. In one, written in 1552, he said: «The religious in this country desire to spend so freely and give so many alms at the expense of your revenue, that a large part of it goes in this and the country round Bassein is depopulated. I believe they act from the best motives and that Our Lord and Your Highness are well served; but there seems to be a means which might be the best course, as there are some who want to force people to be christians and who worry the Hindus so that people fly from the land.»

One immediate cause of this depopulation was the enactment of a law, which enabled the State to take over the minor children of any infidel who died and bring them up as Christians. Many mothers, whether Muslim, or Hindu, preferred to kill their offspring.

It was not only Muslims and Hindus, who stood in need of conversion, but also the Syrian Christians, for their faith had been permeated by Nestorian heresies and the Portuguese found them «in need of direction»: moreover they must be brought under the jurisdiction of the Papal See.

Before the Syrian leaders could be crushed with the aid of the Inquisition, established at Goa, and by the dras-

tic action of Archbishop Menezes, who burnt the ancient liturgies, documents and manuscripts, one hundred years had passed away (1).

Throughout the whole of that century, the Arabs, or *Moors* as the Portuguese called them, fought for ever and to the death against the European invaders. In this connection, it is interesting to note that from the most ancient times there had been settlements of Muslims on the Coast who were known to the Indians as 'Moor Men.'

The Arabs called in the aid of the Turks as good Muhammedans and Venice allied herself with them too; well aware that the Portuguese were wresting from the Republic as well as from the Muslims, a monopoly of Western trade. A complete revolution had been effected in the commerce of Europe and Portuguese Kings had assumed the proud title of «Lords of the Conquest, Navigation and Commerce of Ethiopia, Arabia, Persia and China.»

Vasco da Gama's first expedition was followed by one on a far grander scale, in 1500, commanded by Pedro Alvarez Cabral. His ships were larger than da Gama's and his fleet consisted of thirteen vessels armed with artillery. Also, on this occasion, magnificent presents were provided for the Zamorin of Calicut, who had been so disgruntled that the King of Portugal had omitted to send him gifts in 1498.

This proved to be a most helpful measure towards the conclusion of a treaty of peace and friendship between the two Kings, and Cabral was permitted to establish a factory at the Port with seventy European hands under the control of Ayres Correa.

In spite of this, an intermittent war was started between the Portuguese and Moors, which the Zamorin was powerless to stop. Pressure was brought to bear upon him by both parties and he found himself between the devil and the deep sea. The Muslims burnt the factory and

(1) 1599.

killed Correa and fifty three of his men, whilst Cabral destroyed their ships to the number of about fifteen and sailed away to Cochin.

Arrived at that «long, low, sandy island covered with cocoa-nut trees and divided by a deep river», the Portuguese found a welcome awaiting them and the Raja sent a message that spices were to be had either for cash or exchange in merchandize. A factory was placed at their disposal and Gil Barbosa was left there as factor with six men under him. In this policy Cabral followed the practice of the Phoenicians, who had agencies in all the lands wherewith they traded.

After a hazardous journey, the adventurers arrived at Lisboa with an amazing wealth of spices of every description, and drugs, as well as rubies, pearls and other jewels.

In the meantime, King Manoel had thought his Armada had foundered and he sent out a rescue expedition of four vessels under João da Nova, who was extraordinarily fortunate. He sank five large vessels and nine *parãos* of the Zamorin's attacking fleet, which endeared him to the Raja of Cochin, rival of Calicut. He had news of Cabral's safety and found letters of advice at San Bras informing him that not only at Cochin, but also at Cananor, he would find a welcome and could take in a cargo. As he entered the latter Port he boarded and plundered a valuable ship of Calicut, and amongst the cargo found 1,500 superb pearls and three silver astrological, navigating instruments, entirely unknown to the Portuguese.

Moreover, on the homeward voyage he discovered an island which he named St. Helena for the mother of Constantine the Great as he had arrived there on May 21st ⁽¹⁾, the day consecrated to her in the calendar.

By the middle of the 16th century, so many countries, islands and coast towns, hitherto unknown to the West,

(1) 1502.

had been discovered by Portugal's bold adventurers that Camoens might well say of them «E se mais mundo hou-
vera, lá chegara.»

These two voyages and the information brought back to Portugal by the respective commanders of the expedition were of the greatest importance in arriving at some future policy, if Portugal were to continue her trade with India.

It was now a certainty that the Hindus were not Christians and that the Zamorin of Calicut and his near neighbour, the Raja of Cochin, were rivals and sworn foes. Moreover, it was clear that an annual visit of the Portuguese fleet, always attended by tremendous risk, would not suffice to maintain in Portuguese hands the monopoly of this splendid trade that had been diverted from Venice. Even before the death of Dom João II in 1495, a factory had been established at Antwerp and the cargoes that arrived at Lisboa were remarkable. The vessels were loaded with spices: pepper, ginger, cinnamon, mace, cloves and nutmeg. Drugs there were: sandalwood, verzin, wormwood, mastic, spikenard, borax, camphor, aloes, musk and civet: in all to the amount of 30,000 quintals⁽¹⁾ annually.

In the meantime Vasco da Gama had made a second expedition and had established friendly relations with Cochin, Cananore and the Queen of Quilon, to whom he presented valuable gifts. He arrived back in 1503 «with ten ships laden with very great wealth.»

King Manoel realised that agencies must be established with adequate protection en route for his ships at African ports and also on the Malabar coast to effect a systematic exchange of business and merchandize. Leaving subordinates in charge of factories there proved most unsatisfactory. The men were either murdered or burnt alive inside the buildings. He despatched Affonso de Albuquerque to erect a fortress at Cochin, where the Raja, most faithful

(1) 1 quintal = 128 lbs.

ally of the Portuguese, had been driven out of his kingdom for that reason by the Zamorin of Calicut. He was re-instated and received a reward of 10,000 ducats for his fidelity, but the incident only proved further how much more vigorous and permanent measures were needed. Conquest to protect their trade was as much forced on the Portuguese, as it was in later years on the Dutch and English.

It was decided that a Viceroy should be appointed for three years, with instructions to build fortresses at important ports and man them with sufficiently large bodies of troops. If the Indian inhabitants objected to the erection of fortifications, that would be a *casus belli* and they must be reduced to submission.

The King's first choice fell on Tristão da Cunha, who had discovered the islands that bear his name, but he was afflicted by temporary blindness and Dom Francisco d'Almeida was sent in his stead.

The first Viceroy made an inauspicious start by falling foul of the Hindus, his natural allies against the Muslims. However peace was concluded, the Fleet-Commandant of the Raja of Vijayanagara being glad enough to join forces with the Portuguese. His master was compelled to wage perpetual warfare against the Muslims and Naiteas⁽¹⁾ of the Island of Goa in order to safeguard his own trade.

D'Almeida then began his operations to establish the position of the Portuguese in India and laid the foundations of a port of stone and lime at Cananore. He passed on to Cochin, which was made the seat of Government and where he was declared Viceroy of the Indies in 1505. The Portuguese factor had already started on the building of a fortress, which d'Almeida made every possible endeavour to finish; but he was hampered by the lack of skilled

(1) Hindu converts to Muhammedanism and still more fanatical.

labour, and the commissariat was so bad that the men's health failed on a diet of rice and bananas, which was rarely varied with meat. The task was most laborious.

At the beginning of 1507 fresh troubles arose through the death of the Raja of Cananore, who had been an ally, whereas his successor was won over by the Zamorin of Calicut to join the Muslims and attack the Portuguese in the Cananore Fort.

As soon as the Captain had news of this he sent urgent messages for help to the Viceroy, who went himself from house to house to collect arms and reinforcements, which he sent off promptly under convoy of his son, Dom Lourenço d'Almeida, who returned in safety to Cochin.

The garrison was only three hundred strong and though the number was augmented by slaves, these were unreliable and too frequently deserters, carrying information to the enemy. Either by treachery, or accident, a fire broke out one night and the entire store of food was destroyed. Starvation was imminent, when the siege was raised, suddenly and most opportunely, by the arrival of Tristão da Cunha. The hardy buccaneer, having recovered his sight had sailed from Portugal with ten cargo boats and three hundred men who drove back the enemy and the King of Cananore was glad to sue for peace.

The Zamorin then turned for help to the Sultan of Cairo, who was suffering from loss revenue owing to European interference with trade. Twelve ships and 1,500 men now arrived from Egypt to oppose the Portuguese in India.

The Viceroy sent off his son in command of eight vessels to protect the Forts of Cananore and Cochin. Dom Lourenço reached Chaul when the Turkish fleet hove in sight and immediately made preparations to attack the enemy. On the second day fighting became desperate and Dom Lourenço, though wounded in the thigh, had himself propped up against a mast till a ball hit him, broke his back and his ship was sunk. The few survivors had to

retire to Cochin and carry the news of his son's death to the Viceroy.

In the meantime Tristão da Cunha had returned to Portugal. When he had sailed in 1506, he had been accompanied by Affonso de Albuquerque, subsequently known as 'the Great' and future Governor of India. He was in command of a squadron of six vessels and under orders to erect a Fort at Ormuz. Some of his Captains objected to his carrying on an unprofitable war in the Persian Gulf and when he began his building operations three of them practically mutinied by sailing to India, where they laid their complaints before the Viceroy.

Dom Francisco d'Almeida seems to have believed the statements of the mutineers implicitly and he ordered a Commission to try the case, although the chief person concerned was not present. He was not aware, moreover, that when d'Albuquerque left Portugal he had received his appointment from King Manoel himself secretly, and had been instructed to take over office at the expire of d'Almeida's term of three years. Consequently, on his arrival at Cananore in November 1508, d'Albuquerque reported to the Viceroy and handed him the powers and diploma given into his keeping by the king.

This was indeed a bolt from the blue for the mutinous Captains and also for d'Almeida, who however claimed that his period of government did not expire until the following month. On this Albuquerque withdrew to Cochin and presently was arrested and made prisoner to the dismay of the Raja and his people. He was sent to Cananore in charge of the Captain of the Fort, whilst the Viceroy made one excuse after another to hold the reins of government, though his term of service had elapsed.

This amazing state of affairs lasted until October, 1509, when another fleet was due to arrive from Portugal under Marshal Dom Fernando Coutinho, who held superior powers to the Viceroy. He was in command of fifteen vessels and had instructions to hand over all species and provisions he

carried to Affonso d'Albuquerque, Captain-General of India. It was bewildering to find him a prisoner at Cananore in charge of the Captain of the Fortress and his release was ordered immediately. Together the two men proceeded to Cochin where they were received on landing by the Viceroy, who at once surrendered the government to Albuquerque.

Within a few days Dom Francisco d'Almeida had set sail for Portugal, accompanied by the three mutinous Captains, whom he should have disgraced, rather than listened to and favoured. The cape was rounded successfully, but quarrels arose on shore with the natives over the bartering of goods. As the Portuguese were returning to their ships they were attacked by a large body of Africans, who sheltered themselves behind their herds of cattle, using the animals as fortifications. The Europeans were overpowered and the first Viceroy of India died «kneeling on the sand, struck through the throat by a dart.»

It has been suggested that d'Almeida's hesitancy, in handing over the government to his successors, was due to an obsession that Albuquerque was a «fool» and a «madman» and that his ideas of territorial expansion would ruin the Indian trade that was so greatly enriching Portugal. There is no doubt the policies of the two men were entirely opposed, and as yet there had been no foreshadowing in Albuquerque's history — though he was fifty-six years of age — to warrant great administrative ability.

D'Almeida stood for the continuance of large fleets: convoys that would protect cargo boats laden with spices, drugs and jewels. «Let it be known for certain», he had written to the King of Portugal, «that as long as you may be powerful at sea, you will hold India as yours.»

On the other hand, Albuquerque had larger vision. He dreamed of colonisation; of making the native rulers pay tribute; of territorial aggrandisement protected by the erection at all important points of fortifications.

Moreover, he «appreciated the character of the Asiatic people and the importance, when dealing with them, of observing great pomp and ceremony.» He was, in point of fact, the pioneer Empire builder in the East.

The first tract of Indian territory administered by Europeans was the Island of Goa, which Albuquerque, after some reverses, occupied effectively in 1510. It was fertile and wealthy and he made its chief town his capital. The struggle waged by the Muhammedans against the Portuguese forced him to exclude Muslims from the administration; but he upheld the ancient village communities of the Hindus and respected their customs, except *sati*, which he abolished at once.

Hindu clerks were employed in the government office, schools established where the children were taught Portuguese and native soldiers — the first sepoys — were enlisted and enrolled under Hindu officers.

During his struggles to capture Goa, Albuquerque had carried off four hundred and fifty women whose husbands had been killed. He christianized and married them to his Portuguese soldiers with the idea of establishing loyal colonies that would be settled definitely in India.

In this, he failed to envisage the results that must inevitably ensue: that European men rapidly deteriorate when in close association with native women and that such mixed marriages would breed a race, physically and morally degenerate, a source of weakness.

However, that would not come to pass in his time and during his governorship he worked with untiring loyalty and devotion to establish Portuguese supremacy in the East by every means in his power. His achievements were heroic and read like a romance.

Not content with the creation of a political dominion, Albuquerque opened up communication with Java, Siam, Pegu, Cochin China and was on friendly terms with the Shah of Persia and the Queen of Abyssinia. In 1511 he captured Malacca, that the Portuguese might have control

of the narrow Straits through which the trading ships from the Far East had access to Western ports.

His term of office had been extended for a second one of three years, but in 1515 King Manoel, unduly influenced by Albuquerque's many enemies, jealous of his greatness, recalled him to Portugal and appointed Lopo Soares de Albergaria as his successor. It is said his heart was broken by Dom Manoel's decision and that lifting his hands, he exclaimed «In bad repute with men because of the King and in bad repute with the King because of men. It were well that I were gone.» His health had suffered through his strenuous career of almost superhuman energy and he was never to see Portugal again. He died on his ship at anchor outside Goa on the 15th of December 1515.

Under Affonso de Albuquerque the Great, Portugal reached the zenith of power in India. «Peace was universal from Ormuz to Ceylon..... and the interior of the lands he left so quiet and well ordered that there was never a nation left so completely conquered and subdued by force of arms as this was.»

HELEN CAMERON GORDON F. R. G. S.

(Lady Russel)

BOOKS CONSULTED

- The Portuguese Pioneers*, Edgar Prestage.
The Portuguese in India, F. C. Danvers.
The Rise of Portuguese Power in India 1497-1550, R. S. Whiteway.
Tranvacore, E. G. Hatch (Oxford University Press).
The Oxford History of India, V. A. Smith C. I. E.

PIC DE LA MIRANDOLE

La figure de cet extraordinaire humaniste est familière à tous les gens cultivés.

Les amateurs d'art connaissent la beauté de son visage et l'orgueil de sa prestance, pour l'avoir vu portraituré par Cosme Rosselli ou, chevauchant une mule luxueusement harnachée dans la fresque du Ghirlandajo dont on peut admirer à Florence le magnifique spectacle au Palazzo Lazzarri.

En France, comme ailleurs, le nom glorieux de Pic de la Mirandole sert à surnommer l'homme qui connaît tout, ou y prétend, celui qui se croit la science infuse. Nous verrons tout à l'heure ce qu'il faut en penser.

Pic de la Mirandole, comme auteur, a publié de nombreux ouvrages qu'on ne lit plus. Par contre, il demeure pour l'éternité l'homme qui a su le plus de choses et a eu le plus d'esprit dans un temps illustre où l'on en avait beaucoup.

C'est le sort de beaucoup d'érudits, que de voir leurs écrits tomber en désuétude. Pétrarque lui-même ne survit que par des sonnets écrits pour le plaisir et auxquels il n'attachait aucune importance. Qui donc lit encore son œuvre immense? Et pourtant quel monument pour ceux qui se la sont assimilée. Pic de la Mirandole est redevenu à la mode comme occultiste, dans un siècle où revivent les sciences mortes. Saint-Yves d'Alveydre, Rudolf Steiner, le Docteur Encausse, Josephin Péladan ont eu à s'occuper de lui à ce stricte point de vue. Aussi le Clément de Saint-Marc. En de horsde cela nous ne connaissons pas grand chose, sur le plan moderne de ce curieux et admirable, personnage, et il était temps que l'histoire bibliographique

nous initiât à une vie pleine de charme et d'aventures, d'amours, de combats, de prodigalités, de travail, de polémiques, de persécutions et de sagesse — pourquoi pas? Nous verrons que Pic de la Mirandole a trouvé son historien, et que celui-ci d'une plume aigüe et fine est parvenu à le faire revivre avec son temps.

Son nom glorieux a ainsi survécu et paré de sa légende. Rien de la biographie illustre de ce personnage n'est passé dans l'oubli. Il a son culte et les desservants de ce culte. Il exerce son rayonnement, et beaucoup de gens se demandent pourquoi. La vie d'un Alberti, d'un Colonna, d'un Aldomanuce, d'un Ghiberti, d'un Piero della Francesca, pour la science et les fruits de l'étude, vaut celle de Pic de la Mirandole. Et leur œuvre est plus durable. On relit le *Songe de Polyphile*. On relit le *Traité de la divine proportion*. Les *thèses* auraient totalement glissé dans l'oubli, de même que l'*Apologie*, sans les luttes que dut soutenir l'auteur contre la Sainte Congrégation de l'Index. Il en est toujours ainsi, c'est la persécution qui fait la célébrité quand, de la part de l'écrivain le génie s'en mêle un peu. Le meilleur moyen de censure est de ne pas censurer du tout. Il suffit que la lecture d'un livre soit interdite par une autorité quelconque pour qu'on se l'arrache. On nous objectera que Pic s'est soumis. En réalité son histoire nous explique que, comme un bon normand, Pic de la Mirandole s'est soumis en ne se soumettant pas, tout en se soumettant. C'est ce qui lui a même valu des malheurs. Néanmoins Pic de la Mirandole conserve la faveur du public lettré, sa popularité. Et ceci à cause de la magnifique séduction de sa vie.

Il n'est ni peintre ni poète. Il est un grand Seigneur qui daigne apprendre, comme Colonna est un prince qui daigne écrire. Mais Colonna est plus sceptique. Il écrit pour charmer son désœuvrement. Pic de la Mirandole, lui, demande aux lettres les brevets de noblesse qu'elles confèrent aux roturiers. Il est très fier, évidemment d'être le comte de la Mirandole et le titulaire de biens considé-

rables, mais cela ne lui suffit pas. Il rêve de la célébrité de Pétrarque, et c'est par goût de l'aventure intellectuelle qu'il se jette tête basse dans l'humanisme alors que simple étudiant en droit canon il se trouvait déjà prélat en qualité de protonotaire apostolique.

En outre, cet aventurier du grec, du latin, de l'hébreu est encore un aventurier d'un autre genre: un amoureux qui séduit les femmes, les enlève, et que ses amours conduisent tantôt en prison, tantôt sur le terrain où il reçoit des coups d'épée sérieux des maris trompés. Bon gentilhomme, Pic de la Mirandole se bat volontiers pour ses amours, mais il n'aime ni les batailles ni leurs risques. A ce point de vue Pic de la Mirandole est philosophe. Il met par principe deux cents lieux entre l'ennemi et lui, et cette précaution lui suffit. L'amoureux, le philosophe, le poète et le protonotaire apostolique se dédoublent d'un sage qui n'admet pas qu'on l'embête, mais qui n'hésite jamais à embêter les autres.

Et comme il est riche, grand seigneur et exigeant, il se dérangera peu pour ses amis, mais exigera beaucoup d'eux. C'est ce qui découle d'un important ouvrage biographique, agréablement illustré et dans lequel un éminent historien de la Renaissance, le Comte Gauthier Vignal, Docteur ès lettres de l'Université de Fribourg, nous offre une vie anecdotique de Pic de la Mirandole qui présente l'avantage de l'éclairer sur le caractère, la vie intime et les menus plaisirs de ce gentilhomme, humaniste, et quelque peu Casanova avant la lettre ce qui ne saurait nous déplaire bien entendu.

La lecture si agréable de l'important ouvrage du Comte Gauthier Vignal nous apporte deux conclusions sur le véritable caractère de Pic de la Mirandole. A savoir: 1) Pic n'est jamais d'accord avec personne; 2) il cède en apparence à toutes les exigences. Mais aussitôt cédé, il chicane, il ergote, il discute. Ce philosophe est un dialecticien remarquable servi avec fidélité par les circonstances. Il n'y a qu'à lire les récits de cette vie extraordinairement

pittoresque dont M. Gauthier Vignal nous décrit avec une rare sécurité de documentation les moindres détails.

Pic de la Mirandole, contre toute vocation, est envoyé à Bologne par une mère pieuse pour étudier le droit canon. Madame de la Mirandole a décidé que son fils serait prélat. Pic de la Mirandole, dégoûté d'avance, mais plein d'obéissance et d'amour pour une mère qu'il adore, s'est juré de ne pas la décevoir. Il arrive à Bologne, bien pourvu d'argent et d'intentions excellentes. Ses premiers essais ne donnent aucune satisfaction ni à ses maîtres ni à lui-même. Il ne sera jamais «calé» en droit canon. Dès lors comment devenir prélat?

Pic de la Mirandole se le demande. Et puisqu'il demeure dans l'incertitude et que cette incertitude le fait souffrir, il cherche d'abord à se consoler. A cet effet il fait un peu la noce. Il a de l'argent, de l'allure et de l'esprit. Les beautés professionnelles ou bourgeoises de Bologne sont un peu là. Voilà le droit canon relégué aux calendes.

Mais tandis que Pic de la Mirandole met agréablement en pratique le «carpe diem» d'Horace voilà le pape qui apprend que le fils du comte de la Mirandole étudie à Bologne en vue de la prêtrise. Aussitôt le Saint Père confère au jeune voluptueux le protonotariat apostolique, c'est-à-dire, la prélature honorifique. Et, dans les bras des belles, à 17 ans, loin du droit canon, Pic de la Mirandole devient «Monsignore».

Madame de la Mirandole est comblée par son fils, obligé de poursuivre ses études, car il vaut mieux qu'un évêque honoraire devienne prêtre. La comtesse un peu trop sensible aux émotions de l'orgueil maternel, meurt subitement. Enfin Pic de la Mirandole est libéré! Il a juré à sa mère qu'il serait prélat. Il l'est. Ça suffit.

Puis le voici qui se chamaille avec ses frères autour de la succession. Pic est le cadet. Il est de trop bonne tradition pour ne pas céder devant le droit d'aînesse. Mais en cédant il trouve, de biais, le moyen d'obtenir ce qu'il veut.

L'humanisme renaît, redoutablement favorisé par l'arrivée en Italie des Byzantins.

Chrysaloras a, pendant son ambassade en Italie, créé une chaire de Grec à l'université de Florence. Après quelques années d'interruption, l'enseignement que reprendra Lascaris est continué par Jean Argyropoulo. La grande mode est de suivre ces cours. Pic de la Mirandole en devient l'élève le plus assidu. Et tout cela dans une atmosphère charmante, chargée d'amour et d'esprit.

Est-il nécessaire d'ajouter que Pic de la Mirandole est aussi l'hôte et l'ami des Médicis? Ceux-ci sont émerveillés de la précocité de son érudition et de son talent. Et le tout se terminerait le mieux du monde si n'éclatait la guerre de Ferrare.

Florence s'est alliée au duc de Ferrare, au roi de Naples, à la moitié de l'Italie dressée contre le pape et à la Sérénissime République. Pic de la Mirandole se fait une sagesse. Un prélat même honoraire ne se bat pas. Il estime de son hygiène de mettre six cents kilomètres entre l'ennemi et lui. C'est ce qu'il fait regrettant de ne pouvoir se rendre à Rome. La Mirandole est l'alliée de Ferrare et de Florence. Mais au bout d'un certain temps, après des alternatives de revers et de fortunes, les armes de Venise semblent défavorisées. La flotte de la Sérénissime est détruite sur le Pô, les armées florentines, milanaïses et de Ferrare envahissent le Padouan. Venise se prépare à se défendre dans ses murs. C'est alors que soudain Pic de la Mirandole apprend une nouvelle qui lui permet de mener à bien ses projets de voyage. Le pape a changé de camp. Il se dresse contre Venise. Pic arrive à Rome où il mène une vie studieuse et mondaine tout à la fois. La guerre est loin.

Il est inutile de reprendre point par point la biographie de Pic de la Mirandole. Tout le monde la connaît. Elle est surtout remarquable parce que chaque fois qu'il y a un accroc, les choses s'arrangent par les événements eux-mêmes.

Une seule fois la veine trahira le savant écrivain. Lorsqu'après la condamnation de ses écrits et des faits que nous verrons plus loin, Pic de la Mirandole est enfermé en France, au château de Vincennes à la prière du Pape, divers ambassadeurs italiens somment le gouvernement et prient humblement le roi de relâcher le prisonnier. Et au moment où il va être déféré à leur désir, voilà le nonce du Saint Père qui exige qu'on conserve Pic de la Mirandole sous les verrous.

Les verrous sont d'ailleurs une simple façon de parler. A Vincennes, cadre enchanteur, à l'époque, se trouve la prison des princes. C'est aussi celle de Pic de la Mirandole. Il n'y vit pas malheureux. Loin de là! Il a pour le servir sept valets de chambres, cuisiniers, mitrons, laquais, etc. Il a une table royalement servie et il reçoit librement des visites du matin au soir: toute l'Université de Paris, une partie de la cour, et, évidemment de jolies femmes.

Telle sera la pension ou résidence forcée, pendant 33 jours de Pic de la Mirandole. En fin de compte, autorisé à regagner l'Italie, Pic de la Mirandole prend congé cérémonieusement de ses geoliers qui lui feront parvenir ultérieurement ses papiers, ses documents, ses livres. Et suivi de deux valets Pic de la Mirandole monte à cheval et regagne sa patrie.

Le plus intéressant de l'affaire est certes la raison de cette détention.

A Rome Pic de la Mirandole avait mis au point plus de 900 *thèses*, c'est-à-dire des propositions qu'il voulait défendre en public les discutant avec des docteurs illustres et des cardinaux.

Le Comte Gauthier Vignal dont le nom s'attache à de nombreuses recherches sur la renaissance italienne, jouit d'une solide réputation d'érudit. Signalons que le présent volume le classe comme maître de ce que Sainte-Beuve apella «La petite histoire», c'est-à-dire l'histoire qui fait revivre des personnages par l'anecdote et le décor qu'ils animent par le pittoresque, et qui diffère de la grande his-

toire en ce qu'elle ne se mêle pas de nous accabler de jugements solennels dont nous ne savons que faire.

M. Gauthier Vignal connaît l'Italie de l'époque de Pic de la Mirandole comme la rue qu'il habite, et il nous y promène à la suite de Pic de la Mirandole avec autant de brio que de sûreté et que d'esprit. C'est ce qui fait le charme et la haute qualité d'une œuvre écrite sans aucune prétention et qui amuse en même temps qu'elle instruit. M. Gauthier Vignal sait fort bien que les événements qu'il relate sont connus et que ce qui intéresse le lecteur, c'est le sens nouveau qu'il leur accorde en les présentant sous une lumière qui n'est qu'à lui. N'est-ce pas là tout le talent d'un véritable historien? L'auteur ne nous accable ni de notes ni de sources. Il sait qu'il a assez de talent et d'érudition pour qu'on le croit sur parole. Il a ce don de crédibilité au suprême degré sans quoi la science historique n'est que vanité. Aussi se garde-t-il de nous accabler de plus de notes, de références, de textes latins et grecs qui prennent plus de place que la matière du livre. M. Gauthier Vignal s'attache à séduire et il y parvient avec une aisance singulière. A la manière de Balzac il sait tout, jusqu'au moindre détail, mais il ne nous assène pas le coup d'une telle somme de connaissances. Il choisit parmi les détails ceux qui lui semblent particulièrement aptes à nous suggérer le reste, et c'est encore ainsi que M. Gauthier Vignal s'avère maître écrivain et un érudit discret ce qui ne gêne rien.

Le Pape fit examiner les *thèses* par la Sainte Congrégation de l'Index et une vingtaine de thèses ayant été déclarées d'hérésies graves, le pape frappa l'œuvre dans son ensemble. Tous les textes devaient être détruits endéans les trois jours. En outre l'excommunication majeure frappait tout lecteur, tout auditeur en public ou dans le privé. Pic, respectueusement s'inclina et fut relaxé de poursuite. Il fit même devant le crucifix, et en présence de cardinaux, le serment de ne plus jamais parler de son œuvre.

Que valait ce serment? Il est certain que d'une part

le savant était l'homme à le tenir, il est certain d'autre part qu'une fois soumis, Pic de la Mirandole se met à discuter, à accumuler les arguties et les *distinguo* relativement à ses engagements.

Il va même plus loin puisqu'il rédige et publie la fameuse *Apologie*.

A ce moment seulement, le Saint Père dont les foudres avaient été paternelles et affectueuses jusque là puisqu'il avait, au rapport de la Sainte Congrégation de l'Index ajouté un texte de sa main qui stipulait que la condamnation ne pouvait deshonorner l'auteur des *thèses* et reconnaissant sa bonne foi, le Saint Père se fâcha, menaça Pic de la Mirandole des procédures du Saint Office. Pic de la Mirandole n'eut que le temps de monter à cheval et ne cessa le galop qu'en dehors des terres du Pape.

Ces événements seraient d'une extrême banalité s'ils ne mettaient à jour, et c'est là que s'affirme l'autorité historique de M. Gauthier Vignal, le point le plus pathétique des études de Pic de la Mirandole et les raisons de sa condamnation en même temps que de son prodigieux succès en Italie et en France.

L'immensité, l'universalité et la célébrité de son érudition le lui permettaient autant que sa naissance. Mais cette joute oratoire ne devait pas seulement se passer entre docteurs et théologiens. Elle devait rassembler un public considérable, trié sur le volet, accouru là par dilettantisme, comme à une fête de l'esprit. Le Vatican jugea qu'une telle discussion publique pouvait être dangereuse, surtout étant donnée la réputation de charmeur de Pic de la Mirandole et son goût pour certains paradoxes qui étaient dans ses formes familières d'expression.

Comme Casanova plus tard, mais avec des motifs infiniment plus sincères et désintéressés, Pic de la Mirandole était cabaliste. Et plusieurs *thèses* défendaient la Cabale et proposaient des raisons cabalistiques à la divinité du Christ. Or la Cabale était taxée d'érésie péremptoire.

La Cabale s'est proposée, depuis Moïse, l'émancipation

de l'individu par les thèses secrètes des sciences mortes. L'alchimie n'y existe que de ce point de vue. Celui-là qui peut fabriquer de l'or est dispensé par la même de tout travail pour sa subsistance et peut se consacrer à sa culture personnelle. Or c'est la culture de l'homme qui assure son émancipation. Voilà le raisonnement du *Grand Oeuvre*.

Casanova ⁽¹⁾ ne s'en est servi, comme Cagliostro, que pour exercer son ascendant sur des esprits crédules et pour faire des dupes. Le point de vue de Pic de la Mirandole est infiniment plus élevé.

On sait que Pic de la Mirandole avait une connaissance approfondie de l'Hébreu. Il avait remarqué que l'écriture cabalistique n'est autre que l'écriture hébraïque archaïque. Et ses études l'avaient conduit à admettre que sur le Sinaï, Moïse reçut de l'Éternel non seulement des lois écrites que furent et sont restées celles du peuple juif, et en partie celles de la religion chrétienne issue du monothéisme d'Israël, mais aussi des lois verbales qui ne devaient pas être divulguées.

La Cabale n'est que la recherche de ces lois là.

Si ces lois ne devaient pas être consignées sur des tables, c'est qu'elles n'étaient pas faites pour tous les hommes comme les lois écrites, mais réservées à une élite.

C'est à la découverte de ces lois cachées, soutient Pic de la Mirandole, qu'est consacrée l'œuvre de la Cabale.

D'aucuns y ont vu une action démoniaque. Il ne peut en être de la sorte puisque le démon aurait formé le projet de faire condamner à l'Enfer un maximum d'êtres humains et que la *Cabale*, elle, ne se propose que le salut de quelques uns. Le salut éternel est assuré à ceux qui ont enrichi leur esprit, et rendu à leur âme une noblesse digne de son immortalité. C'est pour cela que la culture et le perfectionnement moral sont liés étroitement à la fabrication de l'or. Mais cette fabrication doit être tenue secrète au

(1) Emile Schaub-Koch «La Vérité esthétique de Casanova» (*L'Époque*, Paris I — III — 1938).

bénéfice de quelques uns, car si tout le monde pouvait en user l'or diminuerait rapidement de valeur au point de ne plus être un élément d'émancipation.

Et Pic de la Mirandole ne craint pas de parler de la petite aristocratie des élus. Il prévoit de la sorte la prédestination des âmes de Jean Calvin, le molinisme de Fénelon et de Madame de Goyon, l'aristocratie de la Grâce de Duvergier de Hauraune et des Jansénistes.

Il ne peut y avoir là péché d'orgueil car l'homme délivré des contraintes prouve son émancipation en se jugeant lui-même en toute lucidité et une absolue certitude.

Le moyen âge a été hanté par le *Grand Oeuvre* comme les temps modernes se sont passionnés de *cabale* et l'époque actuelle de *théosophie*.

Un savant français, avec Papus un des premiers occultistes de notre temps, le Marquis de Saint-Yves d'Alveydre n'a pas manqué de souligner l'identité de ces trois préoccupations essentielles.

Pic de la Mirandole s'est également demandé s'il était possible de parvenir à savoir quelle avait été la teneur des paroles de l'Éternel à Moïse après qu'Il lui eût dicté les lois; si l'homme est en droit de les connaître; quelles seraient les répercussions de cette connaissance.

Certains ont cru trouver dans la *Bible*, Ancien Testament, quelques révélations. Il est évident que c'est impossible. La Bible n'a pas été rédigée ni prêchée en langue hébraïque. Ceci pour la bonne et simple raison que les peuples à qui on devait la faire comprendre parlaient une sorte de jargon Syro-chaldéen. Ce sont les Syro-chaldéens qui ont fourni à des Gréco-Byzantins les éléments nécessaires aux premiers textes certains. Ce que nous possédons de l'Ancien et du Nouveau Testament n'est donc que la traduction d'une traduction.

Si ces «textes cachés» se trouvaient dans nos pages bibliques actuelles, ils ne seraient que la traduction de la traduction d'une traduction de paroles transposées de la

langue hébraïque au Syro-chaldéen et transmises par la voie orale. De ce côté là rien n'est possible.

D'autre part Pic de la Mirandole aurait cru que Moïse s'étant refusé à transcrire ces paroles de Dieu était parfaitement libre d'en confier la teneur aux personnes qui en étaient dignes d'après lui. C'est ce qu'il fit. Et il est évident que fors par leurs écrits, ces initiés se trouvaient en droit de transmettre des secrets aussi importants. C'est donc auprès des personnes les plus qualifiées pour les avoir reçues par la tradition orale qu'il importe de chercher pour trouver.

Du droit de connaître ces lois secrètes? mais n'est-il pas évident que si Moïse a répété à certains privilégiés les lois verbales de l'Éternel, ce fut pour que ces privilégiés les répétassent. Ces lois, on est en droit de les rechercher et de les connaître parce que seuls quelques uns y arriveront et qu'ils pourront en conserver le secrêt dès que cette conservation leur assure un avantage. Quant à les répercussions de telles connaissances, il semble net qu'elles aboutissent à la formation d'une aristocratie d'élus. C'est ce point de psychologie où l'on trouve la raison essentielle, outre certaines contradictions, aux principes fondamentaux de la théologie dont il est difficile ici de procéder à l'analyse.

Rien ne semble plus logique que ce pape qui proclame: «Je représente Dieu sur terre dans le sein d'une église que se propose le salut de tous les hommes de bonne volonté! Si désormais je laisse proclamer que le salut n'est que le privilège de très rares personnes je n'ai plus le moyen de grouper beaucoup de monde autour de moi».

C'est évident. Un commerçant qui déclarait: «Je ne vendrai plus qu'à trois clients par jour et choisis parmi les têtes qui me plairont» n'aurait qu'à fermer sa boutique.

La condamnation de Pic de la Mirandole était donc certaine. Certaine et nécessaire. Il fut évidemment le seul à s'en étonner.

Cependant combien ses illusions n'étaient elles pas

compréhensibles! Sa foi si *select*, reposait tout entière sur le prestige de sa naissance et sur ses autres mérites. Principalement le mérite intellectuel et savant. En étudiant l'hébreu, le grec, les antiques, les médiévaux, en se passionnant pour les spéculations historiques et littéraires les plus imprévues, Pic de la Mirandole travaillait à son propre salut.

Il en avait du moins la conviction.

Ses œuvres pies, il les accomplissait à son propre égard et avec un zèle scrupuleux.

Inutile de dire que la doctrine empêche le prosélytisme.

Condamné, Pic de la Mirandole se rétracte. Il accuse le coup du pape. Il laisse brûler ses *thèses*. Il ne va pas plus loin. Il ne bat pas sa coulpe. Il n'exprime aucun remords. Il ne demande pas miséricorde. Il demeure inébranlable dans la hauteur de ces vues de gentilhomme.

Quand on est prélat, et de haute naissance, mieux vaut évidemment s'incliner devant les décisions du pape. C'est bien porté par les gens bien élevés, ça se fait dans un certain monde.

Après quoi, tranquillement, il écrit l'*Apologie*. Il y a là quelque chose d'admirable dans l'insolence que donne la confiance en soi-même.

L'occultisme, jusqu'à nos jours, a créé des âmes de cette puissance là. Ceci nous suffit. Il est impossible de discuter ici cette affirmation de Joséphin Péladan dans «l'Amphithéâtre des sciences mortes» que l'initiation à l'occultisme n'est que l'initiation à une forme supérieure de la foi.

Ce qui est indubitable c'est que l'immense majorité des occultistes ont été des croyants sincères. C'était le cas précisément de Pic de la Mirandole dont la fin fut d'une noblesse et d'une grandeur édifiante.

Quel est le bilan de la vie et de la pensée de Pic de la Mirandole? Comme tous les nobles esprits de son temps, dont Léonard devait finir par s'affirmer le plus représen-

tatif, Pic de la Mirandole est un encyclopédiste de haute lignée. Il accumule non seulement les dons et les talents, mais la science et les charmes de l'esprit. Inutile d'énumérer ce qu'il sait. Il est parvenu à tout s'assimiler. Il a été poète, grammairien, chimiste, physicien, esthéticien, philosophe, théologien, un peu médecin. De tout cela que reste-t-il? Un souvenir, les détails d'une belle vie? Incontestablement, mais pas une œuvre. Et pourquoi? Mais précisément parce que jamais il n'entra dans l'esprit de Pic de la Mirandole de cesser d'être un gentilhomme, de sortir de sa caste. Il a été probablement un des plus grands érudits que son siècle ait connu. Il rivalise avec Erasme, Bembo, Sodolet, Dom Balthazar de Castiglione. Il a étonné l'Italie qui étonnait le monde. Il l'a éblouie alors qu'elle même était un soleil.

Mais cette fascination précipitée dans la tombe, il en reste seulement la légende. Mais l'affaire s'explique, et pensons nous précisément parce que fortement occupé de *cabale*, science hérétique et condamnée, Pic de la Mirandole ne pouvant publier ses ouvrages a dû en repasser le principal à d'autres initiés qui en ont transmis l'essentiel sous l'anonymat.

L'explication vaut ce qu'elle vaut. Mais Saint-Yves d'Alveydre qui a beaucoup étudié Pic de la Mirandole et qui lui-même stupéfia son époque par son savoir et son talent, disait: «Pic de la Mirandole, qui a su tout ce qui son temps connaissait d'important, affirme que pas une des connaissances qu'il a approfondies ne l'a pas conduit à la *cabale*. N'est-ce pas avouer la stérilité de toute science, de toute connaissance autre que la *cabale* elle-même, à moins que l'on ne trouve ailleurs des méthodes ou des éléments de diverses sortes capables d'y être utilisés?».

Ce qui est certain c'est qu'il est impossible désormais avec ce que nous savons de l'œuvre de Pic de la Mirandole, avec ce que nous savons de sa vie, du rôle qu'il a joué, de l'étudier autrement que comme *cabaliste*. C'est la clé, c'est l'explication d'une vie, et peut-être aussi de cer-

tains actes dépourvus de sens si nous nous privons de cette lumière essentielle.

Pic de la Mirandole n'a pu être ce qu'il fut que grâce à la pratique secrète des sciences occultes. Et l'on sait que le secret en était forcé, surtout pour un chrétien.

Nous insistons davantage que M. Gauthier Vignal sur ce point important. Notre biographe ne fait que l'esquisser, que l'indiquer en passant. Pourquoi? Mais parce que son intéressant ouvrage, qui est l'histoire la plus exacte et la plus complète de Pic de la Mirandole parue à ce jour, est un ouvrage de vulgarisation.

M. Gauthier Vignal ne s'est pas préoccupé de nous donner une explication théo-psychologique de Pic de la Mirandole. Tel n'était pas son but. Ce que voulait M. Gauthier Vignal c'était écrire une biographie. Une biographie n'explique pas. Elle s'inquiète de la vérité d'événements dont nous avons ici tenté d'indiquer à l'occasion d'un livre très brillant, les seules explications possibles.

EMILE SCHAUB-KOCH

ÍNDICE POR ARTIGOS

	Págs.
<i>Campos de urnas do concelho de Elvas</i> , por ABEL VIANA e ANTÓNIO DIAS DE DEUS	133
<i>Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz</i> (continuado do vol. 106. ^o), por D. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES.	1
<i>Pic de la Mirandole</i> , por EMILE SCHAUB-KOCH	209
<i>The golden age of Portugal in India</i> , por HELEN CAMERON GORDON F. R. G. S. (LADY RUSSEL).	194

ÍNDICE POR AUTORES

	Págs.
ABEL VIANA — <i>Campos de urnas do concelho de Elvas</i> . . .	133
ANTÓNIO DIAS DE DEUS — <i>Campos de urnas do concelho de Elvas</i>	133
EMILE SCHAUB-KOCH — <i>Pic de la Mirandole</i>	209
HELEN CAMERON GORDON F. R. G. S. (LADY RUSSEL) — <i>The golden age of Portugal in India</i>	194
TIMÓTEO DOS MÁRTIRES (D.) — <i>Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz</i> (continuado do vol. 106.º).	1

